

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS/INRC

**LEVANTAMENTO PRELIMINAR (1ª ETAPA) DAS BANDAS DE CONGO E
DO TICUMBI NO ESPÍRITO SANTO**

RELATÓRIO DE PESQUISA

2015

EXPEDIENTE

GOVERNO FEDERAL

Presidenta da República
Ministro da Cultura

Dilma Rousseff
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/Iphan

Presidenta
Chefe de Gabinete da Presidência do Iphan em Brasília
Procurador-Chefe da Procuradoria Federal
Diretor do Depto. do Patrimônio Material e Fiscalização
Diretor do Depto. do Patrimônio Imaterial
Diretor do Depto. de Articulação e Fomento

Jurema de Sousa Machado
Rony Oliveira
Ronaldo Guimarães Gallo
Andrey Rosenthal Schlee
Vanderlei dos Santos Catalão
Luiz Philippe Peres Torelly

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO ESPÍRITO SANTO

Superintendente Substituta
Técnica Responsável pelo Projeto

Elisa Machado Taveira
Rebecca Guidi

MINAS CIDADES CONSULTORIA EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL



Coordenadora da Pesquisa
Pesquisadores

Andréia Ribeiro
Adriana Vieira de Araújo
Fernando Martins Anício
Rildo César Souza

Superintendência do Iphan - Espírito Santo
Rua Duque de Caxias, nº 272. Ed. Flora Moysés – Centro.
Vitória/ES CEP: 29.010-120
Telefones: (27) 3223-0606 (27) 6808-6707
Email geral: iphan-es@iphan.gov.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan
SEPS Quadra 713/913 Sul, Bloco D, Edifício Iphan, 5º andar – Asa Sul
Brasília/DF – CEP: 70.390-135
Telefones: (61) 2024-5500 / (61) 2024-5502
Email geral: gabinete@iphan.gov.br

Eu vim do mar

Eu vim do mar

Eu vim, correndo da tempestade

Vim louvar São Benedito

No meio dessa cidade

São Benedito é santo

Santo da proteção,

Vim louvar São Benedito

No meio da multidão

(Música de banda de congo capixaba)

SUMÁRIO

Siglas	6
Lista de quadros	7
Introdução	8
1. Breve apresentação das bandas de congo e do ticumbi.....	9
1.1. Bandas de congo	9
1.2. Ticumbi.....	15
2. Metodologia.....	18
2.1. Pesquisa documental	18
2.2. Levantamento dos contatos telefônicos para identificação das bandas de congo e lideranças congueiras	22
2.3. Pesquisa de campo e reuniões de mobilização	24
2.4. Preenchimento dos Anexos/Fichas do INRC	27
3. Apresentação dos dados levantados.....	28
3.1. As localidades e o sítio inventariado.....	28
3.2. Bandas de congo	32
3.3. Festejos.....	39
3.4. Edificações e lugares	48
3.5. Ofícios: produção de tambor (congo) e casaca	52
4. Relatório de campo.....	56
4.1. Conceição da Barra	56
4.1.1. Dinâmica da festa do Ticumbi de Conceição da Barra.....	66
4.2. Aracruz	73
4.2.1. Dinâmica da festa da fincada do mastro da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho	85
4.3. Linhares.....	88

4.4. Colatina.....	96
4.5. Governador Lindenberg.....	99
4.6. São Domingos do Norte.....	102
4.6.1. A dinâmica da festa da fincada do mastro de São Benedito da comunidade de São Bendito do distrito de Córrego Dumer	105
4.7. João Neiva.....	108
4.8. Ibirapu.....	114
4.9. Fundão	121
4.9.1. A dinâmica da festa da fincada do mastro de São Benedito em Fundão/distrito sede	131
4.10. Santa Teresa.....	134
4.11. Santa Leopoldina – Comunidade Quilombola Retiro	139
4.12. Cariacica	141
4.13. Guarapari	147
4.14. Serra.....	154
4.15. Viana	169
4.16. Vila Velha.....	180
4.16.1. Relatos dos encontros individuais com Daniel Vieira dos Santos, Josimar Nunes e Doraci Vieira Gervásio	186
4.16.1.1. Daniel Vieira dos Santos (mestre Daniel) – Banda de Congo da Barra do Jucu.....	186
4.16.1.2. Josimar Nunes (mestre Bochecha) – Banda de Congo Mestre Alcides	190
4.16.1.3. Doraci Vieira Gervásio (dona Dorinha) – Banda de Congo Tambor Jacarenema.....	195
4.16.2. Retirada do mastro de São Benedito da Banda de Congo da Barra do Jucu em 25 de janeiro de 2015	199
4.17. Vitória.....	202
4.18. Anchieta	212

4.19. Alfredo Chaves	215
4.20. Distrito Guaxe – Linhares	218
5. Considerações e diretrizes para a realização da segunda etapa do INRC – Identificação	224
Referências.....	229
Anexo I – Xilografia do grupo que promovia a festa de São Benedito no século XIX....	232
Anexo II – Datas dos encontros realizados em cada município com indicação dos participantes.....	233
Anexo III – Roteiro de coleta de dados	241
Anexo IV – Roteiro de entrevista	242
Anexo V - Lista dos entrevistados por municípios.....	243
Anexo VI - Mapa 2 - Divisão regional do Espírito Santo – Macrorregiões de Planejamento.....	244
Anexo VII – Mapa 3: Quantidade de bandas de congo e ticumbi por municípios	245
Anexo VIII – Mapa 4: Quantidade de festejos relacionados às bandas de congo e ao ticumbi	246

Siglas

ABC-Fundão – Associação das Bandas de Congo de Fundão

ABC-Serra – Associação das Bandas de Congo de Serra

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

AQHBPA – Associação Quilombola dos Herdeiros de Benvindo Pereira dos Anjos da comunidade Retiro/Santa Leopoldina

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

CONEA – Comunidade Negra de Aracruz

FUNARTE – Fundação Nacional de Artes

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MinC – Ministério da Cultura

ONG – Organização não governamental

OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

Secult/ES - Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo

SETUR/ES – Secretaria Estadual de Turismo

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

Lista de quadros

Quadro I – Tabulação geral dos registros levantados

Quadro II – Municípios que não possuem bandas de congo ou ticumbi

Quadro III – Quantidades e tipos de grupos identificados nos municípios pesquisados e suas respectivas macrorregiões

Quadro IV – Conjunto de localidades do sítio inventariado

Quadro V – Bandas de congo identificadas e condição atual de cada uma

Quadro VI – Bandas de congo identificadas na condição de sem atuação

Quadro VII – Quantidade de festas por municípios e meses de ocorrência dos festejos associados às bandas de congo e/ou ticumbi

Quadro VIII – Municípios e grupos visitados e os visitantes

Quadro IX – Tipos e nomes das edificações e lugares associados às bandas de congo e ao ticumbi

Quadro X – Municípios que possuem ou não produção artesanal de tambor (congo) ou casaca

INTRODUÇÃO

Este relatório expõe a pesquisa *Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC – Levantamento Preliminar (1ª etapa) das bandas de congo e do ticumbi no Espírito Santo*.

Na primeira parte apresentamos os bens culturais inventariados, a banda de congo e o ticumbi. Em seguida, exibimos a metodologia de pesquisa. Na terceira parte oferecemos os dados quantitativos da pesquisa e as regiões que possuem a manifestação cultural. Por fim, expomos o relatório de campo de cada município pesquisado e as considerações finais.

1. BREVE APRESENTAÇÃO DAS BANDAS DE CONGO E DO TICUMBI

1.1. Bandas de congo

As práticas e os ritos das bandas de congo no Espírito Santo são embasados pela narrativa do naufrágio de um navio nas costas do Espírito Santo. Antônio Ramos dos Santos, mestre-capitão da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho, assim expõe o mito fundador das bandas de congo:

“O navio que veio trazendo os negros da África afundou. Muitos sabiam nadar, outros não. Os que não sabiam, agarraram o mastro boiando e pediram ajuda para São Benedito. Eles ficaram segurando o mastro até chegar na praia. Chegando na praia, eles dormiram por causa do cansaço. Quando acordaram, viram que foram roubados e saíram para procurar o mastro. Aí eles encontraram o mastro no mato. Eles tiraram o mastro do mato, encontraram um lugar apropriado e fincaram o mastro; e a partir desse lugar construíram uma igreja de São Benedito. Deste local, surgiu a festa de São Benedito. É por isso que tem a tradição do mastro na festa de São Benedito. No dia 27 de dezembro a gente procura e finca o mastro e no dia 26 de julho, dia de Sant’Ana, tem a retirada do mastro.” (Antônio Ramos dos Santos).¹

Outra narrativa semelhante à de Antônio Ramos dos Santos é expressada por Isael Jorge Souza, mestre da Associação Folclórica Banda de Congo e Tambor de São Benedito de Colatina Velha:

“No final do século XVIII houve um naufrágio na costa do Espírito Santo, ali em Nova Almeida [...]. Os negros se agarraram no mastro do navio com a imagem de São Benedito. Este navio eles carregam na festa até hoje. O navio chama Palermo. Na Serra e em Fundão eles carregam com uma cordona de todo tamanho, com muita gente puxando este navio [...]. Disso aí, eles resolveram fazer uma homenagem a São Benedito. Eles arrumaram os paus ocós, as barricas jogadas fora e começaram esse tipo de congo já mais aberto ao povo.” (Isael Jorge Souza).²

Assim como Isael Jorge Souza, outros congueiros³ relataram como ponto exato do naufrágio a costa capixaba da região de Nova Almeida/Serra. Entretanto, o mito fundador possui variantes, mas elas não são significativas – o navio afundou em Nova Almeida ou em outro lugar da costa capixaba; os negros se agarram no mastro com a imagem ou agarraram o mastro sem a imagem – ao considerarmos que o fundamento se mantém: o salvamento dos negros por intermédio de São Benedito através do mastro.

¹ Entrevista concedida em 15 dez. de 2014, em Aracruz/ES.

² Entrevista concedida em 17 dez. 2014, em Colatina/ES.

³ A categoria congueiro é um termo nativo.

É por meio desse mito fundador que as bandas de congo promovem anualmente os festejos em honra a São Benedito, marcados pelos seguintes ritos: cortada do mastro; puxada e fincada do mastro; retirada ou derrubada do mastro (PIMENTEL, 2012).

Segundo Dias (2001), as festas de congo de São Benedito e as cerimônias do mastro começam duas semanas antes dos dias 25 e 26 de dezembro, respectivamente o dia de Natal e o dia do santo⁴. Em Serra, um cortejo sai pelas ruas da cidade com o barco, o mastro e a bandeira do santo, e as bandas tocam os seus instrumentos acompanhadas pelo povo que entoa as suas cantigas. Ao final, o mastro é fincado no adro de uma determinada igreja. Para fechar esse ciclo, no Domingo de Páscoa acontece a derrubada do mastro, que é retirado do adro da igreja e levado pelo povo em um cortejo pelas ruas da cidade, com uma coreografia que lembra o movimento das ondas do mar revolvendo o mastro no qual os sobreviventes do Palermo se agarraram e foram levados até a praia por um milagre de São Benedito. A representação é acompanhada pelas bandas de congo em todo o trajeto (DIAS, 2001, p. 6).

Pontuamos que quase todas as bandas de congo do Espírito Santo promovem a fincada do mastro de São Benedito em dezembro, por acreditarem que o dia do santo é 26 de dezembro. Algumas bandas de congo ainda realizam simbolicamente, ou de fato, a cortada do mastro⁵, momento anterior ao da fincada. A retirada, ou derrubada do mastro, não é realizada por todas as bandas de congo no Domingo de Páscoa. Os motivos das escolhas das datas para o rito da retirada estão associados às devoções particulares de cada grupo. Algumas bandas de congo promovem a retirada do mastro no dia de São Sebastião, por ser ele o santo padroeiro da localidade da banda; outras escolhem outros dias, por devoção ou graça alcançada por intermédio do santo homenageado no dia da retirada.

Outro rito verificado, mas que não é apontado pelas referências bibliográficas identificadas, exceto menção feita no *blog* da Associação das Bandas de Congo de Fundão (ABC-Fundão), é a procura ou roubada do mastro de São Benedito. De acordo com Antônio Ramos do Santos, a procura do mastro representa o momento posterior ao salvamento dos negros do naufrágio por São Benedito.

⁴ De acordo com Poel (2013), as comemorações em homenagem a São Benedito no Brasil possuem datas diferenciadas. 5 de outubro é considerado o dia oficial do santo, mas há também comemorações nos dias 31 de março, 4 de abril, 13 de maio, 26 de dezembro e, em diversos lugares, na segunda-feira depois do Natal ou depois da Páscoa.

⁵ A cortada do mastro é o ritual de corte de uma árvore para produzir o mastro de São Benedito.

Outro festejo que merece ser mencionado é o Carnaval de Congo, realizado somente pelas bandas de congo do município de Cariacica. Segundo Santos (2013), o Carnaval de Congos e Máscaras acontece oito dias após a Páscoa. A festa é realizada no mesmo dia em que se comemora, no calendário católico, o dia de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Espírito Santo. De acordo com o autor, é corrente a ideia de que a festa tenha sido criada em Roda-d'Água (localidade de Cariacica) para homenagear Nossa Senhora da Penha, pelo fato de que os escravizados teriam dificuldades para chegar até a Igreja e Convento da Penha, situados no município de Vila Velha⁶.

Ressaltamos que o Carnaval de Congos e Máscaras é organizado por todas as bandas de congo existentes no município de Cariacica. Além disso, esse é o único festejo que acontece na localidade; assim sendo, em Cariacica não há festas do mastro como em outros municípios capixabas que possuem bandas de congo.

Estudos sobre as bandas congo, como os realizados por Bravin (2005; 2009), Dias (2001) e Pimentel (2012), reproduzem a afirmativa do folclorista Guilherme Santos Neves de que as primeiras bandas de congo eram formadas somente por índios. As bases dessa assertiva se encontram em relatos deixados pelos padres e pelos viajantes que andaram pela província do Espírito Santo na segunda metade do século XIX.

Entretanto, o estudo de Costa (2013) sobre a estrutura jurídica e legal que estabeleceu normas para a vida dos escravos e outros indivíduos, tendo como foco a região central do Espírito Santo oitocentista, aponta que as festas dos mastros começaram a ser proibidas na Província a partir da década de 1830⁷. Além disso, a citação da lei, a seguir, sugere que os festejos de mastros eram realizados ou tinham participação de escravos e não escravos. Portanto, os indivíduos que participavam desses eventos poderiam ser livres (brancos e indígenas), alforriados (libertos) e escravos, e não apenas indígenas como o folclorista apontam.

Assembleia Provincial, em 27 de fevereiro de 1835, proibiu a puxada e fincada de mastros na Província. Esses rituais consistiam, grosso modo, em cortejos festivos que, depois de percorrerem as ruas em festa, levantam sobre um mastro decorado um quadro com a imagem de um santo da Igreja. Ciclos folclóricos e religiosos das bandas de congo podem ser vistos, ainda hoje, ao longo de toda uma área cultural que abarca especialmente a região central do Espírito Santo. O presidente do legislativo provincial capixaba na decretação da lei proibitiva contra as festas de mastro era o Padre João Clímaco de Alvarenga Rangel; e o 1º Secretário, outro padre, João Luis da

⁶ A Igreja e o Convento da Penha foram tombados pelo Iphan em 1943.

⁷ No decorrer da história do Brasil Colônia, Império e nos primórdios do período republicano era comum disciplinar a população das camadas mais baixas, regulando a hora em que essas pessoas poderiam se encontrar, se divertir e manifestarem sua cultura (COSTA, 2013).

Fraga Loureiro. Representantes da região de São José do Queimado e da Serra, respectivamente. O texto desta lei dizia:

A Assembleia Legislativa Provincial resolve

Artigo 1º - fica proibido em toda esta Província o uso de puxar mastros por qualquer função ou festividade que seja.

Artigo 2º - Fica também proibido em toda Província o uso de máscaras, ou qualquer outro que torne desconhecida a pessoa.

Artigo 3º - Os infratores da presente lei incorrerão na pena de 50:000,00 (cinquenta mil réis) a benefício da respectiva câmara municipal, na falta de meios sofrerão trinta dias de prisão; e sendo escravos sofrerão quatrocentos açoites interpolados.

Artigo 4º - Ficam revogadas quaisquer disposição em contrário. (COSTA, 2013, p. 62-63, grifo nosso).

Em outro momento de sua obra, o autor cita as puxadas de mastros que aconteciam no século XIX em Vitória:

Os devotos de São Benedito do Convento de São Francisco e os da Igreja do Rosário faziam duas festas, que envolviam o sagrado e o profano, e que tinham praticamente o mesmo formato, com algumas diferenças. Nelas, havia as tais puxadas de mastros que eram fincados em frente da Igreja. Conta o padre Antunes que diante da imagem do santo:

la uma chusma de pretos, tendo por chefe um rei, de coroa de flandres, com espada de pau, acompanhado de ministros mui mal fardados e uma rainha, todos pretos, sob a direção de um estandarte branco, com negros pintados, e marchavam todos, fazendo trejeitos e caretas, ao som de camundás (paus côncavos, em uma de cujas extremidades pregam um couro) que atordoavam os ouvidos desse povo paciente! Não era só esse o instrumento dessa banda infernal! Havia chocalhos, cassacos, paus dentados, e outros ocos, que feriam som, batendo-lhes um mais forte e resistente! (COSTA, 2013, p. 64, grifo nosso).

Desse modo, o trabalho de Costa (2013) aponta para a presença de negros nas bandas de congo do século XIX, e não só de indígenas. Entretanto, o viajante naturalista francês, Auguste François Biard, que percorreu o Brasil entre os anos de 1858 e 1859, participou de uma festa dedicada a São Benedito com a presença de indígenas nas regiões do atual município de Aracruz, e fez a seguinte descrição do festejo (embora a citação seja extensa, consideramos ser importante citá-la integralmente por conter detalhes interessantes da cerimônia realizada no século XIX):

À noite, sem poder dormir, armei-me com o cacete e dispus-me a exterminar o que me incomodasse. De repente ouvi ao longe rumor um tanto confuso, como se alguém batesse num tambor cuja pele estivesse molhada. Que história seria essa? Pela manhã vim a saber que se tratava da festa de São Benedito, divindade de grande devoção dos índios. Eles faziam preparativos para essa festa uns seis meses antes e guardavam dela uma recordação pelos outros seis meses do ano. Desde o momento em que esse tambor começa a ser tocado, não pára mais, nem de noite nem de dia. Não deixei de ir me divertir um pouco nessa festa que se realizava numa povoação chamada, se não me engano, destacamento. O Sr. X. fez-me

companhia. Em todos os tetos em que entrávamos bebia-se “câouêba” e cachaça, e a pretexto de se cantar, berrava-se. Mantinham-se os homens sentados tendo entre as pernas um tambor primitivo fabricado com pequeno tronco de árvore oco coberto por um pedaço de couro de boi; outros homens esfregavam uns pauzinhos num instrumento feito de bambu todo entalhado. Ao som desse charivari, mulheres, mesmo velhas, dançavam devotamente um desgraçado canção que mereceria certamente a reprovação de nossos virtuosos agentes de polícia. Depois de se ter dançado bem e melhor bebido e urrado, numa casa, ia-se fazer o mesmo numa outra habitação. Numa delas tive a coragem de beber numa espécie de cabaço a tal “câouêba”, o que fiz, aliás, para despertar simpatias e conseguir depois me permitissem uns retratos. Não ignorava como se prepara essa bebida: sabia que as mulheres idosas (são elas sempre as encarregadas das funções mais importantes) mastigam raízes de mandiocas antes de deitá-las numa vasilha; cada uma de sua vez cuspiam nessa panela o conteúdo das suas bocas e deixavam a massa fermentar. Como se vê, em mim, o amor à arte sobrelevava o instinto da repugnância. Dessa casa passei a outra e nessa não existiam representantes do “belo sexo”; apenas um índio cantava ao som de um violão uma modinha suave e monótona que tinha encanto particular.

Afinal chegara o momento ansiosamente esperado: surgiram duas figuras importantes. A primeira era um índio alto, revestido de uma túnica branca a lembrar um pouco o roquete de um coroinha e tendo na mão um guarda-chuva vermelho ornado de flores amarelas; na outra mão trazia uma bandeja que também se pendurava de um velho chale de franjas amarrado à cintura como um talabarte. Dentro da bandeja vinha São Benedito, que, não sei por que, é preto, todo cercado de flores. Ali se colocam as ofertas feitas ao santo. A segunda personagem, digna de fazer parte do exército do imperador Soulouque, cingira uma farda azul celeste toda enfeitada de chita em xadrez encarnado; usava dragonas como as do general La Fayette, e na cabeça um chapéu de pontas, fenomenal no tamanho e encimado por um penacho que já fora verde. Como emblema ostentava uma rodela com três cerejas bem vermelhas. Esta última figura é o comandante. Para se merecer essa graduação torna-se indispensável possuir umas pernas de resistência superior à de todas as outras da Terra, pois durante as cerimônias o capitão não cessa de dançar. Ele precede ao cortejo, sempre num passo de dança, com uma baliza nas mãos. A princípio, pensei tratar-se de um círio. Atrás dele vai o homem de guarda-sol vermelho, levando o santo; depois os músicos em duas fileiras, e em torno da imagem as velhas devotas no seu canção. Meio escondidas nos postigos ou nas portas se surpreendem jovens e bonitas cabeças. Diante de cada pessoa convidada para o banquete, o cortejo parava; o capitão entrava, a dançar, e dava uma volta pelo interior da habitação. Dali se passava a outra casa e, nesse passo, chegaram à igreja toda enfeitada com palmeiras; a iluminação era feita por meio de cabaças cheias de azeite. Fora preparada a mesa de frente do altar; por precaução estenderam-lhe por cima uns panos sem dúvida com receio da investida das aranhas e de outros bichos mal feitores. Trancaram São Benedito na caixa, após terem retirado as ofertas, e nós então voltamos⁸ (BIARD, 1862, p. 86-88).

Na descrição de Biard, podemos destacar os seguintes elementos ainda presentes no culto a São Benedito promovido pelas bandas de congo capixabas: existência de um capitão (mestre ou coordenador do grupo), de dançarinas, do cortejo, dos instrumentos musicais (tambor, casaca, chocalho), consumo de bebidas alcoólicas e a permanência da devoção dos indígenas, os tupinikim de Aracruz, à São Benedito. Ao questionar o senhor

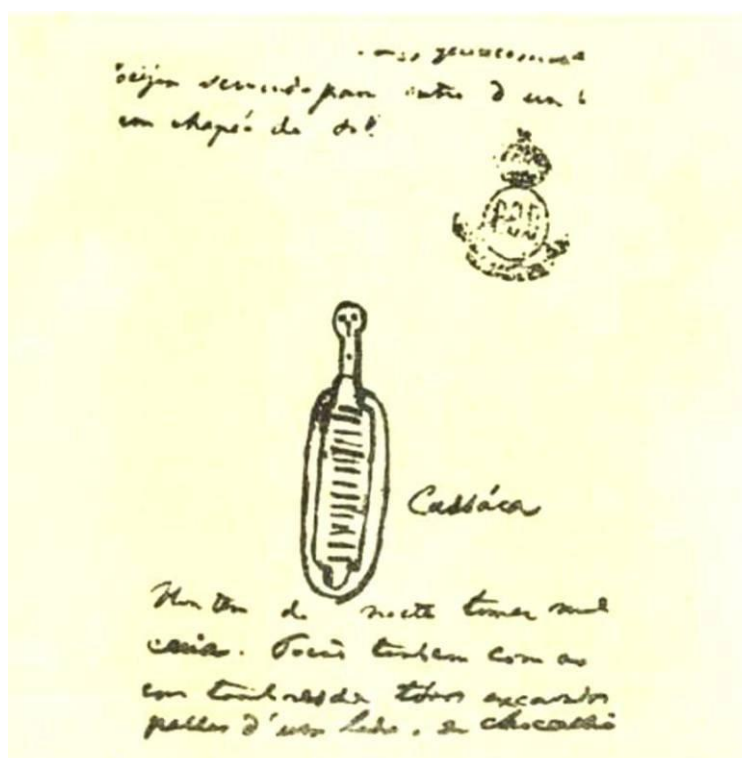
⁸ A obra de Biard, impressa em Paris e em língua francesa, possui uma xilografia do grupo que promovia a festa de São Benedito no século XIX na atual região de Aracruz. Apresentamos a cópia do desenho no Anexo I.

Olindo Sezenando, mestre da Banda de Congo Tupinikim da aldeia indígena Caieiras Velha de Aracruz sobre o porquê de ser São Benedito o padroeiro, ele assim nos informa:

“São Benedito foi muito forte, muito chegado aos negros e aos índios. Os negros e os índios foram muito massacrados, até hoje são. Para ter mais força os índios e os negros se uniram. Então na época que os índios e os negros se uniram, São Benedito estava junto. Aí ele ficou sendo padroeiro da aldeia, de todas as bandas de tambor.”

Dom Pedro II, quando fez sua viagem à Província do Espírito Santo no ano de 1860, também fez anotações sobre a devoção a São Benedito em Nova Almeida(Serra) e em Vila de Santa Cruz (Aracruz). Em Nova Almeida, segundo Rocha (2008), o imperador teceu o seguinte comentário: “deparei-me com um grupo formado por negros para louvar São Benedito; dança de caboclos com as suas cuias de pau de [regos] para esfregarem outro pau pelo primeiro”.

De acordo com Rocha (2008), o instrumento que chamou atenção de Dom Pedro II foi a casaca ou reco-reco de cabeça, a ponto de merecer um registro por meio de um pequeno desenho.



Desenho que Dom Pedro II fez em sua caderneta de notas, da casaca ou reco-reco de cabeça.
Fonte: Rocha, 2008.

Em Vila de Santa Cruz, Dom Pedro II fez o seguinte registro do festejo:

Ontem de noite tomei mel por cuia. Tocam também com as mãos em tambores de toros escavados com peles dum lado, e chocalham um cestinho cheio de pedrinhas. A dança parece que é o bendenguê dos negros, assim como a música o batuque do Engenho [*ilegível*]. Os caboclos ainda têm algumas feições características da raça, que é a tupi. Notei que só dançam os índios de alguma idade. O São Benedito corre 15 dias antes da festa e 15 dias depois, embriagam-se etc.

Todavia, cada fonte aqui citada apresenta algumas pistas dos rituais que supostamente podemos associar às práticas das bandas de congo contemporâneas. Outras hipóteses sobre as histórias das bandas de congo capixabas ainda estão para ser levantadas e estudadas. Além disso, percebemos que a produção de conhecimento a respeito das bandas de congo está por ser realizada, uma vez que identificamos pouquíssimas pesquisas sobre os grupos/festejos, principalmente nas áreas das ciências sociais e humanas.

1.2. Ticumbi

O único município capixaba onde identificamos o ticumbi é Conceição da Barra, no Norte do estado. Na localidade, há cinco grupos, sendo eles: Ticumbi de Conceição da Barra, Ticumbi do Bongado de Itaúnas, Ticumbi de Itaúnas Velha e Ticumbi Santa Clara.

Nepomuceno (2011), em *Celebrações negras do ciclo natalino: teias da diáspora em áreas culturais do Brasil e Caribe*, questiona se podemos considerar o ticumbi, os congos e as congadas como as mesmas práticas, apesar de terem nomes diferentes. Para responder essa questão, a autora recorre à posição de diferentes estudiosos sobre o assunto e conclui, citando e partilhando sua visão com os dos folcloristas Ulisses Passarelli e Guilherme Santos Neves, que

(...) os nomes Cacumbi, Cucumbi e Ticumbi referem-se a folguedos brasileiros praticados em geral por negros (...). Tem surgido boa confusão destes nomes e entre outros folguedos congêneres, notadamente os congos. Em parte, este quadro é resultado dos poucos estudos; outro tanto é fruto da pequena divulgação das pesquisas existentes que, por sua vez, são quase todas de caráter local, sem maiores preocupações de integrar estudos regionais. Também a própria semelhança dos nomes dos folguedos tem gerado equívocos, pondo em sinónimo o que não poderia estar (PASSARELLI *apud* NEPOMUCENO, 2011, p. 122).

Para Neves (2002), o ticumbi, ou baile de congos, é dança dramática que se não confunde com os congos na versão norte-rio-grandense, ou com a festa dos congos do

Ceará. Também não se confunde com as congadas do município de Osório, no Rio Grande do Sul, ou com os congos da Paraíba, tampouco com as antigas congadas cariocas, assim como também com o congo no Espírito Santo.

Ainda segundo Neves (2002), o ticumbi capixaba não figura nenhuma rainha Ginga ou qualquer feiticeiros. Também não há mortes, nem ressurreições, nem coroação de reis ou rainhas, como é o caso das manifestações citadas acima. O baile de congo é muito mais simples do que as representações mencionadas, mas possui cortejo real – a que se segue uma embaixada de guerra, com episódios de combates.

De acordo com Queiroz (2008), o ticumbi é uma dramatização que ocorre por meio de uma encenação entre dois reis negros. O enredo do ticumbi se constrói a partir do evento em que o rei de congo, numa expedição pelo território africano, conhece um reino inimigo, governado pelo rei de bamba, descobrindo que este também se prepara para render homenagens a São Benedito em sua festa comemorativa. Tomando o fato de não ter exclusividade no que se refere a homenagear esse santo, o rei de congo, através de seu secretário, avisa e ordena ao rei de bamba que o direito de louvar São Benedito deve ser único por parte dele, por ser o mais antigo, católico e poderoso na região. O rei de bamba não toma conhecimento da intimidação e manda avisar para o rei de congo, através de seu secretário, que também possui pleno direito no tocante a render homenagens ao referido santo. O secretário do rei de bamba é detido pelos soldados de rei do congo e depois é libertado para transmitir recados e desafios. Mais uma vez o rei de bamba não se intimida, deflagrando-se, portanto a guerra. Essa guerra se divide em dois momentos distintos: em um primeiro momento, inicia-se o conflito de encenações sem a participação dos reis e secretários, evoluindo para a guerra travada com a participação de todos até a vitória final do rei do congo. O rei de bamba e seus vassalos são submetidos ao batismo cristão pelo rei de congo, finalizando com a dança do ticumbi, que dá nome à toda a dramatização. No momento de sua finalização, é apresentada uma coreografia dançada em uma grande roda onde geralmente se traz à baila episódios acontecidos na região, podendo ser atuais ou não, caracterizando, assim, uma faceta mutante e renovadora do enredo: no final, dança-se uma roda grande, uma espécie de crítica social e desafio à ordem branca, na qual são incluídas menções a fatos geralmente ocorridos na região, revestindo-se os ‘cantes’ da roda grande de uma fina ironia.

Os personagens do ticumbi são, geralmente, mestre, rei congo, rei bamba, um secretário para cada rei, guia, contraguia, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º congo e seus pares, um violeiro, um porta-estandarte. Os instrumentos musicais frequentemente utilizados no ticumbi são pandeiros, viola e sanfona.

Os figurinos do ticumbi prezam pela mixagem entre os tons multicoloridos dos detalhes e a singeleza do branco como cor predominante. Os componentes vestem longas batas brancas rendadas transpassadas por fitas coloridas. O peitoral dessas batas é ornamentado com enfeites de espelinhos e flores brilhantes. A calça é branca, podendo ou não ter um friso lateral vermelho. Por cima dela um saiote branco, e no pulso direito um lenço amarrado também branco, com uma longa espada na mão ou na cintura. Na cabeça, os participantes usam um lenço branco por baixo de um vistoso chapéu enfeitado com fitas e flores de papel de seda coloridas. Os reis usam uma coroa de papelão ricamente enfeitada de papel dourado, flores e toques prateados. Seus trajes são mais vistosos: trazem longas capas coloridas, em adamascado.

Queiroz (2008) afirma no seu estudo que no ticumbi do Espírito Santo não é permitida, de forma alguma, a participação de mulheres. Não se encontra no auto figuras ou personagens femininas, nem mesmo rainhas ou feiticeiras. De fato, no auto não há personagens femininas, mas no ticumbi de Itaúnas Velha, do mestre João de Deus Falcão dos Santos, existe a secretária que lê o baile de congo, sendo a única mulher do grupo.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização do trabalho foi a do Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC – Levantamento Preliminar. No entanto, por se tratar da 1ª etapa do levantamento, a pesquisa teve o caráter de mapeamento e convergiu para o levantamento documental sobre a temática e informações disponibilizadas na *web*. Do mesmo modo, realizamos levantamento de contatos telefônicos das associações e/ou lideranças das bandas de congo, assim como contatamos por telefone todas as paróquias dos municípios capixabas e as lideranças congueiras, com vistas à identificação da existência das manifestações e agendamento de encontros com as lideranças das bandas de congo e ticumbi, como será abordado mais detalhadamente no decorrer deste texto. Os dados levantados nesse primeiro processo da pesquisa foram registrados nas seguintes Fichas do INRC: Anexo 1 - Bibliografia; Anexo 2 - Registros Audiovisuais; Anexo 3 - Bens Culturais; Anexo 4 – Contatos, Ficha de Localidade e Ficha de Sítio.

2.1. Pesquisa documental

Conseguimos identificar 194 fontes escritas sobre as bandas de congo e sobre o ticumbi. Desse universo, 13 fontes se enquadram na tipificação de livros e outras publicações não seriadas, 41 são classificadas como publicações seriadas e 135 são textos inéditos, relatórios técnicos ou manuscritos.

Para a realização do levantamento bibliográfico, foi feita uma busca geral nos *sites* das principais bibliotecas do estado do Espírito Santo, assim como nos *sites* do Instituto Jones dos Santos Neves, da Universidade Federal do Espírito Santo e de outras universidades brasileiras, do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), das prefeituras municipais capixabas, da Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo e no *Google*.

A busca *online* foi guiada por um grupo de palavras-chave, tais como: ticumbi, baile de congos, banda de congo, carnaval de máscaras, festa de São Benedito, festa de São Sebastião, festa de Nossa Senhora da Penha, entre outras.

Grande parte das referências bibliográficas identificadas aborda educação formal e bandas de congo, dando ênfase para projetos desenvolvidos nas escolas públicas e no ticumbi em Conceição da Barra. Identificamos também trabalhos técnicos e acadêmicos

sobre as comunidades quilombolas do Sapê do Norte; artigos jornalísticos e acadêmicos sobre o Carnaval de Congo e Máscara em Roda-d'Água/Cariacica; trabalhos técnicos como catálogos, guias, atlas e inventários turísticos que citam as festas e as bandas de congo; vários artigos jornalísticos que divulgam os festejos e as bandas de congo do estado e poucos artigos acadêmicos que descrevem e analisam as celebrações associadas às bandas de congo. O Quadro I a seguir apresenta tabulação geral dos registros levantados.

Quadro I – Tabulação geral dos registros levantados

BIBLIOGRAFIA BANDAS DE CONGO E TICUMBI		
LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES NÃO SERIADAS		
Tema	Tipo de obra	Quantidade de obras encontradas
Atlas do folclore capixaba	Livro	2
Musicalidade das bandas de congo	Livro	4
História das bandas de congo	Livro	2
Ticumbi	Caderno	2
PUBLICAÇÕES SERIADAS		
Tema	Tipo de obra	Quantidade de obras encontradas
Associação das Bandas de Congo da Serra	Publicação seriada	2
Banda de Congo Amores da Lua – Vitória	Publicação seriada	1
Banda de Congo de Anchieta	Publicação seriada	1
Banda de Congo de Colatina	Publicação seriada	1
Banda de Congo de Guarapari	Publicação seriada	1
Banda de Congo de Ibiraçu	Publicação seriada	1
Bandas de Congo no Norte do Espírito Santo	Publicação seriada	1
Carnaval Congo de Máscaras em Roda-d'Água - Cariacica	Publicação seriada	4
Casa de Congo em Serra	Publicação seriada	3
Comunidade Quilombola de São Mateus	Publicação seriada	1
Congo da Barra do Jucu – Vila Velha	Publicação seriada	2
Festa de Nossa Senhora da Penha (padroeira do estado)	Publicação seriada	1
Festa de Nossa Senhora do Rosário em Serra	Publicação seriada	1
Festa de São Benedito – Serra	Publicação seriada	4
Festa de São Benedito – Vitória	Publicação seriada	2
Festa de São Sebastião e São Benedito – Vila de Itaúnas – Conceição da Barra	Publicação seriada	1
Festa em Regência (Linhares) para o caboclo Bernardo	Publicação seriada	1
Festa em Santa Leopoldina	Publicação seriada	1
Festa na Barra do Jucu – Vila Velha	Publicação seriada	2
Imagem de São Benedito em Vila de Itaúnas – Conceição da Barra	Publicação seriada	1
Lançamento de CD de Congo – Serra	Publicação seriada	1
Musicalidade das bandas de congo	Publicação seriada	2
Oficinas de confecção de instrumentos para as bandas de congo	Publicação seriada	1
Projeto com bandas de congo em Vitória	Publicação seriada	1
Registro municipal como patrimônio cultural da Banda de Congo São Benedito – Linhares	Publicação seriada	1

TEXTOS INÉDITOS, RELATÓRIOS TÉCNICOS E MANUSCRITOS		
Tema	Tipo de obra	Quantidade de obras encontradas
Agenda Cultural de Vitória e de Serra	Agenda	2
Associação das Bandas de Congo de Fundão	Artigo	1
Associação das Bandas de Congo de Serra	Artigo	2
Associação das Bandas de Congo de Vila Velha	Artigo	1
Banda de Congo de Araçatiba – Viana	Artigo	4
Banda de Congo de Roda-d'Água	Artigo	1
Banda de Congo de São Domingos do Norte	Artigo	1
Banda de Congo de Vila Velha	Artigo	2
Banda de Congo de Vitória e políticas públicas	Artigo	1
Banda de Congo e casaca	Artigo	2
Bandas de Congo e espetacularização	Artigo	1
Cacumbi, ticumbi e quicumbi em Santa Catarina	Monografia	1
Calendário de eventos de Governador Lindenberg e do ES	Calendário	2
Carnaval Congo de Máscaras em Roda-d'Água	Artigo	7
Catálogo de produtos culturais do Espírito Santo	Catálogo	1
Celebrações negras no Brasil	Tese	1
Comunidade Quilombola Araçatiba – Viana	Relatório técnico e artigo	3
Comunidade Quilombola Retiro – Santa Leopoldina	Relatório técnico, artigo e tese	3
Comunidades de pescadores em São Mateus	Dissertação	1
Comunidades remanescentes de quilombos do Sapê do Norte	Artigo	1
Congo Amores da Lua – Vitória	Artigo	1
Congo da Barra do Jucu	Dissertação e artigo	2
Congo do Retiro – Santa Leopoldina	Artigo	1
Congo em Alfredo Chaves	Artigo	4
Congo Panela de Barro – Vitória	Artigo	2
Congopop	Artigo, dissertação	2
Dia do Congo em Vitória	Artigo	1
Educação formal e bandas de congo	Artigos, dissertações	10
Escravidão na Central do Espírito Santo (séculos XVIII e XIX)	Dissertação	1
Festa Caboclo Bernardo – Linhares	Artigo	1
Festa de Nossa Senhora da Penha – Anchieta	Artigo	1
Festa de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha	Artigo	1
Festa de São Benedito – Aracruz	Artigo	1
Festa de São Benedito – Serra	Artigo	1
Festa de São Benedito – Vitória	Artigo	2
Festa de São Benedito em Viana	Artigo	1
Festa em Araçatiba – Viana	Artigo	3
Festas das Paneleiras – Vitória	Artigo	1
Festas e grupos de congo de Guarapari	Artigo	1
Grupo de Congo de Governador Lindenberg	Artigo	1
Guia Cultural de Vila Velha e de Anchieta	Guia	2
História do Congo	Artigo	1
Indústria cultural e banda de congo	Artigo	1
Inventários de oferta turística (Colatina, Conceição da Barra, Fundão, Guarapari, Viana, Ibiraçu, Linhares, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Vila Velha, Vitória e Serra)	Relatório técnico	11
Lançamento de DVD das Bandas de Congo de Vitória	Artigo	2

Letra de música da Banda de Congo da Barra do Jucu	Artigo	1
Mapa cultural de Cariacica	Catálogo	1
Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Serra	Dissertação	1
Mestres de Cariacica e Vila Velha (Roda-d'Água)	Artigo	5
Narrativas de tragédias no mar (festas de mastro)	Artigo	1
Parque Estadual de Itaúnas	Dissertação	1
Pesquisas etnográficas em comunidades quilombolas capixabas	Artigo	1
Registro Municipal do Congo de Máscaras – Cariacica	Artigo	1
Sapê do Norte	Artigo e tese	2
Sapê do Norte e agroindústria	Dissertação	1
Ticumbi – Conceição da Barra	Artigos, dissertações e teses	10

Fonte: Dados da pesquisa

As fontes audiovisuais identificadas foram: fotografias, vídeos e gravação sonora.

Localizamos 21 fotografias das bandas de congo e do ticumbi de diferentes municípios capixabas. As fotos são das décadas de 1950 e 1960 e podem ser visualizadas no *site* estacaocapixaba.com.br.

Encontramos 41 vídeos com diferentes abordagens sobre a temática, dentre elas destacamos o ticumbi de Conceição da Barra, versão do Hino do Estado do Espírito Santo em ritmos do congo; documentário com os mestres Daniel e Vitalino da Banda de Congo Mestre Honório, da Barra do Jucu/Vila Velha e com o vocalista da Banda Casaca, Renato Casanova; reportagem sobre o Carnaval de Congo de Roda-d'Água/Cariacica, documentário sobre a história da casaca, instrumentos das bandas de congo; documentário com a rainha do congo de Aracruz, a senhora Astrogilda Ribeiro dos Santos, líder da Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho; vídeos da Banda de Congo Amores da Lua de Vitória; reportagem sobre a participação das bandas de congo na festa de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha, entre outros assuntos.

Identificamos dois discos de vinil na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os discos contêm músicas dos grupos de ticumbi do Espírito Santo e foram produzidos pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE).

2.2. Levantamento dos contatos telefônicos para identificação das bandas de congo e lideranças congueiras

Como previsto no Projeto Básico “Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC – Levantamento Preliminar (1ª etapa) das Bandas de Congo e do Ticumbi no Espírito Santo”⁹, contatamos por telefone todos os 78 municípios capixabas para identificação dos bens culturais.

Os contatos telefônicos das bandas de congo ou associações dos municípios de Anchieta¹⁰, Aracruz, Cariacica, Colatina, Conceição da Barra, Fundão, Governador Lindenberg, Guarapari, Ibiraçu, João Neiva, Linhares, Santa Leopoldina, Serra, Vila Velha e Vitória foram obtidos através dos guias, catálogos e/ou calendários municipais ou estadual, assim como na *web*, principalmente de associações que possuem *site*. Já os contatos das bandas de congo dos municípios de Alfredo Chaves, São Domingos do Norte e Viana foram conseguidos por meio de contato com as paróquias desses municípios.

Para os municípios em que não identificamos a manifestação cultural por meio de leitura das fontes levantadas, foi feito o contato por telefone. As ligações foram direcionadas para as paróquias das cidades e conversamos com as secretárias das paróquias ou com os padres. Em todos os municípios as informações que obtivemos é que não há bandas de congo ou ticumbi. Alguns informantes destacaram a existência de outros grupos religiosos e/ou culturais, como folia de reis, jongo, capoeira, entre outros. O Quadro II a seguir, lista os municípios que não possuem bandas de congo ou ticumbi, segundo os informantes.

⁹ Daqui em diante referido como Projeto Básico.

¹⁰ Durante a pesquisa de gabinete, isto é, levantamento documental e contatos telefônicos, tínhamos a informação que em Anchieta havia bandas de congo. Entretanto, com a pesquisa de campo verificamos que o município possui jongo e não congo. No item 4.12 apresentamos com mais detalhe essa informação.

Quadro II – Municípios que não possuem bandas de congo ou ticumbi

	Município	Grupos apontados pelos informantes
1	Afonso Cláudio	Folia de reis
2	Água Doce do Norte	-
3	Águia Branca	-
4	Alegre	Capoeira, bate flecha, boi pintadinho, folia de reis
5	Alto Rio Novo	-
6	Apiacá	Capoeira
7	Atilio Vivacqua	-
8	Baixo Guandu	-
9	Barra de São Francisco	-
10	Boa Esperança	-
11	Bom Jesus do Norte	Folia de reis
12	Brejetuba	-
13	Cahoeiro de Itapemirim	-
14	Castelo	Caxambu
15	Conceição do Castelo	Folia de reis
16	Divino de São Lourenço	-
17	Domingos Martins	-
18	Dores do Rio Preto	Folia de reis
19	Ecoporanga	-
20	Guaçuí	-
21	Ibatiba	Folia de reis
22	Ibitirama	-
23	Iconha	Folia de reis
24	Irupi	-
25	Itaguaçu	-
26	Itapemirim	Jongo, capoeira e banda marcial
27	Itarana	-
28	Iúna	Folia de reis
29	Jaguaré	-
30	Jerônimo Monteiro	-
31	Laranja da Terra	Folia de reis
32	Mantenópolis	Folia de reis
33	Maratáizes	Festa das Canoas
34	Marechal Floriano	-
35	Marilândia	-
36	Mimoso do Sul	Folia de reis
37	Montanha	Capoeira
38	Mucurici	-
39	Muniz Freire	-
40	Muqui	Folia de reis (acontece o Encontro Estadual de Folia de Reis)
41	Nova Venécia	-
42	Pancas	-
43	Pedro Canário	-
44	Pinheiros	Folia de reis
45	Piúma	-
46	Ponto Belo	Folia de reis e capoeira
47	Presidente Kennedy	Jongo e folia de reis
48	Rio Bananal	Folia de reis
49	Rio Novo do Sul	Folia de reis
50	Santa Maria de Jetibá	-

	Município	Grupos apontados pelos informantes
51	Santa Teresa ¹¹	-
52	São Gabriel da Palha	Folia de reis
53	São José do Calçado	Folia de reis
54	São Mateus	Jongo
55	São Roque do Canaã	-
56	Sooretama	-
57	Vargem Alta	-
58	Venda Nova do Imigrante	-
59	Vila Valério	-
60	Vilão Pavão	-

Fonte: Dados da pesquisa

2.3. Pesquisa de campo e reuniões de mobilização

Realizamos reuniões em cada município que possui bandas de congo ou ticumbi¹². Os encontros nos municípios foram realizados com agendamento prévio feito em Sabará/MG. Em alguns municípios contamos com o apoio dos gestores públicos vinculados à temática com o intuito de convocar os detentores do bem cultural para o encontro, assim como disponibilizar um espaço para o evento. Em outros municípios como Governador Lindenberg, Colatina, Conceição da Barra, Ibiraçu, Santa Leopoldina, Serra, Cariacica, Guarapari, Vila Velha e Vitória a colaboração aconteceu por meio dos mestres, capitães e/ou integrantes dos grupos. Em Aracruz houve envolvimento do mestre-capitão Antônio Ramos dos Santos e do gerente municipal de cultura, Marcelo. Antônio convocou os representantes e Marcelo disponibilizou o espaço para reunião e o transporte para cada grupo. Em Fundão contamos com o apoio do coordenador municipal de cultura, Fábio Samora e com o de Fátima, presidente da Associação das Bandas de Congo de Fundão (ABC-Fundão). Fábio disponibilizou o espaço para reunião e Fátima convocou os representantes das bandas de congo.

As reuniões foram pautadas pela apresentação do que é o Iphan e do projeto, pelo esclarecimento de alguns termos técnicos, como Registro, salvaguarda, patrimônio cultural imaterial, assim como pela coleta de dados de cada grupo presente na reunião¹³.

Durante a pesquisa de campo, contratamos quatro assistentes locais, sendo eles: Antônio Ramos dos Santos, mestre-capitão da Banda de Congo São Benedito do Rosário

¹¹ Durante a pesquisa de campo, identificamos a existência de banda de congo em Santa Teresa. No item 4.10 abordamos esse assunto.

¹² O Anexo II apresenta as datas dos encontros realizados em cada município, assim com os participantes.

¹³ O Anexo III mostra o roteiro de coleta de dados.

da Vila do Riacho/Aracruz; Natan Santana dos Santos, congo¹⁴ do grupo de Ticumbi de Conceição da Barra; Piatan Lube Moreira, tocador de tambor da Banda de Congo da Comunidade de Piapitangui de São Benedito/Viana e Jamilda Alves Rodrigues Bento, integrante da Banda de Congo Panela de Barro/Vitória. A escolha desses assistentes levou em consideração o envolvimento deles com os grupos pesquisados. As atividades atribuídas aos assistentes foram: coletas de alguns dados das localidades que possuem o bem cultural e de informações pendentes sobre os grupos pesquisados, assim como acompanhamento às visitas feitas em algumas comunidades. Os assistentes locais contribuíram sobremaneira para as coletas de dados, assim como para a mobilização das reuniões realizadas nas localidades, principalmente o senhor Antônio, que convocou todos os representantes das aldeias indígenas de Aracruz e os integrantes das bandas de congo e em Viana e Piatan, que incentivou o mestre de sua banda de congo comparecer no encontro realizado na cidade. Ressaltamos que nenhum assistente recebeu as camisetas produzidas para identificação da equipe.

Em campo, a equipe de pesquisa também realizou algumas entrevistas semiestruturadas através de roteiro¹⁵, levantamento de fontes em bibliotecas municipais, arquivos públicos e arquivos das secretarias municipais vinculadas à temática.

A equipe de pesquisa também compareceu nas seguintes festas: fincada do mastro de São Benedito na comunidade de São Benedito do distrito de Córrego Dumer (município de São Domingos do Norte); fincada do mastro de São Benedito da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho (município de Aracruz); festa de São Benedito do Ticumbi de Conceição da Barra (distrito sede de Conceição da Barra); festa de São Benedito e São Sebastião (fincada do mastro) do distrito sede de Fundão; retirada do mastro de São Benedito da Banda de Congo da Barra do Jucu em Vila Velha e festa de São Sebastião e São Benedito (puxada e fincada do mastro) em Nova Almeida/Serra. Nesses eventos fizemos registros fotográficos e alguns audiovisuais. Também realizamos registro fotográfico em todos os municípios pesquisados. No item 4 e seus subitens, apresentamos o relatório de campo de cada município pesquisado. As descrições expõem as narrativas dos detentores sobre o bem cultural pesquisado, assim como as

¹⁴ O termo congo no ticumbi equivale ao sentido de dançante e/ou soldado do rei.

¹⁵ O Anexo IV apresenta o modelo do roteiro de entrevista e o Anexo V indica os entrevistados.

dinâmicas dos encontros/reunião¹⁶, as dúvidas e questionamentos feitos pelos detentores e os bens culturais identificados em cada município, entre outros assuntos.

A equipe de pesquisa não enfrentou nenhuma dificuldade em campo. Em todas as localidades que comparecemos tivemos apoio e fomos bem recebidos pelos detentores do bem cultural e também por indivíduos não vinculados diretamente com as bandas de congo, como funcionários públicos, padres, secretárias das paróquias e os guarani da aldeia Piraqueçu.

Apenas em Guarapari enfrentamos uma situação inusitada por parte de um morador da comunidade Alto Rio Calçado, que questionou a falta de políticas públicas municipais, estaduais e federais nas áreas da cultura e do patrimônio cultural no Espírito Santo. As questões levantadas pelo morador foram pertinentes, entretanto, o nosso estranhamento se deu pela forma agressiva com a qual ele expressou suas opiniões. Além disso, ele menosprezou a equipe de pesquisa por ser residente de Minas Gerais, assim como contestou a atuação do Iphan/ES em relação às ações de valorização do ofício das paneleiras de Goiabeiras. Para ele, o ofício das paneleiras somente teve reconhecimento de patrimônio cultural no papel e que inexiste ações concretas de valorização do ofício. Essa questão também foi mencionada pela moradora do bairro Goiabeiras Velha/Vitória, Jamilda Alves Rodrigues Bento. Jamilda criticou a ação do Iphan no decorrer dos dez anos do registro do ofício e destacou que as paneleiras vivem sem apoio e com dificuldades de manter o ofício mediante as carências socioeconômicas.

Por fim, apesar de nossa apresentação durante as reuniões e a explicação rotineira dos objetivos da pesquisa durante as conversas, era comum que os informantes demonstrassem interesse em algum benefício. Muitos acreditavam que nossa pesquisa poderia ser parte de um trabalho que traria algum tipo recurso para a realização dos festejos e manutenção dos grupos. Com isso, procurou-se dirimir tais expectativas reiterando se tratar de estudo preliminar acerca dos grupos, cujos benefícios poderiam ser mensurados pelo conhecimento produzido acerca da realidade local, o que em momento subsequente poderia vir a subsidiar o desenvolvimento de

¹⁶ Na exposição do projeto de pesquisa para os detentores, foram informados os órgãos públicos envolvidos, sua e a empresa contratada para realização da 1ª etapa. Foi explicado o objetivo da pesquisa com as bandas de congo e o ticumbi, citando outros exemplos de bens culturais brasileiros estudados pelo Iphan, culminando em seu registro como patrimônio cultural brasileiro. Salientou-se que a pesquisa será realizada em longo prazo, obedecendo três etapas, e que o trabalho será feito de forma coletiva, com o órgão público e os detentores da manifestação cultural religiosa.

políticas públicas na área do patrimônio cultural, muito embora se tratasse de possibilidade e não de promessa.

2.4. Preenchimento dos Anexos/Fichas do INRC

Todas as referências documentais identificadas e relacionadas às bandas de congo, ao ticumbi e às regiões que possuem o bem cultural foram listadas no Anexo 1 – Bibliografia.

No Anexo 2 – Registro Audiovisuais – elencamos todos os vídeos, áudios e fotografias detectadas durante a pesquisa documental. Também relacionamos todas as fotos tiradas em campo, como os marcos edificadas, as imagens sacras, os instrumentos musicais e as festividades supracitadas.

Nos Anexos 3 – Bens Culturais Inventariados – listamos as celebrações promovidas pelas bandas de congo, pelos ticumbis ou as associadas aos grupos; as edificações apropriadas durante os ritos; os grupos-alvo desta pesquisa, os atuantes, em memória e sem atuação, assim como outros grupos que participam das festas promovidas pelas bandas de congo ou ticumbi, como corais guaranis¹⁷ e jongos¹⁸; as produções de tambor (congo) e casaca na categoria ofícios e modos de fazer. Convém destacar que para cada localidade identificada/criada foi preenchido um Anexo 3¹⁹.

Nos Anexos 4 – Contatos – enumeramos os contatos de todos os detentores que foram inquiridos durante a pesquisa de campo, assim como os das associações das bandas de congo identificadas em Serra, Fundão e Cariacica.

As Fichas de Localidades foram preenchidas considerando os dados das regiões/comunidades/bairros que possuem bandas de congo e não dos municípios. Já a Ficha de Sítio foi concebida a partir de uma rede de localidades reconhecidas pelos atores sociais (congueiros) que anualmente transitam pela região durante as festas dos mastros ou reconhecem a existência de bandas de congo nas localidades pesquisadas.

¹⁷ Em Aracruz identificamos quatro grupos associados aos festejos das bandas de congo. Esses grupos participam das festas promovidas anualmente pelas bandas de congo, sendo eles: Coral Guarani de Rio Piraqueçu, da aldeia homônima; Coral Guarani Ko'endju Retxakã, da aldeia indígena Boa Esperança; Coral Guarani de Três Palmeiras, da aldeia homônima e BloCongo de Itaparica

¹⁸ Em Conceição da Barra identificamos dois grupos de jongo, de São Benedito e de Cosme e Damião, que participam da festa do ticumbi da cidade. Em Guarapari localizamos um grupo de jongo (Tambores de São Mateus) do município de Anchieta que comparece anualmente nos festejos da fincada e da retirada do mastro da Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado.

¹⁹ As localidades são apresentadas no item 3.

3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS LEVANTADOS

3.1. As localidades e o sítio inventariado

Essa primeira etapa do Levantamento Preliminar do INRC sobre as bandas de congo e o ticumbi contemplou os 78 municípios capixabas. Desse universo, 61 municípios não possuem bandas de congo, 16 municípios possuem e 1 município possui ticumbis. O Quadro III, abaixo, apresenta as quantidades e os tipos de grupos identificados nos municípios e suas respectivas macrorregiões²⁰.

Quadro III – Quantidades e tipos de grupos identificados nos municípios pesquisados e suas respectivas macrorregiões

Município	Macrorregião	Quantidades de grupos identificados ²¹	Tipo de grupo
Aracruz	Central	8	Banda de congo
Colatina	Central	2	Banda de congo
Governador Lindenberg	Central	1	Banda de congo
Ibiraçu	Central	4	Banda de congo
João Neiva	Central	2	Banda de congo
Linhares	Central	4	Banda de congo
São Domingos do Norte	Central	1	Banda de congo
Cariacica	Metropolitana	7	Banda de congo
Fundão	Metropolitana	5	Banda de congo
Guarapari	Metropolitana	5	Banda de congo
Santa Leopoldina	Metropolitana	1	Banda de congo
Santa Teresa	Metropolitana	1	Banda de congo
Serra	Metropolitana	21	Banda de congo
Viana	Metropolitana	3	Banda de congo
Vila Velha	Metropolitana	4	Banda de congo
Vitória	Metropolitana	4	Banda de congo
Conceição da Barra	Norte	4	Ticumbi
Alfredo Chaves	Sul	1	Jongo
Anchieta	Sul	2	Jongo

Fonte: Dados da pesquisa

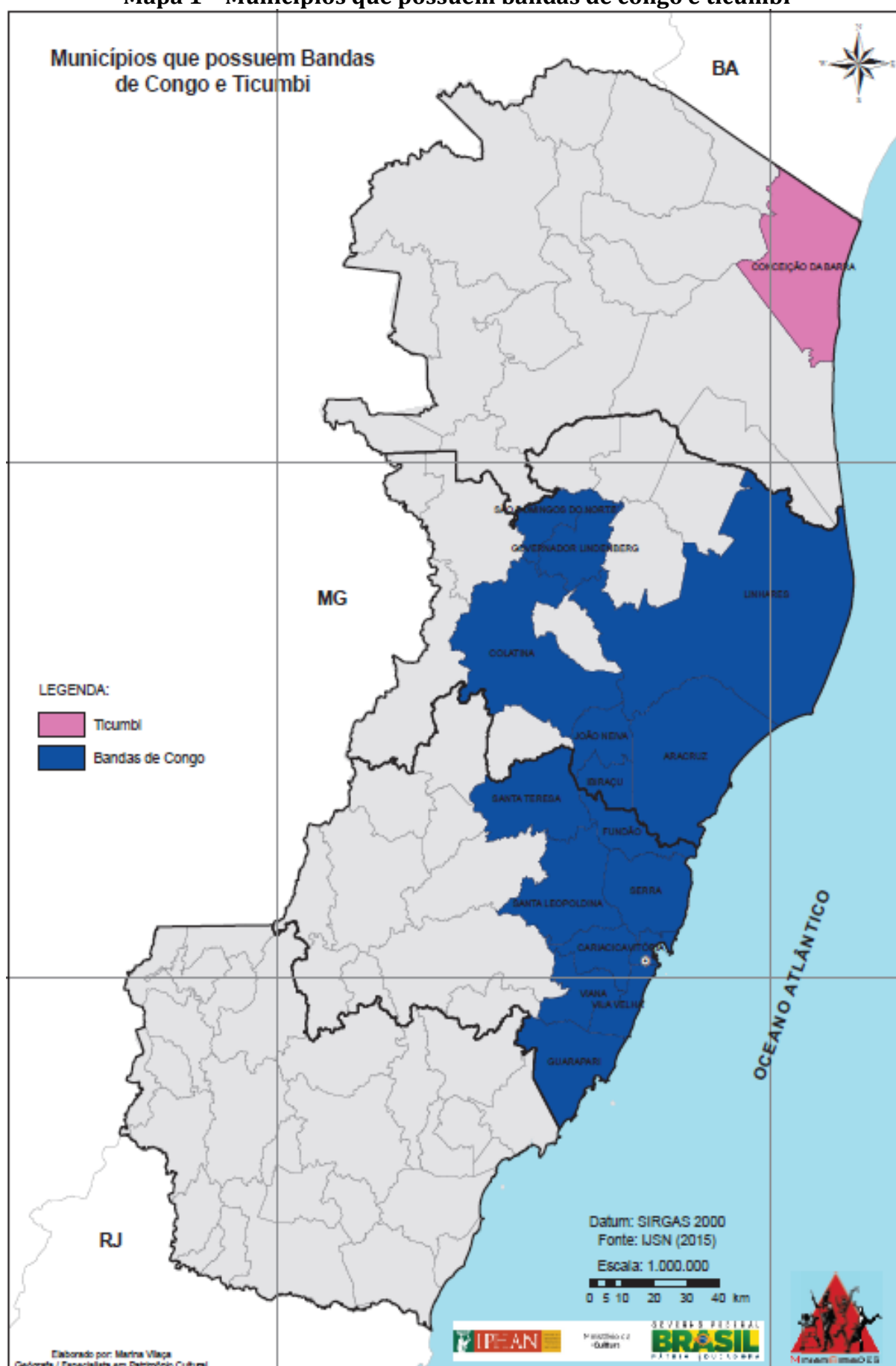
²⁰ O estado do Espírito Santo está dividido administrativamente em 4 macrorregiões: Metropolitana, Norte, Central e Sul. As macrorregiões, segundo o Governo do Estado do Espírito Santo, foram construídas com o fim de promover uma atuação regionalizada de modo a estimular a participação social na definição das diretrizes e políticas públicas regionais, entre outros aspectos (Lei Nº 9.768/2011). O Anexo VI mostra o mapa do estado do Espírito Santo com suas respectivas macrorregiões de planejamento.

²¹ Neste Quadro contabilizamos todos os grupos sem distinção de sua condição atual, isto é, grupos atuantes, em memória ou sem atuação.

Como pode ser verificado no Quadro III, sete municípios que possuem bandas de congo pertencem à macrorregião Central e nove fazem parte da Metropolitana. Portanto, a territorialidade das bandas de congo é restrita a uma área cultural que abarca estritamente as regiões Central e Metropolitana. Em Conceição da Barra não há bandas de congo, assim como em Anchieta e Alfredo Chaves. No primeiro município existe o ticumbi, grupo contemplado com o projeto, e nos dois últimos as conversas com os mestres dos grupos apontaram a existência do jongo e não do congo²². O Mapa 1, a seguir, destaca os municípios capixabas que possuem bandas de congo, assim como Conceição da Barra, que possui o ticumbi.

²² Essa informação é apresentada com mais detalhe nos itens 4.12 e 4.13.

Mapa 1 – Municípios que possuem bandas de congo e ticumbi



O Mapa 1 representa a delimitação da área inventariada. Essa área foi considerada pelo critério temático, isto é, região onde se encontram disseminadas as bandas de congo (Central e Metropolitana) e o ticumbi (Norte). O sítio “Região das bandas de congo no Espírito Santo” corresponde à territorialidade dos municípios de Aracruz, Colatina, Governador Lindenberg, João Neiva, Linhares, São Domingos do Norte, Fundão, Ibirapu, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Cariacica, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória e a “Região dos ticumbis no Espírito Santo” corresponde ao município de Conceição da Barra.

Em campo, foi possível identificar especificamente as regiões dos municípios que possuem bandas de congo. Portanto, em cada município que possui bandas de congo delimitamos uma localidade considerando a existência da banda de congo ou do festejo. O Quadro IV, abaixo, mostra o conjunto de localidades do sítio inventariado.

Quadro IV – Conjunto de localidades do sítio inventariado

Localidade	Divisão administrativa (município)	Macrorregião	Sítio
Vila do Riacho/ Itaparica/aldeias indígenas Caieiras Velha; Areal; Irajá	Aracruz	Central	Região das bandas de congo no Espírito Santo
Paul de Graça Aranha	Colatina	Central	
Novo Brasil	Governador Lindenberg	Central	
Bairro Cruzeiro/Distrito de Acioli	João Neiva	Central	
Regência/Povoação/Pedrolândia	Linhares	Central	
Comunidade de São Benedito do distrito de Córrego Dumer	São Domingos do Norte	Central	
Distritos sede/Timbuí	Fundão	Metropolitana	
São Cristóvão/Piabas/São Pedro	Ibirapu	Central	
Comunidade Quilombola Retiro	Santa Leopoldina	Metropolitana	
Vila 25 de Julho	Santa Teresa	Metropolitana	
Roda-d'Água	Cariacica	Metropolitana	
Alto Rio Calçado/ Rio Claro	Guarapari	Metropolitana	
Sede/Nova Almeida/Campinho da Serra II/ Jacaraípe/Pitanga/Bicanga/Manguinhos	Serra	Metropolitana	
Sede/ Araçatiba/ Piapitangui	Viana	Metropolitana	
Barra do Jucu	Vila Velha	Metropolitana	
Fonte Grande/ Goiabeiras/ Santa Martha	Vitória	Metropolitana	

Localidade	Divisão administrativa (município)	Macrorregião	Sítio
Distrito sede/ Vila de Itaúnas	Conceição da Barra	Norte	Região dos ticumbis no Espírito Santo

Fonte: Dados da pesquisa

Portanto, o sítio pode ser pensado como uma rede de localidades reconhecida pelos atores sociais (congueiros), que anualmente transitam nesses espaços nos momentos das festas dos mastros ou reconhecem a existência das bandas de congo na região.

3.2. Bandas de congo

Identificamos 73 bandas de congo. Desse universo, 60 são atuantes, 6 estão na condição de memória e 7 bandas de congo estão na categoria de sem atuação²³. Sem atuação significa que o grupo ainda possui mestre, capitão ou coordenador, assim como os instrumentos musicais, mas não consegue agregar um número suficiente de pessoas para formar a banda de congo. O **Quadro V**, a seguir, apresenta os nomes das bandas de congo identificadas, assim como a condição atual de cada grupo.

²³ O Anexo VII apresenta o Mapa 3 – Quantidade de bandas de congo e de ticumbi por municípios capixabas.

Quadro V – Bandas de congo identificadas e condição atual de cada uma

Município	Quant. de grupos identificados	Nome da banda de congo	Lugar (distrito, bairro, aldeia, ou comunidade)	Condição atual		
				Vigente	Memória	Sem atuação
Aracruz	8	Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho	Bairro Vila do Riacho	X		
		Banda de Congo São Benedito de Itaparica	Itaparica	X		
		Tambores Fortes Tupinikim ou Congo Tupinikim	Aldeia indígena Caieiras Velha	X		
		Guararatá Tambores Fortes	Aldeia indígena Irajá	X		
		Banda de Congo da aldeia indígena Areal	Aldeia indígena Areal	X		
		Banda de Congo São Benedito de Biriricas	Biriricas		X	
		Banda de Congo São Sebastião de Santa Rosa	Santa Rosa		X	
		Banda Curumim de Caieiras Velha (Congo Mirim)	Aldeia indígena Caieiras Velha	X		
Colatina	2	Banda de Congo de São Benedito Paul de Graça Aranha	Comunidade rural Paul de Graça Aranha	X		
		Banda de Congo e Tambor de São Benedito de Colatina Velha	Colatina Velha			X
Governador Lindenberg	1	Banda de Congo de Novo Brasil	Distrito Novo Brasil	X		
João Neiva	2	Banda de Congo João Neiva	Bairro Cruzeiro	X		
		Banda de Congo São Benedito	Distrito de Acioli	X		
Linhares	4	Banda de Congo de São Benedito de Regência	Distrito de Regência	X		
		Banda de Congo São Benedito de Povoação	Distrito de Povoação	X		
		Banda de Congo Mirim São Benedito de Povoação	Distrito de Povoação	X		
		Congo de Pedrolândia	Pedrolândia	X		
São Domingos do Norte	1	Banda de Congo de São Benedito	Comunidade rural São Benedito do distrito de Córrego Dumer	X		

Município	Quant. de grupos identificados	Nome da banda de congo	Lugar (distrito, bairro, aldeia, ou Comunidade)	Condição atual		
				Vigente	Memória	Sem atuação
Ibiraçu	4	Banda de Congo São Benedito do bairro São Cristóvão	Bairro São Cristóvão	X		
		Banda de Congo Piabas e Irundi	Comunidade rural Piabas	X		
		Banda de Congo de São Pedro de Ibiraçu	Comunidade Quilombola São Pedro	X		
		Banda de Congo de Boa Vista	Bairro Boa Vista			X
Santa Leopoldina	1	Banda de Congo Unidos do Retiro	Comunidade Quilombola Retiro	X		
Santa Teresa	1	Banda de Congo 25 de Julho/São Miguel	Vila 25 de Julho	X		
Viana	3	Banda de Congo Mãe Petronilha	Comunidade Quilombola Araçatiba	X		
		Banda de Congo da Comunidade de Piapitangui de São Benedito	Comunidade rural Piapitangui	X		
		Banda de Congo Vianense	Distrito sede	X		
Vila Velha	4	Banda de Congo da Barra do Jucu (Banda de Congo Mestre Honório)	Barra do Jucu	X		
		Banda de Congo Mestre Alcides	Barra do Jucu	X		
		Banda de Congo Tambor Jacarenema	Barra do Jucu	X		
		Banda de Congo São Benedito da Glória	Bairro Glória		X	
Cariacica	7	Banda de Congo Mestre Tagibe	Roda-d'Água	X		
		Banda de Congo São Benedito de Boa Vista	Comunidade rural Boa Vista	X		
		Banda de Congo de Santa Isabel	Roda-d'Água	X		
		Banda de Congo Unidos de Boa Vista	Comunidade rural Boa Vista	X		
		Banda de Congo São Sebastião de Taquaraçu	Comunidade rural Taquaraçu	X		
		Banda de Congo São Benedito de Piranema	Comun. rural Piranema	X		
		Banda de Congo Mirim do Mestre Tagibe	Roda-d'Água	X		

Município	Quant. de grupos identificados	Nome da banda de congo	Lugar (distrito, bairro, aldeia ou comunidade)	Condição atual		
				Vigente	Memória	Sem atuação
Vitória	4	Banda de Congo Vira Mundo	Bairro Fonte Grande	X		
		Banda de Congo Panela de Barro	Bairro Goiabeiras	X		
		Banda de Congo Mirim Panela de Barro	Bairro Goiabeiras			X
		Banda de Congo Amores da Lua	Bairro Santa Martha	X		
Fundão	5	Banda de Congo Bandeira I	Distrito de Timbuí	X		
		Banda de Congo Cultural Con-Fogo	Distrito sede	X		
		Banda de Congo São Benedito e São Sebastião	Distrito Sede	X		
		Banda de Congo Santa Clara Estrela Guia	Distrito sede	X		
		Banda de Congo Mirim de São Benedito	Distrito de Timbuí	X		
Guarapari	5	Banda de Congo Alto Rio Calçado	Comunidade rural Alto Rio Calçado	X		
		Banda de Congo São Benedito de Rio Claro	Comunidade rural Rio Claro	X		
		Banda de Congo da Comunidade São Benedito	Bairro Vargem Nova			X
		Banda de Congo de São Benedito	Meáípe/Taquara do Reino		X	
		Banda de Congo Perocão	Bairro Perocão			X

Município	Quant. de grupos identificados	Nome da banda de congo	Lugar (distrito, bairro, aldeia ou comunidade)	Condição atual		
				Vigente	Memória	Sem atuação
Serra	21	Congo Folclórico São Bendito	Distrito sede	X		
		Banda de Congo São Benedito e São Sebastião	Nova Almeida	X		
		Banda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário	Pitanga	X		
		Banda de Congo São Benedito	Santiago	X		
		Banda de Congo Konschaça	Distrito sede	X		
		Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição	Jacaraípe	X		
		Banda de Congo Santo Expedito	Distrito sede	X		
		Banda de Congo São Benedito	Campinho da Serra II	X		
		Banda de Congo Cultura Congo	Bicanga	X		
		Congo Jovem de Manguinhos	Manguinhos	X		
		Banda de Congo Mirim São Benedito e Santo Antônio de Pádua	Distrito sede	X		
		Banda de Congo Mirim São Benedito e Nossa Senhora da Conceição	Campinho da Serra II	X		
		Banda de Congo Mirim Nossa Senhora do Rosário	Pitanga	X		
		Banda de Congo Mirim São Benedito	Santiago	X		
		Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua	Bicanga	X		
		Banda de Congo Mirim Sant'Ana (Manguinhos)	Manguinhos	X		
		Banda de Congo Mirim Konschacinha de Santo Antônio	Distrito sede	X		
		Banda de Congo São José	Distrito sede		X	
		Banda de Congo Nossa Senhora Aparecida	Bicanga		X	
		Banda de Congo Mirim União Jovens dos Reis Magos;	Nova Almeida			X
		Banda de Congo Mirim de São Pedro	Jacaraípe			X
Totais	73 grupos			60	6	7

Fonte: Dados da pesquisa

Considerando as informações apresentadas no Quadro V, verifica-se que as bandas de congo estão presentes tanto nas áreas urbanas dos municípios pesquisados quanto nas rurais. Outro dado importante a ser destacado é que grande parte das referências documentais indica uma proliferação de bandas de congo mirim. Entretanto, com o campo, foi possível perceber que as bandas de congo mirim são inexistentes em alguns municípios. Os inquiridos apontaram os seguintes empecilhos para se manter uma banda de congo mirim:

“Nem sempre os pais podem acompanhar seus filhos nas festas”; “a responsabilidade de sair com filhos dos outros é grande”; “em alguns festejos fica difícil levar o congo mirim”; “as bandas de congo mirim precisam de um coordenador, alguém que acompanha o trabalho de perto”.

Com relação às colunas “memória” e “sem atuação”, elas significam que a banda de congo classificada na condição de memória tem poucas possibilidades de atuar de novo, uma vez que ela existe apenas nas lembranças dos inquiridos. Por outro lado, a banda de congo relacionada “sem atuação” indica que o grupo, possivelmente, detém potencialidades para atuar novamente. O Quadro VI, abaixo, apresenta especificamente as bandas de congo que se encontram “sem atuação”.

Quadro VI – Bandas de congo identificadas na condição de sem atuação

Município	Macrorregião	Nome da banda de congo	Localidade	Motivos de sua não atuação
Colatina	Central	Banda de Congo e Tambor de São Benedito de Colatina Velha	Colatina Velha	A banda de congo atuou até o ano de 2010, quando por motivo de saúde o mestre teve que se afastar por algum tempo e depois disso não conseguiu reunir pessoas suficientes para formar o grupo.
Ibiraçu	Central	Banda de Congo de Boa Vista	Boa Vista	A banda de congo não atua desde 2005. Um mestre mudou do município de Ibiraçu e o outro é alcoólatra. Diante disso, o capitão José Luis encontra dificuldades de reunir os integrantes para tocar.
Guarapari	Metropolitana	Banda de Congo da Comunidade São Benedito/do Trevo do Bairro Vargem Nova	Vargem Nova	A banda de congo não atua desde 2013 devido à ausência de brincador de congo. O mestre da banda afirmou que encontra muita dificuldade de mobilizar pessoas da comunidade para participar como brincador de congo e realizar as festas: fincada e arrancada do mastro de São Benedito.
		Banda de Congo Perocão	Perocão	A banda de congo foi retomada em 2002 e atuou até o ano de 2005. A grande dificuldade encontrada para reerguer a banda de congo é organizar o pessoal para tocar e também conseguir um local para ensaiar e guardar os instrumentos.
Serra	Metropolitana	Banda de Congo Mirim União Jovens do Reis Magos	Nova Almeida	A banda de congo mirim não atua desde 2013 por falta de coordenador.
		Banda de Congo Mirim de São Pedro	Jacaraípe	A banda de congo mirim não atua desde 2012 por falta de um espaço adequado para trabalhar com as crianças.
Vitória	Metropolitana	Banda de Congo Mirim Panela de Barro	Goiabeiras Velha	A banda de congo não atua desde 2013. As dificuldades encontradas são: rotatividade constante das crianças, pois à medida que crescem muitas delas largam o congo, além disso, é necessário bastante tempo de dedicação por parte do coordenador.

Fonte: Dados da pesquisa

3.3. Festejos

Identificamos 75 festas associadas às bandas de congo e 4 aos grupos de ticumbi²⁴. O mês de dezembro é o período em que acontecem celebrações em todos os municípios, exceto em Ibiraçu e Cariacica²⁵. Neste mês as festas são denominadas de cortadas, puxadas e fincadas do mastro de São Benedito, e nos outros meses ocorrem às chamadas festas das retiradas, arrancadas ou derrubadas do mastro. Essas últimas são realizadas de acordo com a devoção das bandas de congo com outros santos católicos, com São Sebastião, Santa Luzia, Santa Catarina, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Penha, entre outros.

Há também festividades que não são organizadas pelos congueiros, mas as bandas de congo são convidadas para participar, principalmente aquelas realizadas em homenagens aos santos padroeiros das cidades e das comunidades rurais. Além disso, há dois festejos que foram citados e são visitados por muitas das bandas de congo: a festa do Caboclo Bernardo²⁶ em Regência/Linhares, realizada no mês de junho, e a da padroeira do estado, festa da Penha, sucedida oito dias após a Páscoa no Convento da Penha, em Vila Velha.

Outra celebração citada pelas bandas de congo como destino de participação, que não foi quantificada neste trabalho, é a de São Benedito, realizada em Aparecida do Norte/SP. Essa festa reúne grupos de congos e de congadas/congados de estados brasileiros que possuem a manifestação.

As festas promovidas exclusivamente pelos grupos de ticumbi acontecem em janeiro, agosto e dezembro. Os ticumbis não têm a tradição da fincada e da retirada do mastro, exceto o ticumbi de Itaúnas Velha, que realiza a “enterrada do mastro de São Sebastião” no adro da igreja homônima, por ser este santo padroeiro da localidade. O Quadro VII, a seguir, exhibe os dados quantificados dos festejos.

²⁴ O Anexo VIII mostra o Mapa 4 – Quantidade de festejos relacionados às bandas de congo e aos ticumbis por municípios capixabas.

²⁵ Em Ibiraçu as bandas de congo comemoram o dia de São Benedito nos meses de maio e outubro.

²⁶ Bernardo José dos Santos, Caboclo Bernardo, índio nativo da vila de Regência, pescador que, em 1887, salvou do naufrágio 128 marinheiros do Cruzador Imperial Marinheiro, da Marinha Imperial do Brasil.

Quadro VII – Quantidade de festas por municípios e meses de ocorrência dos festejos associados às bandas de congo e/ou ticumbi

			Dias/Meses de ocorrência dos festejos											
MUNICÍPIO	MACRORREGIÃO	Quant. de festas	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Aracruz	Central	6	-	-	-	19	-	29	26	-	-	-	-	13 e 28
Colatina	Central	2	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26
Governador Lindenberg	Central	2	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26
João Neiva	Central	2	-	-	-	-	-	-	DI ²⁷	DI	-	-	30	-
Linhares	Central	6	20	3	-	-	-	3 a 7	4	-	-	-	-	27
São Domingos do Norte	Central	3	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	DI	21
Ibiraçu	Central	5	-	7	-	Primeiro fim de semana depois da Páscoa	DI	-	-	-	-	05	-	-
Fundão	Metropolitana	4	1 e 20	-	-	DI	-	-	-	-	-	-	-	8, 30 e 31
Santa Teresa	Metropolitana	2	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25 e 26
Santa Leopoldina	Metropolitana	2	DI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26
Cariacica	Metropolitana	1	-	-	-	Oito dias após a Páscoa	-	-	-	-	-	-	-	-
Guarapari	Metropolitana	5	6	8	-	-	-	-	-	-	-	DI	DI	26
Serra	Metropolitana	15	19, 20 e 30	DI	-	Domingo de Páscoa	-	19	-	31	-	Último fim de semana do mês	-	Segundo domingo de dezembro e dias 25 e 26
Viana	Metropolitana	6	DI	DI	-	-	-	-	-	-	-	DI	-	DI

²⁷ Data indeterminada.

			Dias/Meses de ocorrência dos festejos											
MUNICÍPIO	MACRORREGIÃO	Quant. de festas	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Vila Velha	Metropolitana	9	20/25	-	-	Sábado de Aleluia e oito dias após a Páscoa	-	-	-	-	-	-	-	Último domingo do mês
Vitória	Metropolitana	5	-	-	-	Domingo de Páscoa	-	-	-	-	-	-	-	8, 24 a 27
Conceição da Barra	Norte	4	1, 15, 16, 17, 20	-	-	-	-	-	-	11	-	-	-	30 e 31
Anchieta	Sul	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alfredo Chaves	Sul	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total		79												

Fonte: Dados da pesquisa

É recorrente entre as bandas de congo visitar festejos organizados por grupos do mesmo município ou não. Entretanto, a lógica das visitas está sujeita à capacidade de o grupo organizador da festa ter condições financeiras de custear o transporte dos convidados. Algumas bandas de congo recebem apoio financeiro do poder público municipal para o gasto com o transporte; outras, por não possuírem esse auxílio, não recebem visitantes, mas não deixam de comparecer em algum festejo quando são convidadas, como são os casos das Bandas de Congo Amores da Lua e Panela de Barro de Vitória. O Quadro VIII, a seguir, apresenta os municípios e grupos visitados e os visitantes. Convém destacar que o Quadro foi construído com o fim de apresentar provisoriamente as dinâmicas das visitas entre as bandas de congo. Portanto, não se trata de um dado inquestionável e com impossibilidades de alterações e acréscimos. O objetivo principal é de afirmar que as redes entre as bandas de congo existem e não devem ser negligenciadas nas outras etapas do INRC, uma vez que os grupos sempre lamentam a falta de recursos financeiros para convidar as bandas de congo para a sua festa.

Quadro VIII – Municípios e grupos visitados e os visitantes

Município/localidade visitada	Grupo visitado	Municípios/localidades visitantes	Grupos visitantes
Aracruz – Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário ²⁸	Linhares/Regência	BC São Benedito de Regência
		Aracruz/Caieiras Velhas	BC Tupinikim
		Aracruz/Itaparica	BC São Benedito de Itaparica
Aracruz – Itaparica	BC São Benedito de Itaparica	Linhares/Regência	BC São Benedito de Regência
		Vitória/Santa Martha	BC Amores da Lua
		Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
Aracruz – Caieiras Velhas	BC Tupinikim	Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
Colatina – Paul de Graça Aranha	BC São Benedito Paul Graça Aranha	Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
		João Neiva/Acioli	BC São Benedito de Acioli
Ibiraçu/São Cristóvão	BC São Benedito do bairro São Cristóvão	Ibiraçu/Piabas	BC Piabas e Irundi
		Ibiraçu/São Pedro	BC São Pedro
Ibiraçu/São Pedro	BC São Pedro	Ibiraçu/Piabas	BC Piabas e Irundi
Ibiraçu/Piabas	BC Piabas e Irundi	Ibiraçu/São Pedro	BC São Pedro
		Fundão/Timbuí	BC Bandeira I de Timbuí
		Ibiraçu/São Cristóvão	BC São Benedito do bairro São Cristóvão

²⁸ BC é o mesmo que banda de congo.

Município/localidade visitada	Grupo visitado	Municípios/localidades visitantes	Grupos visitantes
João Neiva – Acioli	BC São Benedito de Acioli	Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
		João Neiva/Sede	BC São Benedito de João Neiva
		Linhares/Regência	BC São Benedito de Regência
		Colatina – Paul de Graça Aranha	BC São Benedito Paul Graça Aranha
Linhares – Povoação	BC São Benedito de Povoação	João Neiva/Sede	BC São Benedito de João Neiva
Fundão – Distrito sede	ABC-Fundão ²⁹	Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
		Aracruz/ Caieiras Velhas	BC Tupinikim
		Ibiraçu/Piabas	BC Piabas e Irundi
		Serra/Santiago	BC São Benedito de Santiago
		Serra/Sede	BC Konschaça
		Serra/Sede	BC Santo Expedito
		Vitória/Santa Martha	BC Amores da Lua
		Fundão/Timbuí	BC Bandeira I de Timbuí
		Fundão/Timbuí	BC Mirim de São Benedito de Timbuí
		Cariacica/Boa Vista	BC São Benedito de Boa Vista

²⁹ A festa da Fincada do Mastro de São Benedito e São Sebastião do distrito sede de Fundão é organizada pela Associação das Bandas de Congo de Fundão.

Município/localidade visitada	Grupo visitado	Municípios/localidades visitantes	Grupos visitantes
Fundão/Timbuí	BC Bandeira I de Timbuí	Vila do Riacho/Aracruz	BC São Benedito do Rosário
		Vitória/Santa Martha	BC Amores da Lua
		Vitória/Goiabeiras Velha	BC Panela de Barro
		João Neiva/Acioli	BC São Benedito de Acioli
		Ibiraçu/Piabas	BC Piabas e Irundi
		Cariacica/Boa Vista	BC São Benedito de Boa Vista
		Cariacica/ Roda-d'Água	BC Mestre Tagibe
Cariacica/Roda-d'Água	Todas as bandas de congo	Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
		Fundão/Sede	BC São Benedito e São Sebastião
		Vitória/Santa Martha	BC Amores da Lua
		Vila Velha/Barra do Jucu	BC Tambor Jacarenema
		Serra	Um grupo de congueiros é formado para visitar a festa ³⁰
Guarapari/Alto Rio Calçado	BC de São Benedito de Alto Rio Calçado	Anchieta/São Mateus	Grupo de Jongo Tambor São Mateus
Guarapari/Rio Claro	BC São Benedito de Rio Claro	Viana/Araçatiba	BC Mãe Petronilha
Serra – Distrito sede	ABC-Serra	Vila do Riacho/Aracruz	BC São Benedito do Rosário
		Ibiraçu/Piabas	BC Piabas e Irundi
		Cariacica/Boa Vista	BC São Benedito de Boa Vista

³⁰ A Associação das Bandas de Congo da Serra forma um grupo com os congueiros do município e esse grupo representa Serra no festejo.

Município/localidade visitado	Grupo visitado	Municípios/localidades visitantes	Grupos visitantes
Serra/Nova Almeida	BC de São Benedito e São Sebastião	Aracruz/Itaparica	BC São Benedito de Itaparica
		Vitória/Santa Martha	BC Amores da Lua
		Vitória/Goiabeiras Velha	BC Panela de Barro
Viana/Araçatiba	BC Mãe Petronilha	Guarapari/Rio Claro	BC São Benedito de Rio Claro
Governador Lindenberg	Não recebe e também não visita	----	----
São Domingos do Norte	Não recebe e também não visita	----	----
Santa Leopoldina	Não recebe e também não visita	----	----
Santa Teresa	Não recebe e também não visita	----	----
Vila Velha	Não recebe visita	----	----
Vitória	Não recebe visita	----	----
Grupos que geralmente comparecem à festa de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha			
Município/localidade visitante		Nome do grupo visitante	
Aracruz/Vila do Riacho		BC São Benedito do Rosário	
Linhares/Regência		BC São Benedito de Regência	
João Neiva/Acioli		BC São Benedito de Acioli	
Vitória/Santa Martha		BC Amores da Lua	
Vila Velha/Barra do Jucu		BC Barra do Jucu	
Vila Velha/Barra do Jucu		BC Tambor Jacarenema	
Serra		Um grupo de congueiros é formado para visitar a festa	

Grupos que geralmente comparecem à festa do Caboclo Bernardo em Regência/Linhares	
Município/localidade visitante	Nome do grupo visitante
Aracruz/Vila do Riacho	BC São Benedito do Rosário
Aracruz/ Caieiras Velhas	BC Tupinikim
Aracruz/Itaparica	BC São Benedito de Itaparica
João Neiva/Acioli	BC São Benedito de Acioli
João Neiva/Sede	BC São Benedito de João Neiva
Fundão/Sede	BC São Benedito e São Sebastião
Cariacica/Boa Vista	BC São Benedito de Boa Vista
Vitória/Goiabeiras Velha	BC Panela de Barro
Linhares/Povoação	BC São Benedito de Povoação
Serra	Um grupo de congueiros é formado para visitar a festa

Fonte: Dados da pesquisa

3.4. Edificações e lugares

As edificações são aqui concebidas como associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que existem de certos lugares. Essas representações as tornam bens de interesse diferenciado para determinado grupo social, muitas vezes de modo independente de sua qualidade arquitetônica ou artística (Iphan, 2000).

Identificamos 48 (quarenta e oito) edificações associadas às bandas de congo ou ao ticumbi, sendo 39 (trinta e nove) igrejas/capelas, 2 (dois) galpões, 1 (um) centro espírita, 3 (três) casas do congo, 2 (duas) sedes de associação das bandas de congo, 1 (um) chafariz e 2 (dois) lugares, Convento da Penha e Praia do Barrão (Morro da Concha) na Barra do Jucu, onde a Banda de Congo Mestre Alcides realiza a fincada e a retirada do mastro de São Benedito. O Quadro IX, a seguir, apresenta os tipos e os nomes das edificações e lugares associados às bandas de congo e ao ticumbi.

Quadro IX – Tipos e nomes das edificações e lugares associados às bandas de congo e ao ticumbi

Município	Macrorregião	Tipo e nome da edificação/lugar associada a banda de congo
Aracruz	Central	Igreja São Benedito do Rosário – Vila do Riacho
		Igrejas de São Benedito – Caieiras Velha
Colatina	Central	Igreja de Nossa Senhora das Graças – Paul de Graça Aranha
Conceição da Barra	Norte	Igreja de São Benedito – distrito sede
		Igreja de Nossa Senhora da Conceição – distrito sede
		Galpão de São Benedito - Comunidade rural Porto Grande
		Igreja de São Sebastião – Vila de Itaúnas
		Capela de São Benedito – Vila de Itaúnas
Governador Lindenberg	Central	Igreja Matriz de São Sebastião – distrito Novo Brasil
João Neiva	Central	Igreja de São Benedito – Bairro Cruzeiro
		Igreja Sagrada Família – distrito Acioli
Linhares	Central	Casa do Congo – Distrito de Regência
		Igreja de São Benedito – distrito de Regência
		Igreja de São Benedito – distrito de Povoação
São Domingos do Norte	Central	Igreja de São Benedito – comunidade São Benedito do distrito Córrego Dumer
Fundão	Metropolitana	Igreja Matriz São José – distrito sede
		Igreja Nossa Senhora da Penha – distrito Timbuí
		Capela Santo Antônio – distrito sede

Município	Macrorregião	Tipo e nome da edificação/lugar associada a banda de congo
Ibiraçu	Central	Igreja de São Benedito – bairro São Cristóvão
		Capela Imaculada Conceição – comunidade rural Piabas
		Capela São Pedro – comunidade quilombola São Pedro
Santa Leopoldina	Metropolitana	Capela São Judas Tadeu – comunidade quilombola Retiro
Santa Teresa	Metropolitana	Igreja de São Miguel Arcanjo – Vila 25 de Julho
Cariacica	Metropolitana	Sede da Banda de Congo Santa Izabel – Roda-d'Água
Guarapari	Metropolitana	Igreja Sagrado Coração de Jesus – comunidade rural Alto Rio Calçado
		Igreja São Francisco de Assis – comunidade rural Rio Claro
Serra	Metropolitana	Sede da Associação das Bandas de Congo da Serra – distrito sede
		Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – distrito sede
		Igreja Santo Antônio de Bicanga – Bicanga
		Igreja de Sant'Ana – Manguinhos
		Casa do Congo em Santiago – Santiago
		Igreja de São Benedito – Santiago
		Igreja Reis Magos – Nova Almeida ³¹
		Casa do Congo Mestre São Domingos – Pitanga
		Igreja Nossa Senhora do Rosário – Pitanga
		Igreja São José do Queimado – Igreja do Queimado – Queimado
		Igreja de São Pedro – Jacaraípe
Viana	Metropolitana	Igreja Nossa Senhora da Ajuda – Araçatiba ³²
		Galpão (Icoreto) – Araçatiba
		Igreja de São Sebastião – Piapitangui
		Igreja de Nossa Senhora Conceição – distrito sede
Vila Velha	Metropolitana	Igreja de Nossa Senhora da Glória – Barra do Jucu
		Igreja São Pedro – Barra do Jucu
		Convento da Penha – Prainha (Edificação e Lugar)
		Praia do Barrão (Morro da Concha) – Barra do Jucu (Lugar)
Vitória	Metropolitana	Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Centro ³³
		Chafariz da Fonte Grande – Morro Fonte Grande
		Igreja Cristo Redentor – Bairro República
		Centro Espírita Nossa Senhora dos Navegantes – Goiabeiras Velha
		Igreja de São Benedito – bairro Santa Martha

Fonte: Dados da pesquisa

³¹ Edificação tombada pelo Iphan em 1943.

³² Edificação tombada pelo Iphan em 1950

³³ Edificação tombada pelo Iphan em 1946

As igrejas e as capelas são apropriadas pelas bandas de congo no momento da fincada e da retirada do mastro de São Benedito. Todas as fincadas são realizadas no adro de uma igreja ou capela. Somente a Banda de Congo Mestre Alcides da Barra do Jucu/Vila Velha realiza a fincada do mastro na Praia do Barrão (Morro da Concha) por não ter um templo (adro) disponível para o rito.

Em quase todas as igrejas ou espaços apropriados pelas bandas de congo ou pelo ticumbi há uma imagem de São Benedito. As iconografias do santo divergem principalmente em relação à feição do rosto, do manto e da criança carregada no colo.



Foto 01 - Imagem de São Benedito da Capela de São Benedito da aldeia indígena Caieiras Velha/Aracruz.



Foto 02 - Imagem de São Benedito localizada no galpão homônimo da comunidade rural Porto Grande, onde o Ticumbi de Conceição da Barra ensaia.



Foto 03 - Imagem de São Benedito do mestre Ângelo Camilo do Ticumbi da Comunidade do Porto dos Tocos de Santa Clara/Conceição da Barra.



Foto 04 - Imagem de São Benedito da Igreja homônima, distrito de Regência/Linhares.

 Foto 05 - Imagem de São Benedito da Igreja homônima, bairro Cruzeiro/João Neiva.	 Foto 06 - Imagem de São Benedito da Igreja São Miguel Arcanjo, Vila 25 de Julho/Santa Teresa.
 Foto 07 - Imagem de São Benedito da Igreja São Benedito, Bairro Santa Marta/Vitória.	 Foto 08 - Imagem de São Benedito da Capela Imaculada Conceição, Comunidade rural Piabas/Ibiraçu.

As casas do congo são espaços usados para a guarda dos instrumentos musicais, onde acontecem os ensaios dos grupos e reuniões. Em algumas casas, como acontece em Regência/Linhares, nos dias de festas a comida, ou o lanche servido para os congueiros, é feita neste local.

O Centro Espírita Nossa Senhora dos Navegantes é apropriado pela Banda de Congo Panela de Barro. Nesse local acontece a tradição da escondida do mastro de São Benedito no dia anterior à fincada. No dia seguinte, os devotos e a banda buscam o mastro no local e o levam para realizar a fincada.

3.5. Ofícios: produção de tambor (congo) e casaca

Dos 16 municípios que possuem bandas de congo, 7 apresentam congueiros artesãos que fabricam tambores e/ou casacas. O Quadro X, abaixo, mostra os municípios que possuem ou não possuem produção de tambores e de casacas artesanais.

Quadro X – Municípios que possuem ou não produção artesanal de tambor (congo) ou casaca

Município	Macrorregião	Há produção de tambor		Há produção de casaca	
		Sim	Não	Sim	Não
Aracruz	Central	X		X	
Colatina	Central		X		X
Conceição da Barra	Norte		X		X
Governador Lindenberg	Central		X		X
João Neiva	Central		X		X
Linhares	Central	X		X	
São Domingos do Norte	Central		X		X
Fundão	Metropolitana		X		X
Ibiraçu	Central	X		X	
Santa Leopoldina	Metropolitana		X		X
Santa Teresa	Metropolitana		X		X
Cariacica	Metropolitana	X		X	
Guarapari	Metropolitana		X		X
Serra	Metropolitana	X		X	
Viana	Metropolitana	X			X
Vila Velha	Metropolitana	X		X	
Vitória	Metropolitana		X	X	

Fonte: Dados da pesquisa

Os tambores são produzidos com troncos ocos de árvores, com tiras de madeira ao molde de barricas de vinho e/ou com PVC, e são encourados com couro de animal ou sintético. No Espírito Santo os tambores usados pelas bandas de congo também são denominados de “congós” pelos integrantes dos grupos.

A casaca é produzida a partir de madeira e bambu. Sua forma é de um cilindro de madeira (em uma de suas extremidades se esculpe uma cabeça) escavado em uma das faces em que se prega uma lasca de bambu com talhes transversais sobre os quais se atrita uma pequena vara ou haste de pau. As casacas, segundo Neves (s/d), são

conhecidas por outros nomes, como: casaco, canzaca, canzá, ganzá, caracaxá, reque-reque e reco-reco.

Os tambores e a casacas são confeccionados pelos congueiros artesãos para os seguintes fins: suprir sua banda de congo; vender para outros grupos que não possuem indivíduos que dominam a técnica de produção; ou vender para não congueiros que admiram os instrumentos musicais.

De todas as bandas de congo capixabas, a única que possui apenas instrumentos musicais industrializados é a Banda de Congo São Benedito de Córrego Dumer, de São Domingos do Norte. Acreditamos que a falta de interação desse grupo com as outras bandas de congo capixabas proporciona tal situação.



Foto 07 - Tambores da Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho/Aracruz. Ano 2014.



Foto 08 - Instrumentos musicais da Banda de Congo São Benedito de Itaparica/Aracruz. Ano 2014.



Foto 09 - Tambores da Banda de Congo São Benedito do Bairro São Cristóvão/Ibiraçu. Ano 2015.



Foto 10 - Instrumentos musicais da Banda de Congo São Benedito de Regência/Linhares. Ano 2014.



Foto 11 - Tambores da Banda de Congo Mirim Nossa Senhora do Rosário de Pitanga/Serra. Ano 2015.



Foto 12 - Instrumentos musicais da Banda de Congo São Benedito de João Neiva. Ano 2014.



Foto 13 - Instrumentos musicais da Banda de Congo de Novo Brasil/Governador Lindenberg. Ano 2014.



Foto 14 - Instrumentos musicais da Banda de Congo São Benedito de Córrego Dumer/São Domingos do Norte. Ano 2014.



Foto 15 - Congos (tambores) da Banda de Congo Con-Fogo/Fundão. Ano 2015.



Foto 16 - Oficina do mestre Daniel Vieira dos Santos, Banda de Congo da Barra do Jucu/Vila Velha. Ano 2015.



Foto 17 - Instrumentos musicais da Banda de Congo Santo Expedito/Serra-distrito sede. Ano 2015.



Foto 18 - Tambores da Banda de Congo Mestre Tagibe/Roda-d'Água - Cariacica. Ano 2015.



Foto 19 - Instrumentos musicais da Banda de Congo Santa Izabel/Roda-d'Água-Cariacica. Ano 2015.



Foto 20 - Tambores da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião/Fundão. Ano 2015



Foto 21 - Tambores da Banda de Congo Amores da Lua/Vitória. Ano 2015



Foto 22 - Tambores da Banda de Congo 25 de Julho/São Miguel/Santa Teresa. Ano 2015

4. RELATÓRIOS DE CAMPO

Neste item, apresentamos os relatórios de campo de cada município pesquisado. As descrições priorizam as falas dos congueiros e dos integrantes dos ticumbis no que se refere às dúvidas sobre o projeto, a formação das bandas de congo e do ticumbi no estado, as narrativas do mito fundador do congo capixaba, as dificuldades em manter o grupo e de realizar anualmente os festejos, entre outros assuntos.

O primeiro relato refere-se à visita ao município de Conceição da Barra, onde identificamos os grupos de ticumbi, e em seguida exibimos as descrições das localidades que possuem bandas de congo; por fim, retratamos os dados dos municípios nos quais identificamos os grupos de jongo.

4.1. Conceição da Barra

O encontro com os representantes dos ticumbis do município Conceição da Barra aconteceu na sede da Secretaria de Cultura. O local pertenceu ao antigo Hotel Marina. Conforme o coordenador de cultura de Conceição da Barra, Natan Santana dos Santos, o lugar foi construído por escravos e já pertenceu à Maçonaria.

O agendamento da reunião, feito em Sabará/MG, foi acordado com Jonas Balbino, filho de Tertolino Balbino, mestre e rei congo do Ticumbi de Conceição da Barra.

Todos os representantes da manifestação no município compareceram à reunião.

Confirmamos, naquela ocasião, a informação que obtivemos por contato telefônico: não há banda de congo em Conceição da Barra, assim como no município vizinho, São Mateus. Neste também não há ticumbi. Outras manifestações culturais são encontradas nessa cidade, como o jongo, reis de boi e alardo.

Estiveram presentes no encontro os quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural, Rebecca Guidi, representante do Iphan/ES; Arquimino dos Santos, secretário do rei congo do Ticumbi de Conceição da Barra; Tertolino Balbino, mestre do Ticumbi de Conceição da Barra; Anízio Ribeiro, mestre do Ticumbi do Bongado de Itaúnas; João de Deus Falcão dos Santos, mestre do Ticumbi de Itaúnas Velha; Ângelo Camilo, mestre do Ticumbi Santa Clara; Antônio Conceição dos Santos, professor de ticumbi, jongo e reis de boi em escolas municipais; e

Natan Santana dos Santos, coordenador da Cultura de Conceição da Barra e secretário da Associação do Folclore local. Natan também faz parte do Ticumbi de Conceição da Barra.

Antes de conversarmos sobre o projeto de pesquisa, todos os participantes do encontro se apresentaram.

Durante a apresentação, houve um momento em que foi possível identificar um possível conflito entre mestre João de Deus e os demais mestres. O primeiro se intitulou “rei dos mestres” e tal exposição não foi compartilhada pelos demais mestres. O ticumbi do mestre João de Deus foi citado por mestre Anízio Ribeiro como um “galho” do Ticumbi do Bongado (significa que se originou dele). Porém, mestre João de Deus não teve boa recepção dessa fala.

Os mestres Ângelo Camilo e Antônio da Conceição, ao se apresentarem, se reconheceram como “galhos” do Ticumbi do Bongado.

Após a apresentação da pesquisa, mestre Ângelo Camilo elogiou o projeto e relatou que o ticumbi está muito fraco, de maneira geral. Nenhum grupo novo foi criado, informou. Disse que seria muito bom se outros componentes do ticumbi estivessem presentes na reunião para tomar parte dos objetivos de valorização proposta pela pesquisa. O mestre do TTicumbi de Santa Clara contou que há muitas pessoas na manifestação que não sabem o que estão fazendo na brincadeira, pois não têm tradição. Falou do abuso da bebida, ressaltando que ela faz parte do ticumbi, “mas tem que saber beber”.

O coordenador de cultura, Natan Santana dos Santos, informou, depois da fala de mestre Ângelo, que o órgão municipal tem tomado medidas para que o ticumbi seja registrado. Além disso, ele acredita que a manifestação não corre risco de extinção.

Posteriormente, houve a leitura do consentimento para todos os participantes, tornando clara a questão da anuência. Todos assinaram.

A próxima etapa foi a coleta de dados com todos os representantes do ticumbi.

- **O Ticumbi do Bongado do Sertão de Itaúnas**, do mestre Anízio Ribeiro, 67 anos, tem a denominação “Bongado” em função do nome de seu pai, Pedro Bongado José dos Santos, que foi mestre do ticumbi até sua morte, no final da década de 1960. Na época do pai, Anízio informa que o nome dado não era ticumbi, mas “Baile de Congo do Bongado”. O nome atual tem, aproximadamente, 24 anos.

Anízio também é violeiro no ticumbi. Aprendeu a tocar o instrumento com o pai e afirma que desde os dois anos de idade possui lembranças de seu pai no "Baile de Congo". Relatou que essa manifestação tem mais de 300 anos.

Diferente do que ocorre na atualidade, Pedro Bongado só realizava o "Baile de Congo" no sertão de Itaúnas, localidade de seu sítio.

Os ensaios do ticumbi acontecem, atualmente, conforme Anízio, em um galpão em Areia Branca, em Itaúnas. Anízio reside em Conceição da Barra.

O Ticumbi do Bongado compreende 10 componentes, mas mestre Anízio disse já ter feito o "trabalho" com 8 congos. Salaria que os componentes que não podem faltar são as figuras dos reis bamba e congo, além de seus secretários.

Anízio relatou que o ticumbi apresenta vários momentos, entre eles o "momento de guerra" entre o rei bamba e o rei congo. As embaixadas são as mensagens que os secretários levam de um rei para o outro. A "roda grande" é a última parte do ticumbi. Em seguida, o grupo sai em cortejo para algumas casas do local.

A festa do Ticumbi do Bongado acontece no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Mas, o santo padroeiro da manifestação é São Benedito. Mestre Anízio expôs que seu pai fazia festa para os dois santos, em dias diferentes. Hoje, a comemoração acontece em um dia. Na festa, a imagem de São Benedito é levada para visitar a Igreja de São Sebastião. A primeira Igreja de São Sebastião do local foi aterrada junto a outras edificações de Itaúnas Velha.

Os três ticumbis de Conceição da Barra e os reis de boi participam da festa do Bongado, assim como as bandas de congo de Vitória e o jongo e reis de boi de São Mateus.

Quando questionado sobre a relação entre os grupos de ticumbi em Conceição da Barra, mestre Anízio afirma: "Todo mundo tem que se unir, cada um na sua linha, certo ou errado, ninguém tem que afrontar o outro. Tem que ter respeito".

Os instrumentos utilizados pelo Ticumbi do Bongado são pandeiros, viola e espada. Segundo Anízio, quando não há viola, tem sanfona.

Na época de seu pai, ele era o compositor das músicas. Disse que o pai era analfabeto e ditava a letra para outra pessoa. As letras eram feitas em determinado tempo anteriormente à festa.

As músicas do Ticumbi do Bongado são criadas a cada ano, mas também são cantadas músicas dos tempos mais antigos. Mestre Anízio também compõe melodias

para o ticumbi. Além disso, já foi violeiro de outros ticumbis da região. Citou, entre eles, os grupos de mestre Terto e do mestre João.

As vestimentas do Ticumbi do Bongado são brancas: calça, bata, saiote e sapato. Mulheres também participam e usam roupa branca. Há uma roupa diferente usada para a “Chegada de Barco”.

Mestre Anízio informou que o Ticumbi do Bongado recebe apoio da Associação do Folclore de Conceição da Barra, da secretaria municipal de cultura e da prefeitura.

- Antônio Conceição Santos, junto ao mestre Anízio Ribeiro, desenvolve um projeto em escolas de Itaúnas desde 2001, ministrando aulas de ticumbi, jongo e reis de boi. Os ticumbis das escolas homenageiam São Benedito e São Sebastião.

Antônio Conceição é mestre do reis de boi e relatou que tudo que sabe sobre o ticumbi aprendeu no Bongado. Não brinca mais nesse ticumbi, mas se denomina “filho” dele.

Atualmente tem 24 alunos, distribuídos em duas escolas municipais. Os alunos têm em torno de 8 anos. Conforme Antônio Conceição, ele não consegue ensinar o ticumbi completo porque não há tempo. Em cada escola ele tem o tempo de 1h e 40m por semana.

O projeto do ticumbi nas escolas tem como objetivo ministrar o canto e a dança dessa manifestação, assim como ensinar a tocar pandeiro. A cantoria do ticumbi tem vários momentos em que uma pessoa canta e outra responde. Antônio relata que se acontece erro na cantoria, a brincadeira acaba.

De acordo com o professor, o ticumbi tem 12 partes. E para ser mestre, é necessário ter conhecimento de todas as partes da brincadeira. Nesse momento da conversa, Antônio opinou sobre a fala de mestre João de Deus no início do encontro, quando este se denominou “rei dos mestres”, dizendo que o rei dos mestres é Deus e que há componentes no ticumbi de João de Deus que aprenderam a brincadeira com ele nas escolas.

Citou, nesta ocasião, o atual coordenador de cultura de Conceição da Barra, Natan, como seu antigo aluno do ticumbi. Natan já compôs músicas para o ticumbi de mestre Ângelo Camilo.

As 12 partes do ticumbi, de acordo com Antônio Conceição, são: 1ª marcha, 2ª marcha, chiquiniqui, verso de corpo de baile, outro chiquiniqui, entrada de contraguia,

discante de contraguia, 3 versos de guerra (demandas do rei congo e do rei bamba), verso de corpo de baile, verso de ticumbi, roda grande e retirada.

Os versos são feitos na hora. Antônio Conceição expôs que há 4 alunos nas escolas que já sabem criar os versos no momento da brincadeira.

O professor pretendia levar seus alunos para a abertura de uma festa, em junho de 2015, em Itaúnas, para que eles representem ticumbi.

- O Ticumbi da Comunidade do Porto dos Tocos de Santa Clara – Comunidade Quilombola Angelim I – tem como mestre Ângelo Camilo, de 74 anos, conhecido como “Caboclinho”.

O grupo foi fundado em 2003 a partir do Ticumbi do Bongado. Ângelo Camilo formou o grupo e fez questão de relatar que não houve desentendimento com o Bongado em função de sua saída e formação de outro ticumbi.

O ticumbi de mestre Ângelo tem 18 componentes. O mestre é um dos mais velhos, mas existem outros com faixa etária entre 35 e 50 anos. Também há mais jovens. Seus dois netinhos já brincam no ticumbi, segundo mestre Ângelo.



Foto 23 - Bandeira de São Benedito do Ticumbi da Comunidade do Porto dos Tocos de Santa Clara.

Dezembro de 2014.

Foto: Rildo César Souza.

Os cargos que compõem o grupo, além do mestre são: 2 guias, 2 contraguias, 2 primeiros congos, 2 segundos congos, 2 terceiros congos, 2 quartos congos, 2 quintos congos, 2 sextos congos, 2 reis (bamba e congo) e 2 secretários, um para cada rei.

As vestimentas do grupo são roupas brancas, sapato branco e capacete dourado.

Os instrumentos usados pelo grupo são pandeiros de couro, 4 espadas e 1 viola. As músicas são criadas a cada ano e se referem a situações mais recentes. Por exemplo, um asfalto colocado na região ou outros acontecimentos relativos à gestão municipal. Mestre Ângelo conta que se o prefeito não fizer coisas boas, essa situação será encontrada nas letras do ticumbi.

A festa do ticumbi na comunidade Santa Clara ocorre em 11 de agosto, dia dessa santa que é a padroeira do grupo e da comunidade. A festa é sempre no dia 11, ainda que a data caia em dia de semana. A comunidade e o grupo de ticumbi local organizam as comemorações por meio de doações.

Ângelo Camilo relata que a festa é simples. Às 9h acontece a celebração de missa. Às 11h o ticumbi faz sua representação. Em seguida, é servido o almoço em um grupo escolar do lugar. Há projeto para a construção da Igreja de Santa Clara na comunidade, de acordo com o mestre.

Quando questionado sobre a devoção a São Benedito, Ângelo Camilo afirma que há uma imagem do santo na comunidade.

Mestre Ângelo expôs que o ticumbi é muito difícil de aprender. Existem várias danças e cantorias. Além disso, ele afirma que não é uma congada ou reis de boi, mas uma brincadeira difícil mesmo, e por isso só existe essa manifestação no norte do Espírito Santo. Quando discorreu sobre a dificuldade, informou que não é fácil aprender as músicas e que a pessoa precisa ter muita ideia e paciência para continuar no “Baile de Congo de São Benedito” (Ângelo se referiu dessa forma, neste momento, ao ticumbi).

- João de Deus Falcão dos Santos é mestre do **Ticumbi de Itaúnas Velha**. Há 50 anos, aproximadamente, foi formado o grupo, advindo da separação do Ticumbi do Bongado. Seu fundador foi Pulchério Alves dos Santos, pai do atual mestre.

Atualmente há 19 componentes, que utilizam viola, tambor, pandeiro e espada como instrumentos. As músicas são criadas de maneira espontânea.

Os cargos do ticumbi, além do mestre, segundo João de Deus são: 2 guias (responsáveis pela brincadeira), 2 contraguias (guiam a turma), 12 congos, 1 violeiro, 4

pessoas que batem as espadas e a secretária que lê o "Baile do Congo" (A única mulher do grupo é a responsável pela leitura do "Baile de Congo").

As roupas do ticumbi de mestre João de Deus são brancas, calça e blusa. No dia da “chegada”, usa-se a calça azul.

O Ticumbi de Itaúnas Velha tem como padroeiro São Benedito. A festa feita por esse grupo é organizada pelo festeiro e pelos integrantes do ticumbi. O festeiro oferece fogos e almoço. Ele faz isso por simpatia à festa ou por devoção.

O ensaio geral da festa ocorre no dia 15 de janeiro. A chegada à ponte de Itaúnas acontece no dia posterior, 16. A chegada é feita através de uma canoa que segue pelo rio de Itaúnas. Às 17h desse dia ocorre a enterrada do mastro no adro da Igreja de São Sebastião. O mastro fica enterrado durante todo o ano. Ele é retirado no dia 10 de janeiro e recolocado no dia 16 desse mesmo mês.



Foto 24 – Mastro e igreja de São Sebastião. Vila de Itaúnas.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

No dia 17 de janeiro, às 10h, celebra-se a missa e depois ocorre, próximo à igreja, na rua, a apresentação do ticumbi. Em seguida, é servido o almoço. Às 17h desse mesmo dia sai a procissão com a imagem de São Benedito. Após a procissão, o ticumbi segue até a casa do festeiro para fazer cantoria e oração. Em seguida, vai até a Igreja de São Benedito, localizada no seu terreno, para finalizar a brincadeira.

O Ticumbi de Itaúnas Velha também participa da festa de Barreiras de São Benedito das Piabas, nos dias 9, 10 e 11 de janeiro. O ticumbi de Seu Terto também toma parte dessa comemoração, de acordo com João de Deus.

- Tertolino Balbino, conhecido também como Seu Terto, é mestre do **Ticumbi de Conceição da Barra**.

Mestre Tertolino não sabe ao certo quando surgiu o ticumbi de Conceição da Barra, mas informou que ele tem mais de 300 anos e que é tradição passada de pai para filho. Antes a manifestação era chamada de “Baile de Congo de São Benedito”. Mestre Tertolino destaca que alguns ainda falam dessa forma, mas que desde seu ingresso na brincadeira o nome é ticumbi.

Seu aprendizado se deu através do padrinho Luis Hilário, mestre do ticumbi, que dizia ter aprendido com o bisavô. Sua função primeira na brincadeira foi como 1º congo. O pai de Seu Terto era mestre no ticumbi de Itaúnas, no povoado de Santana.

Em 1954, quando Tertolino tinha 18 anos, o ticumbi de Conceição da Barra foi convidado para fazer uma apresentação em São Paulo, no Parque Ibirapuera. Na ocasião, o padrinho de Seu Terto faleceu. Guilherme Santos, autor do convite, perguntou se havia alguém para assumir o lugar do mestre e Seu Terto aceitou a função. Fizeram a viagem para São Paulo.

Quando voltou da capital paulista, ele cedeu sua função de mestre para Seu Bernardo, que lhe fizera o pedido para pagar uma promessa. A mãe de Tertolino pediu para que o filho aceitasse e a troca foi feita. Durante 3 anos Tertolino ficou afastado da função. Voltou porque Seu Bernardo não apresentou bom comportamento em relação à bebida. E o mestre, segundo Tertolino, deve dar exemplo para o grupo. Depois desse episódio, ele nunca mais se afastou de sua função no ticumbi de Conceição da Barra.

Sobre o significado do ticumbi, Tertolino diz não saber. Perguntou a pessoas, a quem denominou sábios, citou Hermógenes Dias, e a resposta dada foi que existiam o ticumbi, o cacumbi e o cocumbi. No Estado do Espírito Santo era o ticumbi. Informou também que disseram a ele que ticumbi significava o “palácio do imperador”, mas que não acreditou que fosse isso.

Sobre a origem do ticumbi, Tertolino relata que não sabe explicar porque na época passada, quando era mais jovem, não existiam tantas perguntas. Hoje os pesquisadores querem saber de tudo, “tintim por tintim”. Mas, antes não era assim. Afirmou que nem fotos antigas ele tinha para mostrar porque antigamente isso era muito difícil.

São Benedito é o padroeiro do Ticumbi de Conceição da Barra. Questionado pela razão da devoção, mestre Tertolino relatou que São Benedito é preto e todos os componentes do ticumbi de Conceição da Barra são pretos. Dessa forma, “eles fazem parte com São Benedito”.

Contou que o ex-prefeito de Conceição da Barra, Humberto Serra, disse a ele, brincando, que não era para deixar branco brincar no ticumbi. Branco era só no Alardo, que tem devoção por São Sebastião. Encerrou sua fala ratificando que só tem “escuro” em sua brincadeira.

Em uma ocasião, posterior a essa conversa, mestre Ângelo Camilo, do ticumbi de Santa Clara, confessou que não conseguiu entrar no grupo do mestre Terto por ele não aceitar componentes de pele branca.

Os cargos do ticumbi de Conceição da Barra são: mestre, rei congo, rei bamba, um secretário para cada rei, guia, contraguia, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º congo e seus pares. Os congos respondem o que o mestre canta.

De acordo com a história contada, o rei congo é batizado e o rei bamba é pagão. O rei congo proíbe o rei bamba de fazer a festa para São Benedito porque ele é pagão e não tem direito de fazer a comemoração antes dele. Dessa maneira, envia seu secretário para dizer ao rei bamba que proíbe sua festa. O rei bamba manda seu secretário perguntar o porquê da proibição. O rei congo manda dizer que tem mais poder e o rei bamba não aceita e a guerra se inicia. Acontecem três guerras. O rei bamba não aguenta a guerra, pois mesmo que ele tenha mais soldados, não tem força. Sendo assim, pede para que ela termine. O rei congo pede para o rei bamba se ajoelhar e o batiza. Depois do batizado, os reis se unem e fazem a festa para São Benedito.

A brincadeira do ticumbi tem 12 partes. E as cantorias são acompanhadas pelo som da viola que “tira” a entoação, além do som dos pandeiros.

Mestre Tertolino faz as composições para a festa do ticumbi todo ano. Todas as músicas são religiosas, louvando a São Benedito. Apenas no momento da “Roda Grande”, a penúltima parte da representação do ticumbi é que se canta sobre outros assuntos, como política, por exemplo.

O ticumbi de Conceição da Barra faz sua festa nos dias 31 dezembro e 01 de janeiro. Há o ensaio geral no dia 30 de dezembro, precedido de outros ensaios aos sábados, iniciados em novembro, que são feitos em um galpão na Comunidade Paraíso. O

ensaio geral do dia 30 é realizado no galpão de São Benedito, na comunidade rural Porto Grande.

No dia 31 de dezembro o barco sai do cais de Conceição da Barra para pegar os congos em Porto Grande e levá-los à Comunidade de Barreiras, onde pegam a imagem de São Benedito das Piabas, chamado de São Beneditinho. Em torno das 10h, os congos chegam ao cais de Conceição da Barra e seguem em procissão até a Capela de São Benedito, passando antes pela porta da Matriz. De lá, seguem para a casa do 1º festeiro para o almoço. No fim da tarde, vão até a casa do 2º festeiro para o jantar.

No dia 01 de janeiro, próximo às 8h, eles se reúnem na casa de Seu Tertolino, e todos, já uniformizados, vão para a porta da Capela de São Benedito para a missa. Em seguida, há a representação do ticumbi. Depois, ocorre almoço na casa do 3º festeiro. À tarde os participantes vão às casas onde são convidados até o momento da missa, por volta das 19h30, no galpão da Igreja, de onde saem cantando até a casa do 4º festeiro para o jantar. Depois do jantar, seguem até o local onde está a imagem de São Benedito das Piabas e ocorre a apresentação do ticumbi. Em seguida, a festa é encerrada.

O ticumbi de Conceição da Barra participa de outras festas de ticumbi, como a do mestre Anízio e a do mestre Ângelo Camilo. Também vão até a comunidade de Barreiras para agradecer a São Benedito das Piabas.

Mestre Tertolino afirma que o ticumbi de Conceição da Barra organiza a festa com ajuda da SETUR (Secretaria Estadual de Turismo) e da prefeitura, mas que sempre é muito difícil conseguir recursos com o órgão público. Eles precisam de ajuda para a condução, que vai para além do dia da festa, pois há muitos ensaios e os congos têm a necessidade de se locomover. Além disso, precisam de ajuda com alimentação, uma vez que é muito difícil conseguir quatro festeiros para a comemoração que acontece em dois dias.

Tertolino informou que para a próxima festa uma pessoa se propôs a oferecer um lanche, mas relatou que os congos não estão acostumados com lanche, tem que ser almoço. Desse modo, ele acredita que ele mesmo terá que custear o almoço.

Não há comida tradicional para a festa do ticumbi em Conceição da Barra, pode ser peixe, frango, alguma verdura, etc.

Quando conversamos sobre as dificuldades encontradas para a realização das festas, mestre Tertolino relatou que precisa contar com os quatro festeiros, pois são eles

que oferecem a alimentação, os fogos e a condução para os congos. Para Seu Terto, este é o maior obstáculo que enfrentam.

Ao final da entrevista com o mestre Tertolino e com Arquimino, que o acompanhou, quando foi solicitada a autorização de uso do material pelo Iphan, o mestre do Ticumbi de Conceição da Barra desejou saber qual seria a utilização do material. Foram ratificadas as informações dadas no início da reunião para todos os mestres.

Referindo-se a pesquisas que são realizadas sobre os grupos de ticumbi e que não resultam em nenhum benefício, Seu Terto afirmou: "a gente vai armar a casa para a gente morar e não para outro morar".. Mais uma vez foi ressaltada a seriedade do projeto, evidenciando que o pedido de autorização é um requisito que também se traduz em comprometimento de um trabalho sério.

A utilização da entrevista foi autorizada por mestre Tertolino e por Arquimino.

A gravação foi encerrada quando Tertolino Balbino pediu os contatos telefônicos dos envolvidos na pesquisa. Foram dados ao mestre os contatos telefônicos da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural, da pesquisadora desta empresa que realizou a entrevista, Adriana Vieira de Araújo, e de Rebecca Guidi, do Iphan/ES.

No dia 30 de dezembro de 2014 a equipe retornou à cidade para acompanhar os festejos do ticumbi de Conceição da Barra, do mestre Terto. Abaixo, apresentamos a descrição da festa do ano de 2014 para 2015.

4.1.1. Dinâmica da festa do Ticumbi de Conceição da Barra

O festejo do Ticumbi São Benedito do mestre Terto inicia-se com o ensaio geral no dia 30 de dezembro, no galpão de São Benedito, localizado na comunidade rural Porto Grande, às margens do rio Cricaré.

Em 2014, a concentração de pessoas no local começou às 20 horas e durante a espera para o início do ensaio, os presentes conversavam, contavam causos, bebiam vinho, cerveja e refrigerante. Em alguns momentos houve queima de fogos e por volta das 23 horas um grupo de homens começou a cantar músicas de forró acompanhadas pelos seguintes instrumentos musicais: sanfona, zabumba e pandeiro. Durante as execuções das músicas de forró, algumas pessoas ocuparam a parte central do galpão e começaram a dançar, entre elas o mestre Terto.



Foto 25 – O ensaio do Ticumbi de Conceição da Barra no galpão de São Benedito.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

À meia-noite o mestre Terto apitou, convocando os integrantes do ticumbi para começar o ensaio do baile de congo.

O baile de congo é realizado por meio de cantos de louvor a São Benedito e de duelos verbal e corporal entre os reis bamba e congo. O grupo possui os seguintes componentes: 12 congos (dançantes), 1 violeiro, 1 bandeireiro, 1 rei bamba, 1 rei congo, 1 secretário do rei bamba, 1 secretário do rei congo. A disposição das personagens é representada abaixo.

Imagem de São Benedito

		Violeiro	Bandeireiro
		Rei Congo	Secretário do rei Congo
1º congo			2º congo
3º congo			4º congo
5º congo			6º congo
7º congo			8º congo
9º congo			10º congo
11º congo			12º congo
		Rei Bamba	Secretário do rei Bamba

Os congos cantam, tocam pandeiros e dançam constantemente em direção ao rei congo e à imagem de São Benedito, sempre presente no ato. Todas as músicas cantadas pelos congos fazem referência a São Benedito e outras citam Jesus Cristo e Nossa Senhora da Conceição, conforme trecho a seguir: *“São Benedito está chamando seus devotoos, ajoelhai em vossos pééééés (2X) e rezai é um Pai é Nosso pra Jesus e Maria José (2x). Eu ainda tenho uma última missão, mas eu ainda não sei o que é (2x)”. “É o meu São Benedito e da Virgem da Conceição...”*

Em alguns momentos do baile, o rei congo dialoga com o seu secretário até que chega a ocasião do duelo entre os dois reis, bamba e congo. O duelo é finalizado com a conversão do rei bamba e seus soldados, representados em algumas circunstâncias pelos 12 congos. Convém destacar que em algumas situações do ato, os 12 congos ora são soldados do rei congo, ora do rei bamba.

Às 2 horas da manhã o ensaio geral é finalizado. Nesse momento, o rei congo agradece os presentes, todos rezam um *Pai Nosso* e uma *Ave Maria*. Em seguida, são oferecidos vinho e um jantar para os integrantes do grupo, assim como para os presentes. Após o jantar, acontece novamente o forró.

Por volta das 7 horas da manhã, no dia 31 de dezembro, os integrantes do grupo e as pessoas que permaneceram no galpão de São Benedito saem de barco pelo rio Cricaré em direção à comunidade Barreiras para buscar a imagem de São Benedito das Piabas, pertencente ao grupo de jongo de São Benedito das Piabas. Depois de pegarem a imagem, o cortejo a barco segue em direção ao cais de Conceição da Barra.

Os barcos que trazem os integrantes do ticumbi, a imagem de São Benedito das Piabas, as pessoas da comunidade e os grupos de jongo São Benedito das Piabas e de Cosme e Damião do Porto Grande desembarcam no cais por volta das 10h30.



Foto 26 - Chegada do ticumbi e dos jongos no cais.
Dia 31 de dezembro de 2014.
Foto: Andréia Ribeiro.

Em seguida, todos os presentes seguem em cortejo pelas ruas da cidade com a imagem de São Benedito de Conceição da Barra, que aguardava pela chegada das pessoas no cais, e com a imagem de São Benedito das Piabas, levada por uma das integrantes do grupo de jongo. Durante o cortejo, o ticumbi faz uma parada na porta da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, em sinal de respeito e devoção. Depois disso, o cortejo continua rumo à Igreja de São Benedito. Na chegada, o andor de São Benedito de Conceição da Barra é locado no portão da igreja. Os participantes do ticumbi e dos jongos e os membros da comunidade rezam *Pai Nosso* e *Ave Maria* várias vezes. O rito é finalizado por voltas das 13 horas com a leitura da programação da festa do dia seguinte, 1º de janeiro.



Foto 27 – Parada do ticumbi na porta da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.
Dia 31 de dezembro de 2014.
Foto: Andréia Ribeiro.

No dia 1º de janeiro, às 9 horas, acontece a missa na Igreja de São Benedito. Após a celebração eucarística, há apresentação do baile de congo em frente ao templo.

A encenação do baile de congo dura cerca de 2 horas. Finalizado o rito, o grupo de jongo de São Benedito das Piabas faz uma breve apresentação concomitantemente à saída do ticumbi rumo à casa da festeira, dona Rosa. Durante o trajeto, o grupo canta a seguinte melodia: *“Fizemos nossa obrigação; agora vamos para casa do festeiro”*.

No decorrer da caminhada, o grupo faz uma parada no cemitério da cidade em respeito aos mortos (ancestrais).



Foto 28 - Apresentação do ticumbi em frente à igreja de São Benedito.
Janeiro de 2015.

Foto: Andréia Ribeiro.

Chegando à casa de dona Rosa, festeira há 11 anos, o ticumbi adentra na garagem com cantos de louvor a São Benedito e falas entoadas pelo rei congo e seu secretário. Em seguida, é servido o almoço para os grupos e para as pessoas que acompanharam o cortejo.

Em 2015, o cardápio oferecido pela festeira foi arroz, feijão, carne cozida, frango assado, farinha de mandioca com linguiça e salada de repolho, assim como refrigerante, água e vinho e, de sobremesa, salada de frutas.



Foto 29 - Ticumbi sendo recebido na casa de dona Rosa.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Após o almoço, os integrantes do ticumbi permanecem na casa de dona Rosa para descansar e saem de lá por volta das 16 horas para visitar duas residências, previamente agendadas. Durante as visitas, o grupo representa brevemente o duelo dos reis congo e bamba. Entre uma residência e outra, o grupo canta a seguinte melodia: *“Eu vou rogar a São Benedito e nosso Jesus amado, vamos fazer uma visita donde fomos convidados. Pra fazer uma visita donde fomos convidados”*.

As motivações das pessoas para receberem o ticumbi em suas casas se dá pelo pagamento promessa, por devoção a São Benedito ou por admiração ao grupo.

Em 2015, dona Matilde, uma das proprietárias das casas visitadas, presenteou todos os integrantes do ticumbi com uma imagem de São Benedito. Além da imagem, dona Matilde ofertou um lanche para os presentes, pipoca, biscoito e cachorro quente, assim como refrigerante, água e café.

Depois de visitar a residência de dona Matilde, o grupo seguiu em cortejo para o galpão conhecido como Jemar (Jesus no mar), da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde é celebrada uma missa às 19h30. Durante o trajeto, o grupo canta a seguinte melodia: *“Vamos lá assistir à missa da Virgem da Conceição (2x), São Benedito está gostando de ver nossa união (2x)”*. Após a missa, acontece novamente uma apresentação do baile de congo.



Foto 30 – Apresentação do ticumbi no Jemar.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

O ticumbi sai do galpão por volta das 21h20 em direção à residência do senhor João e de dona Isabel. Chegando à casa dessa família, o ticumbi apresenta brevemente o baile de congo e, em seguida, é servido um jantar para os presentes. Em 2015, o cardápio oferecido foi arroz, feijão tropeiro, frango assado e macarroneira, assim como refrigerante e água e, de sobremesa, pudim.

Depois do jantar, o grupo segue em direção à casa do senhor Benedito Paixão, mestre do jongo de São Benedito das Piabas. O senhor Benedito recebe o ticumbi com a imagem de São Benedito das Piabas e o grupo venera a imagem com cantos de louvação. Finalizado o rito por volta das 23 horas, todos os presentes dançam e cantam com o grupo de jongo de São Benedito das Piabas.

4.2. Aracruz

Antes de realizarmos o encontro com os representantes das bandas de congo de Aracruz, fomos ao bairro Vila do Riacho conhecer e conversar com o senhor Antônio Ramos do Santos, capitão da Banda de Congo São Benedito do Rosário, e com sua mãe, dona Astrogilda Ribeiro do Santos, rainha do congo do estado capixaba e da banda de congo. Capitão Antônio e Astrogilda são referências para os congueiros da cidade.

Durante a entrevista, o capitão Antônio e dona Astrogilda relataram o porquê de São Benedito ser padroeiro das bandas de congo; explicaram o surgimento das bandas de congo no estado do Espírito Santo; apontaram o significado das bandas de congo para eles e o sentido do mastro na festa de São Benedito.

Dona Astrogilda relata da seguinte maneira o porquê de São Benedito ser o padroeiro das bandas de congo:

“São Benedito era escravo. Vivia na prisão, mas ele era comportado e o senhor colocou ele na cozinha. Ele foi ser cozinheiro. Ele não queria ver os seus próprios irmãos na senzala apanhando. Então, quando ele via um negro sofrendo, triste, com medo de apanhar [...], ele pegava e levava o alimento [...] sabendo que ele podia ir pra senzala apanhar. Mas ele não queria ver os seus próprios irmãos passar fome [...]. Um dia ele foi levar comida e o senhor falou pra ele: "O que você vai levando nessas mangas, Benedito?". Aí Benedito disse assim: "São flores, senhor". "Flores? Não tem jardim aqui perto". Benedito respondeu: "Mas são flores". Benedito tinha fé. Aí o senhor falou: "Deixa eu ver". Aí Benedito confiou no Senhor, ergueu os olhos e pediu de coração. Quando ele jogou a manga, caiu aquele tanto de flor. Isso foi contado pela minha bisavó, que era escrava, era índia. Aquelas flores foram a alimentação dos negros. São Benedito protegeu os negros escravos.”

Com relação ao surgimento das bandas de congo no estado do Espírito Santo, capitão Antônio narrou o fato do seguinte modo:

“Negros e índios já tocavam comemorando os seus deuses. Em 1798, veio um comunicado do Ceará para Alagoas e esse comunicado chegou até o Espírito Santo, fazendas e engenhos. O comunicado foi de que haveria a libertação dos escravos, negros e índios. Os negros e os índios, sabendo dessa libertação, saíram pelas ruas para comemorar a libertação. O índio saiu tocando berimbau com chocalho e o negro tambor e casaca [...]. Os fazendeiros não entenderam e achou que eles estavam abandonando as fazendas para não trabalhar mais. Com o decorrer do tempo, os fazendeiros deixaram para ver o que acontecia dentro da senzala e viu que eles estavam simplesmente festejando, cantando alegre, pois trabalhava na fazenda, apanhava [...] e sempre tocando e cantando e o fazendeiro deixou [...]. Isso foi evoluindo [...]. Com a evolução daquilo ali, nasceu o batido de caixa. Após o batido de caixa, o ritmo do negro e do índio se igualava [...]. Aí veio nascer o congo. O congo quer dizer um negro, dois negros, país, Estado ou muitos negros juntos. Dentro disso aí, com a evolução disso aí e em homenagem ao país Congo da África, nasceram as bandas de congo, que são vários negros e de outras localidades. Foram desenvolvendo o ritmo, os cânticos, as danças que representam nosso estado. A verdadeira libertação veio em 1888, momento que deu continuidade a isso tudo.”

Para explicar o significado das bandas de congo, capitão Antônio iniciou sua fala com a seguinte pergunta: “O que quer dizer o congo para vocês?” e respondeu em seguida:

“Vocês acham que é uma cultura, uma história, mas o congo em si é o sofrimento de um povo, de uma raça. O congo é lamentação. Enquanto um tava apanhando no tronco, o outro tava com o tambor lamentando e chorando, pois ele não podia defender o outro, pois se ele defendesse iria morrer [...]. Ele se vingava no tambor, cantando e tocando a lamentação de um povo, de uma raça”.

A narrativa do capitão Antônio é estruturada desse modo no que se refere ao sentido do mastro e da festa de São Benedito:

“O navio que veio trazendo os negros da África afundou. Muitos sabiam nadar, outros não. Os que não sabiam agarraram o mastro boiando e pediram ajuda para São Benedito. Eles ficaram segurando o mastro até chegar na praia. Chegando na praia, eles dormiram por causa do cansaço. Quando acordaram, viram que foram roubados e saíram para procurar o mastro. Aí eles encontraram o mastro no mato. Eles tiraram o mastro do mato, encontraram um lugar apropriado e fincaram o mastro, e a partir desse lugar construíram uma igreja de São Benedito. Deste local surgiu a festa de São Benedito. É por isso que tem a tradição do mastro na festa de São Benedito. No dia 27 de dezembro a gente procura e finca o mastro e no dia 26 de julho, dia de Sant’Ana, tem a retirada do mastro.”

Dona Astrogilda destacou que o dia de São Benedito é 5 de outubro, mas todas as bandas de congo do estado comemoram o dia do santo em 27 de dezembro ou durante este mês. Segundo ela, é tradição no estado comemorar São Benedito em dezembro por ser também o momento de celebrar o nascimento do menino Jesus.

Dona Astrogilda e capitão Antônio destacaram a falta de ações de políticas públicas do poder executivo local para as tradições culturais negras e indígenas do município. Para o senhor Antônio, a cultura afro-indígena está abandonada e a prefeitura prioriza a cultura italiana existente em Aracruz.

Dona Astrogilda lamentou o fechamento da Casa de Cultura situada em Vila do Riacho. O local, ainda que fechado, serve como ponto de apoio e de encontro de alguns grupos culturais do bairro. Além disso, é lá que a Banda de Congo São Benedito do Rosário recebe os grupos participantes da festa de São Benedito. Estivemos nesse local no dia da festa e percebemos que o capitão Antônio e seus amigos ajeitaram de forma provisória o espaço para recepcionar os grupos, como fechamento de canos para não vazar água, instalação provisória de um bebedouro, limpeza de cadeiras e banheiros. Antônio destacou que a edificação está fechada desde 2013, isto é, sem uso por parte do poder público municipal.

O encontro com os representantes das bandas de congo do município de Aracruz aconteceu no auditório da Universidade Aberta do Brasil (UAB), localizada na área central da cidade.

O agendamento da reunião, feito em Sabará/MG, foi acordado com o capitão Antônio e Marcelo, gerente municipal de cultura de Aracruz.

Estiveram presentes no encontro os quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural; um representante da prefeitura municipal; Antônio Ramos do Santos, capitão da Banda de Congo São Benedito do Rosário, e sua mãe, Astrogilda Ribeiro do Santos, rainha e presidente da Banda de Congo; Helena Pereira Coutinho, responsável pelo Coral Curumim da aldeia Caieiras Velha; Zelaine Marques da Conceição, presidente da Comunidade Negra de Aracruz (CONEA); Camille Cirillo, princesa da Banda de Congo de Itaparica; Olindo Sezenando, mestre da Banda de Congo Tupinikim da aldeia indígena Caieiras Velha; Ivany Maria Gomes, rainha da Banda de Congo de Itaparica; Vander de Lima Carvalho, integrante do Coral Guarani Ko'endju Retxakan da aldeia indígena Boa Esperança; Augusto Vaz Filho, integrante do Coral Guarani da aldeia indígena Piraqueaçu; Maikon Brando da S. Vaz, integrante do Coral Guarani da aldeia indígena Três Palmeiras; Bruno Joaquim Siqueira, coordenador do Guararatá Tambores Fortes da aldeia indígena Irajá; Elizabeth de Sousa Areias, diretora do bloco de carnaval BloCongo.

Antes de conversarmos sobre o projeto de pesquisa, todos os participantes do encontro se apresentaram.

Durante a apresentação, Ivany Maria Gomes questionou a presença da diretora do BloCongo, Elizabeth, pois para Ivany o bloco toca em ritmo de congo e não músicas de congo, uma vez que o congo toca músicas religiosas e não apenas festivas, como é o caso do bloco. Diante disso, Elizabeth ressaltou que o seu grupo é folclórico e toca somente no período do carnaval. Diante dessa desavença, capitão Antônio se colocou favorável pela contemplação do BloCongo pelo fato de ele ser associado à Comissão do Folclore do Espírito Santo.

Após a apresentação da pesquisa, o capitão Antônio questionou se os indígenas seriam contemplados com o projeto, pois eles possuem coral e outras atividades culturais, e que sua banda de congo se associa às aldeias. Respondemos ao capitão Antônio que o próprio estudo irá apontar ou não a vinculação dos corais guaranis com a manifestação e que, naquele momento, não tínhamos propriedade para falar se seriam ou não contemplados com o projeto, assim como o bloco de congo.

Diante disso, os representantes das aldeias guaranis, principalmente Augusto Vaz Filho, da aldeia Piraqueaçu, reivindicaram a inserção dos grupos de corais no projeto

porque eles participam da festa promovida pela Banda de Congo do capitão Antônio e por serem associados ao grupo de Antônio. Pelo que pôde ser percebido em campo, a associação dos corais à Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho se caracteriza como informal, ou seja, os líderes dos corais são próximos de mestre Antônio e participam da festa da fincada do mastro que acontece em Vila do Riacho.

Ivany Maria Gomes, rainha e presidente da Banda de Congo de Itaparica destacou que há 10 anos as bandas de congo do Espírito Santo solicitou o registro dos grupos junto ao Iphan, e que o reconhecimento como patrimônio cultural nacional é uma demanda dos grupos antes mesmo do reconhecimento do ofício das paneleiras de Goiabeiras de Vitória.

Posteriormente, houve a leitura do consentimento para todos os participantes, tornando clara a questão da anuência. Todos assinaram.

A próxima etapa foi a coleta de dados com todos os representantes dos grupos, bandas de congo, coral e bloco carnavalesco.

- A **Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho** (a denominação Rosário refere-se às rosas que nasciam no objeto – utensílio – no qual São Benedito levava alimento para os escravos) foi fundada em 1798 pelos negros e indígenas. O mestre e capitão da banda é Antônio Ramos do Santos e a rainha é Astrogilda Ribeiro do Santos. O grupo também é formado por folgadores (dançantes e tocadores de casaca e tambor) e mucambas, mulheres que levam as bandeiras do grupo (guardiãs das bandeiras).



Foto 31 - Rainha Astrogilda Ribeiro do Santos ao centro.
Dezembro de 2014
Foto: Rildo César Souza.

As músicas tocadas pelo grupo fazem referência ao cotidiano, aos santos de devoção, ao sofrimento do negro e do índio e ao meio ambiente. As composições são feitas pelos mestres Antônio e Carlos Alberto Ramos dos Santos.

A Banda de Congo São Benedito do Rosário promove dois festejos: a fincada do mastro de São Benedito, no dia 27 de dezembro, e a retirada do mastro, em 26 de julho, dia de Sant'Ana.

A Banda de Congo São Benedito do Rosário participa de algumas festas em honra a São Benedito nos municípios de Fundão, João Neiva (Acioli), Serra, Conceição da Barra (Vila de Itaúnas), Colatina e Cariacica. Também comparece à festa de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, e à festa do jongo em São Mateus.



Foto 32 - Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

Em Vila do Riacho a única pessoa que domina o ofício de produção de casaca e de tambor é o capitão Antônio Ramos do Santos. As casacas são feitas de madeira e bambu e os tambores de PVC e couro sintético.

- A **Banda de Congo São Benedito de Itaparica** foi fundada em 1900 pelo mestre Zildo a partir dos encontros de caboclos nas folgas da lavoura. A banda é formada pela rainha, Ivany Maria Gomes, que tem a função de levar a bandeira do grupo; pela princesa, Camille Cirillo, que auxilia a rainha; e pelos tocadores de tambor, casaca e cuíca. Segundo Ivany Maria Gomes, a banda possuía, em 2014, 30 componentes.

A banda promove a festa de São Benedito de Itaparica no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. De acordo com Ivany Maria Gomes, Santa Luzia é hospedeira de São Benedito em Itaparica, isto é, o seu dia é usado para homenagear o padroeiro da banda. No dia 13 de dezembro a banda realiza a fincada do mastro nas imediações da Igreja de Santa Luzia, e no dia 29 de junho, dia de São Pedro, acontece a retirada do mastro. As bandas de congo de Regência/Linhares, Fundão, Vila do Riacho/Aracruz e Amores da Lua de Vitória geralmente comparecem ao festejo.

Conforme Ivany Maria Gomes, a Banda de Congo São Benedito de Itaparica frequenta as seguintes celebrações: festa do Caboclo Bernardo, em Regência/Linhares; festa de São Sebastião, em Nova Almeida/Serra; e festa de São Benedito, em Vila do Riacho/Aracruz.

Em Itaparica duas pessoas dominam o ofício de produção de casaca e de tambor, Robson Souza Machado e Edson de Souza Machado. As casacas são feitas de madeira e bambu e os tambores de PVC e couro sintético.

- O grupo **Tambores Fortes Tupinikim** ou **Congo Tupinikim da aldeia indígena Caieiras Velha** é comandado pelo mestre Olindo Sezenando. Além do mestre, o grupo é composto por tocadores e dançadores. Os instrumentos musicais usados pelo Congo Tupinikim são casaca, tambor e maracá. As mulheres usam saia de imbirá e camisa de algodão com o nome do grupo estampado, e os homens usam a mesma camisa das mulheres e calça. O mestre Olindo usa blusa branca, calça de tergal e um cocar de penas de cor azul e alaranjado.

O padroeiro da Banda Tupinikim é São Benedito. Ao questionar o mestre Olindo sobre o porquê de ser São Benedito o padroeiro, ele respondeu:

“São Benedito foi muito forte, muito chegado aos negros e aos índios. Os negros e os índios foram muito massacrados, até hoje são. Para ter mais força os índios e os negros se uniram. Então, na época em que os índios e os negros se uniram, São Benedito estava junto. Aí ele ficou sendo padroeiro da aldeia, de todas as bandas de tambor.”

A Banda Tupinikim realiza a fincada do mastro no mês de dezembro, sem data definida, e a retirada acontece no dia 19 de abril, período em que as aldeias guarani e tupinikim de Aracruz se reúnem para comemorar a convivência e relembrar o sofrimento indígena³⁴. O festejo da Banda Tupinikim de Caieiras Velha acontece na aldeia, no entorno da Igreja de São Benedito. A Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho comparece anualmente no evento.

Segundo o mestre Olindo, a banda participa das festividades realizadas em Vila do Riacho, na festa do Caboclo Bernardo, em Regência/Linhares, e no festival realizado em Vitória, conhecido como *Identidade Capixaba*.

Em Caieiras Velha, quatro pessoas dominam o ofício de produção de casaca ou de tambor. Olindo Sezenando e Amarildo Pinto Pereira produzem tambor e Edvaldo Pinto Pereira e Mizael Sebastião fabricam casaca feita de madeira e bambu.

³⁴ Segundo a prefeitura municipal, Aracruz é o único município que possui índios aldeados no estado do Espírito Santo. Existem duas etnias: Tupinikim e Guarani. Atualmente são nove aldeias assim distribuídas: 04 guarani (Boa Esperança, Piraqueçu, Três Palmeiras e Olhos-d'Água) e 05 tupinikim (Caieiras Velha, Irajá, Pau Brasil, Camboios e Areal). Disponível em: <<http://www.aracruz.es.gov.br/turismo/atracoes-turisticas/19/>> Acesso em 07 jan. 2015.



Foto 33 - Congo Tupinikim de Caieiras Velha.
Dezembro de 2014.
Foto: Andréia Ribeiro

Na aldeia há dois templos religiosos católicos, uma igreja nova e uma mais antiga. A segunda não foi destruída devido à existência de um mito que diz que embaixo de tal igreja mora uma serpente e que se destruíssem a igreja, o animal devoraria todas as pessoas da comunidade.

Na edificação mais nova, há uma placa indicando a data da reforma da igreja que nomeia o espaço como *Templo Tupinikim*, entretanto, os moradores se referem à edificação como Igreja de São Benedito. No altar, há uma imagem de São Benedito de madeira e o menino que o santo segura no colo apresenta feição indígena.



Foto 34 - Igrejas de São Benedito de Caieiras Velhas. No canto esquerdo da foto, a igreja antiga; e no direito, o templo novo.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

- O **Guararatá Tambores Fortes**, da aldeia indígena Irajá é coordenado por Bruno Joaquim Siqueira. Além do coordenador, o grupo possui uma cacique, Idineia Pinto Joaquim, tocadores e dançadores. Segundo Bruno, o Guararatá foi fundado pelo seu avô, Benedito Fumaça, homem negro que se casou com Almerida Pinto, indígena da aldeia Irajá. O grupo possui 64 componentes e utiliza os seguintes instrumentos musicais: tambor, casaca, chocalho e maracá.

Segundo Bruno Joaquim Siqueira, o Guararatá não possui padroeiro, como os outros grupos contemplados pela pesquisa. Entretanto, eles se identificam como banda de congo.

O Guararatá Tambores Fortes promove a festa dos jovens guerreiros no mês de agosto, na aldeia, e participa da festa dos índios, realizada no dia 19 de abril, festejo que reúne os guarani e os tupinikim do município de Aracruz.

De acordo com Bruno Joaquim Siqueira, o grupo comparece à festa da fincada do mastro de Regência/Linhares no mês de dezembro.

Em Irajá, duas pessoas dominam o ofício de produção de casaca, de tambor e de chocalho. Emerco Gomes produz casaca e tambor e dona Santana Loureira fabrica casaca e chocalho.

- A **Banda de Congo da aldeia indígena Areal** é coordenada por Zilma Maria Santos Vicente. A banda foi fundada por Zilma no ano de 2000. O grupo participa da festa da mandioca, realizada na aldeia, e dos festejos realizados no dia 19 de abril, que acontece nas aldeias. Segundo Zilma Maria Santos Vicente, a banda ainda não realiza a fincada do mastro pelo fato de a comunidade, até aquele momento, não ter definido o seu padroeiro. Zilma destacou que provavelmente a padroeira será Nossa Senhora de Guadalupe. Convém destacar que a aldeia Areal foi reconstruída em 2007 após ter sido dizimada com a chegada, na década de 1960, da multinacional Aracruz Celulose³⁵.

- O **Coral Guarani de Rio Piraqueaçu** é coordenado por Amarilda e Severina e é composto por 20 integrantes. O grupo canta músicas em guarani e utiliza os seguintes instrumentos musicais: chocalho, tambor, rabeca e taquara. Segundo Augusto Vaz Filho, o coral é uma tradição milenar, passada de pai para filho, e o guardião do coral é Tupã. O grupo faz apresentações na festa do dia 19 de abril em Caieiras Velha, no festejo da fincada do mastro da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho, entre outros eventos. Na aldeia Piraqueaçu o coral participa efetivamente da cerimônia Nhemõgarai (batizado guarani), realizada no final do mês de janeiro. De acordo com Augusto Vaz Filho, o Coral Guarani é associado à Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho.

- O **Coral Guarani Ko'endju Retxakã** (Brilho Dourado do Amanhecer) é coordenado pelo cacique Antônio Carvalho e é composto por 20 integrantes. O grupo canta músicas em guarani e utiliza os seguintes instrumentos musicais: violão, violino, tambor e chocalho. As músicas são criadas por meio de revelações (sonhos e/ou espiritualmente). Segundo Vander de Lima Carvalho, o coral é uma tradição milenar, passada de pai para filho, e o guardião do coral é Tupã. O grupo participa da fincada do mastro da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho, entre outros eventos. Na aldeia Boa Esperança o coral participa efetivamente da cerimônia Nhemõgarai (batizado guarani) realizada no final do mês de janeiro. De acordo com

³⁵ As violações de direitos promovidas pelas empresas produtoras de celulose no município de Aracruz são complexas e foram realizadas ao longo de mais de 30 anos. Sobre esse assunto, conferir: ANDRADE, DIAS e QUINTELLA (2001), *"A dimensão – institucional das estratégias sócio ambientais: o jogo Aracruz Celulose S.A. – índios tupiniquim e guarani"*; LOUREIRO (s/d), *"A instalação da empresa Aracruz Celulose S/A e a "moderna" ocupação das terras indígenas Tupiniquim e Guarani Mbya"*; BARCELLOS (2008), *"Desterritorialização e r-existência tupiniquim: mulheres indígenas e o complexo agroindustrial da Aracruz Celulose"*.

Vander de Lima Carvalho, o Coral Guarani é associado à Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho.



Foto 35 - Coral Guarani Ko'endju Retxakã (Brilho Dourado do Amanhecer) na festa da fincada do mastro de São Benedito da Vila do Riacho.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza

- O **Coral Guarani de Três Palmeiras** é coordenado pelo cacique Nelson e é composto por 20 integrantes. O grupo canta músicas em guarani e utiliza os seguintes instrumentos musicais: violão, tambor, violino, e chocalho. Segundo Maikon Brando da Silva Vaz, o coral é uma tradição milenar, passada de pai para filho, e o guardião do coral é Tupã. As músicas são criadas e inspiradas pelas crenças guaranis e pelo cotidiano na aldeia. O grupo participa da fincada do mastro da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho, entre outros eventos em aldeias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Na aldeia Três Palmeiras, o coral participa efetivamente da cerimônia Nhemôgarai (batizado guarani) realizada no final do mês de janeiro. De acordo com Maikon Brando da Silva Vaz, o Coral Guarani é associado à Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho.

- A **Banda Curumim de Caieiras Velha** foi fundada em 2012 por Helena Pereira Coutinho e por Salvador Pereira. Helena é presidente e cantora da banda e participa da Banda de Congo Tupinikim. Os instrumentos musicais utilizados pelo grupo são casaca e tambor e os trajes são indígenas, feitos de imbirá e tabua. A banda é composta por 40

curumins (crianças) e 10 tocadores de tambor ou casaca. Segundo Helena, a Banda Curumim participa da festa do dia 19 de abril, comemoração do dia do índio, da fincada e da retirada do mastro da Banda de Congo Tupinikim.

- O **BloCongo de Itaparica** é um bloco de carnaval que utiliza tambores e canta músicas tradicionais de congo. O bloco foi fundado em 2005 no período do carnaval por um grupo de participantes da Banda de Congo de São Benedito de Itaparica. O grupo possui 50 componentes e utiliza os seguintes instrumentos musicais: tambores de congo, casaca, triângulo, cuíca e chocalho. As músicas cantadas pelo bloco são músicas festivas do congo, como por exemplo, *Madalena*. A rainha do bloco se veste a caráter e leva o estandarte do grupo, e os demais integrantes, tocadores e dançadores, usam camisetas com o nome do grupo. O bloco se apresenta nos dias de carnaval e no Sábado de Aleluia.

Em Aracruz identificamos duas bandas de congo em situação de memória. A Banda de Congo São Benedito de Biriricas, que não atua desde o ano de 2009, e a Banda de Congo São Sebastião de Santa Rosa, desde 2012, quando sua presidente, Marilda, passou a morar com os guarani da aldeia Piraqueaçu.

4.2.1. Dinâmica da festa da fincada do mastro da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho

Em 2014 a festa da fincada do mastro de São Benedito aconteceu no dia 28 de dezembro. Participaram do festejo a Banda de Congo Tupinikim de Caieiras Velha, a Banda de Congo São Benedito de Itaparica, o Coral Guarani Ko'endju Retxakan de Boa Esperança, o Coral Guarani de Rio Piraqueaçu, o BloCongo de Itaparica Portal de Santa Cruz e a Banda de Congo São Benedito de Regência/Linhares.

Por volta das 10 horas os grupos das aldeias guarani e tupinikim, Banda de Congo Tupinikim, Coral Guarani Ko'endju Retxakan, Coral Guarani de Rio Piraqueaçu, chegaram a Vila do Riacho, assim como a Banda de Congo São Benedito de Itaparica. O encontro dos grupos acontece na Casa de Cultura Mãe Aurélia. Nesse local, os participantes aguardam a hora do almoço e durante a espera tocam músicas de congo,

conversam, os corais ensaiam algumas músicas cantadas na língua guarani, entre outras atividades.



Foto 36- Concentração dos grupos na Casa de Cultura Mãe Aurélia.
Dezembro de 2014.
Foto: Andréia Ribeiro.

Por volta das 17 horas as bandas de congo saem em cortejo em direção à Igreja de São Benedito e os corais guaranis vão de ônibus. Chegando à igreja, as bandas adentram no templo e dona Astrogilda agradece a presença de todos. Em seguida, todos saem de dentro da igreja e o capitão Antônio faz apresentação de todos os grupos presentes no festejo. Logo em seguida, cada coral se apresenta cantando músicas em guarani.



Foto 37 - Cortejo das bandas de congo em direção à Igreja São Benedito.
Dezembro de 2014.
Foto: Andréia Ribeiro.

Por volta das 18 horas as bandas de congo saem em cortejo para a procura e a busca do mastro de São Benedito. O cortejo é acompanhado pelas pessoas da comunidade e dura cerca de 30 minutos até encontrarem o mastro, que foi escondido no dia anterior. No ano de 2014, o mastro foi encontrado por um grupo de crianças que saíram à frente do cortejo com o propósito de encontrá-lo antes que os adultos. Quando encontraram, sinalizaram para as pessoas onde ele estava. Um grupo de homens foi até o local e eles arrastaram o mastro para a rua e o colocaram sobre os ombros. Convém mencionar que o mastro mede aproximadamente 9 metros. Quando o mastro é encontrado, algumas pessoas buscam tocá-lo com a intenção de pagar alguma promessa feita para São Benedito, ou tentam, no meio da multidão, segurar o mastro por algum momento. Outras pessoas arrancam alguns galhos de árvores e os erguem para alto, simbolizando a carregada do mastro e/ou avisando os presentes que o mastro foi encontrado. No caminho de volta para a fincada do mastro, os homens e as mulheres que carregam o mastro fazem coreografias (levantam o mastro, vão para frente e para trás de forma rápida).



Foto 38 - Cortejo com o mastro de São Benedito em direção à Igreja de São Benedito.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

Quando o cortejo chega com o mastro no adro da Igreja de São Benedito, a bandeira do santo é colocada em seu topo e, nesse momento, dona Astrogilda e participantes rezam sobre a bandeira. Em seguida, um grupo de homens da comunidade faz o levantamento do mastro. Quando consegue fincar o mastro, a multidão aplaude o fato e alguns jogam cerveja e vinho para o alto, finalizando, assim, a fincada do mastro de São Benedito.

Segundo capitão Antônio, a procura e a busca do mastro representam o momento posterior em que os negros são salvos do naufrágio por São Benedito por intermédio do mastro.

4.3. Linhares

O encontro com os representantes das bandas de congo do município de Linhares foi realizado no teatro localizado à Praça 22 de Agosto, no distrito sede. Nesse local encontra-se, também, a biblioteca pública do município, Antônio Azevedo Lima, onde realizamos pesquisa bibliográfica, mas não identificamos nenhuma fonte inédita sobre o tema da pesquisa.

A denominação *Praça 22 de Agosto* está relacionada ao dia da criação do município de Linhares, no ano de 1833. No local está o patrimônio histórico edificado mais antigo da cidade, conforme *site* da prefeitura. Trata-se da Igreja Velha, construída

em 1857, que compõe o entorno da praça. Nesse templo religioso há celebração com participação da banda de congo do distrito de Regência.



Foto 39 – Igreja Velha.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

Na etapa de agendamento das entrevistas com os representantes da manifestação cultural religiosa em Linhares, Maria Conceição Costa, da Banda de Congo de Regência, sugeriu que fizéssemos contato com Julio César Durão, diretor de cultura de Linhares, com o objetivo de conseguirmos reunir as três bandas de congo do município no distrito sede. Fomos atendidos pelo diretor, que se colocou à disposição para isso, e confirmamos em campo, por meio dos participantes do encontro, sua proximidade com as bandas, sobretudo com o presidente da Banda de Congo de Povoação. As dificuldades encontradas pelos detentores do bem cultural foram apontadas na reunião, sobretudo no que diz respeito à precária contribuição do poder público.

Participaram do encontro os quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural; Claudionor Soares, presidente da Banda de Congo São Benedito de Povoação; Rafael Euzébio, o mestre; e Juraci da Costa Mendonça, integrante. Da Banda de Congo Mirim de São Benedito, esteve presente a coordenadora do grupo, Mercedes Martins de Oliveira. Do distrito de Regência participou Maria Conceição Costa, presidente da Banda de Congo de São Benedito. Juraci da Costa e Rafael

Euzébio também foram ao encontro como representantes da Folia de Reis de Povoação, adulta e mirim. Os participantes informados que a reunião abordaria apenas assuntos relacionados às bandas de congo e ticumbi. No entanto, após o término da apresentação do projeto, coletamos, também, os dados da folia de reis, atendendo à solicitação de Juraci da Costa.

A Banda de Congo da Comunidade Pedrolândia não compareceu devido ao problema causado pela chuva, dificultando a saída do local. Essa comunidade fica mais distante da sede de Linhares, situa-se na fronteira desse município com Colatina. Conforme Julio César Durão, somente tratores permitiriam acesso ao local em decorrência da chuva.

Ficou acordada uma ligação para Pedrolândia, mediante contato telefônico com João Batista, para coleta de dados. Na etapa da pesquisa de fontes bibliográficas, encontramos uma reportagem no *site* da prefeitura de Linhares, informando a participação da Banda de Congo de Pedrolândia na festa do Caboclo Bernardo em Regência, no ano de 2013. Nesse comunicado, Mestre Zuza, de 79 anos, relatava que havia sido o primeiro convite feito à Banda de Congo de Pedrolândia para participação da festa em Regência.

Sobre a existência de outra banda de congo, nomeada Guaxe, confirmada em pesquisas preliminares, fomos informados no encontro de que essa manifestação se trata de jongo.

Antes de conversarmos sobre o projeto de pesquisa, todos os participantes do encontro se apresentaram.

Após a exposição, houve o momento para conversarmos sobre as possíveis dúvidas referentes à pesquisa. De maneira geral, observou-se que o Iphan é desconhecido pelos participantes do encontro.

A pesquisa foi bem recebida e a fala dos representantes pode ser exemplificada pelo relato de Claudionor Soares: “A cultura popular é rica em existência e pobre em recursos”. Ele questionou os órgãos públicos sobre a falta de apoio, dizendo não entender por que agem assim. Maria Conceição, de Regência, respondeu: “Pensam mal pensado”.

A etapa seguinte foi a leitura do consentimento e posterior assinatura, de acordo com a anuência dos participantes. Todos assinaram.

- A **Banda de Congo São Benedito de Regência**, segundo informações de Maria Conceição Costa, foi fundada em 1902. Um dos principais organizadores da manifestação naquela época foi Manoel Izidoro. O congo era conhecido como “Tambor de Congo” ou “Tambor de São Benedito”. A manifestação cultural religiosa era constituída de dois tambores e dois canzás.

Em 1976, após a visita da Banda de Congo de Vila do Riacho, formada por vários tambores e casacas, a Banda de Congo de Regência inseriu em suas celebrações mais tambores, canzás (casaca), triângulo e chocalho. Nessa ocasião, as mulheres também ingressaram na banda de congo de Regência. Alda Ribeiro Lourenço Ivo, esposa do atual capitão da banda, Darci Ivo, foi a primeira mulher a entrar para essa banda de congo. Maria da Conceição informou que, na atualidade, há mais mulheres do que homens na banda.

Os instrumentos usados, desde a fundação, são tambores e canzás (casaca), que também são conhecidos como reco-recos pela informante dos dados. Em 2014, havia 30 componentes na banda, que é formada pelo capitão e por marujos. Maria Conceição, além de presidente, leva a bandeira da banda de congo.

Em Regência, no mês de junho, acontece a festa em homenagem ao Caboclo Bernardo, referenciado como herói na região. No mesmo evento, há o encontro das bandas de congo do estado. De acordo com Maria da Conceição, participam do encontro bandas de congo e também os grupos de jongo.

Maria Conceição relatou que o Caboclo Bernardo era capitão da Banda de Congo de Regência e que salvou 128 vidas em um naufrágio ocorrido em 1887 a 10 milhas da praia do local. Tratava-se do navio da Marinha de Guerra Brasileira. Por causa disso, ele recebeu uma medalha de ouro da Princesa Isabel. Maria da Conceição acredita que sua morte, em 1914, se deu em consequência da premiação que ele havia recebido, a medalha, que desapareceu. Em 2014 a Banda de Congo de Regência lembrou os 100 anos da morte do herói capixaba nas festividades do mês de junho.

Ao final da coleta de dados, foi mostrada a Maria Conceição a revista que a equipe de pesquisa ganhou da atendente da Seccional Regional de Linhares do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, antiga Casa de Câmara de Linhares, contendo a história do Caboclo Bernardo. A presidente da Banda de Congo de Regência expôs que tinha conhecimento do material, mas que não havia gostado das ilustrações, pois as personagens foram retradas, segundo ela, de forma monstruosa, o que ela considerou

como uma falta de respeito com a população de Regência. A revista narra a história de Caboclo Bernardo desde o dia do naufrágio até sua morte. O título da publicação é: *Caboclo Bernardo, o herói capixaba*.

As festividades em Regência, organizadas pela Banda de Congo, são: festa da fincada do mastro de São Benedito, em novembro; derrubada do mastro de São Benedito, em janeiro; e festa dos pescadores, em junho. O padroeiro da Banda de Congo de Regência é São Benedito, mas o grupo também presta homenagens à protetora dos navegantes, Santa Catarina.



Foto 40 – Igreja de São Benedito em Regência.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

As festas da banda de congo de Regência são realizadas com o apoio da prefeitura e da comunidade. Maria da Conceição informou que sempre vai à prefeitura antes do período das festas para buscar recursos, mas não é sempre que consegue tudo que pleiteia. No ano de 2014, sem citar festa específica, a gestão municipal contribuiu com fogos, refrigerantes e carne. No entanto, a presidente da banda contou que já houve ocasião em que sequer foi recebida pelos responsáveis da Secretaria de Cultura do município. A comunidade contribui com alimentos.

- A **Banda de Congo Mirim de Regência** foi extinta. Nas informações colhidas antes do campo, quem estava à frente dela era dona Mariquinha. Maria da Conceição nos informou, após a reunião, que dona Mariquinha está afastada das comemorações do

congo por questões de saúde. Essa senhora é citada em alguns trabalhos acadêmicos como referência do congo em Regência.



Foto 41 - Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo. s/d.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Regência.

- A **Banda de Congo São Benedito de Povoação**, de acordo com Claudionor Soares, existe há mais de 100 anos. O presidente não soube nos informar a história da origem da banda. Ele contou que no princípio a banda possuía um tambor e uma casaca, e que a manifestação do congo em Povoação é tradição, passada de pai para filho. Atualmente, há 22 instrumentos na banda, 11 casacas e 11 tambores. A banda é formada por 22 componentes, dentre eles mestre e tocadores.

Em Povoação acontece a festa de São Benedito no período que vai de 24 a 27 de dezembro, em homenagem ao santo e nascimento do menino Jesus. A festa começa dia 24, no encerramento da novena de Natal. Há o cortejo com a imagem e a bandeira de São Benedito, que percorrem toda a comunidade, finalizando na praça da Igreja de São Benedito. Na madrugada do dia 25, acontece o ritual de procura do mastro de São Benedito. No dia 25, às 18h30 o mastro é hasteado em frente à igreja. Essa parte do ritual é finalizada com uma procissão que leva a bandeira de São Benedito. Há também celebração de missa. O evento é encerrado no dia 27 de dezembro com procissão, levando a imagem do santo. A banda de congo celebra até a meia-noite.

A festa da banda de congo de Povoação é feita com a contribuição dos moradores do local e dos visitantes.

A banda de congo de Povoação participa da festa do Caboclo Bernardo, em Regência, e do Encontro Estadual de Cultura que acontece em Vitória.

Durante o encontro, Claudionor informou que está buscando reconhecimento do município, através do registro, para a Banda de Congo de Povoação.

- No distrito de Povoação há também a formação da **Banda de Congo Mirim de São Benedito**, datada de 27 de dezembro de 2000. Rita Pereira Moreira, conhecida como dona Ritinha, já falecida, foi a responsável pela criação do grupo.

A inspiração de dona Ritinha para a formação da Banda de Congo Mirim se deu em uma festa de congado realizada em Alfenas/MG. A brincadeira do boi na festa foi sugestiva para a criação, reunindo muitas crianças. Mercedes Martins de Oliveira, atual coordenadora e irmã de dona Ritinha, informou que sua irmã foi de porta em porta fazendo o convite para os pais, pedindo permissão para o ingresso de seus filhos na Banda de Congo Mirim.

Em 2014 a banda possuía 28 crianças, de 7 a 13 anos, que participavam das festas de congo de Povoação e de outros locais em que são convidados. Segundo Mercedes, o convite pressupõe transporte e alimentação. Já participaram de festas em Regência, Vitória, João Neiva e Rio Bananal.

Os instrumentos utilizados pela Banda de Congo Mirim são tambores e casacas.

Na festa de São Benedito do distrito de Povoação, a Banda de Congo Mirim participa do evento desde o dia da fincada do mastro, em 25 de dezembro, até a descida do mastro, no dia 03 de fevereiro. Também são convidados a participar, em Povoação, da festa do robalo, em setembro, e da festa da manjuba, em abril.

Povoação está separada de Regência pelo Rio Doce. O local abriga, bem como Regência, o Projeto TAMAR, de proteção às tartarugas marinhas. As ruas do distrito não têm pavimentação. Observou-se produção de coco e cacau. Há no local uma instalação da Petrobrás. O comércio é voltado para as demandas locais e as edificações são horizontais.

- Posteriormente ao encontro com as bandas de congo, conseguimos conversar com um representante do congo de Pedrolândia, João Batista Teixeira Gonçalves. Segundo João Bastista, o congo de Pedrolândia foi fundado na década de 1950. O grupo é composto pelo mestre, José Pereira, conhecido como Zuza; pelo coordenador João

Batista Teixeira Gonçalves; por uma rainha, que tem a função de levar a bandeira do grupo; por tocadores de tambor, pandeiro, casaca, zabumba, clarineta e chocalho. Segundo João Batista, o congo de Pedrolândia possui, em 2015, 20 componentes.

De acordo com João Batista, o grupo não realiza a fincada e a retirada do mastro desde o ano de 2000. Entretanto, a partir do ano de 2013 a prefeitura municipal de Linhares passou a convidar o congo para participar da festa do Caboclo Bernardo, em Regência. Dessa forma, o congo de Pedrolândia participa somente desse festejo.

Parte da equipe visitou o distrito de Regência no período natalino. Em Regência conversamos com o senhor Humberto Soares dos Santos, tocador de canzá (casaca), zelador da Casa do Congo, tocador de tambor e artesão de instrumentos do congo (canzá e tambor). Senhor Humberto aprendeu o ofício observando o pai, que também detinha o conhecimento da arte. O tambor é feito com PVC e couro sintético e o canzá é feito com madeira, sendo a barriga do instrumento feita com bambu.

A opção de fazer o tambor em PVC ocorre, segundo Humberto, devido ao desmatamento da mata e à proibição do corte de árvores. Ainda de acordo com Humberto, foram os congueiros de Vila do Riacho/Aracruz que ensinaram a usar o PVC para a confecção dos tambores. Humberto pratica o ofício desde 1964.

Em Regência há a Casa do Congo, que fica situada em frente à igreja de São Benedito. A primeira edificação foi construída na década de 1960 pelos congueiros de Regência. Na década de 1970, devido à enchente que assolou parte das construções da comunidade, um fazendeiro, chamado Antoniele, reconstruiu a Casa do Congo.

Na Casa de Congo são guardados os instrumentos, os tambores e o canzá, além da imagem de São Benedito. Nos dias de festas, a comida é feita na cozinha que fica anexa à edificação, e é lá que os participantes almoçam.

Conversamos também com dona Alda Ribeiro Lourenço Ivo e seu marido, Darci Ivo, capitão do congo. Dona Alda ratificou o que Maria da Conceição Costa relatou em nosso encontro com as bandas de congo de Linhares, contando que foi a primeira mulher a entrar na banda de congo de Regência, na década de 1970, e que atualmente há mais mulheres do que homens na banda de congo. Ela considera que a entrada das mulheres no grupo permitiu a continuidade do congo em Regência.

4.4. Colatina

Em Colatina o encontro com os representantes das duas bandas de congo, uma localizada na comunidade rural Paul de Graça Aranha e a outra no bairro São Vicente, em Colatina Velha, aconteceu separadamente.

Na parte da manhã, fomos à comunidade rural Paul de Graça Aranha. A região é composta por diversas comunidades rurais e é cercada por fazendas e pequenas propriedades. Seu acesso se dá por estrada de terra e a zona urbana mais próxima da localidade pertence ao município de Marilândia.

- Chegando à comunidade, fomos para o sítio do senhor Alcides Guedes, mestre da **Banda de Congo de São Benedito Paul de Graça Aranha**, onde mora com sua família. O encontro ocorreu na residência do senhor Germano Guedes, filho de Alcides, que participa da banda de congo e que cuida da parte administrativa da organização da festa e das viagens do grupo.

Segundo Alcides Guedes, a banda surgiu em 1951 por iniciativa de Waldemar Piccoli, que veio de mudança de Alfredo Chaves, onde já existia uma banda de congo. Alcides destacou que:

“Ele explicou para o povo como funcionava o congo e o Sr. José Fornazieri, que também já tinha visto uma banda de congo, foi na mata e retirou madeira de pau oco e fez duas cuícas e um reco-reco. Waldemar Piccoli, então, arrumou um tambor de madeira de vinho, colocou couro de boi e fez as caixas. Foram na ferraria e arrumaram um triângulo e chocalho”.

Alcides ressalta que no início ninguém sabia tocar nada, mas mesmo assim foram batendo as caixas sem saber e com o tempo foram aperfeiçoando. A primeira formação do grupo contava com 12 pessoas, dentre elas o Sr. José Fornazieri, que foi o primeiro mestre da banda, Waldemar Piccoli, Geraldo Souza, Pedro Cruz, Valdir Cruz, Alcides Guedes, Euclides Guedes e João Guedes. Quando José Fornazieri se mudou da comunidade, em 1953, o Sr. Alcides Guedes assumiu o grupo como mestre.

O santo padroeiro da banda é São Benedito. Na fundação do grupo, conta Sr. Alcides, Waldemar Piccoli mandou encomendar uma imagem de São Benedito e a sua sogra fez a bandeira para o santo. Os integrantes, então, perguntaram para o padre da capela, na época o senhor Zé Brasil, em qual data São Benedito era homenageado, e ele

respondeu que era no dia 26 de dezembro. Dessa forma, desde então é feita a festa da fincada do mastro no dia 26 de dezembro (dia de São Benedito), e no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, é feita a arrancada do mastro.

Germano Guedes ouviu falar que na época dos escravos o Natal era comemorado pelos senhores e os escravos só podiam comemorar os seus festejos no dia seguinte, por isso a festa de São Benedito é comemorada no dia 26 de dezembro.

Ainda segundo Germano, a festa da fincada é mais local, e para a festa da retirada do mastro são convidadas várias bandas de congo de outras cidades. Com relação ao mastro, ele ressaltou que antigamente fazia a cortada do mastro na mata, mas que atualmente ele é feito de material duradouro e fica guardado até o dia da festa, quando o grupo vai à casa da pessoa que está com o mastro e o pegam para fazer a fincada. Também era tradição fazer um leilão para arrematar o mastro que era resgatado no dia da festa, porém, esse costume foi deixado de lado, tendo em vista a dificuldade com transporte e as distâncias que tinham que percorrer. Dessa forma, hoje em dia o mastro só fica guardado dentro da própria comunidade.

Quando Alcides foi perguntado o porquê de São Benedito ser padroeiro das bandas de congo, ele respondeu saber de várias histórias, dentre elas, uma que conta que “quando São Benedito foi para África, ele se pintou de negro para não ser morto e fez muitas coisas boas lá, e assim quando saiu, passaram a fazer festa para ele”. Além disso, ele não soube informar as origens da banda de congo no estado, pois quando a sua foi fundada, já existiam outras bandas espalhadas pelo Espírito Santo.

Germano destacou a história do naufrágio do navio em que vários negros se salvaram segurando o mastro e rezando para São Benedito, e que a partir daí começaram a fazer a festa.

Ressalta-se que durante a conversa, o Sr. Alcides, que é descendente de família italiana, afirmou que a festa do congo não é uma festa só de negros, como muitos falam, mas é uma festa de todos, “em que todo mundo dança para São Benedito”.

As principais dificuldades apontadas por Germano estão relacionadas à questão financeira, no que diz respeito ao custeio do transporte para a banda ir a outros festejos, à aquisição de novos uniformes e à manutenção dos instrumentos. Também apontaram dificuldades na renovação dos componentes dos grupos, uma vez que os mais novos não se interessam por tocar no congo.

- Na parte da tarde fomos para o bairro São Vicente, em Colatina Velha, para o encontro com o Sr. Isael Jorge Souza, mestre da **Associação Folclórica Banda de Congo e Tambor de São Benedito de Colatina Velha**, que atualmente está desativada. Participou da reunião a Sra. Maria Tereza Paulino, colaboradora da banda.

Segundo Sr. Isael, a banda foi fundada em 1944 no município de Linhares. Em 1970, o Sr. Mário Correia, o Mario Belé, fundador da banda, trouxe o grupo para Colatina Velha e ele atuou até 1975/1976. Em 1988, um grupo de moradores chamou o Sr. Isael para levantar a banda em Colatina Velha, uma vez que ele participava da banda do Sr. Mário quando era criança. Dessa forma, Sr. Isael decidiu levantar o grupo que tocou até o ano de 2010, já que por motivo de saúde, o Sr. Isael precisou se afastar por algum tempo. Após se recuperar, Sr. Isael não conseguiu reunir um número de pessoas suficientes para formar novamente a banda de congo. Segundo ele, são necessárias pelo menos 10 pessoas para que uma banda de congo seja formada.

De acordo com Isael, a banda era requisitada para participar de festas em várias cidades, porém, não tocavam em Colatina Velha, pois não era muito bem aceita pela igreja da região. Mencionou que festa em Colatina Velha ocorreu somente na década de 1960/1970, em frente à Igreja de Nossa Senhora de Auxiliadora, onde era feita a fincada no dia de São Benedito e a retirada do mastro no dia de São Sebastião.

Ponto importante a salientar sobre a conversa com o Sr. Isael é que ele se autodeclarou tradicionalista, criticando a falta da manutenção da tradição do congo em outras bandas do Espírito Santo. Criticou o fato de muitas bandas tocarem com instrumentos de escola de samba e feitos de “cano PVC”, além de não tocarem o verdadeiro ritmo do congo. Para ele, alguns congos batem marcha e não congo.

Os instrumentos musicais tradicionais, no entender de Isael, são feitos de barrica e pau oco. Ele narra que

“os senhores, donos de escravos, traziam o vinho nas barricas lá de Portugal. Aí quando eles bebiam, jogavam as barricas fora. Aí os negros aproveitavam, colocavam o couro e faziam o tambor. Mas nas nossas matas aí, existia uma madeira que chamava pau de tambor que não tem outra igual, que a natureza quase faz um tambor para gente, hoje em dia é até difícil ver essa madeira, porque derrubaram quase tudo. Tem madeira oca que dá pra fazer.”

Sobre o ritmo do congo, ele mencionou que a batida nos instrumentos apresenta uma marcação diferente e que há três ritmos, um mais lento, um ritmado e um de ritmo “mais quente”, o jongo, que permite fazer a dança caiçara, típica dessa tradição.

Israel frisou que compôs várias toadas (músicas) para a banda de congo e que também adaptou algumas músicas de domínio público para o ritmo. Ao mencionar sobre as toadas do congo, ele observou que os congos do litoral cantam músicas que remetem ao mar, à areia, à sereia, e os do interior versam sobre cavalo, lagoa, canoa, entre outros temas da vida cotidiana.

Em um determinado momento, Israel, de forma espontânea, fez o seguinte relato:

“Eu pesquisei porque no Espírito Santo existe banda de congo desse jeito e no resto do Brasil existe congada. Tudo isso eu procurei saber, eu pesquisei [...]. Nós fomos no Encontro Latino de Folclore em Cuiabá [...]. A Tereza, filha do mestre de congo da Serra, Antônio Eugênio, ela guiou a excursão. Tivemos em Brasília esperando um voo para Cuiabá durante cinco horas. A Tereza não fez nenhuma rodinha para conversarmos sobre o congo. Em Cuiabá um moço do evento perguntou para o mestre de uma congada a diferença entre o congo do Espírito Santo e a congada. O mestre da congada não soube falar nada [...].

A história remonta do século XVIII para o XIX. Havia no Espírito Santo duas congadas, os caramurus e os peroás, que disputava a Igreja de Nossa Senhora do Rosário na cidade alta de Vitória. No final do século XVIII houve um naufrágio na costa do Espírito Santo, ali em Nova Almeida [...]. Os negros se agarraram no mastro do navio com a imagem de São Benedito. Esse navio eles carregam na festa até hoje. O navio chama Palermo. Na Serra e em Fundão eles carregam com uma cordona de todo tamanho, com muita gente puxando esse navio [...]. Disso aí, eles resolveram fazer uma homenagem a São Benedito. Eles arrumaram os paus ocos, as barricas jogadas fora e começaram esse tipo de congo já mais aberto ao povo. A congada é uma coisa restrita. Tem aquele grupo certo ali, duas fileiras, executa um ato, tipo um teatro [...]. O resto do povo fica olhando. Já esse congo do Espírito Santo, não: sai batendo, tem as rainhas, conguistas, as princesas e mais o pessoal que está no entorno que entra no meio e vai dançando também [...]. Por isso que o congo sobrepôs às congadas. O povo aderiu a esse tipo de congo por causa disso [...]. Neste período também passou a ter o carnaval de congo. Eram aqueles negros que fugiam da senzala [...] queriam participar do congo e o senhor não deixava. Então eles colocavam uma máscara, dançavam no congo mascarados. Hoje em dia tem uma localidade em Cariacica, Roda-d’Água, que realiza o carnaval de congo.”

4.5. Governador Lindenberg

Em Governador Lindenberg a reunião ocorreu no Salão Paroquial da Igreja de São Sebastião às 18h, e contou com a participação de diversos representantes da banda de congo, dentre eles o coordenador, Jacimar Luis Fernandes; o capitão, Laudelino Vicente Pereira Zodi; os tocadores, Aurinho Rodrigues Fagundes e Abel Albani Luiz; e a cantadora, Deuzily Cruz Fagundes. Além disso, participou a representante do Iphan/ES, Rebecca Guidi.

Ao ser perguntado sobre a origem da banda, Jacimar Luis Fernandes, coordenador do grupo, pediu para ler um texto manuscrito por ele no dia anterior, no

qual ele trazia informações da banda, coletadas com o Sr. Antônio Valentim Lírio, o “Castelim”, um dos membros mais antigos do grupo.

- De acordo com essas informações, a **Banda de Congo Novo Brasil** foi fundada em 1952, por iniciativa do Sr. Irineu José de Lírio, pai do “Castelim”, juntamente com José Pereira e Alvinho Araujo Machado. Na época, os integrantes da banda utilizavam uma madeira nativa conhecida por tambor, que tem por característica ser ocada e que era revestida por couro de boi, formando-se, assim, os tambores instrumentais da época, que eram tocados nos entardecer e nos finais de semana nos terreiros das casas.

Com o passar dos anos, foi construída uma réplica de um navio de madeira com rodas que era puxado em uma apresentação na rua principal do distrito, transportando o rei e a rainha da banda de congo enquanto os demais participantes tocavam os tambores e cantavam músicas tradicionais da África. Segundo a narrativa, essa tradição remonta os navios que transportavam africanos para serem escravizados no Brasil, e em uma dessas vezes foram capturados também um rei e uma rainha de Congo. O navio que os trazia acabou naufragando na costa do litoral capixaba, no município de São Mateus/ES. Porém, o mastro do navio não afundou e serviu como boia para os sobreviventes que conseguiram chegar até a praia do litoral capixaba, em São Mateus.

Por isso o mastro oficial da banda de congo é conduzido pelos participantes da banda juntamente com os moradores da comunidade nas datas festivas. O ritual ocorre no dia de São Benedito, com a fincada do mastro, nas proximidades da igreja católica em Novo Brasil, e a retirada no dia de São Sebastião (padroeiro de Novo Brasil).

Antes da fincada, explica o Sr. Laudelino, a tradição é esconder o mastro. Assim, no dia anterior à festa, uma turma esconde o mastro e os demais o procuram. A banda possui dois mastros, um que é escondido e outro que é fincado: “No dia da festa é erguido o mastro que é o verdadeiro, que é fincado e erguida a bandeira de São Benedito”.

A Banda de Congo Novo Brasil tem como padroeiro São Benedito. Segundo os integrantes, a escolha desse santo se deu porque “ele era cozinheiro e dava comida aos pobres”, “porque tinha descendência africana” e porque “São Benedito foi resgatado lá dos escravos e foi aonde as pessoas católicas passaram a comemorar o dia de São Benedito”. Mas, além de São Benedito, a banda canta para São Sebastião, que é padroeiro da comunidade. Os participantes ressaltaram que as canções são, em sua maioria,

religiosas, que aprenderam dos mais antigos ou que ouvem outros grupos cantar e copiam.



Foto 42 – Bandeira da Banda de Congo Novo Brasil.
Dezembro de 2014.
Foto: Fernando M. Anício.

Os instrumentos da banda de congo são guardados em uma sala na Sede Comunitária de Novo Brasil. Segundo Laudelino, os instrumentos tradicionais do congo são os de madeira, mas eles acabam colocando também outros instrumentos de escola de samba para agradar os demais componentes.

A principal dificuldade apontada pelo grupo é resgatar os componentes de volta para banda e formar um grupo maior. Além disso, existe a questão do transporte para que eles possam ir às festas para as quais são convidados, pois em algumas ocasiões não conseguem obter ônibus da prefeitura para viajar. Em relação ao financiamento da festa e aos gastos para manutenção da banda, os integrantes recolhem dinheiro e alimentos através de ofertas da comunidade, durante a cortada do mastro simbólico, e conseguem arrecadar fundos por meio de patrocínios, leilões e roletas. Além disso, os alimentos que são usados na preparação do almoço no dia da festa também são doados..

Depois da reunião houve uma pequena apresentação da banda de congo na Praça São Sebastião, situada na área central do distrito. Durante a apresentação, as mulheres cantaram e dançaram ao centro, junto à rainha que levava a bandeira, e os demais componentes tocaram os instrumentos sob o comando do apito e do bastão do capitão Audelino.



Foto 43 - Apresentação da Banda de Congo Novo Brasil na Praça São Sebastião.
Dezembro de 2014.
Foto: Fernando Martins Anício.

4.6. São Domingos do Norte

A pesquisa *in loco* realizada em São Domingos do Norte foi iniciada com uma visita à residência do coordenador da **Banda de Congo São Benedito** da comunidade homônima, situada no distrito de Córrego Dumer, o Sr. Clóvis Gomes Filho, de 52 anos.

Segundo o Sr. Clóvis, a banda de congo foi formada em 1961 pelo conselho paroquial da comunidade de São Benedito. Em 1975, aos 13 anos de idade, Clóvis entrou para a banda de congo. Naquele período, a sua tia era coordenadora da banda de congo. Com o falecimento dela, assume o grupo o Sr. Antônio Barbosa, que foi substituído pelo o Sr. Neném Liberato. Neném coordenou a banda de congo até o ano 2000, quando o Sr. Clóvis assumiu a coordenação.

O Sr. Clóvis ressaltou que a denominação da pessoa responsável pela banda de congo na localidade é coordenador. Reconhece que em outras cidades capixabas utiliza-se o termo mestre, chefe, tomador de conta da banda de congo ou capitão.



Foto 44 - Cotejo da banda de congo à procura do mastro de São Benedito.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

A comunidade de São Benedito do distrito Córrego Dumer começou a ser povoada no início da década de 1960, com as famílias de Damião, Pedro, Liberato e Paulo. Através de um mutirão, ergueram uma igreja e escolheram São Benedito como padroeiro, nomeando também a comunidade em homenagem ao santo. Por meio do conselho paroquial, a comunidade fundou a Banda de Congo São Benedito. Indagado sobre a razão da escolha de São Benedito para ser o padroeiro da banda de Congo, Clóvis relatou:

“por devoção, nós sabemos que São Benedito foi escravo e foi até cozinheiro e cozinhou muito bem. É um santo milagroso e tem muita misericórdia do povo. Tinha muita dó das pessoas e matou muita fome das pessoas na época. (...). Então é assim, onde tem uma banda de congo hoje é porque o povo tem devoção a São Benedito. Gostam muito da festa dele e prestigiam”.

A fincada do mastro de São Benedito da comunidade homônima ocorre no mês de dezembro e a arrancada no mês de janeiro. Conforme pontuou Clóvis:

“antigamente a fincada do mastro ocorria no dia 26 de dezembro independente do dia da semana que caísse, seja segunda-feira ou domingo. Com o tempo foi mudando, os padres foram chegando e mudou. Atualmente costuma fazer no domingo antes ou depois do dia 26 de dezembro”.

Ao indagarmos o porquê da fincada e da arrancada do mastro de São Benedito, Clóvis nos narrou o seguinte:

“Olha, é o seguinte: nós estamos falando de milagre. São Benedito, sabe-se que ele veio da África. Ele vindo da África, ele parou no Rio de Janeiro com o pessoal dele, com a frota dele. A história conta assim: saindo pra Vitória chegando em Nova Almeida (...) segundo a história (...) o navio que eles estavam começou afundar e povo que estava junto com ele, começou aquela gritaria danada e tal. E aquela preocupação que o navio estava afundado. Só que acontece, como São Benedito era milagroso, segundo a história conta, o navio afundou e o pessoal só ficou com o mastro pra cima. E povo se salvou tudo ali naquele mastro de São Benedito. Então é onde deram o nome de mastro de São Benedito. É por isso que a festa é feita e tem a fincada do mastro e a arrancada do mastro. Por conta disso, a história conta assim”.

Clóvis destacou também que além da fincada e da arrancada do mastro de São Benedito, ocorre na comunidade a cortada do mastro. Em 2014, a cortada ocorreu no mês de novembro. Segundo Clóvis, a cortada do mastro de São Benedito é um ato simbólico, no dia corta-se uma vara de eucalipto ou uma galha de árvore.

Durante a cortada do mastro de São Benedito, a banda de congo realiza cantorias em louvor ao santo. Após a cortada, são oferecidas comidas e bebidas na residência do festeiro do ano. Em 2014, o festeiro ofertou feijão tropeiro, pão com carne, refrigerante, suco e vinho.

A escolha do festeiro da cortada do mastro é feita no decorrer da arrancada do mastro de São Benedito. No rito da arrancada há um momento que se passa a bandeira a um devoto da comunidade e a pessoa que “pega a bandeira de São Benedito” fica responsável por oferecer um lanche no dia da cortada do mastro. Durante o ano várias pessoas deixam seus nomes com interesse de pegar a bandeira, e a motivação, segundo relatos, é a devoção, o pagamento de promessa ou o agradecimento por uma bênção alcançada.

Após o encontro com o coordenador da banda de congo, o Sr. Clóvis, realizamos na Igreja de São Benedito a reunião com alguns componentes da banda e moradores da comunidade. Compareceram à reunião Clóvis Gomes Filho, coordenador da banda de congo; Maria da Penha, responsável pela cantoria; Luzia Pereira Gomes, responsável pela cantoria; Maria das Dores, responsável pela cantoria e por tocar o reco-reco; Gildo Liberato, tocador de cuíca; Hélio Liberato, tocador de tambor; Rosângela Falconi, responsável pela cantoria; Matias Pereira Gomes, tocador de tambor; Eder Liberato, tocador de tambor; Armandina Pinto das Neves, responsável pela cantoria; Elias Pereira Gomes, tocador de tambor; Eduardo Liberato, tocador de tambor; Marília e João Ribeiro, moradores da comunidade.

No decorrer do encontro, os integrantes da banda de congo mencionaram que a fincada do mastro de São Benedito estava marcada para o dia 21 de dezembro de 2014. Diante dessa informação, a coordenadora da pesquisa confirmou presença no festejo da comunidade.

No final do encontro, o Sr. Clóvis agradeceu a presença dos pesquisadores na comunidade e destacou que esse momento era muito importante para a banda de congo e para toda comunidade de São Benedito.

4.6.1 A dinâmica da festa da fincada do mastro de São Benedito da comunidade de São Bendito do distrito de Córrego Dumer

Na noite do sábado do dia 20 de dezembro de 2014, um grupo ficou responsável por esconder o mastro de São Benedito nas proximidades da Igreja de São Benedito, local onde acontece o festejo.

No dia seguinte, 21 de dezembro, a concentração de pessoas em torno da igreja começou por volta das 9 horas da manhã. Às 10 horas a banda de congo iniciou os toques e as cantorias em louvor a São Benedito. Logo em seguida, a banda de congo saiu em cortejo em busca do mastro, que foi escondido no dia anterior.

Encontrado o mastro de São Benedito, os devotos, em cortejo, seguidos pela banda de congo, o carregam sobre os ombros até a igreja. O cortejo tem a seguinte dinâmica: a rainha Thainara Pereira Dias, responsável por levar a bandeira do grupo, posiciona-se a frente do mastro, que é carregado pelos devotos, e a banda de congo fica no final. O mastro é recebido pelo padre Paulo Mascarenhas na entrada do adro da igreja. O mastro é colocado dentro da igreja e permanece lá durante toda a missa.



Foto 45 - Cortejo do mastro de São Benedito em direção à igreja homônima.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

Durante a missa, o padre Paulo Mascarenhas realizou algumas homenagens ao santo festejado e narrou a seguinte versão da história de São Benedito:

“A família de São Benedito era da Etiópia, mas ele nasceu na Itália, abraçou a ordem de Francisco de Assis, renunciou a todos os bens. Então, morava num paiolzinho lá na beira do café, longe de gente, só vinha na rua pra comprar o que comer. (...) Benedito era sem estudo (...) mas sabia rezar, sabia fazer caridade. Para Deus é isso que importa no ser humano. Lá no convento botaram ele pra estudar, mas ele não conseguia (...) então vamos botar ele na cozinha para fazer pão. Então colocou Benedito na cozinha pra fazer pão para os freis. Ele desenvolveu um dom tão grande, que hoje a gente chama de chefe de cozinha. Então ele desempenhou uma função tão boa... não foi pelo tempero gostoso, mas pelos pãezinhos que ele fazia e dava para os pobres comer. Na época de Benedito no covento, tinha muito pobre por aí, passando fome. Então ele garantia os estômagos deles forrado com pão para não morrer de fome durante o dia. Fazia pão para os freis do convento e o resto que sobrava (...) levava na cesta e dava para os pobres. (...) Em pouco tempo era muita gente procurando Benedito para escutar os conselhos dele sobre Deus. Era um homem que não estudou, mas falava tão bem de Deus que o povo todo procurava Benedito. (...) Aumentava cada vez mais as romaria da região de toda da Itália, vindo para escutar os conselhos do frei Benedito. (...) Um desses dias estava aquela praça cheia na beira do covento, aqueles animais, aquelas carruagens. Aí uma senhora com um filhinho nos braços, que ia levar para Benedito dar uma bênção. Os cavalos se espantaram e deram na perna relinchando e passou por cima, um acidente terrível no meio da multidão (...) e a mãe deixou a criança cair no chão e os cavalos pisotearam e quando pegaram, a criança dada como morta. A mãe chorosa, desesperada levou para o frei Benedito (...) dar uma bênção (...). Chegando lá Benedito deu a bênção e ao pôr a mão no menino, ele reviveu. Então o que ele está segurando, não é o menino Jesus como eles pensam (...) é o menino que caiu e os cavalos pisotearam e deram como morto. E ele fez voltar a viver. Colocou nos braços, deu a bênção e um beijinho e a criança voltou a viver. Imaginam a alegria da mãe. O fato saiu para toda região da Itália, da Índia, da África. E ele ficou cada vez mais famoso e aumentava cada vez mais o número de pessoas procurando para escutar os conselhos do frei Benedito e receber bênção.

Então Benedito, em 1589, entregou a vida a Deus. (...) Aí nós temos esse belo exemplo de Benedito, o Santo. Tido na Itália como o negro e a igreja colocou São Benedito o negro. No Brasil é importante essa devoção a São Benedito, que espalha por todas as comunidades quilombolas e outras comunidades a devoção a São Benedito. Em volta da devoção de São Benedito temos o congo e outras expressões culturais afros. (...) São Benedito, o negro na Itália, a Itália branca, então o negro de família da África, da Etiópia, cresceu tanto na fé, que fez muitos milagres. São Benedito é um santo que devemos apegar e pedir a ele essa bênção diante de Jesus (...) e uma graça de Deus, para que diminua ou possa destruir totalmente entre nós a discriminação racial, que não leva a nada, que só eleva mais às rivalidades humanas. Então a gente pede a São Benedito neste momento, que São Benedito peça a Jesus para que possa erradicar a discriminação racial entre nós. Isso é muito importante e vai além da devoção a São Benedito, isso é uma questão de lei e de direitos humanos. Abaixo a discriminação racial e vamos elevar cada vez mais a solidariedade e o bom convívio humano. (...) Viva São Benedito!”

Finalizada a missa, a banda de congo entra na igreja e canta em louvor a São Benedito o seguinte verso: *“Chamando tá, chamando tá, vamos louvar São Benedito, que ele tá chamando-te”*. Em seguida o mastro é retirado de dentro da igreja pelos devotos e posto do lado de fora.

Durante a tarde, a banda de congo realiza cantorias em louvor a São Benedito ao lado do seu mastro. Há uma pausa para o almoço, que é oferecido por uma barraquinha que vende refrigerante, capelete, bolinho de carne moída, pastel paulista, batata assada recheada e torta de frango.

Depois da pausa para o almoço, a banda de congo retorna a tocar e a cantar com participação de algumas pessoas da comunidade que se integram ao grupo. Por volta das 15 horas ocorre novamente uma pausa para a realização do bingo. Os prêmios do bingo em 2014 foram um ventilador e uma saca de café.

Após o bingo, por volta das 16h30, ocorre queima de fogos e a banda de congo faz a concentração para a fincada do mastro. Algumas músicas são tocadas em louvor a São Benedito e os devotos carregam o mastro até o local onde será fincado, ao lado da igreja.



Foto 46- Fincada do mastro de São Benedito.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 47 - Brincadeira de tocar na bandeira de São Benedito.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

Após a fincada do mastro, ocorre a brincadeira de tocar na bandeira de São Benedito com as crianças. A criança que conseguir a proeza de tocar na bandeira localizada no topo do mastro ganha uma caixa de bombom. No ano de 2014 nenhuma criança alcançou a bandeira.

Às 17 horas a banda de congo se concentra em frente à igreja e realiza cantorias em louvor a São Benedito, finalizando o rito por volta das 18 horas.

A Banda de Congo São Benedito da comunidade de São Benedito do Distrito de Córrego Dumer é composta por coordenador, rainha que carrega a bandeira do grupo, tocadores de tambor, cuíca, tarol, reco-reco e por pessoas da cantoria. Ressalta o Sr. Clóvis que “a banda de congo é um órgão religioso e somente sai com a autorização da comunidade”. A banda de congo participa de alguns festejos realizados fora do município, como o de São Benedito de Novo Brasil/Governador Lindenberg e o da Banda de Congo de Paul de Graça Aranha/Colatina.

4.7. João Neiva

A pesquisa *in loco* em João Neiva foi iniciada com uma visita ao capitão da **Banda de Congo São Benedito do distrito de Acioli**, o Sr. Antônio Rosa, mais conhecido como Tonhão.

O Sr. Antônio nos relatou as dificuldades encontradas para manter a banda de congo, como falta de apoio do poder público municipal para manutenção do grupo, para

aquisição de vestimentas, compra e/ou reforma de instrumentos e custeio de transporte para locomoção da banda para participar de festejos em outras localidades/cidades. Destacou também o problema do consumo de bebidas alcoólicas durante os festejos por parte de alguns integrantes da banda. Segundo Antônio, ele tenta solucionar o problema do consumo exagerado de bebidas com conversas particulares e reuniões coletivas.

Para manter a continuidade da banda de congo, os membros realizam algumas ações como: leilão de tortas, salgados e frangos assados doados pela comunidade de Acioli e a passagem do livro de ouro pelas residências da comunidade. Algumas semanas antes da festa (fincada do mastro de São Benedito) o livro de ouro percorre várias casas do distrito de Acioli acompanhado pela banda de congo. A banda de congo fica na porta das residências previamente escolhidas, o morador da residência faz reverência à bandeira de São Benedito, doa alguma quantidade de dinheiro para o grupo e assina o livro de ouro.

Após o almoço, o Sr. Antônio nos acompanhou até o distrito de Acioli para conhecermos o local em que ocorrem os festejos em homenagem a São Benedito: a Igreja Sagrada Família, onde é fincado o mastro de São Benedito no mês de novembro.



Foto 48 - Igreja Sagrada Família e mastro de São Benedito. Distrito de Acioli.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

O Sr. Antônio Rosa destacou também que durante quatro anos a festa do distrito de Acioli não aconteceu, sendo retomada em 2014, mesmo ano em que assume o posto de capitão através do convite do atual presidente, Pedro Ismael Filho. Porém, em vários

momentos da conversa expressou o desejo de deixar o posto de capitão, devido aos problemas financeiros e disciplinares dos integrantes da banda.

Em Acioli conhecemos o ex-presidente da banda de congo, o Sr. Pedro Ismael de Souza, que em decorrência de problemas de saúde passou a presidência para seu filho, Pedro Ismael Filho. O Sr. Pedro Ismael de Souza, além de ser presidente da banda, tocava casaca e recordou a época em que passava o trem no distrito de Acioli até meados da década de 1960. Além disso, ele destacou como a festa era movimentada e relatou com paixão os festejos do congo. De acordo com seu relato, era uma época em que “Acioli ficava preta com tanta banda de Congo”.

Segundo Pedro Ismael Filho, presidente da Banda de Congo São Benedito de Acioli, a banda tem mais de 80 anos e foi fundada pela família dos Colodinos. “A banda surgiu da época da escravidão, que o pessoal era tudo negro”. Em 2014, possuía 45 integrantes e era composta por capitão, presidente e vice-presidente, tocadores e dançantes.

Os instrumentos utilizados pela banda são: tambores, reco-reco, triângulo, pandeiro, chocalho, cuíca e apito. As vestimentas para os homens são: camisa azul e branca, calça *jeans*, e para as mulheres camisas branca, saia rodada, sapatilhas, tiaras, colares, pulseiras. As músicas seguem a tradição dos antigos, são passadas de pai para filho e discorrem sobre São Benedito e a cultura em geral. A banda leva a bandeira de São Benedito, o seu padroeiro. A fincada do mastro de São Benedito ocorre entre os meses de julho e agosto em frente à Igreja Sagrada Família, no distrito de Acioli. Em 2014, a fincada do mastro aconteceu no mês de novembro devido ao atraso do padre. A retirada do mastro ocorre de cinco a seis meses depois da fincada. Geralmente as bandas de congo que visitam a festa da fincada do mastro são: Banda de João Neiva, Banda de Congo de São Benedito do Rosário da Vila do Riacho/Aracruz, Banda de Congo do Fundão, Banda de Congo de São Benedito de Regência/Linhares, Banda de Congo da comunidade de Paul de Graça Aranha/Colatina e Banda de Congo da Serra.

A Banda de Congo São Benedito de Acioli comparece à festa do Caboclo Bernardo em Regência/Linhares, à festa da Banda de Congo da comunidade de Paul de Graça Aranha/Colatina e à festa de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha.

- Em seguida, realizamos uma entrevista com a Sra. Neusa dos Santos, vice-presidente da **Banda de Congo São Benedito de João Neiva**. Segundo ela, a banda de

congo de João Neiva surgiu a partir da iniciativa dos senhores João Fel e Manuel do Congo. Antes de falecerem, eles entregaram a responsabilidade da banda para o Sr. Cipriano da Silva, que passou depois para o seu filho, José Carlos da Silva, capitão do congo até 2014. Com o falecimento do capitão José Carlos da Silva, a Sra. Neusa assumiu o posto de responsável pelo grupo. Neusa nos informou que Cleomar às vezes assumia a banda na ausência do capitão José Carlos, mas por residir na comunidade de Povoação/Linhares, era difícil exercer a função.

Neusa destacou, ainda, que existem dificuldades para reunir os componentes da banda de congo devido à falta de adesão dos congueiros. Frisou que alguns integrantes consomem bebidas alcoólicas em excesso e que uma das tentativas de solucionar esse problema é a inclusão de jovens no grupo, porém, essa alternativa tem tido pouco sucesso até o momento.

A festa de São Benedito – fincada do mastro – não ocorre desde 2007. Segundo Neusa, o festejo não acontece devido à dificuldade de reunir os componentes da banda de congo, que se desarticulou mais ainda com a morte do seu capitão, em 2014.

Neusa nos levou até a Igreja de São Benedito do bairro Cruzeiro, local onde acontecia a fincada do mastro de São Benedito. O templo também é usado para guarda dos instrumentos da banda de congo. O grupo recebeu do Ministério da Cultura, na gestão do presidente Lula, a bandeira da banda e os instrumentos: tambores, caixas e casacas.

Durante a visita à igreja, Neusa nos relatou com orgulho que o congo do bairro Cruzeiro compareceu, no ano de 2010, à festa do congado do bairro Nova Gameleira, em Belo Horizonte/MG.



Foto 49 - Igreja de São Benedito do bairro Cruzeiro.
Dezembro de 2014.
Foto: Rildo César Souza.

Segundo a Sra. Neusa, a Banda de Congo São Benedito de João Neiva tem mais de 105 anos, possui 45 integrantes e foi fundada pelos senhores João Fel e Manuel do Congo, devotos de São Benedito. Os instrumentos utilizados pela banda são: tambores, casaca, pandeiro, chocalho, cuíca e apito. As vestimentas são calça cumprida e camisa branca para os homens, e as mulheres vestem blusa de manga e saia estampada e rodada. A banda não realiza a fincada do mastro há sete anos (quando ocorria a fincada, ela era feita no mês de dezembro e a retirada do mastro dava-se no mês de junho em frente à Igreja de São Benedito no bairro Cruzeiro). Fora do município de João Neiva, a banda visita a festa do Caboclo Bernardo em Regência/Linhares, a festa de Povoação/Linhares e a festa de Ibiracu. A banda é composta por capitão, rainha, presidente e vice-presidente, tocadores e dançantes.

- O encontro com os representantes das bandas de congo ocorreu no espaço cedido pela Secretaria Municipal de Cultura. Na reunião, compareceram a Sra. Neusa dos Santos, vice-presidente e responsável pela Banda de Congo São Benedito de João Neiva; o Sr. Pedro Ismael Filho, presidente da banda de congo de Acioli; a Sra. Maria da Penha Viana S. Azevedo, integrante da Associação da Banda de Congo de Acioli; e o Sr. Ademar Aris Pereira, voluntário da banda de congo de Acioli. O secretário de cultura, apesar de ter intermediado o encontro e cedido o espaço, não compareceu na reunião e nem enviou representante.

Nesse encontro, uma das principais dificuldades levantadas pelos representantes da banda de congo de Acioli foi ausência de transporte para realizar visitas nas festas de outras localidades.

A festa do Caboclo Bernardo de Regência/Linhares foi citada pelos representantes das duas bandas de congo. Segundo Neusa, há nove anos que a banda de congo de João Neiva comparece à festa.

Destacamos que a Sra. Neusa, durante a entrevista feita anteriormente à reunião, afirmou ser capitã da Banda de Congo São Benedito de João Neiva, porém, na reunião, na presença dos representantes da banda de Acioli, destacou a dificuldade que vem enfrentando em juntar a banda na ausência de um capitão, assim como afirmou que o atual capitão da banda é o Sr. Cleomar, da comunidade de Povoação, localizada no município de Linhares, e que atua como vice-presidente da banda de congo.

O Sr. Pedro Ismael Filho citou que conseguiu, por meio do Ministério da Cultura, um recurso para banda de congo de Acioli no valor de dez mil reais, para compra de instrumentos e vestimentas. “Corremos atrás e conseguimos dez mil, pra banda de Acioli, pra comprar instrumento que estava faltando, roupa, sapato, uniforme em geral. Tinha que gastar tudo e tudo foi prestado conta, se não gastasse tinha que devolver”. Relatou também que a primeira banda a receber foi a de João Neiva, e, em seguida, a do distrito de Acioli. “Tivemos que elaborar projeto, foi tudo passo a passo. Demorou, foi em Brasília, rodou muito pra chegar aqui”.

A Sra. Neusa destacou que é muito importante o projeto que está sendo realizado pelo Iphan e que espera que essa ação aumente o apoio para as bandas de congo. Ressaltou também que “seria importante que o secretário de cultura do município estivesse presente no encontro”. Porém, destacamos que o interesse maior do Iphan é com os representantes das bandas de congo e não com o poder público local.

Reiteramos que o projeto está em sua fase inicial e que nosso objetivo, naquele momento, era realizar uma comunicação oficial do início da pesquisa, ouvir os representantes e coletar as informações das bandas de congo.

Os representantes das bandas de congo de João Neiva (distritos sede e Acioli) desconheciam o reconhecimento do congo com bem imaterial do estado do Espírito Santo. Destacaram também que nunca foram procurados por representantes do estado.

4.8. IBIRAÇU

Em Ibiraçu há três bandas de congo atuantes, a Banda de Congo de São Benedito do bairro São Cristóvão, a Banda de Congo Piabas e Irundi e a Banda de Congo de São Pedro de Ibiraçu, e uma em condição de memória, a Banda de Congo São Benedito do bairro Boa Vista.

No município não foi possível marcar encontro com todos os representantes dos grupos, pois Manoel Vicente de Castro, capitão da banda de congo do bairro São Cristóvão desconfiou da nossa intenção de marcar um encontro por telefone com os capitães dos grupos. Diante dessa justificativa de não poder receber e articular o encontro, optamos com contatar o senhor Hipólito Manfardini Neto, mais conhecido como Neto. Neto é mestre da Banda de Congo Piabas e Irundi e por telefone se prontificou em receber a equipe de pesquisa em sua casa, no dia 12 de janeiro. Quando ligamos para Neto com o fim de confirmar a data e o horário do encontro, ele convidou a equipe para a festa da fincada do mastro que aconteceria no dia 11 de janeiro em Pendanga, distrito de Ibiraçu. Naquele mesmo dia, a equipe de pesquisa saiu de Minas Gerais em direção ao estado do Espírito Santo.

Chegamos a Pendanga por volta das 16h30 horas e a fincada do mastro já tinha sido realizada; algumas bandas de congo que prestigiaram o festejo estavam indo embora. Procuramos por Neto que, felizmente, ainda estava com o seu grupo no salão paroquial. Depois de nos apresentarmos, Neto chamou Manoel Vicente de Castro, capitão da banda de congo do bairro São Cristóvão, e disse ao capitão que “nós éramos o pessoal da pesquisa das bandas de congo, projeto do Governo Federal”. Depois dessa aproximação feita por meio do mestre Neto, conversamos com Manoel explicando o porquê de nossa presença em Ibiraçu. Ele consentiu em nos receber em sua casa, mas com a condição do encontro acontecer às 19 horas, pois segunda-feira (dia 12 de janeiro) ele estaria indo para o município de São Mateus para pescar. Agradecemos ao mestre Neto pela intermediação e confirmarmos nossa ida à sua casa na parte da manhã do dia 12 de janeiro.

Chegamos à casa de Manoel e fomos recebidos por ele e sua esposa, Marília Gratz Castro, que também participou do encontro e deu suas contribuições no decorrer da coleta de dados.

Após as devidas apresentações da equipe, do projeto e do órgão estatal responsável, Manoel e Marília começaram a relatar que no ano de 2011 foram para a festa de São Benedito em Aparecida do Norte/SP e lá conheceram alguns grupos de congado de Minas Gerais. Diante disso, a sua banda de congo foi convidada para participar da festa de uma guarda do bairro Nova Gameleira, em Belo Horizonte/MG. Manoel destacou que sua banda compareceu a essa festa duas vezes. Na primeira vez fretou um ônibus e na segunda eles foram de trem, por meio da concessão de um vagão feita pela Vale.

Destacou que os grupos de Minas Gerais têm batidos diferentes do seu grupo. Achou bonito um “grupo que usa chocalho próximo dos tornozelos” (referindo-se às gungas usadas pelas guardas de moçambique) e que lá fizeram muitas amizades.

Em seguida, sua esposa ressaltou que

“até no Espírito Santo existem diferenças. Aqui existe congo religioso e existe o congo de cultura. Nós aqui fazemos a nossa festa religiosa mesmo. Temos tríduo, três dias de missa. No primeiro dia a gente faz uma caminhada com o São Benedito, rezando e cantando. No segundo dia a gente busca a bandeira de São Benedito numa determinada casa. No terceiro dia a gente busca o mastro, leva pra igreja e o padre benze o mastro. No dia da festa tem a missa e depois da missa tem a puxada do mastro com o navio, depois temos a fincada do mastro. O pessoal toca no mastro, toca na bandeira para pedir e agradecer São Benedito. Alguns choram, outros rezam. Abraçam o mastro, beija [...]. O nosso é religioso. É igual a de Piabas³⁶, vocês irão sentir isso. Tinha duas bandas hoje em Pendanga³⁷ que nem na igreja eles entraram. Então o deles é mais bater, cultura mesmo”.

- A **Banda de Congo São Benedito do Bairro São Cristóvão** é remanescente de um congo da comunidade rural Pedro Palácio. Segundo Manoel, a banda de congo de Pedro Palácio foi fundada por um negro, Guilherme Ferreira, e seu pai era folgador (batedor de congo) do grupo. Com a morte de Guilherme, o pai de Manoel assumiu a banda de congo e na década de 1970 o comando do grupo passou para Manoel Vicente de Castro, quando ele transferiu a banda para o bairro São Cristóvão. Além do capitão, a banda possui folgadores (tocadores de casaca, tambor, caixa e cuíca), dançarinas e uma rainha que acompanha o capitão nos cantos. Em 2015, a banda de congo possui 25 integrantes.

³⁶ Referência à Banda de Congo de Piabas e Irundi comandada pelo mestre Neto.

³⁷ Pendanga é distrito de Ibiraçu e teve sua primeira festa em honra a São Benedito em dezembro de 2014 a pedido de Domingos, de 98 anos, morador da localidade. Considerando o pedido desse senhor, a comunidade se mobilizou e realizou a festa. Foram convidadas algumas bandas de congo de Ibiraçu e de outros municípios vizinhos, como Fundão.



Foto 50 - Banda de Congo São Benedito do bairro São Cristóvão. Ano 2010.
Acervo pessoal de Manoel Vicente de Castro.

A Banda de Congo São Benedito do Bairro São Cristóvão promove dois festejos: a fincada do mastro de São Benedito, no dia 05 de outubro, e a retirada do mastro em 07 de fevereiro, dia de Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora das Candeias. Nas festas do bairro São Cristóvão participam apenas as bandas de congo do município de Ibiraçu.

A festa da fincada do mastro acontece durante três dias. Na sexta-feira há procissão com a imagem de São Benedito pelas ruas do bairro. No sábado, uma turma de pessoas esconde o mastro, assim como também sucede a busca da bandeira de São Benedito. No domingo, ápice do festejo, por volta das 14 horas, ocorre a procura e a busca do mastro com a réplica de um navio, e às 16 horas acontece a fincada do mastro no adro da igreja de São Benedito.

Segundo Manoel, as festas de São Benedito eram realizadas na Matriz de Ibiraçu. Entretanto, um padre da congregação combonianos, que dirigiu a Matriz por algum tempo, proibiu os festejos argumentando que “a turma de São Benedito é uma turma de cachaceiro”. Diante disso, Manoel passou a realizar as celebrações na porta de sua casa e com o dinheiro arrecadado da festa construiu um templo em honra a São Benedito no bairro São Cristóvão. A igreja foi inaugurada no final da década de 1980.

A Banda de Congo São Benedito participa dos festejos realizados em duas comunidades rurais de Ibiracú, em Piabas e na Comunidade Quilombola São Pedro. De acordo com Manoel e Marília, a banda de congo deixou de frequentar as festas dos municípios de Fundão e de Serra devido ao surgimento de blocos de jovens que se misturam entre as bandas de congo promovendo algazarras e confusões durante os cortejos dos grupos. Segundo Manoel, a intenção desses jovens não é louvar a São Benedito, mas promover um carnaval de rua.

Manoel também domina o ofício de produção de tambor e casaca.

Ao questionarmos sobre o surgimento do congo, Marília nos respondeu:

“Veio um navio com os negros e quando ele chegou em Nova Almeida, Jacaraípe... o navio afundou. Os negros prometeram para São Benedito que se eles conseguissem chegar até na praia, eles iam erguer o mastro e louvar a Deus com os tambores. Assim eles fizeram. Por isso que dizem que o congo é capixaba.”

- O encontro com o mestre Neto (Hipólito Manfardini Neto) da **Banda de Congo Piabas e Irundi** aconteceu em sua residência³⁸.

De acordo com Neto, o Congo Piabas e Irundi surgiu quando o seu avô, Hipólito Manfardini, comprou uma banda de congo que estava parada³⁹. Por ser a família de Neto descendentes de italianos, ele destacou que os únicos membros que gostavam do congo era seu avô, seu pai (Natalino Manfardini), seu tio (Juvenal Manfardini) e ele, e é por isso também que considera a banda de congo de todos: negros e brancos.

Na época do seu avô, segundo Neto, o grupo tinha o costume de bater congo (tambor) nas casas e também nos períodos festivos (fincada e retirada do mastro).

Ao questionar Neto sobre o surgimento das bandas de congo no estado, ele explica:

“Surgiu pelos negros. Na África teve um país chamado Congo. Quando eles chegaram aqui, eles já tinham esse hábito de pegar o oco de pau, colocar o couro e fazer os batuques deles. Ao invés de falar tambor, falaram congo, né? Aqui a gente fala: pega aquele congo lá, isto é, o tambor. Com o passar dos anos começaram a fazer o tambor com as barricas de vinho. Nas próprias fazendas já tinha as barricas de vinho, furaram, pregavam o couro e o tambor estava pronto. Foi surgindo assim. Depois da libertação dos negros [...] na própria fazenda tinha banda de congo. Juntou os patrões, os empregados, que eram os negros, e formaram a banda de

³⁸ O grupo recebe o nome da comunidade Piabas e Irundi por possuir moradores das duas localidades rurais, entretanto, a sede do grupo fica em Piabas.

³⁹ Para o mestre Neto, comprar uma banda de congo é adquirir financeiramente os instrumentos de um grupo que não atua mais.

congo. O porquê da rainha branca na banda de congo? Não tem nada a ver. Foi ali que juntou tudo, né? O branco, o negro, né?"

O padroeiro da Banda de Congo Piabas e Irundi é São Benedito. O grupo possui 60 componentes, entre jovens, adultos e idosos. Os instrumentos musicais utilizados são: casaca, triângulo, tambor e bumbo. Além do mestre, a banda de congo possui um coordenador de instrumentos, quatro rainhas, tocadores e cantadores. As rainhas levam as bandeiras dos seguintes santos: Nossa Senhora Aparecida (por ser negra e padroeira do Brasil), São Benedito (por ser negro e padroeiro da banda) e São Sebastião (por ser, segundo Neto, padroeiro dos italianos).



Foto 51 - Banda de Congo Piabas e Irundi na festa da fincada do mastro de Fundão. Janeiro de 2015.

Foto: Andréia Ribeiro.

Os festejos realizados pela Banda de Congo Piabas e Irundi são: cortada do mastro, realizada depois da Páscoa; roubada do mastro, que acontece na véspera da fincada; fincada do mastro, que ocorre no mês de maio; e retirada do mastro, com data para realização indefinida. A fincada e a retirada do mastro são realizadas no adro da Capela da Imaculada Conceição, localizada na comunidade Piabas. A cortada e a roubada acontecem nas residências da comunidade.

Segundo Neto, a fincada do mastro é a única celebração que recebe bandas visitantes de Timbuí (Fundão), da Comunidade Quilombola São Pedro e do bairro São

Cristóvão, ambas do município de Ibirapu. Já a Banda de Congo Piabas e Irundi visita as festividades de Fundão, distrito sede e Timbuí, e as de Serra, no distrito sede.

De acordo com Neto, a maior dificuldade vivenciada pela banda de congo é o pagamento de transporte para as bandas convidadas, pois quem convida é responsável por arcar com as despesas de locomoção dos grupos.

Em Piabas duas pessoas dominam os ofícios de produções de casaca e de tambor, Arnaldo Nunes e Roberto Nunes. As casacas são feitas de madeira e bambu, e os tambores, de madeira e couro sintético.

Neto destacou várias vezes alguns aspectos da festa de Fundão, que acontece no distrito sede. Ele afirmou que essa festa é a mais problemática. Há muitas brigas entre as pessoas que comparecem ao festejo, os grupos de congo não conseguem tocar, pois a multidão se infiltra entre as bandas de congo. Destacou também que nas outras cidades, como Vitória e Serra, as pessoas assistem e deixam os grupos passarem durante o cortejo. Em Fundão as pessoas que assistem confundem a festa com carnaval.

Comparecemos à festa de Fundão e somente lá pudemos compreender de forma clara a fala de Neto. Várias bandas de congo comparecem ao festejo, assim como centenas e centenas de jovens e adultos não congueiros. Grande parte desse público acompanha o cortejo de forma desrespeitosa e associa a celebração, a nosso ver, como festa carnavalesca. Os jovens fazem chacotas com os idosos congueiros e tocadores de tambor ao imitá-los de forma depreciativa. Dançam, cantam e pulam como se estivessem acompanhando um bloco carnavalesco⁴⁰.

- Após o almoço, Neto nos levou até a Comunidade Quilombola de São Pedro⁴¹. Na comunidade conversamos com Odeth Maria Paulo Aliprande, coordenadora da **Banda de Congo de São Pedro de Ibirapu**, com Janaina Vicente, aprendiz de mestre e com o senhor Jaci Vicente, mestre da banda.

Segundo Jaci Vicente, a banda de congo foi formada na comunidade na década de 1950 devido ao pedido de Hipólito Manfardini, que a comprou da família Mandeli. Hipólito Manfardini adquiriu financeiramente os instrumentos e os repassou para Jaci. O

⁴⁰ Durante o cortejo, um dos membros da equipe recebeu uma cabeçada de um adulto nas costas. A sensação proporcionada durante o acompanhamento do cortejo é de total insegurança.

⁴¹ A comunidade de São Pedro foi reconhecida como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2006.

mestre Jaci lembra que conhecia o congo desde pequeno, pois já havia na região a batida característica dessa manifestação.

Jaci Vicente tem 79 anos de idade e está com problemas de saúde. Diante disso, ele está repassando os seus conhecimentos para sua neta, Janaina Vicente, de 21 anos, que se autodenomina aprendiz de mestre. Janaina considera que a maior dificuldade de exercer a função de mestre é ter voz de comando com os outros integrantes do grupo. Comentou que seu avô apenas apita e o grupo já atende o comando dele e que ela ainda não consegue exercer esse poder, pois apita e poucos obedecem.

Além do mestre e da aprendiz de mestre, a banda de congo possui uma coordenadora, quatro rainhas, que levam as bandeiras do grupo, tocadores e cantadores.

Os padroeiros da Banda de Congo de São Pedro são São Benedito e São Sebastião. O grupo possui 20 componentes, entre jovens, adultos e idosos, e utiliza os seguintes instrumentos musicais: casaca, congo (tambor) e bumbo.

Segundo Odeth Maria Paulo Aliprande, a banda de congo não realiza as festas de mastro desde 2012 devido ao problema de saúde do mestre. Entretanto, tocam o congo na comunidade uma vez por mês.

A Banda de Congo de São Pedro promovia os seguintes festejos: cortada do mastro, realizada no dia 13 de dezembro; fincada do mastro, no dia primeiro de janeiro, e retirada do mastro, no Domingo de Páscoa. A fincada e a retirada do mastro eram realizadas no adro da Capela de São Pedro, construída na década de 1980. A roubada acontecia nas residências da comunidade.

Segundo Odeth Maria, o grupo tem a intenção de retomar os festejos, mas é necessário esperar a melhora do estado de saúde do mestre.

A partir do ano de 2010 a comunidade, com apoio da UFES,⁴² passou a celebrar o Dia Nacional da Consciência Negra no mês de novembro. A celebração é feita no adro da Igreja de São Pedro e conta com a participação das bandas de congo do município de Ibiraçu.

Em Ibiraçu também identificamos a **Banda de Congo de Boa Vista**, que não atua desde 2005, pois mestre se mudou do município de Ibiraçu e o outro é alcoólatra. Diante disso, o capitão José Luis encontra dificuldades de reunir os integrantes para tocar.

⁴² A Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – atua na localidade por meio do projeto da Pró-reitoria de Extensão “Entre Comunidades”, que visa promover o diálogo e o entrelaçamento entre a universidade e as comunidades tradicionais, contribuindo para o desenvolvimento cultural, social e econômico das localidades atendidas.

4.9. FUNDÃO

Em Fundão, através da indicação de Fábio Samora, coordenador municipal de cultura, visitamos a residência da senhora Valdira das Neves, organizadora das primeiras festas de congo do município. Valdira lembrou que nas décadas de 1950 e 1960 aconteciam festas do congo na localidade de Fundão dos Índios. Naquele período, as antigas bandas de congo das comunidades rurais do município, como Fundão dos Índios, Destacada, Passos Sunga e Itabira do Furado, reuniam-se para homenagear São Benedito. Com o passar dos tempos, os donos das propriedades dessas localidades foram falecendo e os herdeiros venderam suas posses e/ou mudaram para Vitória. Com isso, não havia mais pessoas para dar continuidade aos festejos.

Para Valdira, o significado da puxada do navio está relacionado ao período da comercialização de escravo. Ela nos contou a seguinte história:

“Destacada foi o ponto central da escravidão [...] os escravos vinham no navio até Nova Almeida, quando um belo tempo, surgiu um temporal em alto-mar. O santo padroeiro lá [na África] é São Benedito. Então eles apelaram pra São Benedito, pra abrandar aquele tempo. Se ele acalmasse aquela ventania, aquele temporal, quando chegassem em terra eles iam fazer uma ato de agradecimento. Aí eles fizeram o ato de agradecimento e a partir dessa data em diante, todo mundo de cor preta faz sua festa de banda de congo. O navio era um navio negreiro, que se chamava Palermo [...] eles sobreviveram e a partir daí começou essa festa folclórica [...] fincaram o mastro lá na praia de Nova Almeida. [...] aqui era o ponto de destaque dos escravos para serem vendidos para Vilande, para Queimados”.

Atualmente, Valdira participa apenas como espectadora da festa de congo do distrito de Timbuí. Destacou que lá ocorre a cortada do mastro de São Benedito no dia 08 de dezembro. A cortada do mastro é um ato simbólico em que se corta uma árvore de eucalipto ao som da banda de congo, louvando a São Benedito. No dia 31 de dezembro acontece o rito, conhecido como roubo do mastro de São Benedito. No dia 01 de janeiro as bandas de congo da localidade e visitantes buscam o mastro, que é posto no navio, e seguem em cortejo até a igreja de São Benedito, local onde ocorre a fincada do mastro. Seis meses depois sucede a derrubada do mastro de São Benedito com a participação de duas bandas de congo da localidade, a Banda de Congo de Timbuí – adulta e mirim.

Segundo Valdira, a festa da fincada do mastro de São Benedito no distrito sede de Fundão passa por alguns problemas de organização e desrespeito ao momento devocional. Valdira e alguns moradores relataram que houve uma festa em que alguns jovens cortaram propositalmente a corda que puxa o navio que leva o mastro, quase

causando a queda de muitos idosos que têm o hábito de puxar ou segurar na corda com o fim de pagar alguma promessa ou agradecer a São Benedito por uma vida feliz.

Outro problema mencionado por Valdira é o surgimento dos blocos, que são grupos de adolescentes e adultos que se organizam em torno da festa. Os blocos realizam concentrações em locais próprios para beberem e no momento da puxada do navio, aparecem de forma dispersa e desorganizada. Geralmente ocorrem brigas entre os participantes dos blocos e os congueiros devido ao desrespeito do momento devocional e provocações generalizadas. Alguns blocos possuem abadás patrocinados pelo comércio local.

Em Fundão identificamos quatro bandas de congo adultas e uma mirim, sendo elas: Banda de Congo Bandeira I e Banda de Congo Mirim de São Benedito de Timbuí; Banda de Congo Cultural Con-Fogo; Banda de Congo São Benedito e São Sebastião e Banda de Congo Santa Clara Estrela Guia. Todas as bandas são associadas à Associação de Bandas de Congo de Fundão (ABC-Fundão).

À noite aconteceu o encontro com os representantes das bandas de congo de Fundão e estiveram presentes: Júlio César, integrante da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião; Rogéria, rainha da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Margarida, casaqueira da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Manoel Benedito Lima, capitão da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Paola Largasse, coordenadora da Banda de Congo Mirim Bandeira I de Timbuí; Sônia M. Vieira, casaqueira da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Dion Keneds Pereira, coordenador da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Verônica M.S. Monteiro, rainha do Congo São Benedito e São Sebastião; Paula F. da Silva, rainha do Congo São Benedito e São Sebastião; Lodete N. da Silva, rainha da Banda de Congo Con-Fogo; Lidia N. da Silva, dançante da Banda de Congo Con-Fogo; Gildo P. Campos, coordenador da Banda de Congo Con-Fogo; Dário Subtil, tocador de tambor da Banda de Congo Con-Fogo; Marlene Martins de Oliveira, coordenadora do Programa Entre Comunidades-Proex/UFES; Kennedy Fraga Ferreira, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo; Fábio Samora, coordenador cultural do município de Fundão; Fátima, integrante da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Bino, integrante da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí; Lara, professora da rede estadual de ensino; Cásio, pintor de bandeiras para festa do congo; e Tatiana, fotógrafa da prefeitura.

No município de Fundão acontecem dois ciclos das festas dos mastros, um no distrito de Timbuí e outro na sede.

- A **Banda de Congo Bandeira I de Timbuí**, segundo Manoel Benedito (mestre Bino), tem mais de 100 anos. Bino se tornou mestre em meados da década 1990, após o falecimento do antigo mestre, João Benedito. Em 2015, a banda possui 35 componentes. Os instrumentos utilizados são: tambor de couro e casaca. Algumas músicas são criadas pelos integrantes da banda e outras foram passadas de geração a geração. Os temas das músicas, geralmente, abordam o louvor a São Benedito e a São Sebastião, o navio naufragado, as sereias, entre outros.

Os padroeiros da banda são São Benedito e São Sebastião. A banda é composta pelo mestre, seis rainhas (cada uma carrega um estandarte), batedores de congo e tocadores de casaca.



Foto 52 - Banda de Congo Mirim de São Benedito de Timbuí.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 53 - Banda de Congo Bandeira I de Timbuí.
Janeiro 2015.
Foto: Rildo César Souza.

A banda realiza a cortada do mastro de São Benedito e São Sebastião no dia 08 de dezembro. No dia 30 de dezembro alguns integrantes escondem o mastro próximo à casa do mestre Bino; esse rito é chamado de roubada do mastro. No dia seguinte, 31 de dezembro, acontece a puxada do navio. Nesse momento, o navio é puxado pelas pessoas por meio de uma corda, sendo acompanhado pelas bandas de congo locais e convidadas. As bandas de congo seguem em cortejo das imediações da casa do mestre Bino até a praça da Igreja Nossa Senhora da Penha. No dia 01 de janeiro acontece a fincada do mastro. No Domingo de Páscoa ocorre a derrubada do mastro. As principais bandas de congo que frequentemente visitam a festa de Timbuí são do município de Serra, de Ibiraçu, de João Neiva, de Aracruz – Vila do Riacho, de Vitória – Banda de Congo Amores da Lua e Banda de Congo Panela de Barro – e de Linhares.



Foto 54 - Mastro de São Benedito e São Sebastião da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí.

Janeiro de 2015.

Foto: Rildo César Souza.



Foto 55 - Igreja de Nossa Senhora da Penha, local em que acontece a fincada do mastro de São Benedito e São Sebastião da Banda de Congo Bandeira I de Timbuí.

Janeiro de 2015.

Foto: Rildo César Souza.

Segundo Mestre Bino, a participação da banda de congo em outros municípios depende de convites e eles dão preferência para as bandas que prestigiam frequentemente a festa de Timbuí.

- A **Banda de Congo Cultural Con-Fogo** foi fundada em 1987 pelo Sr. Gildo Pratti Campos, após uma desorganização e indisciplina generalizada praticada pela Banda de Congo São Benedito e São Sebastião, que resultou no recolhimento da banda de congo (tambores e casaca) pela igreja católica, proibindo-a de participar dos cortejos. Naquele período, somente as banda de congo do mestre Aroldo e de sua esposa, dona Clara, podiam sair para o cortejo. A partir desse episódio, o Sr. Gildo, juntamente com alguns companheiros, fundaram uma banda de congo que tempos depois foi batizada em referência à Rua do Fogo e ao antigo mestre Rodrigues, conhecido como Foguinho, tornando-se Banda de Congo Con-Fogo. O *con* é uma abreviatura de *congo*, que segundo o Sr. Gildo é *congo fogo*.

Em 2015, a banda possui uma média de 35 componentes, sendo eles mestre, casaqueiro, congueiro, bumbeiro, batedor de triângulo, rainhas/dançarinas e porta-bandeira.

Os instrumentos utilizados são: congo (tambor), casaca, bumbo e triângulo. As músicas tocadas pelo grupo foram herdadas dos antigos, outras pertencem ao repertório de outros grupos e algumas são escritas por componentes. Os cantos versam sobre santos (São Benedito, São Sebastião), navio, mar, rainha, etc. As vestimentas são calça e camisa com a imagem de São Benedito. As cores variam entre azul, branco, preto, verde e alaranjado. Os padroeiros da banda de congo são São Benedito e São Sebastião.



Foto 56 - Dançarinas e rainhas da Banda de Congo Con-Fogo.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 57 - Banda de Congo Con-Fogo.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Segundo Sr. Gildo, a Associação de Bandas de Congo de Fundão (ABC-Fundão) é a responsável pela organização das festas que ocorrem na sede e em Timbuí e conta com o apoio da prefeitura municipal de Fundão e da Igreja Matriz São José. As festas do distrito sede são realizadas em três momentos distintos.

A cortada do mastro acontece no dia 10 de janeiro. A puxada do navio e a fincada do mastro – festa de São Benedito e São Sebastião – são realizadas no domingo de janeiro mais próximo do dia 20. No sábado, o navio é levado para o Horto Florestal onde fica “ancorado”. No domingo, às 19 horas, as bandas de congos do município de Fundão e convidadas partem da Matriz São José até esse local. Chegando lá, o mastro é posto no navio e uma corda de aproximadamente 100 metros é amarrada a ele, sendo puxada pelos devotos. As bandas de congo, em cortejo, seguem o navio até a Matriz São José, local onde ocorre a fincada do mastro de São Benedito e São Sebastião. A retirada do mastro acontecia sempre no Sábado de Aleluia, entretanto, devido a interferências do padre, a data foi alterada, podendo acontecer entre os meses de março ou abril.



Foto 58 - Igreja de Santo Antônio, local da cortada do mastro de São Benedito e São Sebastião.

Janeiro de 2015.

Foto: Rildo César Souza.



Foto 59 - Igreja Matriz de São José, local da fincada do mastro de São Benedito e São Sebastião.

Janeiro de 2015.

Foto: Rildo César Souza.

De acordo com o Sr. Gildo, a fincada do mastro remete à história de quando os negros vieram da África em um navio que naufragou no Espírito Santo, no município de Fundão, perto da Igreja Reis Magos, local que pertencia ao município e que, tempos depois, passou a pertencer a Serra. Conforme Gildo, os negros pediram ajuda a São Benedito, o seu santo protetor, e eles se salvaram das águas pelo mastro. Dessa forma, o cortejo realizado hoje pelas bandas de congo é uma homenagem a São Benedito pela graça alcançada nesse naufrágio do navio negreiro. São Sebastião é homenageado junto, pois é um guerreiro cristão e “anda” junto com São Benedito.

As bandas de congo de outras cidades que visitam a festa da fincada do mastro são as de Serra, de Ibiraçu, de Aracruz, de João Neiva e de Cariacica. As festas visitadas pela Banda de Congo Con-Fogo são a de Regência/Linhares, de Serra, de Ibiraçu, de Aracruz, de João Neiva e de Cariacica. Segundo Sr. Gildo, as visitas realizadas se configuram como pagamento das visitas recebidas.

- A **Banda de Congo São Benedito e São Sebastião** do distrito sede, segundo a vice-coordenadora e rainha Paula Firmino da Silva, surgiu no início da década de 1980. Em 2015, possui cerca de 20 componentes. Os instrumentos utilizados são tambor, bumbo e casaca. O uniforme dos homens são calça marrom e blusa com listra azul, rosa e amarelo. As mulheres usam saias rodadas coloridas ou brancas. Os padroeiros da banda são São Benedito e São Sebastião.

Paula destacou que a festa da sede é realizada pela Associação de Bandas de Congo de Fundão (ABC-Fundão) com apoio da prefeitura municipal e da Igreja Matriz São José.



Foto 60 - Banda de Congo São Benedito e São Sebastião.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.



Foto 61- Instrumentos da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

A banda é composta por coordenador, vice-coordenador, capitão, tamboristas, casaqueiros, e duas rainhas que levam a bandeiras estampadas com as imagens de São Benedito e São Sebastião e com o nome da banda.

A Banda de Congo São Benedito e São Sebastião visita as seguintes festividades: Caboclo Bernardo de Regência/Linhares, de Serra, de Ibiracu e de Roda-d'Água/Cariacica.

- A **Banda de Congo Santa Clara Estrela Guia** está em processo de retomada e é remanescente da antiga Banda de Congo São Roque Estrela Guia, formada na década de 1960 pelo mestre Aroldo Silva e sua esposa Clara Alvarenga (rainha da banda). Segundo o mestre Aroldo, com o falecimento de dona Clara ele se afastou do congo por alguns meses. Destacou que retonou ao congo por ser uma missão recebida de seu pai, o Sr. Tedino Silva. Relatou que quando criança, ele acompanhava seu pai a pé para bater congo em Timbuí, Três Barras e Irundi. Naquela época, o ensaio ocorria na casa do mestre Orestes Rodrigues da banda mais antiga de Fundão, a Banda de Congo São Benedito e São Sebastião.

Segundo Aroldo, a função do mestre é prestar atenção na toada do tambor, do congo e no cântico, isto é, manter o ritmo. Afirmou que todos os componentes devem respeitar o mestre, pois é ele quem está no comando.

O mestre Aroldo destacou que a história do congo com São Benedito surgiu com os escravos:

“Os negros foram lá e fizeram os tambor de oco de pau, de uma madeira que chama tambor. Cortava no mata, ocava e botava o coro. Fazia a festa. A festa de São Benedito e São Sebastião surgiu com uma coisa ali em Nova Almeida. Um navio negreiro que naufragou e nisso eles tinham o mastro do navio. Quando o navio afundou eles subiram tudo em cima do mastro. Aqueles que subiram ali se salvaram. E eles falou: *'Me valei meu São Benedito!'*”.

Os instrumentos usados pela Banda de Congo Santa Clara Estrela Guia são: casaca, congo, cuíca, bumbo, chocalho, caixa, pandeiro e triângulo. As músicas são criadas, recebidas dos antigos e outras são adaptadas ao congo. Mestre Aroldo recordou algumas canções antigas do congo:

“Que santo é aquele que vem no seu andor? É meu São Benedito e Nosso Senhor. É meu São Benedito e Nosso Senhor. Êiaaaa. Oh, meu São Benedito de Lisboa, com sua bandeira e a sua coroa!”

“Vamos buscar o navio, ele tá nas ondas do mar; vamos buscar o navio, ele tá nas ondas do mar; é um laço de fita verde na ponta da vara eu não posso tirar; é um laço de fita verde na ponta da vara eu não posso tirar!”

“Quem é o rei do congo? É ele, é ele! A rainha é ela, é ela! Quem é o rei do congo? É ele, é ele! A rainha é ela, é ela!”



Foto 62 - Banda de Congo Santa Clara Estrela Guia.
Mestre Aroldo Silva à esquerda.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

4.9.1. A dinâmica da festa da fincada do mastro de São Benedito em Fundão/distrito sede

No domingo, dia 18 de janeiro de 2015, por volta das 17 horas, as bandas de congo começaram a se concentrar no adro da Matriz de São José. Todas as bandas visitantes desembarcaram de ônibus nas margens da BR-101 e subiram a rampa da Matriz de São José, tocando tambores e louvando a São Benedito e a São Sebastião, até o seu adro.

Participaram da festa da fincada do mastro de São Benedito e São Sebastião em Fundão 14 bandas de congo, sendo elas: Banda de Congo Bandeira I de Timbuí/Fundão; Banda de Congo Mirim de São Benedito de Timbuí/Fundão; Banda de Congo Con-Fogo/Fundão-distrito sede; Banda de Congo São Benedito e São Sebastião/Fundão-distrito sede; Banda de Congo Santa Clara Estrela Guia/Fundão-distrito sede; Banda de

Congo Amores da Lua/Vitória; Banda de Congo Tupinikim de Caieiras Velhas/Aracruz; Banda de Congo São Benedito do Rosário/Aracruz-Vila do Riacho; Banda de Congo Santo Expedito/Serra-distrito sede; Banda de Congo Konschaça/Serra-distrito sede; Banda de Congo São Benedito Santiago/Serra; Banda de Congo Piabas e Irundi/Ibiraçu.

Por volta das 19h30 o padre abençoou as bandas de congo e, em seguida, os participantes saíram para o cortejo em direção ao navio. A bandeira de São Benedito e São Sebastião abriu o cortejo acompanhada pela Banda de Congo Mirim de São Bendito de Timbuí, seguida pelas demais bandas de congo.

Quando o cortejo começou a atravessar a BR-101, havia um grande público que aguardava as bandas de congo nos passeios e outro grupo de pessoas que passaram a se juntar às bandas. O último grupo era constituído de jovens e adultos e é conhecido na cidade como *blocos*. Alguns usam abadás, outros não.

Durante o cortejo, presenciamos vários focos de brigas entre algumas pessoas dos blocos e entre os blocos e alguns integrantes das bandas de congo. Houve inúmeras provocações de jovens não congueiros direcionadas aos componentes das bandas de congo, como insulto aos conguitas, chacotas com a Banda de Congo Tupinikim e tentativa de tocar nos instrumentos das bandas, de maneira que essa atitude atrapalhava a dinâmica dos tocadores.

Às 21 horas o barco com o mastro de São Benedito começou a ser puxado por uma corda de aproximadamente 200 metros. Uma multidão de jovens iniciou um conflito que envolveu alguns integrantes da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Fundão, assim como a Polícia Militar. Após o impasse, as bandas de congo seguiram o cortejo em silêncio até a Matriz de São José, pois sem o toque dos tambores os jovens não teriam motivação para continuar a caminhada com as bandas de congo. Entretanto, a estratégia não deu certo, pois eles continuaram a seguir o cortejo e as bandas de congo começaram a cantar hinos religiosos sem o acompanhamento dos instrumentos musicais.

Algumas bandas de congo desistiram de permanecer no cortejo e se retiraram da festa. Ao chegar à Matriz de São José, um dos integrantes da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Fundão disse para a presidente da ABC-Fundão que eles, nesse caso a Associação e outros grupos, poderiam até fincar o mastro, mas sem a bandeira. Depois dessa fala, a Banda de Congo São Benedito e São Sebastião se retirou do adro da Matriz e escondeu a bandeira de São Benedito, dificultando a fincada do mastro.

Houve algumas tentativas de fincar o mastro sem a bandeira, entretanto, o ato foi impedido por alguns mestres que afirmaram: “não finca mastro sem bandeira, se acontecer isso é um desrespeito ao santo”.

Diante do impasse e do sumiço da bandeira, promovidos pela Banda de Congo São Benedito e São Sebastião, por volta das 22h42 o mastro foi fincado com uma bandeira improvisada, doada pela rainha da Banda de Congo Con-Fogo de Fundão.



Foto 63 - Colocação da bandeira improvisada no mastro de São Benedito e São Sebastião.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 64 - Momento da fincada do mastro de São Benedito e São Sebastião.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

A Banda de Congo Santo Expedito do município de Serra fez uma toada para retratar o momento: *“Sorrindo eu vim, chorando eu vou; foi lá em Fundão que o congo acabou”*.

4.10. SANTA TERESA

No encontro realizado com o mestre Neto, da Banda de Congo Piabas e Irundi de Ibiraçu, no dia 12 de janeiro, fomos informados de que a Banda de Congo de São Roque do Canaã, que estava “parada”, havia voltado a se manifestar.

Fomos até o município e ao contatarmos a Secretaria de Cultura, fomos avisados de que a banda de congo pertencia a um local denominado “25 de Julho”, localizado na divisa dos municípios de São Roque de Canaã e Santa Teresa, entretanto pertencente à Santa Teresa. Além disso, fomos informados de que em São Roque de Canaã não havia banda de congo, apenas um grupo de folia de reis. No mesmo local, obtivemos o contato telefônico de Paulo Vitor, referência da banda de congo de Santa Teresa.

Após algumas tentativas de contato com Paulo Vitor, sem êxito, seguimos para “25 de Julho”, no município de Santa Teresa.

Chegando ao local, fomos informados, por alguns moradores, de que Paulo Vitor estava no trabalho, mas logo chegaria. Indicaram-nos outra referência da banda de congo, Jorge Antônio Sâncio, e fomos até sua residência.

Jorge nos recebeu atenciosamente e após nossa informação sobre a pesquisa, nos contou sobre sua atuação na banda de congo. Falou que ele participava como apoio na festa, servindo vinho. Jorge solicitou que procurássemos Oraci para que conseguíssemos informações mais detalhadas sobre a manifestação no local.

Oraci Timóteo Montebeller nos recebeu no imóvel onde funciona a agência dos Correios da Vila 25 de Julho, local onde trabalha, e autorizou nossa coleta de dados. Nesse encontro José Luiz, morador da Vila, ficou todo tempo conosco e contribuiu com algumas informações sobre a manifestação cultural religiosa do local.

- Conforme Oraci, de 52 anos, a **Banda de Congo São Miguel** retomou a festa da fincada do mastro em 2014. Ela e Paulo Vitor são os atuais responsáveis pela banda de congo. Oraci, além de organizadora na banda, toca chocalho. Também é coordenadora da comunidade e está envolvida em outra manifestação no local, a folia de reis.

Sobre a fundação da banda de congo, Oraci nos contou que possui lembranças dos almoços ofertados por seu pai para os integrantes da banda de congo, em sua casa, quando tinha 13 anos.

José Luiz informou que desde 1960 recorda a manifestação na Vila 25 de Julho. Contou que os mais velhos foram morrendo e a banda de congo também. Em outro momento da conversa, esse senhor relatou que a festa deixou de acontecer há uns 30 anos, mas que o batuque nunca havia parado.

O pai de Oraci, Domingos Timóteo, natural de Minas Gerais, foi um dos fundadores da banda de congo na Vila 25 de Julho. Sobre os almoços oferecidos, Oraci relatou que o pai dizia ser promessa, que enquanto ele vivesse, faria a doação.

Oraci rememorou a cortada do mastro de São Benedito, de sua escondida, da fincada e da retirada no dia de São Sebastião. Disse que havia uma brincadeira de desafio para subir no mastro. A pessoa que conseguisse o feito era recompensada financeiramente.

Em 2014, houve a seguinte brincadeira: foi feita a medição do mastro e quem acertasse seu tamanho teria como prêmio um engradado de cerveja.

Em 2014, a banda de congo possuía aproximadamente 15 componentes. São puxadores de versos e pessoas que tocam e cantam. José Luiz disse que antigamente havia uma pessoa que ficava com um apito. Acreditamos que essa figura tenha sido a do mestre ou capitão. Mas, na atualidade não há essa representação na banda.

Um dos objetivos que Oraci nos apresentou para a retomada da banda de congo e da festa foi o desejo de mostrar às crianças da Vila a existência da manifestação que acontecia no local. Ela sempre achou muito bonita.

Os instrumentos utilizados pela banda de congo são: tambor, reco-reco, triângulo, chocalho e violão. Antigamente, de acordo com José Luiz, os instrumentos eram: tambor, reco-reco, cuíca, tamborim, triângulo, cavaquinho e acordeão.

As músicas são antigas e a temática se refere a São Benedito, santo padroeiro da banda de congo. Perguntamos o motivo de a manifestação apresentar o nome de São Miguel. Oraci disse que São Miguel é o padroeiro da Vila. Em conversa posterior com Paulo Vitor, ele nos deu outro nome para a Banda: “Banda de Congo 25 de Julho”. Notamos que o processo de retorno da banda de congo e da festa ainda está em elaboração. Acreditamos que isso explica alguns desencontros nas informações.

Outrora, a banda de congo da vila não tinha uniforme, mas Oraci planeja o seu uso no futuro. Contou-nos sobre a ideia da confecção de coletes.

A festa da Banda de Congo da Vila 25 de Julho, em 2014, foi iniciada com a cortada do mastro de São Benedito, no dia 25 de dezembro à tarde. Em seguida, o

mastro foi escondido, e no dia 26 de dezembro foi encontrado e seguiu para a fincada em frente à Igreja de São Miguel.



Foto 65 - Bandeira de São Benedito da Banda de Congo 25 de Julho exposta no mastro.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Quando o mastro é encontrado, Oraci diz que os participantes cantam: *“Cadê nosso mastro? Olha ele aí!”*, o que se repete algumas vezes.

Os integrantes acenam com galhos (qualquer ramo verde) nesse ritual e durante o cortejo. Os pedidos ao santo são feitos nesses momentos. Sobre os galhos, Oraci acredita que é para a festa ficar mais bonita, para chamar mais atenção.

A retirada do mastro de São Benedito é realizada em janeiro, próximo ao dia de São Sebastião.

Oraci nos contou que eles desejam retomar a presença da “mulinha” nas celebrações da banda de congo. Perguntamos o que era, e ela nos respondeu que é uma brincadeira. A mulinha circula na festa correndo atrás das pessoas. Ela relata que possui lembrança dessa brincadeira em festas antigas e conta que a mulinha tinha participação em todos os momentos da celebração do mastro, mas ela não soube explicar sobre sua origem.

Os festejos realizados pela banda de congo não recebem grupos visitantes. Sobre a saída da banda de congo para outras festas, Oraci contou que foram convidados, em

janeiro, para fincar o mastro de São Sebastião em São Roque de Canaã. Essa festa é programada pela Igreja de São Roque do Canaã, e o evento conta com missa, fincada do mastro de São Sebastião e almoço.

Sobre as dificuldades da banda de congo, Oraci falou do afastamento dos mais antigos, que poderiam contribuir muito com a participação. Além disso, ela, apontou o desinteresse da comunidade e reclamou da falta de esforço e união. Relatou um ato de desrespeito acontecido na festa, quando uma pessoa ligou o som do carro enquanto a banda de congo estava tocando. Informou que era uma pessoa de fora da comunidade.

Durante nossa conversa com Oraci e José Luiz, os mais antigos sempre foram citados para responder as questões que fugiam às lembranças deles, ou que, de fato, eles não sabiam. Roque Gonring, dono do bar e pessoa a quem tivemos a primeira recomendação de procurar na Vila, foi apontado como referência para conversar sobre a história da Vila 25 de Julho e da banda de congo do local. Seguimos para o bar e na ocasião encontramos Paulo Vitor. Uma parte da equipe conversou com Paulo e a outra foi até Roque Gonring.

Paulo Vitor Astolfo, 23 anos, tocador de tambor, contou que estava reunido com alguns moradores do local quando tiveram a iniciativa da retomada da banda de congo e das festas promovidas na Vila.

Além de Oraci, Paulo Vitor citou outros companheiros na Banda de Congo da Vila 25 de Julho: Jorge Antônio Sâncio, nosso primeiro contato na Vila 25 de Julho, Jair Volkart, Edgar Casotti, José Monteberi, Paulo e Juarez.

Paulo Vitor disse que a banda de congo esteve parada por uns 15 ou 20 anos, e que ela existe há mais de 70 anos. Não soube dizer sobre a história de surgimento da banda, mas garantiu que os mais antigos poderiam contar.

Sobre a presença do congo no Espírito Santo, Paulo relatou que sabe da história por meio de Juarez. Contou sobre o naufrágio do navio negreiro, sobre o mastro e a devoção a São Benedito, que salvou a vida dos escravos. Disse-nos que São Benedito era o santo padroeiro dos negros.

Sobre a parte dos instrumentos, Paulo Vitor citou que são usados: tambor, tarol, chocalho, pandeiro, triângulo, cabaça e reco-reco. Alguns desses instrumentos não foram citados por Oraci. Em relação às músicas, ele as chama de *versos*, e conta que são puxados pelos mais antigos, pois só eles sabem.

Perguntamos sobre a devoção da banda de congo a São Benedito e ele nos contou que quando começou já era assim, e que o fato da Igreja de São Miguel ter uma imagem de São Benedito confirma a devoção ao santo no local. Completou dizendo que uma fazendeira antiga da região, Marta Volkart, que “era branca, mas não era racista”, gostava muito dos negros e seu santo favorito era São Benedito. Não conseguimos maiores detalhes sobre essa fazendeira.

Paulo nos contou sobre as celebrações da Banda de Congo da Vila, sobre o convite para fincar o mastro de São Sebastião em São Roque do Canaã e sobre a “mulinha”, conforme lembrou Oraci.

Sobre a retirada do mastro, ele informou que provavelmente ela aconteceria no dia 25 janeiro, já que no dia 20 daquele mês ficaria impossibilitado, por ser um dia de semana (dia útil).

Com relação à “mulinha”, Paulo contou que eles pretendem reaver essa parte da festa, e citou, também, a “vaquinha”. Esta tem a mesma função da mulinha, que é brincar. Paulo não possui informação sobre o surgimento desta brincadeira no local.

Na conversa com Roque Gonring, obtivemos algumas informações sobre a história da Vila 25 Julho e sobre a banda de congo. Roque tem 75 anos e fez parte da banda de música da cidade. Ele possui lembranças da banda de congo quando tinha 10 anos de idade. Contou que antigamente Orélio Mariano coordenava a banda de congo. Esse senhor morava em São Dalmácio, mas a banda de congo era da Vila. Havia integrantes das duas localidades.

Roque disse que a festa da banda de congo era a mais animada do lugar. Falou que na década de 1970 ou 1980, o “fabriqueiro”, nome dado ao coordenador da igreja, achou que a festa não estava dando certo, pois tinha muita gente e muita brincadeira. Ele considera esse o momento em que a festa foi acabando. Contou que os negros do local foram desanimando também. Seguiu dizendo “Era festa de São Benedito, né?”, sugerindo que os negros não deveriam ter deixado a festa acabar.

Roque lembrou também de ter ido com seu *caminhãozinho* “no 15” buscar o mastro dado por Bernardo, senhor que gostava de ofertar o mastro para a festa. Mencionou, igualmente, a “mulinha”, como momento divertido da celebração.

Sobre a festa da Banda de Congo da Vila realizada em 2014, ele opinou que foi “muito fraquinha”.

Ao final da conversa, Roque contou sobre a banda de música da cidade, que não existe mais. Ficou muito satisfeito com a conversa e desejou mostrar sua habilidade no trompete, instrumento tocado por ele na banda de música, e surpreendeu a todos tocando *Madalena do Jucu*.

4.11. SANTA LEOPOLDINA – COMUNIDADE QUILOMBOLA RETIRO

Em Santa Leopoldina há uma banda de congo localizada comunidade quilombola do Retiro⁴³. O encontro com os representantes da comunidade e da **Banda de Congo Unidos do Retiro** aconteceu na sede da Associação Quilombola dos Herdeiros de Benvindo Pereira dos Anjos – AQHBPA.

O agendamento da reunião, feito em Sabará/MG, foi acordado com Marina, vice-presidente da AQHBPA.

Estiveram presentes no encontro os quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural; Wallace da Conceição dos Anjos, apoiador e presidente da AQHBPA; Gleison dos Santos Pereira, componente da banda de congo; Mário Raimundo Pereira, mestre da banda de congo; Aldair Ferreira Benvindo, apoiador e secretário da AQHBPA; Maria do Carmo Ferreira Benvindo, apoiadora; Maristela Santos Pereira, componente da banda; e as crianças Heitor e Adriana, ambas tocam tambor.

Após a apresentação da pesquisa, Wallace expôs que estava com algumas dúvidas antes da nossa chegada à comunidade, pois estranhou o fato de pessoas de Minas Gerais pesquisarem o congo no Espírito Santo. A princípio ele pensou que fosse uma Organização Não Governamental (ONG) ou uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e ficou desconfiado, uma vez que a comunidade já havia sido ludibriada por algumas organizações não governamentais. Além disso, Wallace questionou a diferença entre tombamento e registro. Depois de sanarmos todas as dúvidas, conversamos com o mestre Mário Raimundo Pereira.

⁴³ Retiro foi reconhecida como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2005.

Mário iniciou sua fala afirmando que em Retiro há outras culturas, como folia de reis, canto de roda (ciranda), capoeira e também o congo. Testemunhou que descobriu a cultura do congo na década de 1980 e narrou a seguinte versão sobre a introdução dessa manifestação na comunidade:

“Eu não conhecia congo. Aqui em Santa Leopoldina tinha dois congo, mas era longe daqui. Meus tios, meus avôs faziam parte dessas bandas, uma na Regência e outra em Santa Maria. Aí eu resolvi saber como que é. Então o prefeito de Santa Leopoldina soube que eu gostaria de ter uma banda de congo. Se ele arrumasse um mestre para mim, eu assumiria formar a banda. Ele arrumou os tambor lá da Serra. Lá na Serra tem muita banda de congo. Eu arrumaria a turma aí, e ele arrumou o mestre de Santa Martha, lá de Vitória, Reginaldo Barbosa Sales. Ele ficou aqui na comunidade dois meses e pouco. Aí eu fiquei como mestre depois. Eu criei a banda em 1988.”

Fizemos alguns questionamentos ao mestre Mário sobre o surgimento das bandas de congo no Espírito Santo, sobre o porquê da fincada do mastro, entre outros. Entretanto, ele não soube responder as perguntas referentes aos fundamentos do congo capixaba.

A Banda de Congo Unidos do Retiro possui 20 componentes, sendo eles: mestre, segundo mestre, madrinha, que auxilia os mestres e tocadores. Os instrumentos musicais utilizados são tambor, cuíca, caixa, triângulo e casaca. Segundo Mário, o padroeiro da banda é São Judas Tadeu, por ser esse santo o padroeiro da comunidade. Além disso, afirmou que eles fincam o mastro para São Benedito por ser ele o santo dos negros.

O grupo participa da festa de São Judas Tadeu organizada pela comunidade e pela capela homônima, realizada no mês de outubro. Outros grupos da comunidade também prestigiam o evento, como a capoeira, por meio da dança maculelê.

A fincada do mastro de São Benedito é realizada no dia 26 de dezembro no adro da Capela de São Judas Tadeu. Antes da fincada acontece a puxada do mastro a partir da casa de um morador da comunidade que se responsabilizou pela sua guarda no momento da retirada do mastro, em 20 de janeiro. Nenhuma banda de congo de outro município participa dos ritos da fincada e da retirada do mastro de São Benedito em Retiro, assim como também o grupo local não participa de nenhum festejo realizado pelas bandas de congo em outro município. Apesar disso, o grupo, comumente, participa de celebrações promovidas por paróquias do município de Santa Leopoldina.

Mestre Mário destacou que a maior dificuldade que o grupo enfrenta é a falta de componentes para integrar a banda de congo. De acordo com ele, a banda é formada por muitos adolescentes e poucos jovens. A falta de componentes, segundo Mário, está atrelada à saída dos jovens da comunidade para trabalhar. Destacou também que alguns evangélicos da comunidade não gostam de participar da banda de congo. Disse que tentou explicar para eles que a banda de congo é cultura e não religião, mas alguns acreditam que é religião e outros a consideram *macumba*.

4.12. CARIACICA

Em Cariacica fizemos pesquisa de material bibliográfico no Centro Histórico Eduartino Silva sobre as bandas de congo e a história de Roda-d'água. Porém, não foi encontrada nenhuma fonte no município.

Após a pesquisa, nos dirigimos para Roda-d'água, localizada a aproximadamente 12,5 km da sede da cidade de Cariacica, onde estava marcado o encontro com os representantes das bandas de congo e da Associação das Bandas de Congo do município.

Após a chegada em Roda-d'água, nos dirigimos até a casa do mestre Tagibe, Sr. Itagiba Cardoso Ferreira, indicado por Alcemi Ferreira Cardoso, presidente da Associação, como uma referência do congo na localidade.

Foi apresentado o projeto de identificação das bandas de congo e ticumbi do estado do Espírito Santo e, em seguida, foi feita uma entrevista com o Sr. Itagiba Cardoso Ferreira, 66 anos, mestre da Banda de Congo Mestre Tagibe.

Mestre Tagibe destacou que em Cariacica existem sete bandas de congo, sendo elas: Banda de Congo Mestre Tagibe; Banda de Congo Santa Isabel; Banda de Congo Mirim Mestre Tagibe, localizadas em Roda-d'Água; Banda de Congo Unidos de Boa Vista; Banda de Congo São Benedito de Boa Vista, situadas em Boa Vista; Banda de Congo São Benedito de Piranema, estabelecida em Piranema; e Banda de Congo São Sebastião de Taquaraçu, da comunidade de Taquaraçu.

- A **Banda de Congo do Mestre Tagibe** foi formada no ano de 2006 para homenagear a memória de seu pai, Manoel Ferreira, conhecido como Gabiroba, antigo mestre da Banda de Congo Santa Izabel, da qual ele também fazia parte. Segundo mestre

Tagibe, o pai dele sempre teve o sonho de criar uma banda com instrumentos de pau oco, assim como tocavam os antepassados. Dessa forma, após seu falecimento Tagibe decidiu criar sua banda e construiu instrumentos feitos usando o material de uma árvore que tinha um “tronco meio oco”.

Segundo Tagibe, em Roda-d’Água eles não têm um padroeiro próprio, mas o padroeiro das bandas de congo do estado do Espírito Santo é São Benedito. Ele explicou que os mais velhos contavam sobre a história do navio que afundou na costa capixaba e sobre os negros que se agarraram no mastro para se salvar. Durante uma rebelião, muitos negros escravos foram se esconder em Roda-d’Água, fazendo a tocada do tambor que era feito de pau oco. Dessa forma, para homenagear a história que o pai dele sempre contava, Tagibe decidiu fazer os tambores de pau oco para sua banda de congo.

Em Cariacica é organizado, anualmente, o Carnaval de Congo, que antigamente era conhecido como Carnaval de Máscaras. Tagibe ressaltou que houve várias mudanças do festejo com o passar do tempo. Antes, segundo relatou, era um carnaval que ocorria de forma descentralizada, nas casas das pessoas que solicitavam para o dono da banda. Dessa forma, acontecia um cortejo pelas ruas da localidade para fazer as visitas, com o congo tocando e, na frente, os mascarados iam brincando. Além disso, a celebração acontecia durante três dias. Atualmente, devido ao crescimento da festa e o grande número de pessoas que vêm para a cidade, não há mais como fazer o cortejo pelas ruas. Assim, a festa acontece centralizada praticamente em um local só. Além disso, antigamente havia toda uma euforia para saber quem eram os mascarados que brincavam durante a festa, não ocorrendo mais isso nos dias atuais, segundo Tagibe.

Ao ser perguntado sobre o significado das máscaras utilizadas durante o Carnaval do Congo, Mestre Tagibe afirmou:

“O significado dessas máscaras era esconder as pessoas que estavam brincando de máscaras. Porque na época os escravos não podiam ser visto pelos seus senhores. Então fizeram a máscara para poder esconder o corpo; então você veste a máscara, veste a roupa que tem que vestir, coloca meia na mão e ninguém sabe quem está lá dentro, então era pra eles poderem sair, brincar e voltar, sem ter dificuldade de chegar às residências deles.”

Outra peculiaridade de Cariacica é que diferente da tradição do restante do estado do Espírito Santo, o festejo em Roda-d’Água não acontece em torno da fincada e da retirada do mastro de São Benedito. Mestre Tagibe afirmou que eles até já fizeram

algumas vezes, tendo em vista que o restante do estado possui, porém para ele esse ato não tem sentido, uma vez que o foco deles é o Carnaval de Congo.

A festa do Carnaval de Congo ocorre no dia de Nossa Senhora da Penha devido ao fato de que antigamente as pessoas de Roda-d'Água não tinham condições de frequentar a festa no Convento da Penha em Vila Velha, por ser muito longe. Dessa forma, decidiram fazer o Carnaval no dia de Nossa Senhora da Penha pois assim as pessoas devotas poderiam aproveitar e pagar suas promessas. Apesar da nomenclatura *Carnaval*, Mestre Tagibe ressaltou que o festejo realizado em Roda-d'Água sempre teve o caráter religioso de louvar Nossa Senhora da Penha e São Benedito.

Durante a festa é feita uma pequena procissão com a imagem de Nossa Senhora da Penha. Porém, segundo Tagibe, esse fato passou a ocorrer após 1983, por intervenção do Secretário de Cultura. Além disso, parte das máscaras feitas para o Carnaval é fabricada e distribuída pela própria prefeitura, sem a influência dos membros das bandas de congo e da Associação. Nesse sentido, pode-se perceber certa interferência do órgão público na organização da festa do Carnaval do Congo. Porém, segundo destacou Mestre Tagibe, a mão de obra para organização da festa é da própria comunidade e dos grupos.

Os instrumentos utilizados pela Banda do Mestre Tagibe são os tambores e a casaca. Antigamente era só o tambor de pau oco, porém, devido a benefícios que eles receberam do governo para comprar material, acabaram inserindo também tambores de barrica. As casacas foram inseridas como instrumentos das bandas de congo de Cariacica somente por volta de 1970, devido à influência das bandas de congo de Serra.

As músicas que a Banda de Congo Mestre Tagibe toca são, em sua maioria, cantos de conhecimento popular, cujas letras se referem aos santos e às promessas. Porém, mestre Tagibe também possui letras de músicas de sua própria autoria, que versam a respeito do cotidiano e de peculiaridades da localidade.

A Banda de Congo do Mestre Tagibe possui uma banda de congo mirim formada pelas suas netas, que sai sempre junto com sua banda de congo adulta. O coordenador da banda de congo mirim é o seu filho, Alcemi, presidente da Associação das Bandas de Congo. Mestre Tagibe afirma a importância de se manter a Banda de Congo Mirim para não deixar morrer a tradição, uma vez que as crianças vão crescendo e ocupam lugar na banda de congo adulta. Na banda de congo mirim as crianças aprendem a dar valor ao congo, a tocar instrumentos e também a fazer casaca.

Sobre as dificuldades da banda, mestre Tagibe afirmou que já houve um momento pior, quando eles eram muito discriminados. Por conta disso, já receberam até pedrada na rua quando o caminhão com o grupo saía para outras localidades. Porém, atualmente, apesar das dificuldades para manter a banda e do preconceito de algumas pessoas que os confundem com *macumbeiros*, existe mais apoio dos órgãos públicos. Para ele, esse apoio é importante, principalmente, para dar mais atividades às bandas de congo e para que eles se sintam valorizados.

Após o fim da entrevista, nos dirigimos para a sede da Associação de Santa Izabel, onde ocorreu a reunião com os representantes das bandas. Estavam presentes componentes da Banda de Congo São Benedito de Boa Vista, da Banda de Congo Mestre Tagibe, da Banda de Congo Mirim Mestre Tagibe e da Banda de Congo Santa Izabel. Foi apresentado o projeto, as dúvidas foram esclarecidas e as assinaturas do termo de consentimento foram. Durante a reunião houve apenas uma intervenção de um membro do grupo de Santa Izabel que contestou a inclusão do ticumbi no projeto, uma vez que na opinião dele essa tradição é bastante diferente do congo. Para o congueiro de Santa Izabel, o ticumbi seria uma folia de reis.

Em seguida, foi distribuído um questionário e colhidas as informações dos grupos. O Sr. Evandro Ladislau Gonçalves foi responsável por passar as informações das bandas que não tinham representantes presentes: Banda de Congo Unidos de Boa Vista, Banda de Congo São Benedito de Piranema e Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu. Além disso, não estava presente o representante da Banda de Congo da APAE-Cariacica, que não está ligada à Associação, mas a um projeto do qual participam alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e sempre participa do Carnaval de Congo em Roda-d'Água.

É importante mencionar que em Cariacica acontece apenas um festejo, Carnaval de Congo, que agrega todas as bandas de congo do município. Geralmente, a celebração é visitada por algumas bandas de congo capixabas, como as de Serra, Fundão, Vila Velha, Linhares (Regência) e Vitória. As bandas de congo de Cariacica também costumam comparecer em festejos de outras cidades, com as realizadas em Fundão, Timbuí, Serra, entre outros municípios.

- A **Banda de Congo São Benedito de Boa Vista** foi fundada em 1947 por Jeová Meireles Nascimento. Seu atual mestre é o Sr. Jadilson Martins Gonçalves. Em 2015 a banda possui 18 componentes. O grupo é composto pelo mestre, que puxa as toadas, a porta-bandeira e os instrumentistas. Os instrumentos utilizados pela banda são tambores, cuíca, chocalho, reco-reco, apito, triângulo e buzina. O grupo participa do Carnaval de Congo, juntamente com as outras bandas da cidade, além de participar de festejos fora da comunidade, como Fundão e Timbuí.



Foto 66 - Banda de Congo São Benedito de Boa Vista e Banda de Congo Mestre Tagibe na festa de São Benedito e São Sebastião de Fundão/distrito sede.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

- A **Banda de Congo de Santa Isabel** foi criada em 1968 por Manoel Queiroz, juntamente com Gabiroba e Nilsinho dos Santos. As cores da banda são o verde e vermelho. Os instrumentos utilizados pelo grupo são tambor, casaca, chocalho, apito, cuíca e a buzina. A banda participa do Carnaval de Congo, juntamente com as outras bandas da cidade, além de participar de festejos fora da comunidade, como Serra, Timbuí, Fundão e Regência.

- A **Banda de Congo Unidos de Boa Vista** surgiu a partir de um desdobramento da Banda de Congo de Boa Vista, ocorrido na década de 1970. O mestre Prudêncio e o

participante Galdêncio foram os fundadores da banda. Sua mestre é a Sra. Maria das Graças Teixeira Martins, conhecida como mestre Darinha. Ela tem a função de puxar os versos. Seus instrumentos são tambor, casaca, cuíca e o apito. Possui atualmente 15 componentes.

- **A Banda de Congo São Sebastião de Taquaraçu** foi fundada na década de 1980, oriunda da extinta Banda de Congo São Benedito de Taquaraçu. Tal fato aconteceu após um desentendimento entre Valdeci Ferreira Vieira e Domingos Ferreira, membros da Banda de São Benedito de Taquaraçu. Por causa desse conflito, a banda acabou e após dois anos o Sr. Valdeci conseguiu alguns instrumentos e fundou a Banda de Congo São Sebastião de Taquaraçu. Ela possui 30 componentes e seus instrumentos são tambores, casacas, cuíca, apito e caixa. Os atuais mestres são o Sr. Valdeci Ferreira Vieira e Sr. Olival Graça. O presidente é o Sr. César Graça.

- **A Banda de Congo São Benedito de Piranema** foi fundada na década de 1950. Seu mestre é Benedito Epifânio, conhecido como Benedito Preá. A presidente da banda é a senhora Sueli Maria Lemos. A banda é composta atualmente por 15 componentes e possui um projeto para formação de uma banda de congo mirim. Os instrumentos são tambor, caixa, cuíca, casaca e apito.

- **A Banda de Congo Mirim do Mestre Tagibe** surgiu em 2012 e é formada principalmente pelas netas de Tagibe e por outras crianças da comunidade. A banda mirim participa somente do Carnaval de Congo em Roda-d'Água, além de fazer projetos de divulgação do congo nas escolas do município.

- **A Banda de Congo da APAE-Cariacica** faz parte de um projeto social organizado pela APAE de Cariacica. A banda, apesar de não fazer parte da Associação das Bandas de Congo de Cariacica, participa do Carnaval de Congo de Roda-d'Água.

4.13. GUARAPARI

Em Guarapari o encontro com os representantes das bandas de congo aconteceu no sítio do senhor José Miiller, integrante da Banda de Congo Benedito de Alto Rio Calçado, situado na comunidade Sagrado Coração de Jesus de Alto Rio Calçado.

Compareceram ao encontro Manoel Lima da Vitória (mestre Duca), da Banda de Congo São Benedito de Rio Claro; José Amaral Fernandes Filho, membro da Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado; Oézio Rosa de Oliveira (mestre Pelé), da Banda de Congo de Alto Rio Calçado; Jair Miiller, tocador da Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado; Sebastião Francisco (mestre Tião), da Banda de Congo de São João de Jaboti; José Miiller, administrador e tocador da Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado; mestre Joaquim e Ivanirce Gomes Wolf, técnica da Superintendência do Iphan no Espírito Santo.

Antes de conversarmos sobre o projeto de pesquisa, todos os participantes do encontro se apresentaram. Nesse momento, José Amaral Fernandes Filho, membro da Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado, ressaltou, em sua fala que a cultura imaterial nunca teve reconhecimento do estado e que ela está na miséria, apesar do registro dos Ofícios das Paneleiras de Goiabeiras. Além disso, observou que o congo sempre sobreviveu de esmola, e que o Iphan sempre omitiu a cultura material e imaterial do estado do Espírito Santo. Em seguida, José Amaral questionou sobre quais políticas públicas do Iphan seriam revertidas para a comunidade e para as bandas de congo; sobre qual reconhecimento a pesquisa traria para comunidade; sobre quais políticas públicas o projeto traria para garantir que as bandas de congo não precisem mais do poder público municipal e estadual; sobre qual é a política pública do estado para manter as bandas de congo; e sobre qual é o papel do Governo Federal nesse processo.

Em seguida, Ivanirce Gomes Wolf, técnica da Superintendência do Iphan no Espírito Santo, fez uma breve apresentação desse órgão, respondeu algumas das indagações e se propôs a retornar na comunidade para fazer uma reunião específica de apresentação das políticas públicas desenvolvida pelo Iphan.

Depois da fala de Ivanirce, apresentamos o projeto e realizamos a leitura do termo de consentimento prévio informado. Apesar das indagações e manifestações, todos os presentes concordaram e assinaram o termo de consentimento.

Em seguida, a equipe foi dividida para recolher as informações com os representantes das bandas de congo presentes.

Em Guarapari identificamos cinco bandas de congo, sendo duas atuantes: Banda de Congo Alto Rio Calçado, do mestre Pelé, e Banda de Congo São Benedito de Rio Claro, do mestre Duca; e duas não atuantes: Banda de Congo da Comunidade São Benedito/do Trevo, localizada no bairro Vargem Nova, do mestre Tião, e Banda de Congo Perocão. Além disso, existe uma banda em condição de memória: Banda de Congo de São Benedito de Meaípe e Taquara do Reino.

- A **Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado** foi fundada em 1908. Mestre Joaquim assim narra a história do grupo:

“O primeiro mestre congo do Alto Rio Calçado foi um tal de João Rosa, por muitos anos. Depois que ele morreu ficou um tal de Honório Celeste e Chico Humbertino e mais outros. Depois bateram, bateram e veio um tal de Afonso Pedreiro, mais os filhos. Ficaram um tempo batendo congo e cantando. Aí foi mudando. O velho Afonso saiu e ficou Antônio Cláudio, Benito Brás e Quito Garcia. Bateram um bocado de congo, fizeram um bocado de festa lá. Muita festa boa. Depois, esse povo foi saindo e eu já tava fazendo jongo de congo, fiquei sendo o mestre do congo. Foi trinta e três anos, fizemos muita festa boa em Guarapari”.

Devido a problemas de saúde, o mestre Joaquim passou o cargo para seu filho, Oézio Rosa de Oliveira, conhecido como mestre Pelé.

A banda possui aproximadamente 40 componentes com uma faixa etária de 15 a 60 anos. Os instrumentos utilizados são: tambor, ganzá, caixa, pandeiro, chocalho e apito.

O padroeiro da banda é São Benedito. Segundo José Miiller, São Benedito é padroeiro por causa do naufrágio do navio dos africanos. Ele relatou a seguinte história: “o navio que naufragou [...] aí eles [africanos] se agarraram com São Benedito, que é poderoso. E salvou todo mundo. Aí que foi que iniciou a brincadeira do congo em homenagem a São Benedito”.

Segundo mestre Pelé, a função do mestre é manter o ritmo, tirar o jongo, isto é, tirar os versos, e comandar o ritmo e a turma para buscar o mastro e puxar a procissão.

Algumas músicas (chamadas pelo mestre Pelé de jongos) são aprendidas com os antigos e outras são improvisadas durante os festejos.

A Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado, juntamente com o Conselho Comunitário, realiza duas festividades: a fincada do mastro de São Benedito e a retirada/arrancada do mastro de São Benedito.

A fincada do mastro de São Benedito ocorre entre os dias 26 de dezembro e 06 de janeiro. A festa começa com uma missa na parte da manhã e logo depois é comercializado o almoço para arrecadar fundos para a manutenção da banda de congo e do Conselho Comunitário. Após o almoço, ocorre a “lavagem” do mastro de São Benedito. A lavagem do mastro é realizada da seguinte forma: os presentes fazem uma fila em torno do mastro e os devotos, com um copo de vinho, se aproximam do mastro de São Benedito e realizam sua *lavada*. Segundo mestre Pelé, no ano de 2015 mais de cem pessoas participaram da lavagem do mastro. Quando o vinho é jogado no mastro, os integrantes da banda de congo entoam alguns jongs. Em seguida, o mastro é levado em cortejo até a Igreja Sagrado Coração de Jesus, com queimas de fogos no momento em que é fincado.



Foto 67 - Detalhe da lavagem do mastro de São Benedito.
Janeiro de 2015.

Foto: Cristiano Bodart/Portal 27.

Segundo José Miiller, a Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado não realiza a escondida do mastro. O grupo apenas coloca o mastro afastado da igreja para poder buscá-lo com uma bandeira que é levada por um dos integrantes da banda. Esse

rito é chamado de “procura do mastro pela bandeira”. Chegando ao local, a bandeira é fixada ao mastro, que levado até a igreja com o acompanhamento da banda de congo. Mestre Pelé frisou que durante a caminhada com o mastro são *tirados* alguns jongs (músicas), entre eles: *“debaixo da bandeira não vai ninguém, só vai molequinha que eu quero bem; debaixo da bandeira não vai ninguém, só vai molequinha que eu quero bem”*.



Foto 68- Igreja Sagrado Coração de Jesus, local onde é realizada a fincada do mastro de São Benedito da Banda de Congo São Benedito de Alto Rio Calçado.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 69- Mastro de São Benedito da Banda de Congo São Benedito de Alto Rio Calçado.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

A retirada/arrancada do mastro de São Benedito ocorre antes da Quaresma. No ano de 2015 aconteceu no dia 08 de fevereiro. A festa começa com uma missa na parte da manhã, logo em seguida o almoço é vendido com o objetivo de arrecadar fundos para manutenção da banda de congo e do Conselho Comunitário e por volta das 13 horas a banda bate congo até a retirada do mastro, que acontece às 15 horas. Após a retirada, a banda de congo continua tocando até anoitecer.

Nos festejos da fincada e da retirada/arrancada do mastro da Banda de Congo de São Benedito de Alto Rio Calçado, geralmente comparece o grupo de jongo da comunidade São Mateus, de Anchieta. A banda de congo também retribui as visitas nas festas promovidas pelo grupo de jongo.

- A **Banda de Congo São Benedito de Rio Claro** foi fundada em meados da década de 1950 pelo mestre João Martelo. Outros mestres também fizeram parte da história da banda de congo, sendo eles: Joaquim Martelo, Manoel Falcão, Benedito Manoel, conhecido como João Bonzinho, Antônio Lucindo, Moreira e Paulino. Desde 2010 o mestre da banda de congo é o Sr. Manoel Lima da Vitória, conhecido como mestre Duca.

A banda possui aproximadamente 30 componentes e é composta pelo mestre, pela rainha de honra, pela rainha que conduz os estandarte e pelos tocadores. Os instrumentos utilizados são: tambor, caixa, casaca, triângulo, chocalho, afoxé, cuíca e pandeiro. Algumas músicas são herdadas dos antigos, outras são criadas a partir da própria realidade vivenciada pelos participantes, que relatam romances a fatos corriqueiros do cotidiano. As vestimentas usadas pelas mulheres são saia rodada e blusa branca, e os homens vestem camisa verde e calça *jeans*.

Segundo mestre Duca, a Banda de Congo São Benedito de Rio Claro surgiu com a junção de duas bandas de congo: uma formada na comunidade de Mucambo pelo Sr. Paulino e a outra na comunidade de Rio Claro pelo Sr. João Martelo. Mestre Duca frisou que a banda de congo da comunidade de Mucambo possuía tambores de pau oco e a de Rio Claro tinha tambores confeccionados a partir de barris de vinho.

De acordo com mestre Duca, São Benedito é padroeiro das bandas de congo, uma vez que

“Quando os escravos estavam vindo para o Brasil o navio quis naufragar, aí os escravos subiram no mastro do navio e começaram a bater nos caixotes cantando jongo em homenagem a São Benedito. Pediram a São Benedito para salvar eles, aí eles foram salvos e foi quando nasceu as bandas de congo de São Benedito tradicional desse naufrágio”.

A banda realiza três festividades: a cortada, a fincada e a retirada/arrancada do mastro de São Benedito.

A cortada do mastro ocorre esporadicamente no mês de novembro da seguinte forma: a banda de congo vai até uma mata. Chegando ao local, escolhe uma árvore para ser cortada. No mesmo momento em que a árvore é derrubada, a banda toca o congo. Finalizado o corte da árvore, o tronco é levado até a residência de um devoto, que oferece um lanche para os integrantes da banda de congo. Nos dias seguintes, o tronco

da árvore é preparado pelos componentes da banda de congo até se transformar em um mastro.



Foto 70 - Igreja São Francisco de Assis, local onde é realizada a fincada do mastro de São Benedito da Banda de Congo São Benedito de Rio Claro.
Fonte: rtsilva-fotoartes.blogspot.com.br/Sem data.



Foto 71 - Banda de Congo São Benedito de Rio Claro.
Fonte: Folheto da Banda de Congo São Benedito de Rio Claro. Sem data.

A fincada do mastro de São Benedito, realizada no mês de dezembro, começa com a puxada do mastro a partir da residência de um devoto que o acolheu no ano anterior. Em seguida, a banda de congo e os devotos seguem em cortejo até a Igreja de São Francisco de Assis para a fincada do mastro. O mestre Duca destacou que todo ano um devoto fica responsável por pintar uma nova bandeira. Durante o festejo é oferecido um lanche organizado pela comunidade de Rio Claro com apoio da comunidade de Araçatiba/Viana, no pátio da Igreja de São Francisco de Assis.

A arrancada do mastro de São Benedito acontece no domingo antes do Carnaval. Após a arrancada, é realizado um cortejo com o mastro até o salão da Igreja de São Francisco de Assis. Em seguida, toca-se o congo até anoitecer.

- Segundo mestre Tião, a **Banda de Congo da Comunidade São Benedito/do Trevo**, localizada no bairro Vargem Nova, não atua desde 2013. O motivo, segundo mestre Tião, é a ausência de brincador de congo. Ele também ressaltou que encontra muita dificuldade para mobilizar pessoas da comunidade para participarem como brincadores de congo e realizarem as festas da fincada e da arrancada do mastro de São Benedito.

Segundo mestre Tião, a banda de congo surgiu na comunidade de São João de Jaboti e seus fundadores foram os mestres João Loreiro e Zizinho Torquato. Quando

mestre Tião assumiu a banda de congo, ele a transferiu para a comunidade de São Benedito/do Trevo, no bairro Vargem Nova.

A banda realizava dois momentos festivos: a festa da fincada do mastro de São Benedito, no mês de outubro, e a arrancada do mastro de São Benedito, no mês de dezembro. A última festa aconteceu no ano de 2013.

Desde 2014 mestre Tião é tocador de tambor da Banda de Congo São Benedito de Alto Rio Calçado. Destacou que tem vontade de retomar a banda de congo.

- No dia 26 de janeiro nos reunimos com Gilmar Viana, responsável pela **Banda de Congo Perocão**⁴⁴, em sua residência. Apresentamos o projeto do INRC sobre as bandas de congo e o ticumbi no Espírito Santo. Em seguida, realizamos a leitura do termo de consentimento prévio informado, que foi assinado por Gilmar.

Segundo Gilmar, a Banda de Congo Perocão foi retomada em 2002 e atuou até o ano de 2005. Para ele, a grande dificuldade encontrada para reerguer a banda de congo é organizar o pessoal para tocar e também conseguir um local para ensaiar e guardar os instrumentos.

Gilmar relatou que quando resgatou a banda de congo em 2002, uma pessoa da banda pesquisou para ele na *internet* os fundamentos das bandas de congo. Por meio dessa pesquisa, ele aprendeu sobre como surgiram as bandas de congo e o porquê das casacas. Segundo Gilmar, tudo começou devido ao naufrágio de um navio de escravos, quando estes foram salvos pelo mastro, em Nova Almeida. As casacas eram feitas tendo como inspiração os rostos dos feitores e, ao tocar, eles "enforcavam" o instrumento pensando nos feitores: essa era a forma que os escravos encontravam para amenizar os seus sofrimento e para se vingarem simbolicamente dos feitores.

- Gilmar nos informou que a **Banda de Congo de Meaípe e Taquara do Reino** não atua há mais de 10 anos. Também destacou que houve um projeto⁴⁵ de banda de congo na comunidade de Una⁴⁶, pertencente à cidade de Guarapari, e nos contou a seguinte versão:

⁴⁴ Perocão faz referência à localidade Praia de Perocão. A praia recebeu esse nome em homenagem ao cacique que vivia na região, conhecido como Pero Cão.

⁴⁵ O projeto referido por Gilmar é o Edital do Concurso Público nº 19/2010 - Concessão de prêmio incentivo denominado "Prêmio Renato Pacheco", destinado a grupos culturais radicados no estado do Espírito Santo, para a aquisição de indumentárias, adereços e instrumentos musicais.

⁴⁶ Referenciada no edital como Banda de Congo Una.

“Apareceu um vereador lá, só que eles não tinham instrumento e nada não. O Governo mandou uma verba de dez mil reais, aí ele não precisava ter CNPJ e nem nada não. Então eu peguei e emprestei os instrumentos para o Una, só que a menina que estava lá trabalhava na secretaria e passou outra menina fazendo pesquisa das bandas de congo, igual vocês estão passando. Já era outro tipo de pesquisa para angariar fundos [...] a menina, como trabalhava na secretaria, eu que emprestei os instrumentos, fizeram um vídeo lá, né, com o nosso instrumento. Cê acredita que eles foram beneficiados e nós não? No meio de dez bandas que já existia, eles que nunca existiram como banda foram beneficiados por causa da menina. Fiquei sabendo disso depois [...] e a banda acabou, o cara só pegou o dinheiro e não fez nada, os instrumentos estão parado lá (...) nunca foi um banda de congo de fato, fizeram uma montagem”.

4.14. SERRA

Um dia antes da reunião com as bandas de congo nos encontramos com Terezinha Osório Machado Pimentel, ex-presidente da Associação das Bandas de Congo de Serra (ABC-Serra) e filha do falecido mestre Antônio Rosa, na sede da Associação. Assim que chegamos Terezinha fez questão de nos apresentar o espaço que abriga a Associação. A edificação possui três pavimentos. No primeiro andar há uma sala de exposição de acervos das bandas de congo de Serra, denominada como “Espaço Mestre Antônio Rosa”. Alguns bens ficam em exposição, como réplicas de dois navios, casacas, tambores, peças de alguns uniformes dos grupos, fotos antigas e recentes das festas e das bandas de congo, histórico do congo, informativo do navio Palermo e divulgação da Comenda da Ordem do Mérito Cultural recebida pela Associação no ano de 2003, entre outros. O segundo piso abriga uma sala de reunião equipada com aparelhos multimídia, banheiros masculino e feminino e duas salas. O terceiro andar é um salão de festa e possui cozinha e banheiros.



Foto 72 - Vista parcial do Espaço Mestre Antônio Rosa.
Fevereiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

A Associação das Bandas de Congo da Serra foi fundada em 1986 pelo mestre Antônio Rosa, falecido em 1999. Segundo Terezinha, a sede da Associação foi construída com muito esforço da comunidade e também por meio de recursos públicos municipais e federais. A inauguração da edificação foi realizada no mês de agosto de 2013.



Foto 73 - Sede da Associação das Bandas de congo da Serra.
Fevereiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Terezinha mencionou que a ABC-Serra se mantém por meio de convênio de subvenção firmado com a prefeitura municipal de Serra e também com a venda de casacas produzidas pelos artesãos filiados à Associação. As casacas são vendidas na sede da Associação para turistas e para as bandas de congo do estado que necessitam do instrumento. Outra forma de aquisição de recursos financeiros é o patrocínio de comerciantes nos dias dos festejos em honra a São Benedito. Os fundos adquiridos pela Associação são empregados para arcar com o transporte e com a alimentação das bandas de congo, com a compra de tecidos para produção de uniformes dos grupos, com a aquisição de material escolar, que é distribuído no início do ano letivo para as crianças dos congos mirins, entre outras atividades.

Em seguida, explicamos para Terezinha o projeto desenvolvido pelo Iphan sobre as bandas de congo, assim como os processos da pesquisa. Informamos que antes de irmos a campo, fizemos levantamento de fontes com o fim de identificar as bandas de congo capixabas. Em seguida, apresentamos os dados encontrados sobre o município de Serra com o objetivo de conferi-los.

A averiguação dos dados nos revelou o seguinte:

1) O município possui dez bandas de congo adultas, sendo elas: Congo Folclórico São Benedito (Serra-distrito sede); Banda de Congo São Benedito e São Sebastião (Nova Almeida); Banda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (Pitanga); Banda de Congo São Benedito (Santiago); Banda de Congo Konschaça (Serra-distrito sede); Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição (Jacaraípe); Banda de Congo Santo Expedito (Serra-distrito sede); Banda de Congo São Benedito (Campinho da Serra II); Banda de Congo Cultura Congo (Bicanga) e Congo Jovem de Manguinhos (Manguinhos).

2) O município possui sete bandas de congo mirim: Banda de Congo Mirim São Benedito e Santo Antônio de Pádua (Serra-distrito sede); Banda de Congo Mirim São Benedito e Nossa Senhora da Conceição (Campinho Serra II); Banda de Congo Mirim Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Pitanga); Banda de Congo Mirim São Benedito (Santiago); Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua (Bicanga); Banda de Congo Mirim Sant'Ana (Manguinhos); Banda de Congo Mirim Konschacinha de Santo Antônio (Serra-distrito sede)

3) Existem quatro bandas de congo em condição de memória ou sem atuação: Banda de Congo São José (Serra-distrito sede); Banda de Congo Nossa Senhora Aparecida (Bicanga); Banda de Congo Mirim União Jovens dos Reis Magos (Nova Almeida); Banda de Congo Mirim de São Pedro (Jacaraípe)

- A **Banda de Congo São José** não atua desde 2005, quando o responsável pelo grupo se opôs à regra de repasse dos recursos financeiros acertada entre a Associação e as demais bandas de congo.

- A **Banda de Congo Nossa Senhora Aparecida** não atua desde 2003. Segundo Terezinha, o mestre do grupo, Zé Carlos, era casado com a rainha, dona Vitória. Eles se divorciaram e dona Vitória ficou no comando do grupo. Depois de um tempo, ela se converteu para uma religião protestante, mas mesmo assim manteve a banda de congo. Terezinha narra que em um determinado dia, os filhos de dona Vitória chegaram em casa bêbados, pegaram os instrumentos do grupo e foram tocar pelas ruas de Bicanga. Dona Vitória reprovou o ato e entregou os pertences da banda para a Associação.

- A **Banda de Congo Mirim União Jovens dos Reis Magos** não atua desde 2013 por falta de coordenador.

- A **Banda de Congo Mirim de São Pedro** não atua desde 2012 por falta de um espaço adequado para trabalhar com as crianças.

Em Serra acontecem quatro ciclos das festas dos mastros, que são promovidos pelas bandas de congo e Associação, sendo eles: festa de São Benedito (Serra-distrito sede); festa de São Benedito e São Sebastião (Nova Almeida); festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (Pitanga) e festa de São Benedito (Santiago). Todos esses festejos apresentam os momentos da cortada, da fincada e da derrubada do mastro. Há outras festividades em Serra que são promovidas pelas paróquias das localidades e que contam com a participação de algumas bandas de congo: festa de Santo Antônio em Bicanga, realizada pela paróquia, que conta, desde 2010, com a participação da Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua; festa de Sant'Ana, realizada pela comunidade e pela igreja de Manguinhos no mês de janeiro (nessa festa acontece a fincada do mastro

de São Sebastião, patrono da Igreja de Sant'Ana), e participa do festejo a Banda de Congo Mirim Sant'Ana; festa de São Pedro, em Jacaraípe, promovida pela paróquia no mês de junho, que conta com a participação da Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição.

O agendamento da reunião com as bandas de congo, feito em Sabará, foi acordado com Terezinha Osório Machado Pimentel a pedido da atual presidente da Associação, Valdirene Nascimento Lima. O encontro aconteceu na sede da ABC-Serra, localizada no distrito sede.

Estiveram presentes no encontro quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural; dois representantes do Iphan/ES, Rebecca Guidi e Yuri Batalha; Elinete Antunes, dançarina da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida; Aclinea Rodrigues, coordenadora da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida; Fabrícia do Rosário Ferreira, tocadora da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida; Fabiana R. Sarmento, dançarina Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida; Antônio Freitas, mestre da Banda de Congo São Benedito de Santiago; Maycon G. Machado, capitão da Banda de Congo São Benedito de Campinha Serra II; Deivid Soares, coordenador da Banda de Congo Mirim Nossa Senhora do Rosário de Pitanga; Tamires M. Lima, dançarina da Banda de Congo São Benedito de Santiago; Valdirene Nascimento Lima, presidente da ABC-Serra e coordenadora da Banda de Congo Mirim São Benedito de Santiago; Romildo Correa Pimentel, colaborador da ABC-Serra; Antônio Mariano do Santos, presidente da Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição de Jacaraípe; Expedito Andrade, presidente da Banda de Congo Santo Expedito; Carlos José de O. Alves, diretor da Banda de Congo Santo Expedito; Darli Peixoto, integrante da Banda de Congo São Benedito de Serra-distrito sede; Elizabete P. Machado, secretária da ABC-Serra; Terezinha Osório Machado Pimentel, festeira e voluntária da ABC-Serra; Alvantina Antônia de Oliveira, coordenadora da Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua de Bicanga; Lúcia Maria Duarte Zoia, coordenadora do Congo Mirim e do Congo Jovem de Manguinhos.

Antes de conversarmos sobre o projeto de pesquisa, todos os participantes do encontro se apresentaram. Durante a exposição, todos foram informados sobre os órgãos públicos envolvidos, sobre sua função e sobre a empresa contratada para a realização da 1ª etapa. Foi explicado o objetivo da pesquisa com as bandas de congo e com o ticumbi, citando outros exemplos de bens culturais brasileiros estudados pelo

Iphan que culminaram em seu registro como patrimônio cultural brasileiro. Salientou-se que a pesquisa será realizada em longo prazo, obedecendo a três etapas, e que o trabalho será feito de forma coletiva, órgão público e detentores da manifestação cultural religiosa.

Após a apresentação da pesquisa, alguns congueiros fizeram questionamentos acerca do prazo de conclusão da pesquisa, sobre quem decide se vai ser patrimônio cultural ou não, e sobre quais seriam os ganhos efetivos para as bandas de congo ao serem reconhecidas com patrimônio cultural. Todos os questionamentos feitos foram respondidos pela Rebecca Guidi, representante do Iphan/ES.

Posteriormente, houve a leitura do consentimento para todos os participantes, tornando clara a questão da anuência. Todos assinaram.

A próxima etapa foi a coleta de dados com todos os representantes das bandas de congo.

De acordo com Valdirene Nascimento Lima, coordenadora da Banda de Congo Mirim São Benedito de Santiago, o mestre Antônio Rosa, ex-presidente e fundador da Associação das Bandas de Congo de Serra, já falecido, incentivou a criação de bandas de congo mirim, pois acreditava que esse ato fortaleceria a manifestação do congo no município.

- A **Banda de Congo Mirim de Santiago** foi fundada em 09 de junho de 2010. Em 2015, possui 40 componentes.

As crianças ingressam na manifestação do congo aos três anos de idade e permanecem até os quatorze anos. Normalmente, quando os (as) adolescentes deixam a banda de congo mirim, eles passam a fazer parte da banda de congo dos adultos.

Na banda mirim de Santiago existem duas rainhas, que apresentam a manifestação do congo nas festas e dividem momentos portando o estandarte de São Benedito, além das dançarinas e dos batedores (tocam instrumentos). O uniforme é composto por bermuda e camisa, para os meninos, e blusa e saia de renda para as meninas. A cor branca está sempre presente, em referência à paz e à harmonia. Outras cores são usadas junto à branca como o verde, o azul ou o rosa. Os instrumentos utilizados são: tambor, casaca, caixa, bumbo, chocalho e triângulo.

As bandas de congo mirim de Serra, segundo Valdirene, podem se apresentar junto às bandas de congo dos adultos ou não, como é o caso do desfile que acontece em Serra (sede) no momento entre a cortada e a fincada do mastro de São Benedito. A proposta de haver um momento em que somente as bandas de congo mirim do município se apresentam é promover a interatividade entre elas.

Nesse dia, as bandas de congo mirim saem em cortejo de um local próximo ao prédio da prefeitura municipal e seguem para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde um pároco as aguarda para abençoá-las.

Durante todo ano as bandas de congo mirim participam de eventos em escolas públicas e privadas. São apresentações sem remunerações que são solicitadas pelas instituições de ensino para mostrar a tradição do congo no município de Serra.

- **A Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua de Bicanga** foi fundada em 2000 pela coordenadora Alvantina Antônia de Oliveira, mais conhecida por Vani, com o objetivo de promover atividades para as crianças de Bicanga. Segundo Vani, as crianças são de famílias de congueiros. A banda é formada pela coordenadora, pelo mestre Pedro Vitor da Vitória, por dançarinas e por tocadores de casaca, tambor, bumbo, chocalho, triângulo e cuíca. De acordo com Vani, a banda possui, em 2015, 38 componentes com faixa etária de 2 a 14 de idade.

Quando as crianças atingem idade apropriada para ingressar na banda de congo adulta, geralmente elas se vinculam à Banda de Congo Cultura Congo de Bicanga ou à Banda de Congo Jovem de Manguinhos.

A banda mirim participa da festa de Santo Antônio promovida pela comunidade e pela paróquia de Bicanga no mês de junho. Nessa festa, o congo mirim realiza a fincada do mastro nas imediações da Igreja de Santo Antônio de Bicanga.

Conforme Vani, a Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua frequenta as seguintes celebrações: festa de Santa'Ana em Manguinhos/Serra; festa de São Benedito e São Sebastião em Nova Almeida/Serra e festa de São Benedito em Serra-distrito sede. O grupo também participa de eventos realizados em instituições educacionais, como comemoração do folclore, realizado no mês de agosto, Dia da Consciência Negra, entre outros.

- O **Congo Jovem de Manguinhos** foi fundado em 2004 pela coordenadora Lúcia Maria Duarte Zoia com o objetivo de reunir os participantes das bandas de congo mirim da região que não são mais crianças. O congo é formado pela coordenadora, pelo mestre Wam Baster de Azevedo, pelas dançarinas, que levam as bandeiras do grupo (de Sant'Ana, padroeira de Manguinhos, e de São Sebastião, patrono da Igreja de Manguinhos), e pelos tocadores de tambor, casaca, cuíca, bumbo e triângulo. Segundo Lúcia Maria, o congo possui, em 2015, 40 componentes com faixa etária de 16 a 40 anos de idade.

O Congo Jovem de Manguinhos não promove festa, entretanto, frequenta as seguintes celebrações: festa do Caboclo Bernardo em Regência/Linhares; festa de São Benedito em Timbuí/Fundão; festa de São Benedito em Aparecida do Norte/SP; festa de São Benedito e São Sebastião em Nova Almeida/Serra; festa de São Benedito em Serra-distrito sede.

- A **Banda de Congo Mirim Sant'Ana de Manguinhos** foi fundada em 2009 pela ex-coordenadora Elzy Rosseti Machado com o objetivo de cultivar nos mais novos (crianças) as tradições dos antigos. Em 2010, Elzy transferiu, por motivos pessoais, a coordenação da banda de congo mirim para Lúcia Maria Duarte Zoia.

A banda é formada pela coordenadora, pelo mestre Rhuthi Ghuthuy, por dançarinas e por tocadores de tambor, casaca, cuíca, bumbo e triângulo. Segundo Lúcia Maria, a banda possui, em 2015, 25 componentes com faixa etária de 2 a 17 anos de idade.

Quando as crianças atingem idade apropriada para ingressar na banda de congo adulta, elas geralmente se vinculam à Banda de Congo Jovem de Manguinhos.

A banda participa da festa de Sant'Ana, promovida pela comunidade e pela igreja de Manguinhos no mês de janeiro. Nessa festa acontece a fincada do mastro de São Sebastião, patrono da Igreja de Sant'Ana.

Conforme Lúcia Maria Duarte Zoia, a Banda de Congo Mirim Sant'Ana realiza apresentações em eventos públicos e privados, assim como participa de festas comemorativas de instituições educacionais.

- A **Banda de Congo São Benedito de Santiago** existe há mais de 30 anos. Foi fundada por Antônio Freitas, 77 anos, presidente e mestre do grupo, e seu sogro. Antes,

o mestre era congueiro em Timbuí, distrito do município de Fundão. Em função de um descontentamento com alguns componentes do congo de Timbuí, e também por não morar no local, Antônio Freitas criou a banda de congo no bairro Santiago.

De acordo com Antônio Freitas, sua função na manifestação é apitar o congo, puxar as músicas e acompanhá-las com a casaca.

Em tempos antigos, o mestre também coordenava a banda de congo, cuidando dos instrumentos, dos uniformes, e convocando os componentes para as celebrações. Na atualidade, essa função fica a cargo de Valdirene Nascimento Lima, 42 anos, coordenadora e rainha da banda.

Valdirene informou que aprendeu tudo com o “mestre Freitas”, observando. Ela ingressou na manifestação do bairro Santiago aos 12 anos de idade.

A coordenadora contou que na juventude participava das reuniões em Serra-distrito sede que eram promovidas por mestre Antônio Rosa, já falecido, referência do congo no município. Valdirene, sua irmã, além de dois congueiros, acompanhavam mestre Freitas nesses encontros. Valdirene narrou que o mestre Antônio Rosa sempre incentivou os mestres de outras bandas de congo a transmitirem os ensinamentos aos mais jovens, argumentando que seriam eles, os mais novos, que zelariam pela manifestação do congo.

Em 2015, a Banda de Congo São Benedito de Santiago possui 40 componentes, entre eles o mestre, a rainha, as dançarinas e os batedores – tocadores de instrumentos.

Os instrumentos usados são: tambor, caixa, casaca, bumbo, chocalho e triângulo.

As músicas são chamadas de “toadas” e suas letras se referem aos santos. Antônio Freitas citou São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Penha. Algumas toadas cantadas são antigas e outras criadas na atualidade.

As vestimentas da banda de congo são camisa e calça para os homens, que também usam chapéu de palha, e blusa e saia de renda para as mulheres. As cores são branca, verde, rosa e azul.

São Benedito é o padroeiro da banda de congo de Santiago. Em sua homenagem é realizada a fincada e a retirada do mastro de São Benedito. A primeira celebração é feita em outubro e a segunda acontece antes do carnaval, ambas em datas móveis. De acordo com Valdirene, a estrutura das duas festas é parecida.

A Banda de Congo de Santiago inicia a celebração da fincada do mastro de São Benedito no sábado, dia em que a banda caminha pela comunidade com a bandeira do santo padroeiro, tocando e cantando.

No domingo, celebra-se uma missa. Depois há *show* de música e barraquinhas, eventos organizados pela comunidade católica do local. Por volta das 17 horas a Banda de Congo de Santiago anuncia que está saindo da Casa do Congo em direção à Igreja de São Benedito, momento em que acontece a queima de fogos de artifício. Quando chegam à Igreja, tocam dois ou três “hinos”, palavra usada por Valdirene, e realizam uma oração. Em seguida, saem em cortejo pela comunidade com o mastro e a bandeira de São Benedito, tocando e cantando. Valdirene relatou que o cortejo é feito bem devagar porque a comunidade é muito pequena. Posteriormente, retornam à Igreja onde fincam o mastro de São Benedito.

O encerramento é feito na Casa do Congo, onde é realizada uma confraternização com os componentes da banda de congo. A Casa do Congo é o local onde os instrumentos, a bandeira e o mastro da banda de congo são guardados. Lá também são realizados alguns encontros da comunidade.

Os festejos realizados em honra a São Benedito no bairro Santiago não recebem bandas de congo de fora. Entretanto, muitos congueiros de outras bandas de congo de Serra e de outros municípios prestigiam as celebrações em Santiago.

Sobre a participação em outras festas de congo, Valdirene informou que o congo, adulto e mirim, já participou das festas de Regência, do Caboclo Bernardo, de Roda-d'Água, do Convento da Penha e de todas as festas das bandas de congo de Serra, exceto a da comunidade de Manguinhos porque as datas comemorativas coincidiam.

- A coleta de dados sobre a **Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida** foi feita com Fabiana Rodrigues Sarmento, coordenadora e dançarina do grupo; com Elinete, secretária e dançarina; e com Fabrícia, mestra da banda de congo.

As integrantes não souberam informar a data de fundação da banda de congo de Nova Almeida, porém afirmaram que é uma das mais antigas de Serra e que tem mais de 100 anos, uma vez que segundo contaram, quando D. Pedro II visitou o Espírito Santo, foi recebido pela banda de congo de Nova Almeida.



Foto 74 - Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

Os padroeiros das bandas de Nova Almeida são São Sebastião e São Benedito. Segundo as representantes, o primeiro foi escolhido porque é padroeiro de Nova Almeida, já São Benedito, segundo relato de Elinete, é homenageado

“porque quando os negros vieram em um navio negreiro no tempo dos escravos, então naufragou próximo a Nova Almeida. Então, quando o navio estava afundando, eles pediram proteção a São Benedito e, de repente, eles conseguiram se segurar em um mastro. Por isso que tem um mastro. E se salvou... todos os tripulantes foram salvos [...] e por causa disso os negros queriam fazer uma homenagem a São Benedito e tiveram que pedir autorização ao senhores de escravos, aí eles autorizaram e por isso que essa festa é mais do povo da classe baixa, os pobres podiam dançar na rua. Aí envolveu os negros, outras pessoas das classes menos favorecida e eles autorizaram fazer essa festa, depois que os brancos fizessem a festa deles.”

Sobre a origem do congo, Elinete afirma:

“Quem trouxe o congo foi o negro. A minha mãe contava que o pai dela veio da África. A minha mãe contava que a cuíca era um lamento da saudade da terra que tinha lá. Então, com o barulho da cuíca e o tambor que eles matavam saudades do som da terra deles. Isso aí sempre existiu e quem trouxe foram os escravos. E depois que São Benedito salvou esse povo aí é que foi autorizado fazer a festa.”

As músicas da banda de congo são criadas pelas pessoas com mais conhecimento sobre o rito, e muitas delas foram escritas por congueiros falecidos. Outras cantigas são

criadas de acordo com os acontecimentos sociais, como, por exemplo, a música criada em homenagem ao mestre Nelson Ramos quando ele faleceu.

A banda de congo passou por dificuldades recentemente, pois o mestre entregou o cargo uma vez que precisava cuidar de problemas particulares. Diante disso, o grupo ficou sem atuar durante um ano e a ABC-Serra recolheu os instrumentos⁴⁷. Entretanto, Fabiana Sarmento resolveu tomar a frente da banda, conseguindo resgatar o grupo.

Os instrumentos usados pela banda são: tambor, casaca, bumbo, triângulo, chocalho e cuíca.

O grupo possui 42 componentes, dentre eles a mestra, que tem a função de apitar e organizar os tocadores e a saída da banda, o coordenador, a secretária, responsável pelo apoio, os congueiros e as dançarinas.

As festas organizadas pela banda de Nova Almeida são:

1) Cortada do mastro de São Benedito e São Sebastião – realizada no dia 06 de dezembro. O mastro é cortado simbolicamente no morro do bairro São João, em Nova Almeida. Logo em seguida, ele é levado até a casa do coordenador, próximo à Igreja Reis Magos⁴⁸. Essa festa é organizada pela própria banda de congo de Nova Almeida e não conta com a presença de outras bandas.

2) Puxada e fincada do mastro de São Benedito e São Sebastião – realizadas no dia 20 de janeiro. A festa é feita no dia de São Sebastião, porém, um dia antes, no dia 19, acontece a escondida do mastro, que é levado até a casa de algum conhecido ou alguém que tenha feito uma promessa. No dia 20 é realizada a *alvorada* e no final da tarde é iniciado o cortejo, que sai pela comunidade com uma réplica de um navio. Os mastros de São Benedito e São Sebastião são apanhados e levados até o adro da Igreja Reis Magos, onde ocorre a fincada. Participam dessa festa, além de bandas de congo do município de Serra, bandas de outras cidades, como Vitória, Vila Velha e Cariacica.

⁴⁷ Quando uma banda de congo de Serra para de atuar, os instrumentos são recolhidos/guardados pela ABC-Serra. Essa prática tem como objetivo impedir que os instrumentos dos grupos sejam usados para fins diferentes.

⁴⁸ Edificação tombada pelo Iphan em 1943.



Foto 75 - Réplica do navio que segue o cortejo das bandas de congo para a busca do mastro de São Sebastião e São Benedito. Nova Almeida/Serra. Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

3) Retirada do mastro - realizada no Sábado de Aleluia. Após a retirada, um cortejo caminha pelas ruas do local com o mastro seguido pelo canto de congo da banda. Finalizado o cortejo, o mastro é guardado dentro da Igreja Reis Magos.

- No bairro Campinho da Serra II existem duas bandas de congo: **Banda de Congo de São Benedito e Banda de Congo Mirim de São Benedito e Nossa Senhora da Conceição de Campinho da Serra II.**

Segundo Maycon Gil, capitão da banda de congo adulta e coordenador da banda de congo mirim, a banda adulta possui quase 90 anos, porém, ele não soube relatar a trajetória histórica da banda. Além disso, não soube informar o porquê de os padroeiros das bandas serem São Benedito e Nossa Senhora da Conceição.

Segundo seu depoimento, a banda de congo de Campinho da Serra II difere de outras bandas de Serra por ter uma batida mais cadenciada. O capitão afirmou que a banda de congo que tem uma batida acelerada arrasta um público maior, já a banda de congo que possui batida mais cadenciada arrasta um público mais velho, que não gosta de agitação:

“Uma vez tentei mudar o ritmo da banda e por questões históricas não poderia. Os velhos da banda estão ficando cansados, então eu tô puxando mais jovens pra entrar na banda. Então a Terezinha falou pra manter o ritmo cadenciado, porque já é conhecido por esse som. Então eu desisti, melhor manter cadenciado mesmo.”

Maycon relatou também que as músicas tocadas pelas bandas de Serra são as mesmas, porém, cada uma toca em um ritmo diferente, pois cada banda de congo tem suas características próprias. Assim, uma banda, quando compõe uma música, ela é transmitida para as outras bandas, que passam a tocá-la também. Essa interação entre os grupos da cidade ocorre principalmente quando a ABC-Serra junta componentes de várias bandas da cidade para montar um grupo com o fim de participar de eventos fora do município. Quando isso acontece, um mestre é designado/escolhido para ir com o grupo.

Os instrumentos utilizados pela banda de congo adulta são: casaca, bumbo, tambor, chocalho e cuíca. A mirim utiliza casaca e tambor. As cores das vestimentas são o verde e o branco.

A banda adulta é formada pelo mestre Delcimar Carvalho, que tem a função de coordenar os componentes; o capitão, que auxilia o mestre; o puxador, que fica com o apito; e o coordenador, que auxilia a banda em questões externas. Além disso, a banda possui os tocadores, as dançarinas e a rainha, que tem a função de proteger a banda de congo.

Em Campinho da Serra II não é feita nenhuma festa, porém, o grupo participa de todas as festas que acontecem no município de Serra, além de visitar festas em louvor a São Benedito em Aparecida do Norte, Fundão, Regência/Linhares, além da festa de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, e a festa de São Sebastião, em Itaúnas/Conceição da Barra.

Segundo Maycon Gil, a banda mirim participa somente de festejos realizados no município de Serra, principalmente na festa de São Benedito do distrito sede.

- Em Pitanga há duas bandas de congo: **Banda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário** e **Banda de Congo Mirim Nossa Senhora do Rosário e São Benedito**.

Segundo David Nascimento Soares, coordenador da banda mirim, o congo mirim é muito importante para dar continuidade à tradição:

“A gente está dando continuidade à tradição africana, à tradição do nosso município. Caminhando para cada dia mais crescer, porque foi algo que foi trazido pelos nossos antepassados, os escravos, e nosso povo, o povo negro. Desde o naufrágio que teve dos escravos, foi aonde surgiu a devoção a São Benedito [...] porque eles estavam sofrendo o naufrágio e viram a imagem de um homem negro igual a eles, foi quando eles fizeram a promessa, se aquele homem negro salvasse eles, eles iam fazer uma festa para ele. Foi aonde que eles descobriram que era aquele homem negro, que era São Benedito. Foi onde trouxeram essa devoção a São Benedito. Até hoje damos continuidade a essa tradição, a esse festejo de São Benedito. Hoje tem nosso congo adulto e o mirim. E quem toma conta do congo adulto é meu pai, Ademir Ramos. E no congo mirim quem toma conta sou eu e outro rapaz.”

David destacou ainda:

“O congo mirim tinha se perdido, só tinha o congo adulto. A partir do finalzinho do ano retrasado, em 2013, que trouxemos de novo o congo mirim e estamos caminhando para não perder. Porque tem aquela questão: as pessoas entram para outra religião, para outra igreja e acaba deixando a tradição morrer. Porque é preconceito, porque o congo não é religião, o congo é cultura. Mas as pessoas que entram em outra religião, acabam achando que o congo é uma religião, uma seita. Mas ele não representa isso. É claro que o congo tem que ter aquele momento de fé, mas não é ligado a religião nenhuma. Então, a gente tenta trazer o congo para as crianças, porque são as crianças que vão dar continuidade no nosso congo adulto. Eles que vão mandar.”

Sobre a origem do congo mirim, ele respondeu que “desde quando existiu o congo adulto, passou um tempo e passou a existir o congo mirim. Porque os filhos dos membros do congo adulto queriam participar, mas não dava, porque era maior, ritmo era rápido, aí foi quando foi criado o congo mirim.”

Sobre as músicas, David afirmou que a maioria é antiga e que eles tocam as mesmas músicas que as outras bandas de congo tocam. Porém, ele já compôs uma música para as crianças, que foi uma homenagem ao mestre Domingos Ramos.

As bandas de congo adulta e mirim usam os seguintes instrumentos: casaca, tambor, triângulo, chocalho e apito.

As bandas de congo adulta e mirim participam de todas as festas da localidade, quais sejam: fincada do mastro no último fim de semana de outubro e derrubada do mastro no dia 30 de janeiro.

A fincada e a derrubada do mastro de São Benedito são realizadas na Praça Pitanga, onde podemos encontrar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Casa do Congo Mestre Domingos Ramos. Na Casa do Congo são realizados os ensaios dos grupos e reuniões. Lá também é o local em que os instrumentos das bandas adulta e mirim são guardados.



Foto 76 - Casa do Congo Mestre Domingos Ramos – Comunidade Pitanga.
Fevereiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Em Serra, seis pessoas dominam o ofício de produção de casaca ou de tambor: Domingos Teixeira Marques (Domingão), Jenésio Jacob Kuster (Tute) e Romildo Pimentel produzem tambor e casaca; Wander da Silva (Sagrilo) e Expedito Andrade produzem tambor; e Felipe da Vitória Correa confecciona casaca.

4.15. VIANA

O encontro com os representantes das bandas de congo do município de Viana ocorreu na Casa de Cultura, localizada na sede, às 18h30.

Chegamos a Viana (Casa de Cultura) pela manhã e fomos à procura de Wagner Santana, diretor do departamento de cultura do município, um de nossos contatos realizado ainda em Sabará.

Após as apresentações, ratificamos os objetivos do trabalho de pesquisa e solicitamos ao diretor de cultura que nos indicasse referências de representantes das bandas de congo do município, pois pretendíamos visitar as localidades onde elas se manifestam, no decorrer do dia, para realizarmos registros fotográficos. Dessa forma, poderíamos buscar, também, algumas informações sobre as bandas com seus integrantes, assim como ter a possibilidade de diálogos mais individualizados. Wagner sugeriu que aguardássemos até a noite para conversarmos com Jane, moradora da

comunidade Araçatiba, e outros participantes das bandas de congo, pois assim obteríamos melhores referências.

Durante nossa conversa com Wagner, fomos apresentados ao secretário de Cultura, Esporte e Turismo, Márcio Dornelas, a quem, também, informamos sobre a pesquisa realizada pelo Iphan. Márcio afirmou que não poderia participar da reunião à noite, mas disponibilizou seu apoio para as demandas da pesquisa.

Após nossa estada na Casa de Cultura, fomos até a biblioteca pública da cidade para buscar referências bibliográficas, mas, infelizmente, todo o acervo da biblioteca estava em caixas dispostas em muitas estantes, em uma pequena sala. A responsável pela biblioteca nos pediu desculpas e informou que não havia como realizar pesquisa por falta de espaço e porque os livros não estavam acomodados por tema. Aproveitou a ocasião e pediu para que reclamássemos dessa situação na Secretaria de Cultura. Segundo ela, o acervo da biblioteca se encontrava naquelas condições porque aguardava novo local para disponibilização ao público.

Posteriormente, seguimos para Araçatiba e Piapitangui para buscar indicações no local sobre as bandas de congo, além de realizar os registros fotográficos.

Em Araçatiba, através do mapa histórico do local⁴⁹, chegamos à casa do mestre do congo, Alício Machado, que estava em frente à sua casa e nos convidou para entrar e conversar. O mestre já sabia da nossa visita ao município e estaria na reunião à noite com o outro mestre da banda de congo, Ademir (a conversa com mestre Alício será relatada posteriormente).

Depois de Araçatiba, fomos para Piapitangui. Nesse local, realizamos apenas os registros fotográficos, pois não encontramos representantes da banda de congo.

Na reunião à noite, participaram quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural; Alício Machado, presidente e mestre da Banda de Congo Mãe Petronilha; Ademir Gonçalves Gomes, mestre da Banda de Congo Mãe Petronilha; Teodoro da Penha Pinto, conhecido como Dorinho, presidente e mestre da Banda de Congo da comunidade de Piapitangui de São Benedito; Piatan Lube Moreira, artista plástico e integrante da Banda de Congo da comunidade de Piapitangui de São Benedito (na reunião Piatan nos informou que havia sido convidado por Dorinho para assumir a vice-presidência da banda de congo); Herbert Luiz Cesariano, tocador de

⁴⁹ O mapa histórico-cultural de Araçatiba foi desenvolvido pela prefeitura municipal de Viana com apoio da Universidade Federal do Espírito Santo e do Iphan/ES. No mapa, são indicados alguns marcos edificadas da comunidade. Um exemplar do mapa foi entregue ao Iphan/ES.

tambor e de casaca e puxador dos cantos da Banda de Congo Vianense. Herbert nos informou que havia ido à reunião como representante do neto do mestre Miguel. Da Secretaria de Cultura participaram Wagner Santana e Joseane, que estava em período de férias, mas fez questão de comparecer ao encontro com o propósito de apoiar a pesquisa e de contribuir com a retomada da Banda de Congo Vianense, do distrito sede, que, segundo ela, está em processo de reestruturação.

Antes da exposição do projeto de pesquisa, todos os participantes da reunião se apresentaram. Durante a apresentação, algumas informações sobre as bandas de congo foram relatadas. Sobre a Banda de Congo Vianense, Herbert e Joseane informaram que a manifestação está sem componentes fixos. Atribuem essa questão ao excessivo consumo de bebidas alcoólicas, fator que impossibilita uma organização efetiva de membros. Herbert relatou que muitos integrantes não respeitam a hierarquia dentro da banda de vongo. Segundo mestre Dorinho, “montar uma banda de congo não é moleza não”. O mestre tem muita responsabilidade sobre a banda. No caso de Piapitangui, ele não permite o consumo de bebidas alcoólicas porque as pessoas não conseguem beber apenas um cálice de vinho. Se a bebida é liberada, o consumo é excessivo. Além disso, ele nos informou que o padre do local reclama da bebida. Afora essa questão, Dorinho disse que na atualidade é mais difícil reunir o pessoal da banda de congo em função dos compromissos particulares de cada integrante. Nesse momento da conversa, Piatan ponderou que um trabalho de formação de base, com inserção de crianças, pode contribuir para resolução do problema. Mestre Alício Machado nos relatou que quando se sentiu “meio derrubado” por causa da falta de dentes, convocou Ademir para ajudá-lo. O mestre disse que a pior coisa é apitar sem dente. Por sua explicação, entendemos que as orientações do mestre, pelo apito, ficam comprometidas, prejudicando suas regulamentações junto à banda de congo, uma vez que o mestre coordena os instrumentos por meio do apito. Ademir falou da falta de compromisso de alguns integrantes e expôs que tratar com as crianças é mais seguro, pois elas participam sempre, têm gosto. Joseane nos contou que o trabalho com as crianças, em Araçatiba, foi primordial para fortalecimento da banda de congo do local. Ademir citou Jane, que não pôde comparecer à reunião, como a “alma” do congo em Araçatiba, por sua dedicação à manifestação.

Na exposição da pesquisa sobre as bandas de congo e sobre o ticumbi no estado do Espírito Santo, foram apresentados os órgãos públicos envolvidos, sua função, e a

empresa contratada, por meio de licitação, para realização da 1ª etapa. Explanou-se o objetivo da pesquisa, citando outros exemplos de bens culturais brasileiros estudados pelo Iphan que tiveram o registro/reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro. Salientou-se que a pesquisa será realizada em longo prazo, obedecendo a três etapas, e que o trabalho será feito de maneira coletiva, pelo órgão público e pelos detentores da manifestação cultural religiosa.

Após a apresentação, houve o momento para conversarmos sobre as possíveis dúvidas referentes à pesquisa. Piatan nos pediu informações sobre o registro da banda de congo por meio do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Explicamos que não há essa exigência para compor a pesquisa, mas que a constituição da banda de congo por esse meio possibilita a participação em editais de fomento à cultura. O edital estadual para financiar a compra de indumentárias de grupos culturais foi citado nesse momento da conversa, pois Piatan pretende levar a proposta para a Banda de Congo de Piapitangui, que tem, segundo sua observação, um uniforme que não condiz com a expressão cultural religiosa. Ele acredita que os uniformes das bandas de congo, “de primeira qualidade”, poderão entusiasmar os participantes, tornando-os mais orgulhosos de pertencerem à manifestação.

Outra dúvida exposta foi sobre quem analisa o material de pesquisa coletado em campo e quem determina se uma manifestação será ou não um bem cultural nacional. Informamos a existência dos técnicos do Iphan (formação e capacitação), assim como falamos sobre o conselho composto de estudiosos, que concedem parecer sobre a relevância de um bem cultural, considerando sua contribuição para a história do país, levando em conta, evidentemente, a diversidade cultural do Brasil.

Posteriormente, houve a leitura do consentimento para todos os participantes, salientando a existência da anuência. Todos assinaram.

A próxima etapa foi a coleta de dados com os representantes das bandas de congo.

- Herbert Luiz não sabe informar ao certo a data de fundação da **Banda de Congo Vianense**, mas nos afirmou que, seguramente, ela existe há mais de 20 anos. Joseane, que esteve próxima a Herbert em alguns momentos da coleta, afirmou que ela tem mais de 30 anos, pois o pessoal dessa banda ensaiava na rua onde ela morava quando criança.

Mestre Miguel é membro fundador e responsável pela Banda de Congo Vianense. Hoje, ele recebe o apoio de seu neto, Bruno. Desde 2014 Miguel não reside em Viana, mas está presente em todas as festas da Banda de Congo Vianense.

Herbert Luiz toca tambor e casaca na banda e também “puxa” os cantos. Em 2014 a manifestação contou com cerca de 20 a 30 componentes. Os integrantes não são fixos. A falta da ocorrência de ensaios é citada como um problema que contribui para a não permanência das pessoas na banda. O uso de bebidas alcoólicas também afasta algumas pessoas do congo.

Além do mestre e das pessoas que tocam os instrumentos, a Banda de Congo Vianense é composta por integrantes que puxam os cantos, outros que ajudam a carregar o mastro e pelas mulheres (duas ou três) que dançam com seus vestidos longos rodados. Não há a presença de uma rainha.

Os instrumentos usados são casaca, tambor e o apito do mestre, que guia a banda de congo. As músicas cantadas são antigas e versam sobre a escravidão, a religião, os amores da sinhá por algum escravo, etc. Não existem músicas compostas na atualidade, mas Herbert narra que seria interessante a inserção de composições novas que falassem sobre o cotidiano de Viana.

As vestimentas da Banda de Congo Vianense são camisas confeccionadas, anualmente, com a ajuda da população. Em 2014, por exemplo, a blusa da banda estampou a imagem de um integrante falecido em 2013, em uma expressão de homenagem. Em função da morte dele, a banda de congo não saiu em 2013. Apenas mestre Miguel faz uso de uma vestimenta que é usada recorrentemente. Ela é composta por um “chapéu” de marinheiro e por uma bata branca. Quando questionado sobre o motivo da roupa do mestre, Herbert informou, sem muita segurança, que Miguel serviu a Marinha e gostou do uniforme.

O padroeiro da Banda de Congo Vianense é São Benedito. Para esse santo, os congueiros organizam as celebrações da fincada do mastro, em dezembro, e da retirada do mastro, em fevereiro. Herbert nos contou que São Benedito foi o santo de devoção da maioria dos escravos e que os colonizadores, os brancos de Viana, tinham devoção a Nossa Senhora da Conceição.

A concentração das pessoas para a fincada do mastro de São Benedito acontece na “Rua dos Cachorros”, local onde se encontra a casa na qual residia o mestre Miguel. Depois, realizam cortejo com o mastro, caminhando pelos três bairros do distrito sede:

centro, Santo Agostinho, conhecido também como “brejo”, e Santa Terezinha, conhecido também como “pombal”. (Em 2014, o cortejo não passou pelo bairro Santa Terezinha). Após o cortejo, seguem para a Igreja de Nossa Senhora Conceição, onde fincam o mastro de São Benedito. Em tempos antigos, a banda de congo entrava na igreja, onde era realizada uma celebração. Atualmente, o espaço da igreja é apenas referência para a fincada do mastro. O afastamento se deve ao consumo de bebidas alcoólicas na festa.

Todo ano o mastro é renovado, mas não existe um ritual para a cortada. Também não há a escondida do mastro.

Na retirada do mastro de São Benedito não ocorre cortejo. A banda de congo toca em frente à igreja e retira o mastro. A participação da população é menor nesse evento. Depois da retirada, o mastro é levado para a casa onde mestre Miguel morava, na “Rua dos Cachorros”.

Além das pessoas da Banda de Congo Vianense, os devotos de São Benedito e antigos prefeitos colaboram com a organização da festa no distrito sede.

Não há participação de outras bandas de congo nessa festa, mas existe o desejo, por parte dos participantes, de que isso aconteça para fortalecer a manifestação.

A banda de congo do distrito sede não participa de outras festas. Apenas alguns membros vão aos festejos realizados pelas bandas de congo de Araçatiba e Piapitangui.

Quando perguntamos a Herbert se ele conhecia alguma história que contasse sobre o surgimento das bandas de congo no Espírito Santo, ele nos relatou que os congos (tambores) vieram junto com os escravos. Foram instrumentos dados a eles pelos orixás. Era o meio que os ligava aos seus deuses. Cada região tem seu toque, cada tambor tem seu som, conforme Herbert. Por isso Viana tem um toque, Araçatiba tem outro e assim por diante.

- A **Banda de Congo São Benedito da comunidade de Piapitangui** tem como mestre e presidente Teodoro da Penha Pinto. Foi fundada em 2002 por Teodoro, Zequinha Ribeiro Trancoso e Claudemir Trancoso. Conforme mestre Dorinho, havia um desejo de organizar uma banda de congo para que ela pudesse participar das festas em Piapitangui, pois sempre precisavam chamar gente de fora. A comunidade contribuiu para que comprassem os instrumentos. Mestre Itagibe, de Cariacica, apoiou essa formação. Teodoro contou que naquela época a banda tinha muitos participantes.

Os instrumentos que compõem a Banda de Congo de Piapitangui são: casaca, cuíca, triângulo, pandeiro, apito, chocalho, congo (tambor) e buzina.

Algumas músicas cantadas são antigas e outras compostas na atualidade. As letras falam sobre o mar e seus elementos, homenageiam os santos e a natureza. Teodoro acredita que as músicas antigas são melhores. Abaixo seguem duas melodias que mestre Teodoro nos apresentou:

1 *“Iaiá você vai à Penha,
me leva, oooh, me leva.
Nós vamos tomá capricho,
meu bem vou trabalhar,
eu tenho uma promessa a pagar.
Esta promessa que eu tenho a pagar,
nesta Santa Padroeira,
ela vai nos ajudar.”*

2 *“Nossa Senhora da Penha, cai sereno cai.
Adonde ela foi morar, cai sereno cai.
Em cima daquela pedra, cai sereno cai.
Toda cercada de mar, cai sereno cai.
Eu queria estar agora, cai sereno cai.
Onde está meu pensamento,
cai sereno, cai.
Na cidade de Vitória, cai sereno cai.
Na escada do convento, cai, cai, cai,
sereno cai.”*

A vestimenta da banda de congo é composta por uma blusa de malha, branca e vermelha, apresentando o nome da banda. A calça e o sapato podem ser da escolha dos integrantes. Algumas mulheres usam saia longa colorida. Teodoro relatou que atualmente a descrição na blusa da banda de congo está errada, mas como já tinham sido confeccionadas, resolveu deixar. Na blusa consta “Banda de Congo São Sebastião”. O padroeiro da Banda é São Benedito e não São Sebastião. Esse santo é padroeiro da comunidade de Piapitangui.



Foto 77 - Banda de Congo São Benedito da comunidade de Piapitangui
Outubro de 2014.

Acervo pessoal de Piatan Lube Moreira.

O mestre relatou, quando perguntamos sobre o motivo da devoção a São Benedito, que “todo congo é de São Benedito, né?”.

Os componentes da banda de congo, além do mestre, são os tocadores, as dançarinas e a rainha da bandeira. A fincada do mastro de São Benedito acontece em outubro (antes essa festa era realizada em dezembro, mas Teodoro informou que padre e o papa disseram que a data estava errada). Nesse mesmo mês, o mastro é levado para a casa do festeiro para que ele o pinte. Não há cortada de mastro. No dia da fincada, os participantes buscam o mastro na casa do festeiro para fincá-lo em frente à Igreja de São Sebastião. Na fincada do mastro de São Benedito o festeiro se responsabiliza pela doação da alimentação que será oferecida. Mestre Teodoro citou, entre os alimentos ofertados, canjica, biscoito, pipoca, refrigerante e vinho. Mas, salientou que na festa não pode ter consumo de bebidas alcoólicas, pois é uma celebração religiosa. Também ocorrem doações de qualquer natureza para o jogo de roleta que é realizado na festa.

Em janeiro acontece a arrancada do mastro de São Benedito. Depois que o mastro é arrancado, a banda de congo dá algumas voltas com ele em torno da igreja de São Sebastião. Em seguida, ele é colocado no pátio da igreja e a cantoria da banda de congo continua. Quando a festa termina, o mastro é guardado no terreno da igreja. Na arrancada do mastro, a comunidade ajuda com a alimentação.

Não há participação de outras bandas de congo na festa de Piapitangui. Segundo Teodoro e Piatan, para que isso ocorra, é necessário pagar o transporte dos convidados e eles ainda não possuem recursos financeiros para tal despesa.

A Banda de Congo de Piapitangui já participou de festas realizadas pelas bandas de congo de Araçatiba e de Roda-d'água (mestre Itagibe).

- A **Banda de Congo Mãe Petronilha** tem como mestres Ademir Gonçalves Gomes e Alício Machado. A responsável pela banda é Jane Aparecida Coutinho, filha de “dona Nini”, matriarca da comunidade de Araçatiba (remanescente quilombola), conforme relato de Piatan.

Ademir informou que a banda de congo foi criada por seus antepassados e que ela existe desde a época dos escravos.

A banda de congo apresenta, em 2015, uma média de 30 a 35 componentes.

Os instrumentos utilizados são tambores, casacas e apito do mestre. A maior parte das músicas cantadas é antiga, inclusive algumas letras são criadas para compor a melodia delas; mas também existem criações mais recentes.

As vestimentas da banda de congo são: blusa branca e calça azul. As mulheres usam blusa branca e saia florida rodada. O mestre usa uma camisa diferente, com a manga maior, de cor creme. A calça também é azul.

A Banda de Congo de Mãe Petronilha é composta por presidente, vice-presidente, representante (Jane), mestres, tocadores, rainha, que porta a bandeira (Mara dos Santos), e outras pessoas que cantam e dançam, além daquelas que dão apoio (essas pessoas são responsáveis por distribuir os lanches).

O padroeiro da banda de congo é São Benedito. Ademir contou que esse santo é seu padrinho. No dia de seu batizado só a madrinha compareceu. Uma benzedeira presente disse que seu padrinho seria, então, São Benedito.

Em Araçatiba a cortada do mastro de São Benedito acontece de 2 a 3 meses antes da fincada, momento em que o mastro é preparado e recebe tratamento, como pintura. Antigamente a banda de congo participava da cortada, batendo e cantando.

Atualmente, em torno de 8 a 10 pessoas vão à mata e cortam a madeira. Não há ritual. Depois o mastro é levado para a casa do festeiro para que seja preparado.

A fincada do mastro de São Benedito ocorre em dezembro ou janeiro. Às vezes há montagem de barracas e algum tipo de celebração. O mastro é fincado na parte da tarde e em seguida a banda de congo e os demais participantes festejam.

A retirada do mastro de São Benedito ocorre em fevereiro.

As comemorações são realizadas em frente à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda⁵⁰ e no galpão em frente ao templo, chamado por Ademir de “icoreto”.

A Banda de Congo de Rio Claro (Guarapari), de mestre Duca, participa dos dois momentos em Araçatiba. A banda de congo de Araçatiba também participa das festas de mestre Duca.

A festa tem apoio de bairros vizinhos de Araçatiba (Ademir citou o bairro Jucu), além de receber ajuda das pessoas que participam da banda de congo, que contribuem com lanche e vinho. As pessoas ajudam por devoção e por estarem sempre juntos.

Mestre Alício Machado, da Banda de Congo de Mãe Petronilha, nos informou que está na banda há muito tempo, e que ela existe desde o dia em que nasceu (hoje mestre Alício está com 68 anos). Ele acredita que a manifestação tenha mais de 100 anos. Alício começou a fazer parte do grupo por meio de antigos amigos, já falecidos. Atualmente, tem muito apoio da representante da banda, Jane Gonçalves. Alício também se recorda da folia de reis que existiu no local e da qual também fez parte.

A Banda de Congo Mãe Petronilha tem dois mestres. Alício diz: “Quando um não pode, o outro vai” (na ocasião da reunião conjunta, à noite, na Casa de Cultura, mestre Alício nos contou da dificuldade de apitar em função da falta dos dentes centrais de sua boca).

O nome da banda de congo de Araçatiba é uma homenagem à avó de Alício Machado, já falecida. Petronilha era uma parteira muito requisitada na região de Mamoeiro, Jacarandá, Boião, etc. Conforme Alício, ela “tinha sido mãe de muita gente do local”. Sendo assim, a homenagem é expressa no uso da palavra “mãe” no nome da banda. Petronilha foi presidente e rainha da banda de congo de Araçatiba. Seu esposo, Emílio Moreira, também participava como mestre.

Mestre Alício nos contou que São Benedito é padroeiro da banda de congo de Araçatiba. Quando perguntamos o motivo, ele afirmou: “Todas as festas que têm por aí é

⁵⁰ A edificação foi tombada pelo Iphan em 1950.

de São Benedito. Pode passar lá na bandeira (se refere ao mastro que estava fincado em frente à Igreja de Araçatiba), que ele tá lá”.

Conforme Alício, o mestre tem que saber cantar, “tirar o jongo” (música), bater o congo (tambor), puxar os congos para bater. Sobre as músicas, ele afirma que estão “tudo gravado na cabeça” e canta:

*“É céu, é sereia, é a luz divina,
queria eu apanhar, mas no balão das menina.
Nos balão das menina, queria eu apanhar.
Pelo tombo da areia, no balanço do mar.”*

O mestre conta que as músicas cantadas pela banda de congo são antigas, e que não são inventadas na hora. Além disso, ele relata que os participantes estudando o caso de também poderem fazer músicas, mas pondera que isso é difícil de acontecer. Alício nos informou que há um projeto de gravação de um CD com o apoio da UFES.

Alício conta que a banda já foi ao Rio de Janeiro, levados por algumas pessoas da universidade, para fazer uma apresentação. Sobre essa ocasião, ele narrou que no mesmo evento esteve presente Martinho da Vila, e que ao saber da presença do cantor, o mestre cantou a música “Madalena”. Martinho da Vila foi ao seu encontro e eles cantaram juntos. Mestre Alício nos disse que toda banda de congo canta a música “Madalena”. Segundo ele, essa é uma música muito boa e que Martinho da Vila é o autor da composição. Em outro momento da conversa, mestre Alício informa que a música é do pai de Martinho da Vila.

Sobre as festas da banda de congo em Araçatiba, mestre Alício nos disse que a Banda de Congo de Rio Claro, do mestre Duca, é parceira. Dessa maneira, uma banda sempre participa das festas realizadas pela outra.

A festa da banda de congo de Araçatiba não tem celebração na igreja. Inclusive, quando há festa da banda, as celebrações ocorrem mais cedo para que não haja conflito com as comemorações do congo. Mestre Alício narrou a situação com tranquilidade e não demonstrou a existência de conflito.

Quanto aos instrumentos da Banda de Congo Mãe Petronilha, Alício nos contou que são usados tambores, caixas, casacas, chocalho, além do pandeiro. Perguntamos se há algum significado especial para o tambor e a casaca, pois são instrumentos que, até então, percebemos em todas as bandas de congo. Respondeu-nos o mestre que não havia

nada de especial nos dois instrumentos e que o que não poderia faltar mesmo era o chocalho.

Perguntamos ao mestre Alício sobre a relação de São Benedito com as bandas de congo. Ele nos disse que São Benedito é negro, que foi escravo judiado e que era bom, por isso se tornou santo. Também citou outra santa, Nossa Senhora Aparecida. Contou que esse eram os únicos santos pretos que ele conhece. Finalizou seu relato dizendo que não sabe o motivo pelo qual as bandas de congo escolheram São Benedito para homenagear, só que em todo lugar é assim.

Ao final da conversa, indagamos mestre Alício sobre a existência de dificuldades enfrentadas pela banda de congo. De pronto ele respondeu que não havia dificuldades. Mas, no decorrer da conversa, ele nos informou que é muito difícil conseguir condução para saírem para outras festas, e que a prefeitura local não apoia. Disse que todo mundo é pobre e que não atendem aos convites para participarem de outras festas porque não têm condições. Relatou também que a prefeitura não costuma dar retorno aos pedidos de transporte.

Quando estávamos finalizando nosso encontro na casa de mestre Alício, ele nos contou que estava aprendendo uma nova música para “tirar” na banda de congo. Era uma música do grupo “Gargantas de Ouro”. Em seguida, cantou o trecho já aprendido:

*“Morena seu brinco caiu,
deixa que eu pego pra você.
Não é ouro, nem prata, é figura morena.
Você é uma linda figura.
Morena, você é uma flor.
Eu não posso apanhar.
Fica num galho bem alto, morena,
que eu não posso alcançar.
Se um dia o galho cair, o chão não irá derramar.
Cai nos meus braços morena,
só para me consolar.”*

4.16. VILA VELHA

Beatriz dos Santos Rêgo, integrante da Banda de Congo da Barra do Jucu, foi nosso contato em Vila Velha e nos ajudou a promover o encontro com as bandas de congo da Barra do Jucu⁵¹.

⁵¹ Conseguimos os contatos de Beatriz dos Santos Rêgo através do Atlas do Folclore Capixaba.

Estiveram presentes na reunião quatro pesquisadores da Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural; Juraci da Conceição Santos, Beatriz dos Santos Rego, Jaciara dos Santos, Jussara dos Santos⁵² e Leonardo Santiago Oliveira (conhecido como Léo), da Banda de Congo da Barra do Jucu, mais conhecida como “Banda de Congo Mestre Honório”, assim como Rosângela Caus e Doraci Vieira Gervasio, conhecida por Dorinha, da Banda de Congo Tambor de Jacarenema⁵³. Exceto Dorinha e Jaciara, que levam a bandeira de São Benedito em suas respectivas bandas de congo, os demais participantes tocam instrumentos.

Não houve representante da Banda de Congo Mestre Alcides. Mas, no dia seguinte conseguimos nos reunir com Josimar Nunes, conhecido como Bochecha, mestre dessa banda.

Não foi possível falar com Julio, referência da Banda de Congo São Benedito da Glória (Bairro Glória, Vila Velha). A informação que tivemos no encontro com as demais bandas de congo foi a de que a manifestação naquele local está parada há três anos, aproximadamente. Insistimos no contato telefônico com Julio durante os dias em que estivemos em Vila Velha, contudo, não obtivemos êxito. Solicitamos apoio a Beatriz para que nos ajudasse com outros contatos. Ela pediu que aguardássemos seu retorno.

Antes de conversarmos sobre a pesquisa com as bandas de congo e ticumbi, todos se apresentaram.

Alguns contaram a história das bandas de congo à qual pertenciam. Observamos a existência de conflito entre as duas bandas presentes, advindo da explicação sobre a origem da banda de congo na Barra do Jucu e sobre a história de antigos mestres.

Além da coleta de dados com os grupos, agendamos encontros individuais para o dia seguinte com a colaboração de Beatriz e Dorinha, e as divergências se confirmaram (conversamos individualmente com mestre Bochecha, conforme citado acima, com mestre Daniel, pertencente à Banda de Congo da Barra do Jucu, e com Dorinha)⁵⁴.

Sobre a separação da Banda de Congo da Barra do Jucu, Jaciara relatou na reunião que somente essa banda existia até 1991, quando um grupo se separou e formou a Banda de Congo Mestre Alcides. Em 2000, outro grupo se separou da Banda de Congo da Barra do Jucu, dando origem à Banda de Congo Tambor de Jacarenema. Rosângela fez

⁵² Juraci da Conceição Santos é mãe de Beatriz, Jaciara e Jussara.

⁵³ Dorinha é sogra de Rosângela.

⁵⁴ Mestre Daniel é irmão de Dorinha, esposo de Juraci e pai de Beatriz, Juciara e Jussara.

uma intervenção nesse momento da conversa e expôs que é muito bom para a Barra do Jucu a existência de várias bandas de congo, porque isso leva muitas pessoas ao local.

Jaciara e Beatriz rememoraram os tempos antigos, sobre o momento em que ingressaram na banda de congo. Elas contaram que essa época não era tão simples como hoje e que antigamente a entrada de novos participantes só acontecia após votação. Além disso, lembraram que as mulheres não tocavam na banda de congo, pois era proibido.

Beatriz contou que aprendeu a tocar caixa com mestre Honório, que dizia para ela que “bater caixa” tudo mundo batia, mas que ele a ensinaria tocar.

Na ocasião da exposição do projeto de pesquisa, foram informados sobre os órgãos públicos envolvidos, sobre sua função, e sobre a empresa contratada, por meio de licitação, para realização da 1ª etapa. Foi explicado o objetivo da pesquisa com as bandas de congo e com participantes do ticumbi, citando outros exemplos de bens culturais brasileiros estudados pelo Iphan que tiveram seu registro/reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro. Salientou-se que a pesquisa será realizada em longo prazo, obedecendo a 3 etapas, e que o trabalho será feito de forma coletiva, durante todo processo, reunindo a instituição pública e os detentores da manifestação cultural religiosa.

Em seguida, Léo fez uma reflexão sobre a importância da pesquisa e da valorização das pessoas que detêm o conhecimento da manifestação enquanto estão vivas. Perguntou se a pesquisa corre algum risco de não ter continuidade em função da troca de governos. Informamos que o trabalho é uma política de estado e não de governo. Portanto, independente do tempo de duração da pesquisa, o processo será finalizado.

Posteriormente, houve a leitura do consentimento para os todos os participantes, evidenciando a existência da anuência. Todos assinaram.

A próxima etapa foi a coleta de dados.

Beatriz dos Santos Rego esteve à frente da maioria das respostas dadas sobre a **Banda de Congo da Barra do Jucu**, com contribuições do grupo presente: Juraci, Jaciara, Jussara e Léo.

Quanto ao nome da banda, ela é mais conhecida como “Banda de Congo Mestre Honório”, apesar de no registro oficial constar “Banda de Congo da Barra do Jucu”. Mestre Honório e mestre Daniel foram citados como fundadores dessa banda de congo, que surgiu no dia 04 de março de 1970. Geraldo Pignaton também foi mencionado como sendo o integrante que registrou a banda por meio do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

Perguntamos quem era mestre Honório, pessoa sempre citada por eles como referência da cultura do congo. Disseram-nos que foi um homem muito humilde, que conhecia a cultura do congo e todos os instrumentos da banda e que por isso ele havia sido mestre. Surgiram histórias sobre as visitas de Honório à casa de Juraci, que o considerava como pai (mas não havia parentesco). Contaram das longas caminhadas para chegar à casa de Honório, que morava distante da Barra do Jucu, em torno de 40 minutos, para ajudá-lo a levar suas compras. As crianças eram recompensadas com bombom, contou Jaciara. Disseram que na época em que ele era mestre da banda de congo tudo tinha que ser feito à sua maneira. As falas foram carinhosas e saudosas de sua presença. Mestre Honório faleceu em 1993, aos 76 anos.

Sobre os instrumentos, Beatriz contou que é tarolista. Informou que sua função é como a de um maestro na banda. Ela é a organizadora da “roda de congo” que é realizada durante o cortejo em um determinado ponto do trajeto.

As músicas são chamadas de *jongo*. Em outros lugares também recebem o nome de *toada*, informou Beatriz. Disseram que o “tchan” do jongo é o improviso. Em seguida, Jaciara falou sobre o “jongo do mineiro” e pediu para cantar (na reunião informamos que a equipe de pesquisa era de Minas Gerais):

*“Mas eu tirei uma topada com um mineiro lá de Minas. (bis)
Aí ele era mandigueiro, tira ele fora a mandinga,
botei o pé no pescoço, cortei a ponta da língua,
o “fato” botei de molho, para não criar catinga”.*

Nesse trecho, os participantes da banda pediram para Juraci fazer o verso de improviso:

“A mineira Adriana tá fazendo uma pesquisa,

ela vai ficar feliz, aproveitando a brisa”⁵⁵.

Em seguida, retornaram com o jongo:

*“Mas eu tirei uma topada com um mineiro lá de Minas. (bis)
Aí ele era mandigueiro, tira ele fora a mandinga,
botei o pé no pescoço, cortei a ponta da língua,
o “fato” botei de molho, para não criar catinga”.*

Juraci explicou que o “fato” dito na música era “tripa de boi”.

Beatriz informou que já foram catalogados 160 jongs. São músicas antigas e nem sempre se tem informações sobre os autores. Os improvisos podem ocorrer em todos os jongs.

A música “Madalena do Jucu” também foi tema de nossa conversa e Beatriz nos contou que tudo começou no “Encontro Kuarup”, realizado em 1989 na Fazenda Camping, onde Martinho da Vila conheceu o congo da Barra do Jucu. Ela conta que depois disso o cantor visitou outros lugares do estado, descobrindo o congo do Espírito Santo. Após esse acontecimento, os congueiros da Barra foram para o evento “Kizomba”, no Rio de Janeiro, realizado no Teatro Municipal, para cantar com Martinho da Vila. Sobre a gravação do CD de Martinho da Vila com os congueiros da Barra, Beatriz contou que o cantor não podia ficar com todos da banda de congo para o trabalho e que isso não foi bem recebido pela banda, e que, dessa forma, ninguém participou. Beatriz disse que na ocasião, para sanar um problema com direitos autorais, Martinho da Vila atribuiu os direitos para as bandas de congo da Serra. Não foi possível entender o motivo da atitude do cantor pela fala de Beatriz⁵⁶.

Apesar de algumas contendas criadas sobre a autoria da música “Madalena do Jucu”, a reflexão feita por Beatriz aponta que as bandas de congo alcançaram outras pessoas, de outros lugares, em função da divulgação do som do congo do Espírito Santo por Martinho da Vila.

As cores do uniforme da Banda de Congo da Barra do Jucu, azul e branca, são uma homenagem a Nossa Senhora da Penha e à bandeira do Espírito Santo, relataram. O

⁵⁵ Referência ao local em que estávamos para o encontro, que no momento estava muito agradável por conta de uma corrente de ar.

⁵⁶ Mestre Daniel explica esse fato no seu relato.

chapéu introduzido à vestimenta da banda, após a morte de Honório, foi uma homenagem ao mestre.

Quanto à devoção da banda de congo a São Benedito, foi citado o naufrágio ocorrido nos tempos da escravidão. Beatriz contou que além da fincada e da retirada do mastro de São Benedito, a banda de congo também promovia a “escondida” na época em que havia mata na Barra do Jucu para esconder o mastro.

Sobre a data da fincada, em dezembro, Beatriz acredita que ela é realizada nesse mês porque foi o período em que aconteceu o naufrágio.

Sobre as datas das festas das bandas de congo na Barra do Jucu (são 6), Beatriz informou que atualmente o cronograma funciona bem, não há problemas em relação à coincidência de dias.

Além das festas realizadas na Barra pela Banda de Congo da Barra do Jucu (consta no relato do mestre Daniel), os participantes nos informaram sobre a dinâmica da ida ao Convento da Penha. Eles afirmaram que é a única banda de congo que sobe ao convento no Sábado de Aleluia e que esse ritual começou em 2004.

A Banda de Congo da Barra do Jucu sobe as ladeiras (passagem dos carros) cantando e tocando até o “campinho”. Depois, elas entram no santuário, em silêncio, e são recebidas pelo frei, que as abençoa. Beatriz conta que a escolha dessa data se deu para homenagear a santa e para “tirar a aleluia”, porque durante toda a Quaresma as bandas de congo não tocam. Em 2005 foram convidados a tocar na missa, dentro do convento.

Ao findar de nossa conversa, em função das falas que sempre remetiam, de alguma forma, ao mestre Honório, os participantes contaram que Vitalino, integrante da Banda de Congo da Barra do Jucu, também marido de Beatriz e referência no feitio de casaca no local, havia feito um jongo em homenagem a ele:

“Cadê o velho, onde está o velho mestre. (bis)
Tô morrendo de saudade, do meu velho amigo mestre. (bis)
Cadê o velho, morador de Itapuera. (bis)
Tinha um pedaço de chão e um chão de boa terra. (bis)
Cadê o velho, do andá bem malandrinho. (bis)
Deixava sempre seu rastro, seguindo mesmo caminho. (bis)
Cadê o velho, tinha sangue de congueiro. (bis)
Trazia a caixa no ombro e a baqueta entre os dedos. (bis)
Cadê o velho, amigo de Daniel. (bis)
Trazia uma lista branca no azul do seu chapéu. (bis)
Fiz esse jongo, me inspirei olhando o céu. (bis)
Lá eu vi o mestre Honório, me acenando seu chapéu. (bis)
Cadê o velho, onde está o velho mestre. (bis)

Tô morrendo de saudade, do meu velho amigo mestre. (bis)

4.16.1. Relatos dos encontros individuais com Daniel Vieira dos Santos, Josimar Nunes e Doraci Vieira Gervásio

Além da reunião com os grupos, acreditamos que seria importante para a pesquisa nos encontrarmos individualmente com os mestres das bandas de congo da “Barra do Jucu” e “Mestre Alcides”, que não estiveram presentes, assim como com dona Dorinha, do “Tambor de Jacarenema”. No caso dessa senhora, observamos que ela não se sentiu à vontade para fazer o seu relato no encontro realizado no restaurante Cais da Barra.

4.16.1.1. Daniel Vieira dos Santos (mestre Daniel) – Banda de Congo da Barra do Jucu

Daniel Vieira dos Santos, 74 anos, é mestre da Banda de Congo da Barra do Jucu, mais conhecida como “Banda de Congo Mestre Honório”.

Mestre Daniel começou a tocar o congo em 1954, aos 14 anos. Nessa época já possuía uma formação profissional, era pedreiro. Segundo ele, ia para Itapuera porque na Barra do Jucu não deixavam ele “brincar”. Quem estava à frente do congo na Barra era um tio de Daniel, chamado Debrando, que era pescador. Em Itapuera quem coordenava o congo era João Bino.

Sobre a origem da Banda de Congo na Barra do Jucu, Daniel citou Alcides. Em um primeiro momento, disse “mestre Alcides”, mas depois se corrigiu dizendo “Alcides” e afirmando que ele nunca tinha sido mestre. Contou que Alcides havia ganhado alguns tambores de um ex-prefeito chamado Américo. Naquela ocasião, Daniel também participava do congo na Barra.

O congo na Barra do Jucu ficou muitos anos parado, depois que Alcides começou a frequentar a Igreja Evangélica. Depois, Geraldo, médico, comprou os tambores e levou para a Fazenda Camping (que fica de 3 a 4 quilômetros da Barra do Jucu, na Rodovia do Sol). Antes da retomada, o congo ficou mais um tempo parado até que pessoas começaram a se reunir na Fazenda Camping, todo sábado, para “bater”, conforme relato de Daniel, em aniversários e casamentos. Sobre o período, disse que era 1970, aproximadamente.

Depois da Fazenda Camping, o congo retornou para a Barra do Jucu e Geraldo colocou Alcides (que tinha saído da Igreja Evangélica) como presidente da banda de congo e Honório como mestre. Geraldo também comandava e participava tocando casaca, instrumento que, segundo Daniel, ele ainda toca.

Sobre o santo de devoção da Banda de Congo da Barra do Jucu, Daniel disse que é São Benedito e conta a história do naufrágio do navio negreiro, relatando que o barco que trazia negros naufragou e todos se salvaram. Depois que chegaram à praia, fincaram o mastro. Começou, então, a história do mastro de São Benedito e das bandas de congo. O mestre disse: “Não é só aqui não, muitos lugares, difícil não ser o mastro de São Benedito”.

Mestre Daniel, nesse momento da conversa, afirmou que o certo é só um mastro e citou o município de Serra como exemplo, relatando que o local tem 20 bandas, mas só um mastro. Na Barra do Jucu é diferente, relatou.

O primeiro mastro do lugar foi fincado em 1975. Na época só havia uma banda de congo no local. Depois da primeira separação, em 1991, que deu origem à Banda de Congo Mestre Alcides, e em 2000, e da segunda separação, que deu origem à Banda de Congo Tambor de Jacarenema, na Barra do Jucu são realizadas três fincadas e retiradas do mastro de São Benedito (sobre a primeira separação, mestre Daniel expôs que Carlinhos tirou a turma toda da banda de congo, ficando, praticamente, só sua família).

Mestre Daniel ponderou que o certo é só um mastro e que este deveria ser o que eles iniciaram, a Banda de Congo da Barra do Jucu, em 1975. Mas, as outras bandas não querem, relatou. Segue dizendo que ele participava da festa das outras bandas, mas parou de ir porque não havia retorno, pois só ele ia. Disse que na atualidade, no dia das festas das outras bandas, “nem na rua eu saio”. Declarou que tanta fincada de mastro na Barra do Jucu é motivo de piada: “Todo mundo fica gozando da gente, daqui um dia na Barra não podemos andar, porque é tanto pau fincado lá.” Daniel encerra seu relato dizendo: “Eles estão errados”, fazendo referência às demais bandas de congo do local.

Os componentes da Banda de Congo da Barra do Jucu são: o mestre (que não usa apito), que faz a marcação do tambor, os tocadores e os guardiões do mastro.

Conforme Daniel, ele estabeleceu os guardiões do mastro que o carregam nos cortejos e que impedem que ocorra algum desrespeito durante esse ritual. Ele afirma que os participantes não podem estar sem camisa nem consumir bebidas alcoólicas.

Essas pessoas são identificadas por meio de um uniforme no qual está escrito “guardião do mastro”.

A vestimenta da Banda de Congo da Barra do Jucu tem as cores azul e branca. Mestre Daniel contou que antigamente não havia uniforme, mas que hoje utilizam são utilizados três modelos.

Contou também sobre o uniforme de uma banda que é formada pelos mestres. Perguntamos sobre esse grupo e ele nos respondeu que é uma banda de congo formada só por mestres e que representa a cultura do congo no estado. Segundo Daniel, ela foi idealizada pelo governo do Espírito Santo. Todos os sábados eles ensaiavam em Vitória. Um carro os buscava em casa, mas nem todos os mestres podiam participar. Informou que havia 24 componentes e disse que os ensaios pararam, bem como as atividades⁵⁷.

Sobre as festas realizadas pela banda de congo, Daniel citou a fincada e retirada do mastro de São Benedito e a subida ao Convento da Penha, no Sábado de Aleluia. Somente a Banda de Congo da Barra do Jucu vai ao local nessa data. No dia em que é realizada a festa oficial em homenagem à santa, que acontece depois da Páscoa, a banda de congo da Barra do Jucu não participa.

A Banda de Congo da Barra do Jucu também participa de festas de aniversários e casamentos, e por essa apresentação os participantes são remunerados. Esse recurso financeiro é destinado aos custos das festas que a banda organiza.

O mestre contou que a dinâmica das festas da fincada e da retirada do mastro de São Benedito é quase a mesma. Concentram-se na porta de sua casa, depois seguem em cortejo, passando pela “Praia do Barrão” (Morro da Concha), e depois fincam o mastro no adro da Igreja de Nossa Senhora da Glória (uma edificação de 1913) por volta das 18 horas Daniel afirma que não gosta que a festa termine tarde para evitar confusão.

Mestre Daniel acabou com a participação do festeiro na Banda de Congo da Barra do Jucu. O festeiro oferecia a alimentação nas festas. Daniel avaliou que no momento em que as pessoas se reuniam para alimentação havia muita bagunça. Informou que muitas vezes as pessoas da banda de congo não tinham acesso à alimentação porque as pessoas que participavam da festa acabavam com a comida antes. Depois dessa decisão, mestre

⁵⁷ A fala de mestre Daniel diz respeito ao ano em que aconteceu o evento “Ano do Brasil na França”. Segundo informações coletadas em campo, o estado do Espírito Santo escolheu o congo para representar a cultura capixaba nas comemorações ocorridas na França. Entretanto, diante de desavenças ocorridas, o grupo de mestres do congo não foi ao evento.

Daniel oferece alimentação em sua casa para as pessoas da banda e para os guardiões do mastro, após o encerramento das comemorações na rua.

Quando começamos a conversar sobre as festas, Daniel cantou o trecho de uma música que a banda apresenta na fincada: “São Benedito é meu pai, vosso mastro já vai. Vai, vai, vai, vai, o vosso mastro já vai”.

Os participantes da banda também cantam músicas para Nossa Senhora da Penha e outras canções, como “Madalena do Jucu”. Relatou que Vitalino compõe muito, mas que as músicas mais cantadas são mesmo as antigas. Daniel informou que eles começaram a catalogar essas músicas e que há, até o momento, 150 canções catalogadas. Mestre Daniel chama as músicas de *jongo*.

Sobre “Madalena do Jucu”, o mestre conta que Martinho da Vila encontrou a música na Barra do Jucu. Contou que Martinho da Vila foi à Barra algumas vezes, na Fazenda Camping, e os conheceu. Contou da ida da banda de congo ao Rio de Janeiro, no Teatro Municipal, junto com Martinho da Vila para cantar “Madalena”. Falou que os direitos autorais da música ficaram para as bandas do município de Serra porque na época a Banda de Congo da Barra do Jucu não tinha registro pelo CNPJ.

Sobre os instrumentos da banda, são usados tambor, casaca, chocalho, caixa e, às vezes, a cuíca, já que não há ninguém para tocar esse instrumento (na retirada do mastro, a equipe de pesquisa esteve presente e mestre Daniel tocou esse instrumento). Ele também contou que o tambor, a casaca e o chocalho são instrumentos que não podem faltar. Os tambores que são tocados com os congueiros sentados no instrumento foram inventados na Barra do Jucu, informou.

Mestre Daniel contou que outras pessoas, que não participam da banda de congo, também podem tocar nas festas. Quando questionado se isso não “desafinava” a banda de congo, ele disse que não e justifica dizendo que as pessoas que estão aprendendo tocam mais devagar, por isso se baterem forte no tambor não aguentam “bater” mais que uma música, porque causa dor que sentem nas mãos.

Mestre Daniel produz e comercializa tambores, cuíca e atabaque. Faz muitos tambores para outras bandas de congo do Espírito Santo. Iniciou essa atividade no ano de 2000.

Ao final de nosso encontro, perguntamos ao mestre Daniel se a banda de congo enfrenta alguma dificuldade para realizar suas festas. Ele expôs que a banda não é

valorizada pelo órgão público local, que não recebem apoio para as festividades, assim como não conseguem ajuda para o transporte quando são convidados para sair da Barra do Jucu. Em seguida, ele citou um deputado local, chamado Dr. Hércules, que contribui, anualmente, com as três bandas de congo do local na época das festas. Disse também que não compreende a falta de apoio, e em uma comparação com o município de Serra, afirmou que lá existem muitas bandas e a prefeitura colabora, e que na Barra são apenas três e eles não recebem incentivos.

Na saída da equipe de pesquisa, mestre Daniel nos mostrou o cartaz na parede do lado de fora de sua oficina com a divulgação da fincada do mastro de 2014, chamando atenção para o corte que fizeram nesse material justamente retirando o nome da prefeitura de Vila Velha como apoiadora do evento. Ele afirmou que não havia motivo para o nome da prefeitura estar ali, uma vez que ela não tinha colaborado.

4.16.1.2. Josimar Nunes (mestre Bochecha) – Banda de Congo Mestre Alcides

A Banda de Congo Mestre Alcides tem como mestre Josimar Nunes, 48 anos, conhecido como Bochecha.

De acordo com mestre Bochecha, Alcides era o guardião do congo na Barra do Jucu. Ele tinha os instrumentos em sua casa e havia muito tempo que realizava a brincadeira de São Benedito, aproximadamente 90 anos.

Mestre Alcides possuía 6 tambores e 1 bandeira em sua casa de tábuas. Era uma pessoa muito simples. Os tambores eram as cadeiras de sua moradia. “O velho cuidava de São Benedito com uma festa anual, muito bonita, que ele mesmo mantinha”, informou mestre Bochecha.

Alcides era da região de Jabaetê/Jaguaraçu/ES. Mestre Bochecha não soube precisar a data de sua chegada ao local, mas garantiu que o mestre já havia chegado à Barra do Jucu com a história do congo.

Sobre mestre Honório, contou que foi o “mestre da caixa” na banda de mestre Alcides, única banda de congo existente na Barra do Jucu naquela época. Quando tudo começou no local, só havia tambores na “roda de congo”, relatou. A entrada de mestre Honório marcou o ingresso da caixa/tarol na manifestação. Observou que a denominação “banda de congo” foi dada ao longo da história da manifestação local.

“Roda de congo” foi o termo usado para falar do início da ocorrência do congo na Barra do Jucu.

Após a morte de mestre Alcides, há uns 35/40 anos (não informou com precisão), a banda de congo seguiu com o mestre Honório à frente, “mestrando” (Bochecha informou que mestre Honório, mesmo antes da morte de mestre Alcides, já “mestrava” a banda de congo).

Segundo mestre Bochecha, a banda de congo seguiu em frente e mestre Alcides “foi caindo no esquecimento”. Com o tempo, a banda ficou mais conhecida como “Banda de Congo de Mestre Honório”.

O filho de mestre Alcides, “Seu Zé Silva”, que participava da banda (ainda única existente no local), saiu para formar outro grupo, que foi nomeado como “Banda de Congo Mestre Alcides”. Mestre Bochecha informou que o desejo de Zé Silva era “levantar” o nome do pai novamente (em seguida, ele citou outra separação ocorrida na banda, quando alguns participantes saíram e formaram uma terceira banda de congo na Barra do Jucu, o Tambor de Jacarenema).

Zé Silva foi mestre da banda de congo por 10 anos, aproximadamente, fazendo todas as festividades. Depois de sua morte, Bochecha foi convidado para ficar à frente da manifestação. Naquela época, a Banda de Congo Mestre Alcides já possuía um número maior de integrantes, estava sólida. Bochecha já contava com uma história de 40 anos na banda de congo, e por isso ele afirma que sente muito orgulhoso por sua trajetória, por ter essa identidade.

Na atualidade, o mestre está ensinando a função ao neto de mestre Alcides, Jaison. Informou que essa função não se resume a “tocar caixa”, que é preciso saber entrar com a melodia, saber o momento de parar o tambor que está certo, o tambor que está errado, saber conduzir os tambores de marcação, pois a “energia” também tem sua origem nessa condução. Disse que seria preciso estarmos presentes para entender o que ele estava falando. Contou que o mestre é, na verdade, um *maestro* da banda de congo.

Em 2014 a Banda de Congo Mestre Alcides contou com 20 integrantes, entre pessoas que dançam e tocam, o mestre e a rainha (ela mantém a história da dança e carrega a bandeira).

Os instrumentos usados são: caixa, tarol, tambor, casaca e chocalho. Mestre Bochecha informou que o triângulo e a cuíca fazem falta, e que “ficaria de bom tamanho”

ter esses instrumentos também. Mas, que não adiantava ter os instrumentos se não existisse alguém que soubesse tocá-los adequadamente.

Quando perguntado sobre a ocorrência de tambores e casacas na maioria das bandas de congo, mestre Bochecha contou que esses foram os primeiros instrumentos, os originais da cultura dos negros, escravos e índios.

O tambor era feito com o “pau oco”, não tinha pele. Outra madeira batia na peça oca e o som era ouvido a quilômetros de distância na mata. A seguir, foi introduzida a pele de búfalo na confecção, que foi “encunhada” (processo no qual a pele é moldada para ser colocada no tambor) no “pau oco”. Não havia prego. Quando molhada, a pele ficava maleável para manuseio e depois era colocada no tambor, que ficava sob o sol, e “grudava” em sua madeira.

Sobre a casaca, Bochecha contou que era feita de bambu e que é um instrumento mais simples, mais fácil para tocar, ao contrário do tambor, para o qual é necessário ter conhecimento de som senão uns atrapalham os outros. O tempo de aprendizagem para tocar tambor é maior, relatou.

As músicas na banda de congo, conforme o mestre, são chamadas de *jongo* e precisam ser melodiosas, precisam ser cantadas com muito carinho, pois trabalham com a “energia” das pessoas, já que representam uma “magia”.

Os *jongos* cantados são antigos e versam sobre a época da senzala e sobre os santos. Bochecha citou músicas como “Iaiá”, “Madalena do Jucu” e “Quebra-quebra, Gabiroba” e cantou um trecho da música “Cabelo Louro”: “Cabelo louro, vai lá em casa passear, vai, vai cabelo louro, vai cabar de me matar”.

Ele afirmou que essa música era cantada pelos escravos para falar da comida que recebiam dos senhores. Bochecha afirma que a parte branca da carne, cheia de nervos, era a que os escravos recebiam para fazer sopa, e segundo ele, ela era o “cabelo louro” que é citado na música. Contou que aquela parte da carne era o que fortalecia os escravos, apesar de ser desprezada pelos senhores. Informou também que os congueiros criam versos quando querem brincar com seus parceiros, fazendo isso por meio dos *jongos*.

Sobre a vestimenta da banda de congo, antigamente traziam as cores azul e branca. Mas, após a nova formação, com Zé Silva, as roupas têm as cores marrom e branca. Bochecha disse que o marrom é uma referência à terra, por ser uma cor forte. O

branco alude à paz. Os homens usam camisa e bermuda. As mulheres se vestem com bustiê e saia.

Sobre o padroeiro da banda de congo, São Benedito, Bochecha disse que essa devoção veio dos negros. Contou sobre a existência de várias histórias a respeito do naufrágio do navio negreiro e falou que sua maneira de contar era que, na época da escravidão, um navio negreiro que estava no litoral do Espírito Santo afundou, devido a uma grande tempestade. Os escravos que estavam na parte de baixo do navio morreram, e os que estavam em cima, servindo a seus patrões, tiveram a sorte de viver após se agarrarem ao mastro e pedirem para que São Benedito os salvasse. Quando chegaram à praia, salvos, pegaram o mastro, um pano branco e um carvão com o qual pintaram a imagem de São Benedito no pano branco, fazendo, dessa maneira, uma homenagem a ele. Bochecha acredita que a partir dessa data, por todos os anos o agradecimento ocorre, e que é dessa história que se origina a festa da fincada do mastro de São Benedito.

Mestre Bochecha disse ser devoto de São Benedito e que sempre faz uma oração nas festas da banda de congo para pedir paz. Ele afirma que as festas da banda são acompanhadas por 2.000 a 3.000 pessoas, e que muitos nem conseguem ouvir direito as músicas cantadas, mas que estão participando. Há outras pessoas que vão às festas como se elas fossem um evento de carnaval. Salienta, nesse momento, que “não é” carnaval, que representa uma história religiosa, de amor e de respeito.

As festas organizadas pela Banda de Congo Mestre Alcides são a fincada e a retirada do mastro de São Benedito. Em um primeiro momento, o mastro é arrumado. A cortada do mastro só acontece quando ele precisa ser renovado. Então, os participantes vão até a mata, realizam uma “roda de congo” e pedem licença à natureza para retirar a madeira.

A fincada e a retirada do mastro de São Benedito apresentam uma dinâmica parecida. A primeira festa pode ocorrer entre o fim do mês de novembro até o fim do mês de dezembro. A retirada acontece em janeiro.

Os cortejos dessas festas saem da rua onde fica o ateliê de Kleber Galvêas⁵⁸. Em seguida, vão em direção à praça da Igreja de Nossa Senhora da Glória, a Praça Pedro Vasconcelos, onde tocam um pouco e depois seguem para a praia, para um local conhecido como “Morro da Concha”. Lá, os participantes formam uma roda de congo e

⁵⁸ Kleber Galvêas é um artista plástico renomado que vive em Barra do Jucu.

fincam o mastro. Depois, eles retornam para a Praça Pedro Valadares e de lá acontece a dispersão. Mestre Bochecha afirma que esse retorno à praça acontece justamente para que as pessoas se dispersem, pois é um local onde há mais saídas. Depois de 30 dias, o mastro é retirado.

Foi o antigo mestre, Zé Silva, que escolheu a praia como lugar onde acontecem os rituais da fincada e da retirada do mastro de São Benedito, e isso foi feito depois que houve a separação com a atual Banda de Congo da Barra do Jucu.

Bochecha relatou, também, uma época em que a Banda de Congo Mestre Alcides tocava em aniversários e casamentos. Por não concordar com isso, não fazem mais.

Sem entrar em detalhes, mestre Bochecha relatou que a atual Banda de Congo Mestre Alcides está sofrendo “muitas pancadas”. Disse que essa banda de congo é histórica, e que é a única banda que a Barra teve. Sua intenção é que acabe a discussão sobre qual é a melhor banda de congo da Barra do Jucu. Seu propósito é fazer a festa para São Benedito e não competir para saber qual festa é a melhor: “Se lembrar mesmo do santo, é uma festa só, é um mastro só”.

Segue dizendo que três fincadas de mastro são bonitas, mas que ele faz a fincada da sua banda em outro momento porque é obrigado. Ele gostaria que tudo acabasse e que todos ficassem juntos, unidos, pelo menos no momento da festa, agradando somente a São Benedito. Diz que São Benedito aceita isso, releva, mais ficaria mais feliz, com certeza, se fosse uma só festa.

Ao ser questionado sobre se as pessoas envolvidas com as bandas de congo do local estão construindo essa possibilidade de união, mestre Bochecha relatou que se sente só, apesar de algumas pessoas acharem uma proposta interessante. Relatou ainda que essa união seria interessante até para aumentar a segurança nas festas, porque seriam mais pessoas para ajudar nas resoluções dos problemas. Citou a segurança nas festas como algo importante e informou que quando ocorre qualquer problema nos eventos, os responsáveis pela banda são chamados para responder sobre o assunto.

Não há bandas de congo de outros locais nas festas da Banda de Congo Mestre Alcides porque eles não convidam. Mestre Bochecha expõe que as outras bandas tocam em um ritmo mais acelerado e que a Banda Mestre Alcides é mais compassada, “uma tartaruga andando”. Mas, a banda costuma sair para as festas de Regência, do Caboclo Bernardo, e de Roda-d’Água. Do mesmo modo, eles vão ao Convento da Penha, em Vila Velha, na data em que se comemora o dia dessa santa, e em Vitória, para o encontro

anual de cultura. Desse último evento, ele contou que está meio afastado. Porém, informou que é um momento muito importante para conhecer a cultura capixaba.

Ao fim da conversa, mestre Bochecha falou sobre as dificuldades percebidas por ele em relação à banda de congo. Expôs que a prefeitura deixa muito a desejar, inclusive no transporte para a saída da banda para outros locais. Já deixaram de ir para outras festas porque o ônibus, no momento da saída, não oferecia condições de segurança adequadas, como pneus “carecas”, por exemplo.

Bochecha afirma que a cultura popular é pouco valorizada e que já teve oportunidade de apresentar sua opinião em reuniões com gestores públicos:

“O congo não toca sozinho, o tambor não toca sozinho, a casaca, o uniforme não dança sozinho; as pessoas é que fazem isso, então estas pessoas deveriam ter, o que eu acho que deveria existir é um plano de saúde para essas pessoas, para eles se cuidarem melhor, para eles irem a um dentista. Para aquela pessoa abrir a boca, cantar sem restrição. Às vezes a pessoa tem a voz boa, mas não abre a boca, porque tem os dentes igual ao meu aqui, não é certo. Então, o Estado deixa a desejar a saúde, não só na cultura, geral, né? Mas, eu gostaria de colocar, se isso for pra eles também ouvir, que eles passam bem ouvindo isso, porque nós íamos sair mais alegres ainda, se a gente tivesse saúde. Porque a cultura precisa de saúde, um plano de saúde. Tem congueiros do meu grupo que tomam remédio caro, às vezes aquela pessoa ganha um salariozinho único de 600 reais e tem que tirar 200 ou 300 reais para comprar remédios caríssimos, ou então frequentam o SUS. Senhores, né? Então, a gente tem estes problemas internos nesta nossa história. Eu gostaria que, de repente, se eu não tive a sorte de ser ouvido nas reuniões que eu estive com essas pessoas aí, como Casagrande (ex-governador do Espírito Santo), com vários outros aí que agora estão retornando, que eles tomem uma atitude humana na saúde com as pessoas, nessa parte. Pelo menos nesta parte cultural, onde a gente precisa mesmo. Existe pessoas que necessitam, de verdade, de um atendimento.”

4.16.1.3. Doraci Vieira Gervásio (dona Dorinha) – Banda de Congo Tambor Jacarenema

Optou-se por unir o conteúdo da coleta de dados da Banda de Congo Tambor de Jacarenema, feito no dia 22 de janeiro de 2015, ao teor da conversa individual com dona Dorinha, realizado no dia 23 de janeiro, porque ambos apresentam informações da integrante dessa banda de congo.

Na coleta de dados, Rosângela também participou.

Doraci Vieira Gervásio, conhecida como Dorinha, de 76 anos, é a guardiã do mastro, dos tambores e da bandeira de São Benedito da Banda de Congo Tambor Jacarenema. Nos dias de festa, ela leva a bandeira.

Conforme Dorinha, mestre Alcides levou a banda de congo para a Barra do Jucu quando ele morava em Jaguarauçu. Antigamente ela não recebia o nome de “Banda de Congo de Mestre Alcides”, as pessoas se referiam a ela como “roda de congo”. Essa roda se formava na porta das antigas quitandas do local, fazendo festa, batendo congo e cantando. Não eram realizadas as festas de fincada e de retirada do mastro de São Benedito.

A roda de congo acontecia também nas festas de São João, São Pedro e Santo Antônio. Eram convidados também os congueiros de Ponta da Fruta, Itapuera e Jabaetê. Dorinha contou que na época dos mais velhos mulher não brincava de congo.

Dorinha citou Seu Avigêncio e Honório, participantes da banda do período em que existiam as rodas de congo. Sobre Honório, ela relatou que ele não participava muito.

O ingresso de Dorinha no congo aconteceu depois que ela se casou, aos 20 anos, e teve seus filhos. O convite, que veio de Carminha, aconteceu porque Dorinha gostava de dançar. Segundo ela, naquela época já existiam mulheres no congo.

A Banda de Congo Tambor de Jacarenema se formou em função de um conflito interno com a Banda de Congo da Barra do Jucu. Dorinha relatou que na ocasião, Marques Filho ajudou muito, pois precisaram constituir a nova banda de congo com uniforme, instrumento, mastro, etc. Sobre a formação do grupo, ela, citou os seguintes nomes: Cíntia, Beto, Xaxá, Marina e Darci (mãe dela e do mestre Daniel).

Os tambores da Banda de Congo Tambor de Jacarenema vieram do sul do país e quando chegaram à Barra do Jucu, foram “encourados”.

Em 2000 a banda de congo estava formada, e seu nome foi escolhido como uma homenagem à Reserva de Jacarenema. Por esse motivo, o uniforme da banda apresenta as cores branca e verde. Apenas os guardiões usam roupa diferente.

O padroeiro da banda de congo é São Benedito. A devoção tem origem na história do naufrágio, segundo a qual os negros se salvaram pela fé nesse santo. Dorinha também contou as histórias atuais de graças alcançadas por devotos a São Benedito e que, por essa razão, eles também acompanham as festas da banda de congo.

Em 2014 a banda era composta por 30 componentes: o puxador da banda, os guardiões do mastro (pessoas que tomam conta do mastro no cortejo para evitar que ele seja tocado por pessoas em traje de banho, por exemplo), o responsável pela bandeira e

as pessoas que tocam e cantam. Dorinha informou que Alberto Pêgo é o “puxador da banda” e que ele não gosta de ser chamado de mestre, nem de capitão.

Marina Vieira Sampaio é a coordenadora da Banda de Congo Tambor de Jacarenema e também organiza uma Banda de Congo Mirim na escola municipal em que trabalha, Tuff Nader, localizada na Barra do Jucu. Os alunos fazem apresentações em outros locais com a escola.

Os instrumentos usados pela Banda de Congo Tambor de Jacarenema são: tambor, casaca, chocalho, chique-chique e tarol (usado pelo “puxador” da banda de congo). Os instrumentos são comprados, segundo os participantes, no município de Serra.

Sobre os *jongos* (músicas), Rosângela informou que elas são antigas e citou algumas, como “Iaiá”, “Cabelo Louro” e outras de devoção a São Benedito. Relatou que as “batidas” das três bandas de congo da Barra do Jucu são diferentes.

As festas promovidas pela Banda de Congo são a fincada do mastro de São Benedito, no último domingo do ano, e a retirada do mastro de São Benedito, que acontece trinta dias depois da fincada.

A concentração para as festas é feita em frente à casa de Dorinha. Lá é servido o “Bolo de São Benedito”, contendo algumas medalhinhas desse santo em seu interior que são colocadas com o intuito de agradecer algumas pessoas. O bolo é distribuído como forma de pagar uma promessa feita pela filha e pelo genro de dona Dorinha, Marina e Sebastião Sampaio, conhecido com Xaxá.

Na casa de Dorinha os participantes rezam e tocam. Em seguida, o cortejo sai, por volta das 16 horas, e passa pela praça da Igreja Nossa Senhora do Glória, pela praia, finalizando a caminhada por volta de 18h30 na Igreja de São Pedro, onde fincam o mastro. No decorrer do trajeto, também fazem a roda de congo.

Durante o percurso eles param em frente à casa de Darci, mãe de Dorinha e do mestre Daniel, falecida em 2014. O local é conhecido como “Camarote de dona Darci”. Nos anos anteriores, Darci não conseguia mais acompanhar o cortejo por motivos de saúde. Então, eles escolheram o local de onde ela podia ver a banda de congo passar. Nessa oportunidade, perguntamos a Dorinha sobre alguns lugares na Barra do Jucu que fazem referência ao congo, como um muro pintado com figuras de congueiros e estrelas com o nome de antigos que já faleceram. Dorinha contou que Antônio Sampaio, irmão de seu genro, Xaxá, fez as homenagens no muro.



Foto 78 - Camarote de dona Darci – Barra do Jucu.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 79 - Homenagem ao congo e aos congueiros falecidos – Barra do Jucu.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Durante o cortejo, quando passam em frente ao cemitério, as mulheres carregam o mastro (carregado pelos guardiões). Dorinha conta que as mulheres pedem a São Benedito para se casarem e que as pessoas acompanham a festa pela fé.

Após a festa, Dorinha serve comida aos guardiões do mastro e aos do tambor. Em cada ano é servido um cardápio diferente.

Na retirada do mastro de São Benedito, acontece a mesma dinâmica da fincada.

Não há participação de outras bandas de congo na festa.

As festas da Banda de Congo Tambor de Jacarenema são realizadas por meio de recursos financeiros obtidos durante o ano em festas promovidas pela banda, de recursos recebidos pelas participações em outras festas e com o apoio da comunidade. Assim como mestre Daniel, Dorinha citou Dr. Hércules (deputado) como pessoa que contribuiu financeiramente na última festa.

Dorinha falou também sobre uma festa de carnaval da qual a banda de congo participou em 2013. Disse que eles tocavam à noite e batiam o congo com as letras de música do Carnaval. No fim, eles cantaram: *“Adeus, adeus, adeus eu vou embora (bis). Vocês vão ficar com Deus, eu vou com Nossa Senhora.”*

A banda de congo também participa da festa do Convento da Penha, realizada após a Páscoa. Muitas bandas de congo participam dessa celebração. Dorinha disse que eles sobem pela passagem dos carros, batendo e cantando. Contou sobre um ano em que, depois da festa da Penha, eles seguiram para a festa de congo em Roda-d'Água (de mestre Itagibe). Afirmou que não fica cansada quando participa das festas.

Sobre as dificuldades, Dorinha expôs o desejo de possuírem um carro que os possibilitem ir para outros lugares, demonstrando, dessa forma, que a falta de transporte é um problema que enfrentam.

4.16.2. Retirada do mastro de São Benedito da Banda de Congo da Barra do Jucu em 25 de janeiro de 2015

No encontro realizado com os componentes da Banda de Congo da Barra do Jucu, fomos convidados a participar da festa de retirada do mastro de São Benedito, realizada no domingo, dia 25 de janeiro. Nesse dia, tínhamos nosso encontro com as bandas de congo de Guarapari e não confirmamos presença porque não sabíamos como seria a

dinâmica no local. No entanto, o horário do término da reunião em Guarapari permitiu nosso retorno para Vila Velha e conseguimos chegar a tempo de acompanhar a festa desde a concentração.

A representante do Iphan, Ivanirce Gomes Wolf, esteve presente com a equipe de pesquisa na reunião em Guarapari e também em parte da festa na Barra do Jucu.

A concentração da Banda de Congo da Barra do Jucu e dos demais participantes (público) aconteceu em frente à casa de mestre Daniel, na Rua Antônio dos Santos Leão, nº. 487, em Barra do Jucu.

Em seguida, a banda de congo saiu em cortejo pelas ruas do local, seguindo para a Praia do Barrão (Morro da Concha). À frente dos instrumentos seguiam algumas mulheres, dançando e cantando. Uma delas levava a bandeira de São Benedito (Juraci).

A multidão acompanha a banda. Alguns tomam parte nos cantos, outros levam instrumentos, a maioria casaca, tocando junto com a banda de congo. Durante o cortejo, a multidão se mistura com os componentes da banda, uns à frente, outros no meio ou no fim do cortejo. O público contempla várias faixas etárias.



Foto 80 - Cortejo na retirada de mastro de São Benedito – Banda de Congo da Barra do Jucu.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Quando a banda de congo chegou à Praia do Barrão, foi formada uma roda de congo que permaneceu ali por algum tempo. Algumas pessoas se juntaram à banda de

congo e seguiram o cortejo a partir desse local. Beatriz informou que a parada na praia é uma alusão à história do naufrágio do navio.

Na roda de congo os tambores são colocados no chão e os congueiros tocam sentados sobre os instrumentos. No centro da roda permaneceu Beatriz, comandando por meio do tarol, Juraci, com a bandeira de São Benedito, e um rapaz que puxou alguns *jongos*.



Foto 81 - Retirada do mastro de São Benedito – Banda de Congo da Barra do Jucu.
Janeiro de 2015.

Foto: Adriana Vieira de Araújo.

Após a roda de congo, o cortejo seguiu em direção à Igreja de Nossa Senhora da Glória, onde o mastro foi retirado.



Foto 82 - Retirada do mastro de São Benedito – Banda de Congo da Barra do Jucu.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

Chegando ao local, novamente a roda de congo foi formada e os guardiões do mastro o retiraram do terreno da Igreja. Em seguida, o mastro seguiu com o cortejo, passando pela Praça Pedro Valadares (em frente à Igreja). Em um determinado momento o mastro foi levado apenas por mulheres. Depois retornou aos cuidados dos guardiões.

Não muito distante da Igreja de Nossa Senhora da Glória, em frente a uma Igreja Evangélica, a banda de congo parou novamente com a roda de congo e o mastro seguiu com os guardiões até a casa do mestre Daniel. A roda de congo permaneceu no local para que as pessoas não acompanhassem o mastro e lá a festa foi encerrada. Depois, membros da banda de congo e guardiões do mastro seguiram para o jantar na casa do mestre Daniel.

4.17. VITÓRIA

Em Vitória não foi possível realizar reunião conjunta com os representantes das três bandas de congo devido à existência de conflitos entre elas. Dessa forma, encontramos separadamente com cada uma delas: Banda de Congo Amores da Lua, Banda de Congo Vira Mundo e Banda de Congo Panela de Barro. Além dos encontros com os representantes das bandas de congo de Vitória, visitamos a Secretaria Estadual

de Cultura com o objetivo de obter informações sobre o registro estadual das bandas de congo capixabas⁵⁹.

No dia 20 de janeiro, nos dirigimos, no período da manhã, até o bairro Fonte Grande, próximo ao centro de Vitória. Chegando lá, encontramos com Renato Pereira dos Santos, de 51 anos, mestre da **Banda de Congo Vira Mundo**.

O mestre Renato tem formação acadêmica e, segundo ele, uma parte de seus relatos são fundamentados por fontes escritas e outras derivam da tradição oral.

De acordo com o mestre, sua banda de congo possui uma peculiaridade em relação às demais bandas de congo capixabas, uma vez que tem sua origem explicada no momento em que as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos se formaram no Brasil. Além disso, todos os elementos que compõem sua significação estão relacionados ao reinado do congado.

Para Renato, o congado existe no Brasil inteiro, mesmo possuindo diferenças regionais. Porém, no Espírito Santo, ele relata que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ao contrário do que aconteceu em Minas Gerais, perdeu força, por isso o reinado ficou proibido de sair às ruas. Dessa forma, no Espírito Santo apenas as bandas de congo saíam para as ruas, mas sem o rei e a rainha.

Mestre Renato conta que vários fatores contribuíram para que houvesse essa segregação do reinado do Rosário no estado do Espírito Santo, a começar pelos confrontos dos portugueses com a rainha Ginga⁶⁰, o que fez com que o negro de Vitória fosse proibido de reverenciar o rei e a rainha do congo. Além disso, no período que se estendeu do século XIX até metade do século XX, Vitória foi palco de uma luta pela hegemonia política cultural entre os *peruás* (pobres e membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário) e os *caramurus* (elite branca e membros da Irmandade de São Benedito). Esse embate fez com que a cultura dos negros ficasse ainda mais segregada. Nesse sentido, criou-se uma negação ao reinado por parte da elite do estado, o que pode ser demonstrado no fato de que muitos afirmam que o congo é de origem indígena e não negra.

⁵⁹ O relato desse encontro é apresentado depois dos encontros feitos com os representantes das bandas de congo de Vitória.

⁶⁰ Rainha Ginga, ou Njinga Mbandi, nasceu no Ndongo oriental em 1582. De 1623 a 1663 foi a líder dos povos ambundos-jagas que habitavam as regiões do Ndongo e Matamba (Sudoeste da África). A fama de Njinga ou Ginga atravessou os séculos e os mares, sendo evocada em festas populares realizadas no Brasil no passado e ainda hoje (SOUZA, 2006).

Ainda segundo mestre Renato, com o naufrágio do navio negreiro Palermo no final do século XIX, ao qual sobreviveram vários negros agarrados ao mastro do navio, surgiu a tradição do congo devoto de São Benedito no Espírito Santo: a puxada do mastro de São Benedito. Houve, assim, uma junção entre a cultura africana e a cultura italiana, uma vez que São Benedito, apesar de ser negro, era também italiano. Essa tradição passou a ser bem mais aceita pela elite, pois muitos imigrantes italianos também eram beneditinos. Contudo, ressalta Renato, o congo não surgiu a partir desse fato, pois ele já existia há 300 anos no estado do Espírito Santo com as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, uma vez que a Banda de Congo Vira Mundo, segundo Renato, surgiu em 1595.

Ainda de acordo com Renato, as Irmandades do Rosário vão perdendo força, uma vez que existe uma política de desmobilização delas. A Igreja do Rosário⁶¹, construída pela própria Irmandade dos Homens Pretos no século XVIII, passou a abrigar outra irmandade, de São Benedito, formada pela elite. Dessa forma, o reinado passou a ser proibido de entrar na Igreja do Rosário.

Sobre a fincada do mastro de São Benedito, Renato afirmou que essa tradição surgiu das disputas entre os peruás e caramurus para ver quem fincaria o mastro. A disputa era realizada no dia de Santa Catarina por meio de remandas. Quem vencesse, fincava o mastro. Dessa forma, como esse evento não ocorre mais, Renato considera não ter sentido a fincada do mastro.

Atualmente, a Banda de Congo Vira Mundo toca em quatro festejos: celebração do Natal, dia de São Benedito, dia dos Santos Reis e canjica de São João. Ao ser perguntado sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, Renato afirmou que ela não é realizada, uma vez que não existe reinado, e que essa homenagem só poderia ser realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dentro da qual eles são proibidos de entrar.

Outra peculiaridade de sua banda diz respeito à inserção de instrumentos de corda. Segundo ele, isso se deve ao fato de a banda Vira Mundo ser urbana, recebendo influências do modo de vida urbano, porém, isso acaba não sendo bem visto por todos. O mestre Renato Santos reclama da discriminação que sua banda de congo sofre por seguir uma tradição diferente das outras bandas de congo capixabas. Para Renato, a elite cultural capixaba apregoa que a autêntica banda de congo deve possuir tambor, casaca,

⁶¹ Edificação, situada no centro da cidade de Vitória, foi tombada pelo Iphan em 1946.

bandeira e uniforme. Renato reitera que o congo é uma manifestação genuinamente luso-africana, porém, no estado do Espírito Santo, a elite cultural ainda preconiza as bandas de congo como de origem indígena. Ele também afirma que no estado capixaba apenas as bandas de congo que seguem as tradições advindas dos beneditinos é que são valorizadas, em detrimento ao seu congo que segue uma tradição vinda das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Ele lamenta o fato de a Banda de Congo Vira Mundo não poder participar das missas e congadas realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, podendo, assim, realizar o seu reinado. Para Renato, as bandas de congo com tradição beneditina são aquelas que fundamentam o rito a partir do mito fundador do mastro de São Benedito e a vinculada com a tradição das irmandades fundamenta o rito nos reis e rainhas congos coroados.

- No outro dia, 21 de janeiro, fomos para o bairro Goiabeiras, onde foi realizada a reunião com os representantes da **Banda de Congo Panela de Barro**, Jamilda Alves Rodrigues Bento, ex-coordenadora da banda de congo mirim e Valdemiro Sales, mestre da banda de congo.

A Banda de Congo Panela de Barro foi fundada em 1938 com o nome de Banda de Congo de Goiabeiras. Porém, os participantes ressaltaram que seus avós brincavam de congo antes mesmo da manifestação ser reconhecida como banda de congo.

Os mestres mais antigos, segundo Valdemiro, eram chamados de *puxadores de toadas de congo*. Foram eles: Romeu Nascimento (tio de Valdemiro), Armogildo Nascimento, Alfredo Pernambuco, João Ribeiro e Lino Quinto da Rosa.

Na década de 1970, a banda de congo passou a ser coordenada por Arnaldo Gomes Ribeiro, proprietário da oficina de painéis de barro em Goiabeiras, e o nome do grupo foi substituído para Banda de Congo Panela de Barro⁶². Com o falecimento de Arnaldo Gomes⁶³, a banda ficou parada por um tempo, sendo retomada em 2001 pela historiadora Jamilda Alves Rodrigues Bento.

⁶² O ofício das paneleiras de goiabeiras foi registrado pelo Iphan em 2002.

⁶³ Não sabemos informar a data de falecimento.



Foto 83 - Banda de Congo Panela de Barro, década de 1970.
Fonte: Instituto Nacional do Folclore, 1982.



Foto 84 - Banda de Congo Panela de Barro na festa de São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida/Serra.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

O grupo realiza três festas: a cortada⁶⁴, a puxada e fincada e a retirada do mastro. Segundo Valdemiro, os festejos ligados à fincada do mastro de São Benedito ficaram por muito tempo sem ser realizados pela banda. Segundo ele lembra, em meados de 1960

⁶⁴ A cortada do mastro realizada pela banda de congo é um ato simbólico, isto é, é feita uma encenação do rito.

havia os festejos da puxada de mastro, porém eles foram interrompidos, sendo que as festas passaram a ser realizadas apenas de forma espontânea nos finais de semana. Em 2001, com a retomada da banda, os festejos ligados à puxada e à fincada do mastro, assim como a tradição do navio, voltaram a ocorrer.

Além das festas organizadas pelo grupo no bairro, a banda participa da festa das paneleiras que acontece no mês de novembro e de festas para as quais são convidados, como as que são realizadas em Nova Almeida, Regência e Linhares.

Sobre a origem das bandas de congo no estado de Espírito Santo, mestre Valdemiro conta:

“A banda de congo foi formada por índios e negros. Mas, São Benedito veio de outra forma para o Congo. [...] Segundo o que é contado, na época da escravidão onde se trazia aqueles navios, naufragou um navio trazendo negros no norte, ali naquela área de Aracruz. Então, os negros e devotos de São Benedito, segundo o que é contado, pediram a interseção de São Benedito para salvá-los. Como o barco se quebrou todo, eles se agarram ao mastro. O mastro que nós carregamos hoje dentro do barco simboliza este mastro do navio que os homens se agarram, pedindo a interseção de São Benedito. E aí um grupo conseguiu se salvar neste naufrágio. Este grupo que acabou se salvando, ele saíram e foram morar numa cidadezinha pequena ali na Serra que se chamava Putiri. E lá eles achavam, que como devotos do São Benedito, resolveram fazer uma homenagem e foi morar na região de Putiri, na Serra, onde eles resolveram homenagear São Benedito, fazendo um navio de cipó e saíram pelas ruas com aquele barco de cipó para homenagear São Benedito.”

Em 2007, Jamilda Alves Rodrigues Bento, com o apoio do mestre Valdemiro, fundou a banda de congo mirim. Entretanto, o grupo mirim não atua desde 2010 devido às seguintes dificuldades enfrentadas por ele, segundo Jamilda: rotatividade das crianças e falta de tempo para coordenar o grupo, uma vez que ser coordenador de uma banda de congo mirim exige dedicação e Jamilda possui outras atribuições profissionais.

Valdemiro Sales, além de ser mestre da banda de congo, também produz casacas que são usadas na banda ou destinadas à venda. Suas casacas, feitas de madeira e bambu, são produzidas em uma oficina que fica anexa à sua residência.



Foto 85 - Casacas produzidas pelo mestre Valdemiro da Banda de Congo Panela de Barro.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

- No período da tarde, fomos para o bairro Santa Martha encontrar com os representantes da **Banda de Congo Amores da Lua**. Estiveram presentes na reunião o Sr. Rui Barbosa Sales, mestre e vice-presidente; Ricardo Alves Sales, mestre-capitão e presidente; e Celeusa Maria Alves Sales, rainha.

A Banda de Congo Amores da Lua foi fundada no dia 30 de março de 1945 por Alarico de Azevedo e dona Cecília Rosa, avós do Sr. Rui Barbosa Sales. A banda surgiu por iniciativa do Sr. Alarico, que com intuito de fundar uma banda de congo no bairro, procurou o Sr. Alfredo Pernambuco, morador do bairro Goiabeiras, local onde já existia uma banda de congo. Os dois se uniram, compraram os instrumentos e depois de organizarem tudo realizaram a primeira puxada de mastro de São Benedito no dia 30 de março de 1945.

O primeiro nome do grupo foi Banda de Congo Santa Martha, porém, segundo mestre Rui Barbosa Sales, o nome foi mudado quando seu padrinho, Carlos João de Azevedo, teve uma inspiração em uma noite de lua cheia, quando a banda de congo tocava no quintal de casa. Por isso ele teve a ideia de mudar o nome do grupo para Banda de Congo Amores da Lua..



Foto 86 - Banda de Congo Amores da Lua na festa de São Benedito e São Sebastião de Fundão/distrito sede.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.



Foto 87 - Banda de Congo Amores da Lua na festa de São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida/Serra.
Janeiro de 2015.
Foto: Andréia Ribeiro.

As músicas são chamadas de *toadas* e foram ensinadas pelos antepassados, mas muitas delas os participantes aprenderam ouvindo as outras bandas cantando; outras foram compostas pelo Sr. Carlos João de Azevedo.

A banda de congo é composta por quatro familiares de Rr. Rui, incluindo ele, além de moradores do bairro Santa Martha e seus bairros vizinhos.

Sobre a origem do congo no estado do Espírito Santo, mestre Rui narra:

“o congo quando ele começou aqui, foi devido um naufrágio do navio negreiro em Nova Almeida em 1862. (...) Tinha 21 tripulantes e todos se salvaram agarrado no mastro. Quando chegaram em terra, falaram assim, que a partir de hoje eles iam fazer uma banda para louvar São Benedito. Aí tinha um negro Crispim Crespiliano, que era chefe do pessoal, daí eles fizeram. Essa banda foi fundada lá em Putiri, na Serra. Por isso que hoje existe o congo.”

A Banda de Congo Amores da Lua promove a festa de São Benedito realizando a cortada⁶⁵, a puxada e fincada e a retirada do mastro. Os festejos acontecem no bairro Santa Martha e no entorno da Igreja de São Benedito.

Segundo Ricardo, bandas de congo de outros municípios não participam das festas realizadas no bairro Santa Martha, pois eles não têm apoio da prefeitura para financiar o transporte e as demais despesas necessárias para garantir a estrutura da festa. De acordo com Ricardo, a festa e o gasto com a manutenção da banda recebem o apoio da própria comunidade e dos membros da banda, por isso “a banda de mantém na garra e na raça”. Na opinião de Ricardo, “o congo no estado do Espírito Santo está se perdendo, pois o jovem vê o congo como uma forma muito feia e não há renovação. Meninos acham que é macumba. Precisa ter incentivo dentro das comunidades”.

Apesar de a Banda de Congo Amores da Lua não receber visita de outros grupos em suas festas, ela costuma participar de outros festejos, quando é convidada. As principais festas que a Banda de Congo Amores da Lua participa são: fincada do mastro em Fundão; fincada do mastro em Nova Almeida, no município de Serra; Carnaval de Congo em Cariacica; fincada do mastro em Timbuí; festa Nossa Senhora da Penha em Vila Velha.

Na Secretaria Estadual de Cultura (Secult) fomos recebidos com muita atenção pelo historiador da instituição, Bruno Conde. Relatamos para Bruno o motivo de nossa visita, assim como apresentamos para ele o projeto desenvolvido pelo Iphan.

Bruno Conde nos apresentou as seguintes afirmações sobre a instituição e o processo de registro estadual das bandas de congo capixabas:

⁶⁵ A cortada do mastro é um ato simbólico.

- No Estado do Espírito Santo há uma gerência de Patrimônio Cultural vinculada à Secult. A gerência possui dois funcionários, ele e uma antropóloga.
- A Secult, por meio de diferentes modalidades de editais, promove a salvaguarda e a preservação das atividades de manifestações culturais, valorizando a cultura popular tradicional do estado do Espírito Santo. Entre os editais que existem, há o de aquisição de indumentárias, adereços e instrumentos musicais; o de mestres da cultura popular capixaba, entre outros. Bruno destacou que não há editais específicos para as bandas de congo, entretanto, muitas enviam projetos para serem contempladas com os editais pertinentes às suas dinâmicas.
- O registro das bandas de congo como patrimônio cultural estadual não foi demandado pelos detentores do bem cultural. O reconhecimento partiu do próprio desejo dos gestores estaduais.
- O estudo para elaboração do dossiê, denominado de “O Congo do Espírito Santo: relatório parcial do inventário e solicitação de registro”, pesquisou 15 bandas de congo, sendo elas:
 - Banda de Congo Mestre Honório, da Barra do Jucu (Vila Velha)
 - Banda de Congo Amores da Lua, de Vitória
 - Banda de Congo Mestre Tagibe, de Roda-d’Água (Cariacica)
 - Banda de Congo Taquaruçu, de Taquaruçu (Cariacica)
 - Banda de Congo Mães Petronilha, de Araçatiba (Viana)
 - Banda de Congo Unidos do Retiro, de Retiro (Santa Leopoldina)
 - Banda de Congo Beira-Mar, de Jacaraípe (Serra)⁶⁶
 - Banda de Congo Tambor Tupiniquim, de Caieiras Velha (Aracruz)
 - Banda de Congo São Benedito, de Itaparica (Aracruz)
 - Banda de Congo São Benedito do Rosário, de Vila do Riacho (Aracruz)
 - Banda de Congo São Benedito, de Regência (Linhares)
 - Banda de Congo São Benedito, de João Neiva
 - Banda de Congo São Benedito, de Acioli (João Neiva)
 - Banda de Congo São Benedito de Paul de Graça Aranha (Colatina)
 - Banda de Konschaça, de Serra.

⁶⁶ O nome correto da banda de congo de Jacaraípe é **Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição**.

- Bruno Conde destacou que não foi possível visitar todos os municípios que possuem bandas de congo, pois o projeto não dispunha de recursos financeiros e humanos suficientes.

O relatório do estudo do congo capixaba encontra-se disponível para consulta na Secult. No documento há descrições de alguns festejos, como o Carnaval de Congo de Roda-d'Água, em Cariacica; a trajetória histórica de alguns grupos; as diretrizes para o plano de salvaguarda do bem cultural; entre outras análises.

4.18. ANCHIETA

Identificamos, durante o processo de levantamento de fontes sobre as bandas de congo e o ticumbi, algumas referências que apontaram que no município de Anchieta existiam bandas de congo. Diante dessa informação, entramos em contato por telefone com o mestre Hudson José Antunes para averiguar se o dado encontrado era correto. Por telefone, o mestre Hudson afirmou que seu grupo é jongo e não congo, assim como o grupo da comunidade de São Mateus. Entretanto, durante o campo, algumas pessoas afirmaram que em Anchieta existe congo, e outras afirmaram ser jongo. Diante desse impasse, marcamos um encontro com o mestre Hudson do Jongo São Benedito Sol e Lua e com o mestre Renelio do Grupo de Jongo Tambores de São Mateus para eximir questionamentos futuros.

Encontramos com o mestre Hudson em sua residência. Explicamos o projeto em andamento, assim com a instituição responsável pela pesquisa. Mestre Hudson conhece o Iphan devido às ações de salvaguarda do jongo em andamento na região Sudeste do Brasil.

Esclarecemos ao mestre Hudson o porquê de nossa visita e ele nos relatou a seguinte versão sobre o caso:

“O pessoal de Vila Velha tinha congo registrado e nós copiamos o contrato deles e fomos registrados como banda de congo, mas nós somos jongo. Nossos tambores são de chão. O congo usa barrica. As batidas deles são completamente diferentes da nossa. Eles batem mais alto [...]. Nós temos que preservar a nossa cultura, pois se a gente começar a copiar o que os outros fazem [...]. Nós somos jongo e não congo. Primeiro, nós fazemos uma roda e o congo todo mundo dança misturado. Há desafios entre a gente [...] um começa a mexer um com outro, jongo de ponta para testar o conhecimento de cada um.

O congo pra gente é uma coisa mecanizada, pois eles perderam a essência... não sei [...] eles perderam a essência da cultura. Se eles cantam alguma coisa, eles botam alguma coisa de jongueiro [...] jongueiros somos nós. Congueiro não responde ponto, jongueiro sim. O ritual é completamente diferente.

Eu tenho que mexer no estatuto nosso. O nosso estatuto está como congo, por isso que vocês têm a nossa referência como congo. Mas eu já falei para o pessoal da Secult (Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo), do Iphan, todo mundo sabe disso [...] nós somos jongo.

Nós registramos o grupo com o seguinte nome: Associação de Banda de Congo São Benedito Sol e Lua [...] nós copiamos um estatuto do pessoal e o pessoal da secretaria municipal de cultura falou: vocês são congo. Aí eu disse assim: congo? Mas, não somos congo, nós somos jongo. Aí eu deixei, eu registrei assim [...] registrei errado. Eu vou ter que mexer nisso.”

Assim como as bandas de congo, o Jongo São Benedito Sol e Lua realiza a fincada do mastro de São Benedito no dia 27 de dezembro e a “desfincada” acontece no dia 20 de janeiro. Segundo mestre Hudson, o sentido de fincar o mastro é marcar o território do jongo. Além disso, ele explicou o porquê de São Benedito ser o padroeiro do grupo: “O povo de tambor é São Benedito. Você faz aquela lógica: senzala, Preto Velho [...] você vai ligando tudo. É um santo que você venera. Muita devoção. O povo do jongo, a maioria, é São Benedito. Tem uns que são Santo Antônio, São Sebastião. O nosso é São Benedito.”

Depois da conversa com o mestre Hudson, o convidamos para nos acompanhar até a localidade de São Mateus para verificar os dados com o mestre Renelio. No primeiro momento, mestre Hudson rejeitou nosso convite, pois a festa da “desfincada” em São Mateus começaria às 18 horas e ele não tinha a intenção de ir, uma vez que o jongo de São Mateus não havia comparecido ao festejo do seu grupo. Diante de nossa insistência, mestre Hudson mudou de ideia e nos levou até a comunidade, mas ressaltou que não tocaria tambor e nem cantaria jongo. Entretanto, sua promessa foi quebrada: tocou tambor, dançou e ajudou a “desfincar” o mastro de São Benedito.

Na comunidade rural São Mateus, conversamos com Gilson José do Santos, auxiliar do mestre e do capitão de jongo, com Renelio Santos Neves, mestre de jongo e com Fabrício José Horácio, capitão de jongo.

Gilson José do Santos destacou os seguintes aspectos que diferenciam o jongo do congo:

“Os instrumentos do jongo são de chão, os do congo são aqueles que você coloca debaixo do braço e vai batendo [...]. Faz um cortejo igual na Serra. Outra coisa que diferencia também é na hora de você tirar o jongo, o verso, né? No grupo de jongo eu tiro o verso [...] eu olho para você e tiro o verso no instantâneo: [tambor, tambor, tambor... o Iphan chegou...] e por aí vai. No congo os versos são repetitivos. No jongo também tem versos repetitivos, mas sai mais jongo de improviso”.

Mestre Renelio destacou: “nós somos jongo de tambor. Por que nós somos jongo de tambor? Porque nós estudamos na hora, a gente estuda e canta na hora [...] nós temos tambor de chão. Nós queremos cultivar a cultura que nós aprendemos. Nossos tambores são de árvore mesmo.”



Foto 88 - Tambores do Grupo de Jongo Tambores de São Mateus.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

Em determinado momento da conversa, Fabrício José Horácio fez o seguinte relato:

“Meu pai falava tambor. O nome disso (jongo) era tambor. Mas com a internet e essas coisas alguns grupos ficaram como tambor e outros jongo. Seu Valentim (mestre Valentim)⁶⁷ também fala tambor. Se falar jongo com ele ele não vai saber o que é. Mamãe também só fala tambor: *vão pro tambor?*”

A narrativa de Fabrício encontra respaldo com a afirmativa presente no Dossiê do Jongo que afirma: “Tambu, batuque, tambor, caxambu. O jongo tem diversos nomes, e é cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica” (Iphan, 2007, p. 14).

⁶⁷ Seu Valentim, Valentim Manoel do Santos, tem mais de 100 anos de idade e foi mestre do grupo de jongo de São Mateus. Deixou o cargo devido à idade avançada. Entretanto, a comunidade ainda o reconhece como mestre. Em 2009, foi premiado com o título *Mestre da Cultura Popular do Brasil* pelo Ministério da Cultura (MinC), e em 2010 como *Mestre da Cultura Popular do Estado do Espírito Santo*, pela Secult/ES.

4.19. ALFREDO CHAVES

O encontro com os representantes **da Banda de Congo São Benedito de Alfredo Chaves** aconteceu na Capela de São Benedito, localizada no bairro Macrina.

Estiveram presentes na reunião Maria do Carmo L. Nascimento, Helena da Silva Barbosa e Maria Helena, dançarinas do grupo; Afonso Cardoso, mestre, tocador e cantador; Manoel José Alves, primeiro capitão e Carlos Alexandre Cardoso; segundo capitão.

Somente no encontro com os integrantes da Banda de Congo São Benedito de Alfredo Chaves foi possível descobrir que o grupo pratica os ritos do jongo e não do congo. Durante o levantamento de fontes sobre a temática pesquisada, encontramos algumas referências produzidas pelo poder público local e divulgadas no *site* da prefeitura sobre o grupo, e elas informam que ele é congo. Diante disso, a equipe de pesquisa havia julgado, até o momento do encontro, tratar-se de congo.

Após as apresentações dos presentes, do projeto e da assinatura do termo de consentimento, iniciamos a coleta de dados sobre o grupo. Optamos por dividir os presentes em dois grupos para obter as informações. Dois pesquisadores conversaram com Afonso Cardoso, Manoel José Alves e Maria do Carmo L. Nascimento e os outros dois dialogaram com Carlos Alexandre e Maria Helena.

Carlos Alexandre e Maria Helena afirmaram que o nome do grupo é Banda de Congo São Benedito de Alfredo Chaves. Destacaram que a banda de congo tem mais de 60 anos de existência e que tudo começou com o mestre Valter, que brincava em Anchieta e vinha para Alfredo Chaves tocar tambor. Mestre Valter faleceu no ano de 2010 com 89 anos.

Maria Helena destacou que mestre Valter faleceu sem passar seus conhecimentos para os integrantes do grupo, e o único membro que absorveu algo foi o atual mestre da banda, Afonso.

O grupo de Alfredo Chaves possui um mestre, dois capitães, que auxiliam o mestre a não perder o jongo (canto), batedores de tambor, tocadores de casaca e dançarinas. Carlos destacou que o grupo tem tambores de chão e de barril. Os tambores de barril são usados somente no momento da procissão com a imagem de São Benedito, realizada no dia da fincada do mastro.

O espaço usado pelo grupo para tocar e dançar chama-se barracão de São Benedito.



Foto 89 - Barracão de São Benedito localizado no entorno da capela homônima, no bairro Macrina. Janeiro de 2015.

Foto: Andréia Ribeiro.

Nesse local, os tambores são dispostos no chão formando um meio círculo e na frente dos instrumentos é formada uma roda para a dança. Segundo Carlos Alexandre, o rito se inicia quando uma pessoa que está na roda do tambor começa a cantar e depois cada uma tira o seu próprio jongo. Maria Helena destacou que nem todo mundo que participa do jongo sabe jogar, portanto, também canta o congo. O jongo, segundo eles, é um verso tirado na hora que apresenta um desafio, em que um compete com o outro. O congo, por sua vez, canta a música direta, que não é verso, que não apresenta um desafio.

Perguntamos a Carlos Alexandre a diferença entre o grupo de Alfredo Chaves e o de São Mateus, comunidade pertencente ao distrito de Anchieta, e ele respondeu: "Não há diferença entre os grupos. A única coisa diferente é que desde criança o grupo leva o nome de banda de congo". Em seguida, questionamos o porquê de o grupo ter o nome de banda de congo e ele retrucou: "Sempre foi assim".

Carlos Alexandre e Maria Helena ressaltaram as principais dificuldades vivenciadas pelo grupo: falta de apoio do poder público local, uma vez que a prefeitura privilegia a festa italiana em detrimento à de São Benedito; falta de interesse e

envolvimento de alguns membros do grupo no que diz respeito à presença durante a apresentação e à ajuda na realização do festejo.

Na conversa com mestre Afonso, Manoel e Maria, o mestre afirmou que o barracão de São Benedito, quando ele tinha 20 anos de idade, era de palha e chão batido, e que ele aprendeu a jogar com o falecido mestre Valter. Ele observou que as músicas são "tiradas" de cabeça e, em seguida, questionou: "O que é ser jongoiro?". Ele mesmo respondeu: "Jongoiro é aquele que tira o jongo. O jongo é a música". Em seguida cantou:

*"Vou louvar São Benedito.
Vou louvar, vou louvar!
Nossa Senhora da Penha,
Padroeira do lugar!"*

Depois de cantar, afirmou que isso é um jongo. Para ele, o congo faz música com a batida do tambor e é uma música mais "direta":

*"Maria o seu brinco caiu.
Deixe que eu apanhe pra você.
É de ouro? É de prata? É de bronze?
É, Maria?
Então deixe que eu apanhe pra você!"*

Mestre Afonso destacou que no jongo muitas músicas também são cantadas, mas também há desafios improvisados na hora. Em seguida, ele, afirmou: "Jongo é desafio; congo é o tambor; jongo é o canto".

Em determinado momento de nossa conversa, Manoel explicou "que uma pessoa não pode entrar na roda de qualquer maneira, pois a pessoa pode sair 'machucada'. É pesado. A pessoa pode ficar doente sem saber, é perigoso. Fazemos o jongo de ponta. Coisa pesada. Os versos são pesados".

Depois da fala de Manoel, mestre Afonso lembrou e contou a seguinte história com a ajuda de Maria do Carmo:

*"Uma escurinha, acho que ela é lá de Cachoeiro de Itapemirim, tirou o jongo para um rapaz. Chegou e cantou: Eu matei um gato preto. Não pude comer sozinho. Saí pelo mundo afora dividindo os pedacinhos". Ela matou o jongo em cima da hora, rapaz! Gato preto! Deus me perdoe: é o demônio! É o demônio.
É muito bonito. Ela matou ele na hora. Aí eu disse pra ele: sai fora."*

Perguntamos para os inquiridos se eles sabiam como surgiu a banda de congo no Espírito Santo e ninguém soube responder. Ao questionar sobre o surgimento do jongo,

Maria do Carmo explicou: “O jongo vem dos escravos, pois aqui tinha escravos. Aqui eles faziam tambor e cantavam, faziam fogueira e dançavam.”

Questionamos também o porquê de grupo receber o nome de banda de congo e disseram que sempre foi chamado assim, desde a época do mestre Valter.

O grupo realiza a fincada do mastro de São Benedito no dia 26 de dezembro. Durante o dia acontece a busca das partes do mastro, como o galo, mastaréu, bandeira, entre outros, e à noite é realizada a fincada no entorno do barracão de São Benedito. A arrancada do mastro é feita no mês de janeiro, em uma data próxima ao dia de São Sebastião.

Nos festejos de dezembro e janeiro, o jongo de São Mateus, comunidade que fica no município de Anchieta, comparece para ajudar a bater o jongo⁶⁸. Maria Helena afirmou que o grupo de Alfredo Chaves é irmão dos jongos de São Mateus e do distrito sede de Anchieta. A parceria entre os três grupos acontece desde a época do mestre Valter.

4.20. DISTRITO GUAXE – LINHARES

Visitamos o distrito de Guaxe/Linhares para encontrar os representantes da **Banda de Congo do Guaxe**⁶⁹, pois o grupo não havia participado da reunião realizada no município em dezembro de 2014 com as bandas de congo do local, tendo em vista a informação coletada pré-campo de que naquele distrito não havia congo, somente jongo.

Tivemos acesso no pós-campo, em Linhares, ao INRC feito no norte do Espírito Santo, em que a descrição de uma ficha se referiu à manifestação cultural religiosa de Guaxe como “Tambor de São Benedito” ou “Congo de São Benedito”. Sendo assim, reforçou-se a necessidade do nosso encontro com os detentores do bem cultural para averiguação.

Fomos recebidos no distrito de Guaxe por Benedito dos Santos Aguiar, de 52 anos, e Celestina Rocha Correia, de 77 anos, conhecida como dona Celeste. Ambos possuem a função de coordenação na Banda de Congo do Guaxe. Ainda que Benedito

⁶⁸ A ida da equipe em Alfredo Chaves foi realizada em um sábado, dia previsto para acontecer a arrancada do mastro. Entretanto, quando chegamos à comunidade, os integrantes do grupo nos informaram que a festa havia sido adiada para o dia seguinte, pois o jongo de São Mateus não teria condições de comparecer naquele dia. O adiamento da festa significou, para nós, cumplicidade e proximidade entre os dois grupos.

⁶⁹ Denominação dada pelos detentores da manifestação cultural religiosa do distrito do Guaxe, em 22 de fevereiro de 2015.

tenha nos informado sobre seu afastamento da coordenação (assunto abordado posteriormente) desde dezembro de 2014, ele permaneceu na reunião e nos apoiou com as informações.

Apresentamos a pesquisa do INRC sobre as bandas de congo e o ticumbi, promovida pelo Iphan/ES, a função desse órgão público e suas ações de apoio aos bens culturais do país.

Informamos a todos os presentes sobre nossa estadia em Linhares para realização da reunião com as bandas de congo, e contamos que eles não haviam recebido convite porque um dos representantes da secretaria de cultura tinha informado que a banda de Guaxe se tratava de uma manifestação do jongo. Mas, também afirmamos que devido a outras informações obtidas após nossa visita ao município, retornamos a Linhares para conversar com o grupo, pois permaneceu a dúvida sobre a existência do jongo ou do congo em Guaxe.

Benedito informou que desde criança escuta a denominação “banda de congo” para a manifestação do local. Ele afirma que para ele “congo” é o que realizam no distrito de Guaxe. Seguiu nos contando que quando participam da festa do Caboclo Bernardo, no distrito de Regência, ele percebe “outra doutrina”, “outro ritmo” e “outro tipo de dança” nas bandas de congo.

Dona Celeste corroborou a fala de Benedito e durante nosso encontro se referiu à celebração da Banda de Congo do Guaxe como “brincadeira de São Benedito” e “o que nós fazemos não tem nada a ver com o que o congo de Regência faz”.

Benedito relatou que o “tambor” do Guaxe é diferente e explicou como é a brincadeira de São Benedito. Segundo seu relato, os tambores ficam deitados no chão, um ao lado do outro, e assim são tocados. Atrás dos tambores ficam as pessoas que “raspam o canzá”. À frente dos “folgadores”, como são chamadas as que tocam tambores e canzás, ficam as pessoas que dançam na roda. A roda é direcionada pelo capitão. O capitão⁷⁰ chama o povo para dançar, formando a roda e orientando que vá para esquerda ou direita, e também convoca as pessoas para dançarem ao centro. A dança é individual, não há formação de pares.

⁷⁰ Benedito informou que há três capitães na Banda de Congo do Guaxe: Ricardo, Deuzeni e Nivete.



Foto 90 - Tambores da Banda de Congo do Guaxe.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.



Foto 91 - Canzás da Banda de Congo do Guaxe.
Janeiro de 2015.
Foto: Rildo César Souza.

A manifestação é realizada em uma parte coberta com telha de amianto, que fica sobre uma estrutura de madeira e piso de cimento, localizada no quintal de dona Celeste, denominada de “palanque de São Benedito”.

Benedito nos contou que a história do congo do Guaxe veio de um local chamado “Lagoa Nova”, de uma comunidade quilombola que foi dissipada pela invasão de fazendeiros e pela venda de terras. Com a saída das pessoas desse local, a raiz do congo foi para o Guaxe. Dona Celeste nos mostrou os tambores feitos com madeira oca, muito antigos, preservados até atualidade. Relatou que aqueles instrumentos tinham 200 anos.

Ela também mencionou que a brincadeira de São Benedito foi transmitida de geração para geração, e que se fosse contar toda a história da banda de congo, “o resto da tarde seria muito pouco”. Rememorou a época em que seu sogro, Augusto Correia, tomava conta da manifestação. Depois da morte dele Alcides Correia, seu esposo, assumiu. E assim seguiu até a morte do esposo, quando ela assume a frente da banda de congo. Informou que foram muitas festas bonitas no Guaxe, que eles brincavam três dias e três noites., que era tradição.

Em 2015, são 72 integrantes na Banda de Congo do Guaxe, entre folgadores e dançantes, contemplando crianças, jovens e idosos. Benedito contou que se os “tambores

tocam” no quintal de dona Celeste, aparecem muitas pessoas. Porém, há falta de compromisso de alguns participantes com a banda de congo e faltam batedores de tambor. Relatou que já existiram três grupos dentro da banda de congo, de modo que nos dias de festa uns pudessem brincar enquanto outros descansavam. Afirmou que isso não existe mais.

Dona Celeste relatou que os mais jovens se distraem com outras coisas durante a festa, que começam a tocar o tambor depois saem para beber e não voltam. Não há animação e compromisso como havia na época dos "antigos".

Informaram-nos que as músicas tocadas nas festas são chamadas de *toadas* e não há improviso. Conforme Benedito, são “puxadas” (iniciadas) pelas pessoas que tocam os tambores. Existem toadas antigas e novas. As letras mencionam santos, a bandeira da banda e também abordam outros temas.

A seguir, apresentamos alguns trechos de toadas citadas por dona Celeste e por Benedito, com contribuição da mãe de Benedito que esteve presente em alguns momentos da reunião:

1 - *“Em cima daquele morro
tem uma vaca e num tem boi,
nasceu um bezerro morto,
meu Deus como é que foi?”*

2 - *“Celestina eu não quero seu dinheiro,
eu só quero uma licença
para dançar em seu terreiro”.*

Dona Celeste disse que as toadas ficam ainda melhores quando o “batedor” toma “uns dois copinhos de vinho”: “Ele vai lá em cima e tira cada roda bonita”.

A bebida alcoólica foi uns dos problemas citados em relação à festa. No entanto, o consumo de vinho e cachaça faz parte da tradição na celebração, segundo contam os participantes. Porém, eles afirmam que esse consumo não pode ser feito junto aos tambores, na roda. Segundo eles, essa condição não é entendida pelos jovens, que consomem bebidas enquanto estão tocando ou dançando na roda, o que se configura como uma atitude de falta de respeito com a celebração. Pela exposição de dona Celeste e de Benedito, acreditamos que afora a falta de respeito mencionada, há a questão do excesso do consumo de bebidas alcoólicas.

O padroeiro da Banda de Congo do Guaxe é São Benedito. Fomos informados, durante nossa conversa, que a devoção havia sido transmitida pelos antigos: “É nosso costume”, afirmou dona Celeste.

De acordo com os participantes o mastro de São Benedito não é fincado nas comemorações de Guaxe há aproximadamente 10 anos. Quando acontecia, a fincada era realizada no Natal e a derrubada no dia de São Sebastião, nos dias 20 de janeiro ou 2 de fevereiro. O mastro ainda se encontra no quintal de dona Celeste, suspenso na cobertura de amianto citada anteriormente.

Antigamente, na época do Alcides Correia, havia três momentos de festa da Banda de Congo do Guaxe: Natal, ano novo e dia de São Sebastião.

Sobre a época do sogro, Augusto Correia, dona Celeste lembrou que matavam uma vaca para servir na festa e que havia duas cozinheiras que ficavam por conta da comida. Na atualidade, ela acha complicado realizar a festa dessa forma, pois "está tudo mais difícil". Porém, ela afirmou que não vai desanimar e contou que na última festa de dezembro, em 2014, mesmo com problemas relacionados à saúde ela brincou os "dois pedaços de noite" em que a festa aconteceu.

Benedito contou que a última festa não foi muito boa, que o pessoal estava desanimado. Ele havia conseguido a licença dos órgãos competentes à questão, para realizar três dias de festa, mas que, aconteceram apenas dois dias de comemoração. Disse que as pessoas estão perdendo o gosto pela brincadeira, estão priorizando outras comemorações. Os antigos estão morrendo e a festa está enfraquecendo.

Benedito esteve na coordenação da última festa. Relatou que resolveu sair para verificar se havia acontecido algum problema com as orientações que ele dava ao grupo. Disse que resolveu deixar apenas dona Celeste na coordenação para saber se na próxima festa haverá maior participação das pessoas. Ele se questiona se foi o ou não o causador de algum descontentamento dentro do grupo. Mas, expôs que não vai abandonar a manifestação.

Dona Celeste nos disse que a brincadeira de São Benedito é séria, de respeito. Ela foi criada na brincadeira e por isso "sabe como é". Reclamou do uso de bebidas alcoólicas. Disse que os jovens gritam e pulam como se fosse carnaval, que entram na roda de dança sem camisa e consumindo bebidas alcoólicas.

Os coordenadores e o capitão orientam as pessoas na roda, informando sobre as restrições. Mas, nem sempre são atendidos. Dona Celeste e Benedito acreditam que essa falta de aceitação das orientações também está afastando as pessoas do grupo. Rememoraram Alcides Correia naquele momento da conversa, dizendo que ele era uma autoridade na festa. Eles também afirmaram que não podem permitir a participação das

pessoas na roda de qualquer maneira, pois ela é uma celebração que tem normas que precisam ser compreendidas e respeitadas.

Não há participação de outras bandas de congo na festa do distrito do Guaxe. Mas, algumas pessoas de outros locais, como do distrito sede de Linhares e de Vitória, vão ao local prestigiar a comemoração.

A Banda de Congo do Guaxe participa da festa do Caboclo Bernardo em Regência, embora não tenha participado na festa realizada em 2014, e também realizam algumas apresentações em instituições de ensino no distrito sede de Linhares.

Dessa maneira, concluímos que os ritos que a Banda de Congo do Guaxe realiza não correspondem aos das bandas de congo, uma vez que se parece mais com uma brincadeira ou, como os integrantes falam, com um, “bater tambor”. Por isso, essa manifestação se parece mais com o jongo, mesmo sendo intitulada pelos participantes como congo.

5. CONSIDERAÇÕES E DIRETRIZES PARA A REALIZAÇÃO DA SEGUNDA ETAPA DO INRC – IDENTIFICAÇÃO

O estado do Espírito Santo possui 78 municípios. Desse universo, 61 municípios não possuem bandas de congo e 16 municípios possuem, sendo eles: Aracruz, Cariacica, Colatina, Fundão, Governador Lindenberg, Guarapari, Ibraçu, João Neiva, Linhares, Santa Leopoldina, Santa Teresa, São Domingos do Norte, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Parte desses municípios pertence à macrorregião Central e outros à macrorregião Metropolitana (segundo classificação de planejamento do estado). Assim sendo, a territorialidade das bandas de congo é restrita a uma área cultural que abarca estritamente essas regiões de planejamento estatal e alguns municípios pertencentes a elas. Com o objetivo de delimitar territorial e tematicamente o sítio, optou-se por intitulá-lo de “Região das Bandas de Congo no Espírito Santo”.

No universo dos 16 municípios supracitados, identificamos 73 bandas de congo. Dentre elas, 60 são atuantes, 6 estão na condição de memória e 7 bandas de congo estão na categoria de sem atuação. Sem atuação significa que o grupo ainda possui mestre, capitão ou coordenador, assim como os instrumentos musicais, mas não consegue agregar um número suficiente de pessoas para formar a banda de congo.

Em campo foi possível identificar especificamente as regiões dos municípios que possuem bandas de congo. Portanto, em cada município que apresenta o bem cultural, delimitamos uma localidade, considerando a existência da banda de congo ou do festejo. Assim sendo, o sítio pode ser pensado como uma rede de localidades reconhecidas pelos atores sociais (congueiros), que anualmente transitam nesses espaços nos momentos das festas de mastros ou que reconhecem a existência da banda de congo na região/localidade.

O interesse cultural de parte da área inventariada já foi reconhecido pelo Iphan no momento do registro do ofício das paneleiras de Goiabeiras, em 2002, assim como os tombamentos de edificações associadas às práticas das bandas de congo, como Igreja dos Reis Magos em Nova Almeida/Serra, Igreja de Nossa Senhora da Ajuda em Araçatiba/Viana, Igreja e Convento de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha e Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Vitória. Detentores do bem cultural em questão ganharam prêmios importantes, como a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do MinC, recebida pela Associação das Bandas de Congo da Serra em 2003.

As bandas de congo capixabas são compostas, geralmente, pelas seguintes funções: mestre, capitão, coordenador ou puxador, responsável pela banda; folgadores; rainha ou porta-bandeira e dançarinas. Entretanto, em alguns municípios prevalece a nomenclatura de mestre em detrimento a capitão, coordenador ou puxador e vice-versa. Com relação à denominação folgador, algumas bandas a utilizam como forma de nomear os tocadores de instrumentos, mas muitos grupos empregam apenas o termo tocador. As rainhas e porta-bandeiras são responsáveis por levar a bandeira da banda de congo. Frequentemente as bandeiras possuem a iconografia do santo protetor, o nome do grupo e o nome do município. As dançarinas dançam acompanhando o toque dos folgadores ou tocadores.

As principais dificuldades apontadas pelos congueiros são a inexistência de políticas públicas de valorização das bandas de congo. Para eles, cabe ao poder público auxiliá-los no custeio do transporte para receber bandas de congo visitantes em suas festas; na aquisições de uniforme e de instrumentos musicais, assim como na manutenção. Outros problemas vivenciados por alguns grupos são: consumo exagerado de bebidas alcoólicas durante os festejos por parte de alguns integrantes das bandas; dificuldades de reunir os componentes da banda de congo devido à falta de adesão dos congueiros; existência de preconceito com as bandas de congo, relacionando-as com termos depreciativos (*macumba, coisa de preto*); e em algumas localidades há o desconhecimento dos mais jovens com a cultura do congo, o que faz com que não aconteça uma renovação dos componentes.

Outra questão apontada por alguns inquiridos foi o privilégio que as culturas de origem europeia usufruem das ações de políticas públicas dos poderes locais, uma vez que as tradições de origem negra e indígena não possuem prerrogativas semelhantes.

Fundão foi o único município onde identificamos a desestruturação do festejo religioso. As bandas de congo enfrentam dificuldades em promover o cortejo da busca do mastro devido à ocorrência de violência e de desrespeito ao momento devocional por alguns jovens e adultos não congueiros. Durante o campo, não foi possível identificar as ações que a prefeitura municipal, juntamente com a Associação das Bandas de Congo de Fundão e a Polícia Militar, tentam implementar para resolver a questão ou, ainda, como essa situação é percebida pelas bandas de congo e instituições. Mas, de todo modo, apontamos que esse fato pode ser investigado com mais atenção na segunda etapa do INRC - Identificação.

O município de Serra é o único que possui uma Associação das Bandas de Congo fortalecida e bem estruturada. A sede da Associação foi construída com o apoio da comunidade congueira e não congueira, e também por meio de recursos públicos.

A Associação se mantém por meio de convênio de subvenção firmado com a prefeitura municipal de Serra e também com a venda de casacas produzidas pelos artesãos filiados à Associação. As casacas são vendidas para turistas e para as bandas de congo do estado que necessitam do instrumento. Outra forma de aquisição de recurso financeiro é o patrocínio de comerciantes nos dias dos festejos em honra a São Benedito. Os fundos adquiridos pela Associação são empregados para arcar com transporte e alimentação das bandas de congo, com a compra de tecidos para produção de uniformes dos grupos, com a aquisição de material escolar, que é distribuído no início do ano letivo para as crianças dos congos mirins, entre outras atividades. Convém destacar que nesse município os congueiros não relataram dificuldades para manter a tradição do congo.

Com relação ao uso do termo *congo* para nomear o grupo de jongo de Alfredo Chaves, assim como o emprego do termo *jongo* para definir a toada (música) por algumas bandas de congo, esse fato merece ser aprofundado na segunda etapa do INRC – Identificação, com o fim de compreender as apropriações dessa terminologia pelos agentes sociais. Entretanto, consideramos que o uso do termo jongo pelos congueiros é feito apenas para definir as toadas (músicas) improvisadas, e não com o objetivo de se vincular aos fundamentos e práticas dos grupos de jongo existentes no estado capixaba. Outra situação inversa foi encontrada no município de Linhares, no distrito de Guaxe. Em Guaxe identificamos um grupo cujos ritos e práticas, segundo o que foi relatado por seus participantes, assemelham-se às dinâmicas dos grupos de jongo. Porém os integrantes do grupo de Guaxe se autodeclaram *banda de congo*, mesmo considerando que suas práticas são diferentes das que apresentam a Banda de Congo São Benedito do distrito de Regência/Linhares.

Em campo identificamos 11 bandas de congo mirim. Segundo alguns congueiros, a banda mirim representa a possibilidade de cultivar, nos mais novos (crianças), as tradições dos antigos. Entretanto, durante o levantamento preliminar foi inviável obter dados para analisar se de fato as bandas de congo mirim são eficazes no que se refere à transmissão da manifestação. Tal fundamento pode ser explorado na segunda etapa do INRC, uma vez que tal análise exige pesquisa direcionada para essa questão. Além disso, consideramos que a eficácia das bandas de congo mirim pode ser distinta de um

município para outro. Nesse caso, poderia ser realizado um estudo comparativo entre as localidades que possuem bandas de congo mirim. Uma análise da eficácia das bandas de congo mirim exigiria um estudo quantitativo considerando o número de congueiros adultos que advêm das bandas de congo mirim.

De forma geral, as bandas de congo identificadas nos 16 municípios capixabas não apresentam especificidades discrepantes, exceto o caso de Cariacica e o da Banda de Congo Vira Mundo de Vitória. Em Cariacica, as bandas de congo, em vez de realizarem anualmente as festas de mastro, executam um festejo denominado de Carnaval de Congo de Máscaras, em referência à narrativa de que os negros escravos não podiam participar de celebrações a não ser que estivessem camuflados, isto é, usando máscaras ou outra forma de disfarce. Já a Banda de Congo Vira Mundo preconiza o retorno do reinado, que segundo os integrantes, já existiu em tempos remotos. O reinado, para o mestre da Banda de Congo Vira Mundo, seria a presença de reis e rainhas coroados no rito⁷¹. Cabe ressaltar que essa banda de congo foi a única a fazer menção de reinado e de irmandade, assim como também a rejeitar o fundamento da fincada e da retirada do mastro. Para a Banda de Congo Vira Mundo, a inserção da tradição do mastro é posterior ao surgimento das bandas de congo no estado, sendo também uma tradição italiana, considerando a presença do navio Palermo e o culto a São Benedito, santo de origem italiana.

Com relação às outras bandas de congo identificadas, ressaltamos que as diferenças entre elas estão relacionadas às vestimentas (uniformes) próprias de cada grupo; aos diferentes ritmos das músicas, com toques cadenciados lentos ou acelerados, entre outros; aos ritos, como no caso de Guarapari, por exemplo, em que acontece a lavagem do mastro com o vinho; há algumas práticas, como nas localidades que realizam a escondida e a cortada do mastro e nas que não; ao mês em que acontece a fincada de mastro, como no caso de Ibiraçu que, ao contrário das demais localidades, não realiza essa prática no mês de dezembro; à data em que acontece a retirada ou derrubada do mastro, como nos casos das bandas de congo que não realizam essa prática no Domingo de Páscoa. Os motivos das escolhas das datas para o rito da retirada estão associados às devoções particulares de cada grupo. Algumas bandas de congo promovem a retirada do mastro no dia de São Sebastião, por ser o santo padroeiro da localidade da banda, outras

⁷¹ Ressaltamos que não podemos confundir o *rainha* usado pela Banda de Congo Vira Mundo com o mesmo termo usado pelas outras bandas de congo capixabas. O primeiro faz referência a uma figura coroada simbolicamente, que reina sobre um reinado e o segundo significa aquela que leva a bandeira do grupo durante o cortejo.

escolhem outros dias santos, por devoção ou graça alcançada por intermédio do santo homenageado no dia da retirada. Outra diferença que pode ser apontada é que em algumas localidades as bandas carregam uma réplica do navio Palermo durante o cortejo da puxado do mastro e em outras não.

Outra observação a ser feita diz respeito à dinâmica de visitas entre as bandas de congo nos dias de festejos. As visitas acontecem diante da capacidade financeira das bandas de congo de arcar com o transporte para as visitantes. Nos municípios em que há recursos públicos ou privados para financiar o transporte a tendência é receber um número maior de grupos, como são os casos de Fundão, Serra e da festa do Caboclo Bernardo, de Linhares. Em Fundão o transporte é custeado pela prefeitura municipal; em Serra pela ABC-Serra e prefeitura; e a festa do Caboclo Bernardo é um evento realizado pela prefeitura municipal com o apoio da comunidade local (Regência) e com patrocínio da Petrobras. Todavia, destacamos que as redes de visitas entre as bandas de congo existem e podem ser compreendidas na sua dimensão simbólica.

A equipe técnica que executou o Levantamento Preliminar das bandas de congo considera ser importante a continuidade do Inventário com o fim de se produzir conhecimento detalhado sobre o bem em questão, considerando sua dimensão simbólica e identitária, assim como também por ser uma prática de cunho religioso do catolicismo popular que perdura no estado capixaba, provavelmente, desde o século XIX⁷². É importante observar que o culto a São Benedito e a outros santos está vinculado à história da condição sociocultural do negro e do indígena capixaba, e que no decorrer dos anos, outras etnias que povoaram o estado também se juntam a essa tradição, como os italianos e os alemães.

⁷² No catolicismo popular entende-se que a consciência do povo identifica sua religião geralmente com a igreja católica, mas essa identificação não garante nem a doutrina oficial nem a prática que essa igreja exige, embora a religiosidade popular mostre claramente as influências das formas institucionalizadas do catolicismo (POEL, 2013).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Célio Silveira; DIAS, Camila Carneiro; QUINTELLA, Rogério Hermida. A dimensão – institucional das estratégias socio ambientais: o jogo Aracruz Celulose S.A. – índios tupiniquim e guarani. **Revista Ambiente & Sociedade**, Ano IV, Nº 9, 2º semestre de 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n9/16876.pdf>> Acesso em 03 jan. 2015.

ASSOCIAÇÃO DE BANDAS DE CONGO DE FUNDÃO. **Derrubada do mastro reúne congueiros em Fundão neste sábado às 18h30**. Abr. 2011. Disponível em:<<http://congofundao.blogspot.com.br/>> Acesso em 08 out. 2014.

BARCELLOS, Gilsa Helena. **Desterritorialização e r-existência tupiniquim**: mulheres indígenas e o complexo agroindustrial da Aracruz Celulose. (Doutorado em Geografia). 2008, 426 f. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-7MDM33/gilsa_compacta.pdf?sequence=1> Acesso em 03 jan. 2015.

BIARD, Auguste François. **Dois anos no Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 252p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1082/690110.pdf?sequence=4>>

BIARD, Auguste François. **Deaux annés au Brésil...** ouvrage illus. de 180 vignettes dessinées par E. Riou d'après lês croquis de m. Biard. Paris [França]: L. Hachette, 1862. Disponível em:<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or112491/or112491.pdf>

BRAVIN, Adriana. **A articulação do Congopop**: projeto, mídia e identidade na produção musical contemporânea do Espírito Santo. 2005. 140f. Dissertação (Mestrado), Comunicação, imagem e informação, Universidade Federal Fluminense, RJ. Disponível em: <http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1128>. Acesso em 06 de out. de 2014.

BRAVIN, Adriana. **Folkcomunicação e apropriação do congo ao congopop**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, set. 2009. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2374-1.pdf>> Acesso em 06 de out. 2014.

COSTA, Michel da Costa. **Caminhos da emancipação**: redes solidárias de libertação dos escravos na região central do Espírito Santo oitocentista. 2013. 232f. Dissertação (Mestrado), História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5473_.pdf>. Acesso em 03 de out. de 2014.

DIAS, Sérgio Oliveira. **História do Congo**. 2001. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/espiritosanto_negro/historia_congo.htm>. Acesso em 09 de out. de 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Dossiê: Jongo no Sudeste**. Brasília: Iphan. 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Inventário Nacional de Referências Culturais**: manual de aplicação. Brasília. 2000.

INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE. **Atlas folclórico do Brasil**: Espírito Santo. Rio de Janeiro, FUNARTE. 1982.

LOUREIRO, Klítia. A instalação da empresa Aracruz Celulose S/A e a “moderna” ocupação das terras indígenas Tupiniquim e Guaraní Mbya. **Revista Ágora**, Vitória, n. 3, 2006, p. 1-32. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/viewFile/1891/1403>> Acesso em 03 jan. 2015.

NEPOMUCENO, Nirlene. **Celebrações negras do ciclo natalino**: teias da diáspora em áreas culturais do Brasil e Caribe. 2011. 175f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/17/TDE-2011-07-01T07:16:00Z-11223/Publico/Nirlene%20Nepomuceno.pdf>. Acesso em 10 de out. de 2014.

NEVES, Guilherme Santos. **A casaca**: instrumento musical indígena. Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba. Oitava parte: música folclórica. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/coletanea/oitava-parte-musica-folclorica/7/>>. Acesso em 14 de out. de 2014.

NEVES, Guilherme Santos. **Ticumbi**. 2ª ed. Conceição da Barra: Comissão Espírito-santense de Folclore. 2002.

PIMENTEL, Raquel Ramos. **Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Serra-ES**: igreja e religiosidade no contexto da romanização católica (1880-1916). 2012. 218f. Dissertação (Mestrado), Centro de Artes. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5964 DISSERTA%C7%C3O%20RAQUEL%20ANEXADO.pdf>. Acesso em 14 de out. de 2014.

POEL, Francisco van der (Frei Chico). **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura. 2013. p. 996 e 997.

QUEIROZ, Monika Mello. **Ticumbi**: entre o congo e o bamba: ambiguidades e significados deste folguedo do triênio 2006-2008. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História. Vitória/ES. 2008. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp071733.pdf>. Acesso em 09 de out. 2014.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 3. ed. Vitória, 2008. 7 v. (Coleção Canãa). Disponível

em: http://www.ape.es.gov.br/pdf/Viagem_Pedro_II_ES_Levy_Rocha.pdf>. Acesso em 13 de outubro de 2014.

SANTOS, José Elias Rosa dos. **Carnaval de congo e máscaras**: construção e reconstrução de um ritual. In.: ALMEIDA, Maria Geralda de; MAIA, Carlos Eduardo Santos; LIMA, Luana Nunes Martins de. (Org). I Simpósio Internacional e II Nacional sobre espacialidades e temporalidades de festas populares – Manifestações do Catolicismo, Universidade Federal de Goiás, set. 2013. Disponível em: <http://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook_SIMCA.pdf>. Acesso em 03 de out. 2014.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006. 387p.

ANEXO I

Xilografia do grupo que promovia a festa de São Benedito no século XIX



Fonte: BIARD, 1862, p. 200.

ANEXO II

Datas dos encontros realizados em cada município com indicação dos participantes

Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Aracruz	15/12/2014	Marcelo	Prefeitura – gerente municipal de cultura	13
		Antônio Ramos do Santos	Mestre-capitão da Banda de Congo São Benedito do Rosário	
		Astrogilda Ribeiro do Santos	Rainha e presidente da Banda de Congo	
		Helena Pereira Coutinho	Responsável pelo Coral Curumim da aldeia Caieiras Velha	
		Zelaine Marques da Conceição	Presidente da Comunidade Negra de Aracruz (CONEA)	
		Camille Cirillo	Princesa da Banda de Congo de Itaparica	
		Olindo Sezenando	Mestre da Banda de Congo Tupinikim da Aldeia Indígena Caieiras Velha	
		Ivany Maria Gomes	Rainha da Banda de Congo de Itaparica	
		Vander de Lima Carvalho	Integrante do Coral Guarani Ko'endju Retxakan da aldeia indígena Boa Esperança	
		Augusto Vaz Filho	Integrante do Coral Guarani da aldeia indígena Rio Piraqueçu	
		Maikon Brando da S. Vaz	Integrante do Coral Guarani da aldeia indígena Três Palmeiras	
		Bruno Joaquim Siqueira	Coordenador do Guararatá Tambores Fortes da aldeia indígena Irajá	
		Elizabeth de Sousa Areias	Diretora do bloco de carnaval BloCongo	

Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Linhares	16/12/2014	Claudionor Soares	Presidente da Banda de Congo São Benedito de Povoação	5
		Rafael Euzébio	Mestre da Banda de Congo São Benedito de Povoação	
		Juraci da Costa Mendonça	Integrante da Banda de Congo São Benedito de Povoação	
		Mercedes Martins de Oliveira	Coordenadora da Banda de Congo Mirim de São Benedito de Povoação	
		Maria Conceição Costa	Presidente da Banda de Regência	
João Neiva	17/12/2014	Pedro Ismael Filho	Presidente da Banda de Congo de Acioli	4
		Maria Penha Viana S. Azevedo	Integrante da Banda de Congo de Acioli	
		Ademar Aeris Pereira	Voluntário da Banda de Congo de Acioli	
		Neusa dos Santos	Vice-presidente da Banda de João Neiva	
São Domingos do Norte	18/12/2014	Clóvis Gomes Filho	Coordenador da banda de congo	14
		Maria da Penha Liberato	Cantoria	
		Luzia Pereira Gomes	Cantoria	
		Maria das Dores	Cantoria	
		Gildo Liberato	Tocador de cuíca	
		Hélio Liberato	Tocador de tambor	
		Rosângela Falconi	Cantoria	
		Matias Pereira Gomes	Tocador de tambor	
		Eder Liberato	Tocador de tambor	
		Armandina Pinto das Neves	Cantoria	
		Elias Pereira Gomes	Tocador de tambor	
		Eduardo Liberato	Tocador de tambor	
		Marília	Moradora da comunidade	
		João Ribeiro	Morador da comunidade	

Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Governador Lindenberg	19/12/2014	Aurinho Rodrigues Fagundes	Tocador	6
		Abel Albani Luiz	Tocador	
		Jacimar Luiz Fernandes	Tocador e coordenador da Banda de Congo de Novo Brasil	
		Laudelino Vicente Pereira	Capitão da Banda de Congo de Novo Brasil	
		Deuzily Cruz Fagundes	Cantadora	
		Rebecca Guidi	Iphan/ES	
Conceição da Barra	20/12/2014	Arquimino do Santos	Secretário do rei congo	8
		Tertolino Balbino	Mestre do ticumbi de Conceição da Barra	
		Anízio Ribeiro	Mestre do ticumbi do Bongado	
		João de Deus Falcão dos Santos	Mestre do ticumbi de Itaúnas	
		Antônio Conceição Santos	Contraçuia ticumbi de Santa Clara	
		Ângelo Camilo	Mestre do ticumbi Santa Clara	
		Natan Santana dos Santos	Congo do Ticumbi de Conceição da Barra e funcionário da Prefeitura	
		Rebecca Guidi	Iphan/ES	
Cariacica	13/01/2015	Alcemi Ferreira Cardoso	Presidente da ABC-Cariacica	9
		Juvaldo Ribeiro Gonçalves	Presidente da Banda de Congo São Benedito - Boa Vista	
		Evandro Ladislau Gonçalves	Tocador de tambor da Banda Santa Isabel	
		José Carlos Fernandes	Tocador da Banda Santa Isabel	
		Jaedson Cardoso Silva	Mestre da Banda Santa Isabel	
		Itagiba Cardoso Ferreira	Mestre da Banda de Congo Itagibe	
		Delizete Cardoso da Silva	Presidente da Banda Santa Isabel	
		Roseane de Jesus Mota	Dança e canta na Banda Santa Isabel	
		Sirleia Barbosa de A. Nascimento	Dançarina	

Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Fundão	14/01/2015	Júlio César Pinto dos Santos	Integrante da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião	25
		Rogéria M. Largasse	Rainha da Banda de Congo Bandeira I	
		Margarida S. Vieira	Casaqueira da Banda de Congo Bandeira I	
		Manoel B. Lima	Capitão da Banda de Congo Bandeira I	
		Paola Largasse	Coordenadora da Banda de Congo Mirim	
		Sonia M. Vieira	Casqueira da Banda de Congo Bandeira I	
		Dion Keneds Pereira	Coordenador da Banda de Congo Bandeira I	
		Verônica M. S. Monteiro	Rainha da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião	
		Paula F. da Silva	Rainha da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião	
		Iodete N. da Silva	Rainha da Banda Con-Fogo	
		Lidia N. da Silva	Dançante da Banda Con-Fogo	
		Gildo Pratti Campos	Coordenador da Banda Con-Fogo	
		Dário Subtil	Tocador de Tambor da Banda Con-Fogo	
		João Benedito P. Neto	Conselho Fiscal da ABC Fundão	
		Cássio Neto Liberato	Confecciona bandeiras de São Benedito e São Sebastião	
		Ângela Maria Bertolini	Organização da festa – distrito sede	
		Maria D. Gasparini	Organização da festa – distrito sede	
		Aroldo Silva	Mestre Banda Con-Fogo	
		Sirleia F. S. Nunes	Dançarina da Banda Con-Fogo	
		Elisabeth L. Subtil	Dançarina da Banda Con-Fogo	
		Marlene Martins de Oliveira	UFES	
		Kennedy Fraga Ferreira	Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, IFES	
		Fábio Samora	Coordenador cultural	
		Fátima	Banda de Congo Bandeira I	
		Lara	Professora	

Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Santa Leopoldina	15/01/2015	Wallace da Conceição dos Anjos	Apoiador e presidente da AQHBPA – Associação Quilombola dos Herdeiros de Benvindo Pereira dos Anjos	6
		Gleison dos Santos Pereira	Componente da Banda de Congo do Retiro	
		Maristela Santos Pereira	Componente da Banda de Congo do Retiro	
		Mário Raimundo Pereira	Mestre da Banda de Congo do Retiro	
		Aldair Ferreira Benvindo	Apoiador e secretário da AQHBPA	
		Maria do Carmo Ferreira Benvindo	Apoiadora	
Alfredo Chaves	17/01/2015	Maria do Carmo L. Nascimento	Dançarina	5
		Helena da Silva Barbosa	Dançarina	
		Afonso Cardoso	Mestre, toca e canta	
		Manoel José Alves	Primeiro capitão	
		Carlos Alexandre Cardoso	Segundo capitão	
Viana	19/01/2015	Alicio Machado	Mestre e presidente da banda de Araçatiba	7
		Ademir Gonçalves Gomes	Mestre da banda de Araçatiba	
		Herbert Luiz Cesarino	Tocador de tambor – distrito sede	
		Teodoro da Penha Pinto	Presidente e mestre da banda de Piapitangui	
		Piatan Lube Moreira	Vice-presidente da banda de Piapitangui	
		Wagner Santana	Secretaria Municipal de Cultura	
		Josiane	Secretaria Municipal de Cultura	
Vila Velha	22/01/2015	Juracida Conceição Santos	Percussionista	8
		Leonardo Santiago Oliveira	Percussionista	
		Doraci Vieira Gervasio	Mestre da bandeira	
		Rosangela Caus	Supervisora da banda	
		Jaciara dos Santos	Bandeira	
		Beatriz dos Santos Rego	Tarolcista	
		Jussara dos Santos	Percussionista	
		Ricardo Willian de Assis	Percussionista	

Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Guarapari	25/01/2015	Manoel Lima da Vitória	Mestre da banda de Rio Claro	7
		José Amaral Fernandes Filho	Historiador e membro da comunidade Alto Rio Calçado	
		Oézio Rosa de Oliveira	Mestre da Banda de Rio Calçado	
		Jair Muller	Tocador da banda de Alto Rio Calçado	
		Sebastião Francisco	Mestre da banda da comunidade São Benedito	
		José Muller	Toca e administra a banda de Alto Rio Calçado	
		Ivanirce Gomes Wolf	Iphan/ES	
Serra	20/02/2015 e 21/02/2015	Elinete Antunes	Dançarina da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida	20
		Aclinea Rodrigues	Coordenadora da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida	
		Fabírcia do Rosário Ferreira	Tocadora da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida	
		Fabiana R. Sarmento	Dançarina Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida	
		Antônio Freitas	Mestre da Banda de Congo São Benedito de Santiago	
		Maycon G. Machado	Capitão da Banda de Congo São Benedito de Campinha Serra II	
		Deivid Soares	Coordenador da Banda de Congo Mirim Nossa Senhora do Rosário de Pitanga	
		Tamires M. Lima	Dançarina da Banda de Congo São Benedito de Santiago	
		Valdirene Nascimento Lima	Presidente da ABC-Serra e coordenadora da Banda de Congo Mirim São Benedito de Santiago	
		Romildo Correa Pimentel	Colaborador da ABC-Serra	
		Antônio Mariano do Santos	Presidente da Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição de Jacaraípe	
		Expedito Andrade	Presidente da Banda de Congo Santo Expedito	
		Carlos José de O. Alves	Diretor da Banda de Congo Santo Expedito	

		Darli Peixoto	Integrante da Banda de Congo São Benedito de Serra-districto sede	
		Elizabete P. Machado	Secretária da ABC-Serra	
		Terezinha Osório Machado Pimentel	Festeira e voluntária da ABC-Serra	
		Alvantina Antônia de Oliveira	Coordenadora da Banda de Congo Mirim Santo Antônio de Pádua de Bicanga	
		Lúcia Maria Duarte Zoia	Coordenadora do Congo Mirim e do Congo Jovem de Manguinhos	
		Rebecca Guidi	Iphan/ES	
		Yuri Batalha	Iphan/ES	
Encontros individualizados				
Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Colatina	17/12/2014	Germano Guedes	Mestre da Banda de Congo de Paul de Graça Aranha	4
		Alcides Guedes	Mestre de honra da Banda de Congo de Paul de Graça Aranha	
		Izael Jorge Souza	Mestre da Banda de Congo de Colatina Velha	
		Maria Tereza Paulo	Apoiadora e jornalista	
Linhares	23/12/2014	Humberto do Santos	Casaqueiro e artesão	3
		Alda Ribeiro Lourenço Ivo	Conguista e bate tambor	
		Darci Ivo	Capitão do congo de Regência	
Conceição da Barra	30/12/2014	Jonas Balbino	Rei congo do Ticumbi de Conceição da Barra	1
Ibiraçu	11/01/2015	Manoel Vicente de Castro	Capitão da Banda de Congo São Benedito do Bairro São Cristóvão	6
	12/01/2015	Marília Gratz Castro	Integrante da Banda de Congo São Benedito do Bairro São Cristóvão	
		Hipólito Monfardini Neto (Mestre Neto)	Mestre da Banda de Congo Piabas e Irundi	
		Odeth Maria Paulo Aliprande	Coordenadora da Banda de Congo São Pedro	
		Janaina Vicente	Aprendiz de mestre da Banda de Congo São Pedro	

		Jaci Vicente	Mestre da Banda de Congo São Pedro	
Município visitado	Data da reunião	Nome do participante	Vinculação com a banda de congo ou outra instituição	Quant. de representantes
Santa Teresa	16/01/2015	Paulo Vitor Astolfo	Toca tambor e está na organização com a retomada da banda	2
		Oraci Timóteo Montebeller	Toca chocalho e está na organização com a retomada da banda	
Vitória	20/01/2015 e 21/01/2015	Renato Pereira dos Santos	Mestre da Banda de Congo Vira Mundo	6
		Valdemiro Sales	Mestre da Banda de Congo de Goiabeiras Velha	
		Jamilda Alves R. Bento	Coordenadora da Banda de Congo de Goiabeiras Velha	
		Ricardo Alves Sales	Mestre da Banda de Congo Amores da Lua	
		Rui Barbosa Sales	Vice-presidente da Banda de Congo Amores da Lua	
		Celeuza Maria Alves Sales	Rainha da Banda de Congo Amores da Lua	
Guarapari	26/01/2015	Gilmar Viana	Responsável pela Banda de Congo Perocão	1
Linhares – Distrito de Guaxe	22/02/2015	Celeste Correia do Santos	Mestra da Banda de Congo Guaxe	2
		Benedito dos Santos Aguiar	Afastado temporariamente do Banda de Congo	

ANEXO III

ROTEIRO DE COLETA DE DADOS⁷³

1. Seu nome completo é?
2. Nome completo da banda de congo:
3. Data da fundação da banda de congo:
4. Nome do responsável pela banda:
5. Qual é sua função na banda:
6. Quantidade de componentes da banda de congo da qual você faz parte:
7. Quem fundou a banda de congo da qual você faz parte?
8. Como surgiu a banda?
9. Quais instrumentos são usados pela banda?
10. Com são criadas as músicas de congo?
11. Como são as vestimentas da banda de congo?
12. Qual é o padroeiro da banda?
13. Qual festa de congo a banda organiza?
14. Além dos membros da banda, existem outras pessoas que ajudam na organização da festa?
Quais?
15. Qual é a data da festa?
16. Onde é realizada a festa?
17. Vem banda de congo de outras cidades? () sim () não
18. Quais são as cidades?
19. Quais festas de congo a sua banda de congo participa fora de sua comunidade? (data/local)
20. Além do mestre, quais são os outros cargos que compõe a banda de congo?
21. Endereço da banda de congo:
Rua _____ nº _____
Bairro/Comunidade _____
CEP: _____ telefone: _____
Email: _____
Município: _____

⁷³ Este roteiro foi adequado para os grupos de Ticumbi, presentes no município de Conceição da Barra.

ANEXO IV
ROTEIRO DE ENTREVISTA⁷⁴

- 1 - Seu nome completo é?
 - 2 - Qual o nome completo da sua banda de congo?
 - 3 - Qual é a sua função na banda de congo?
 - 4- Como o senhor entrou na banda de congo?
 - 5 - Como surgiu a sua banda de congo?
 - 6 - Qual é o santo padroeiro da sua banda de congo?
 - 7 - Por que esse santo?
 - 8 - Qual é a história que explica o surgimento das bandas de congo no Espírito Santo?
 - 9 - A sua banda de congo tem rainha? Qual é a função da rainha na banda de congo?
 - 10 - Quais são os cargos na banda de congo? Qual é a função de cada um na banda de congo?
 - 11 - Quais são as festas organizadas pela sua banda de congo?
 - 12 - Desde quando elas acontecem?
 - 13 - Há cortada do mastro? Como é feita? Onde acontece?
 - 14 - Há fincada do mastro? Como é feita? Onde acontece?
 - 15- Há retirada do mastro? Como é feita? Onde acontece?
 - 16- Quem ajuda na organização da festa? Como essas pessoas ajudam?
 - 17 - Na festa é servido almoço ou lanche? Quem oferece?
 - 18 - Músicas de congo: transmissão, composição, letras da música.
 - 19 - Quais são os instrumentos musicais utilizados pela banda de congo?
 - 20- Por que as bandas de congo usam tambor e casaca?
 - 21 - Quais dificuldades as bandas de congo enfrentam?
 - 22 - O que o senhor sugere para resolver essas dificuldades.
- O senhor (falar o nome da pessoa) autoriza o uso pleno desta entrevista pelo Iphan para fins de pesquisa e divulgação?

⁷⁴ Este roteiro foi adequado para os grupos de ticumbi, presentes no município de Conceição da Barra.

ANEXO V
LISTA DOS ENTREVISTADOS POR MUNICÍPIOS

Aracruz

- 1) Antônio Ramos do Santos, mestre-capitão da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho
- 2) Astrogilda Ribeiro dos Santos, rainha do congo do estado capixaba e da Banda de Congo da Vila do Riacho (autorização verbal).

São Domingos do Norte

- 3) Clóvis Gomes Filho, coordenador da Banda de Congo de São Benedito.

Conceição da Barra

- 4) Tertolino Balbino (Terto), mestre do ticumbi de Conceição da Barra (autorização verbal).

Colatina

- 5) Alcides Guedes, mestre da Banda de Congo de São Benedito Paul Graça Aranha.
- 6) Isael Jorge Souza, mestre Banda de Congo e Tambor de São Benedito de Colatina Velha

Santa Leopoldina

- 7) Mário Raimundo Pereira, mestre da Banda de Congo Unidos do Retiro (autorização verbal).

João Neiva

- 8) Neusa dos Santos, vice-presidente da Banda de Congo São Benedito de João Neiva.

Cariacica

- 9) Itágiba Cardoso Ferreira, mestre da Banda de Congo Mestre Tagibe e coordenador da Banda de Congo Mirim Mestre Tagibe (autorização verbal).

Viana

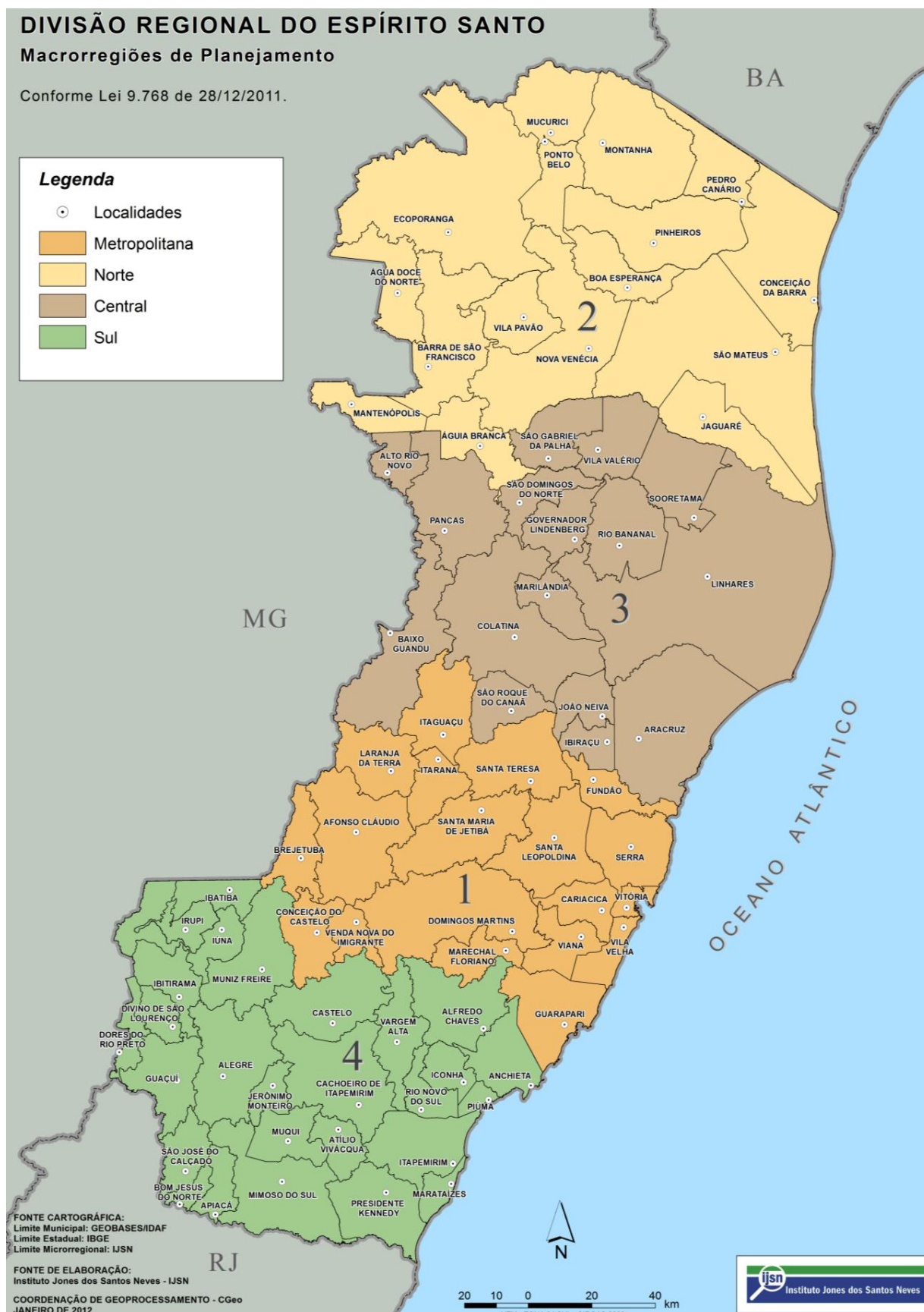
- 10) Alício Machado, mestre e presidente da Banda de Congo Mãe Petronilha (autorização verbal).

Vitória

- 11) Renato Pereira dos Santos, mestre Banda de Congo Vira Mundo (autorização verbal).

ANEXO VI

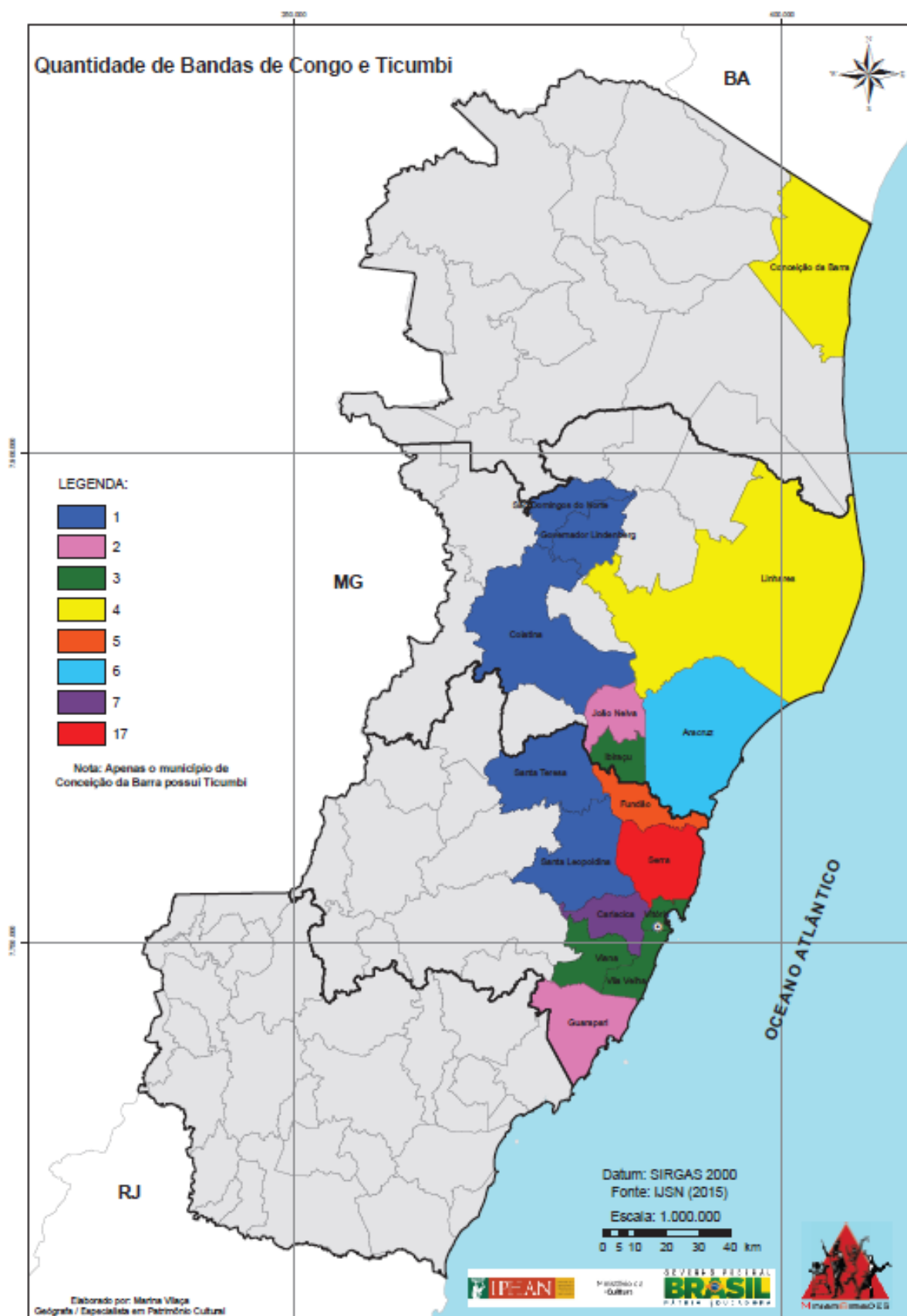
Mapa 2 - Divisão Regional do Espírito Santo – Macrorregiões de Planejamento



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves.

ANEXO VII

Mapa 3 – Quantidade de bandas de congo e ticumbi por municípios



ANEXO VIII

Mapa 4 – Quantidade de festejos relacionados às bandas de congo e ao ticumbi

